

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
MARIA VALQUÍRIA FARIA SERPA

A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DE OLGA BENÁRIO:
UMA ABORDAGEM PRAGMÁTICA

UBERLÂNDIA
2008

MARIA VALQUÍRIA FARIA SERPA

A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DE OLGA BENÁRIO:
UMA ABORDAGEM PRAGMÁTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística, Curso de Mestrado em Lingüística do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alice Cunha de Freitas.

Uberlândia
2008

FICHA CATALOGRÁFICA

S486c Serpa, Maria Valquíria Faria, 1964-
A constituição identitária de Olga Benário : uma abordagem
pragmática / Maria Valquíria Faria Serpa. - 2008.
209 f.
Orientadora : Alice Cunha de Freitas.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Lingüística.
Inclui bibliografia.
1. Pragmática - Teses. 2. Prestes, Olga Benário, 1908-1942 -
Crítica e interpretação - Teses. I. Freitas, Alice Cunha de. II.
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação
em Lingüística. III. Título.

CDU: 801

MARIA VALQUÍRIA FARIA SERPA

**A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DE OLGA BENÁRIO:
UMA ABORDAGEM PRAGMÁTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística, Curso de Mestrado em Lingüística, do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada.

Banca Examinadora:

Uberlândia, 30 de maio de 2008.

Prof.^a Dr.^a Alice Cunha de Freitas - UFU
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Cláudia Maria Ceneviva Nigro - UNESP - SJRP

Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo - UFU

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Alice Cunha de Freitas, pelo profissionalismo, pela orientação acadêmica, formação e amizade.

Aos professores Dr. Ernesto Bertoldo e Dr. Waldenor Barros Moraes Filho, pela leitura e contribuições no exame de qualificação.

A Eneida Aparecida Lima Assis e a Maria Solene do Prado e demais funcionários do MEL, pelo eficiente atendimento aos discentes do curso.

Aos funcionários da biblioteca, pelo empenho e pela dedicação.

Às amigas Célia Davi Assunção, Dagmar Tasca Dutra, Maria das Graças Sousa e Sueli Gomes de Lima, pelo incentivo e apoio.

À amiga Maria Rita Noronha Machado, por ter me apresentado Olga Benário.

A todos os meus colegas de mestrado, pela troca.

Ao diretor Valterísio Pires de Araújo e aos vice-diretores Edmar Freitas de Medeiros e Rosilma Vieira Rezende da E.E. Professor José Ignácio de Sousa, pelo respaldo.

À Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, pela licença-curso.

Aos meus pais, Isabel de Faria Serpa e Geraldo Pereira Serpa, pelo grande esforço que empreenderam em minha formação acadêmica.

Às minhas irmãs, Isabel Cristina, Adriana, Letícia, Regilene, Maria Helenice, Maria Renné e aos meus irmãos, Geraldo, Carlos Renato e Júlio César, que, com interesse e carinho, à distância, me acompanharam.

Às minhas sobrinhas, Claudia Maria, Gabriela, Aline Maria, Ramires, Rafaela, Beatriz e aos meus sobrinhos, Renan e Bruno, pelo carinho.

Ao meu esposo, amigo e companheiro, Paulo Rogério Cerqueira, pelo incentivo, pela dedicação e paciência com que encarou essa trajetória de constantes reclusão e ausência e, principalmente, por ter me presenteado com a obra *Olga*.

A Deus, acima de tudo, pelas bênçãos em minha trajetória.

RESUMO

Este estudo visou investigar como se dá a construção das várias posições identitárias de Olga Benário, a partir das políticas de nomeação/predicação e de representação flagradas na materialidade lingüística de alguns textos biográficos, quais sejam, as obras *Olga*, de Fernando Morais (2004), *Camaradas*, de William Waack (2004); os ensaios “Olga”, de Rita Buzzar (1995), “Olga Benário Prestes, minha mãe” e “Olga: revolucionária, sem perder a ternura”, ambos de Anita Leocádia Prestes, publicados em 1995 e 2004, respectivamente. Esta investigação propôs-se também a identificar os sistemas de valores e crenças que estão em jogo na legitimação e no apagamento dos vários aspectos identitários de Olga. Pretendeu-se apresentar as formas como são descritos estes aspectos que identificam essa militante, por meio das políticas de representação subjacentes às políticas de nomeação/predicação manifestadas em cada texto analisado e que estão diretamente relacionadas ao processo de construção identitária da personagem histórica Olga Benário, doravante Olga Benário Prestes. Enfim, a análise desenvolvida configurou-se como uma pesquisa de caráter analítico-crítico descritivo, já que, apoiada nos pressupostos teóricos pós-estruturalistas, em torno do conceito de identidade, interpretou e descreveu o processo de construção dos aspectos que identificam Olga Benário, levando-se em consideração as manifestações sócio-históricas, culturais e ideológicas, tanto do momento em que se deu a militância política de Olga, quanto do contexto em que os textos biográficos foram produzidos. Assim, afirmou-se a hipótese de que alguns aspectos identitários de Olga são apagados e outros evidenciados nos textos, dependendo da conveniência da política de representação de cada fonte analisada, uma vez que toda política de representação é sempre moldada por questões de cunho ideológico, social e político. Em decorrência disso, o retrato de Olga apresenta-se sempre multifacetado. Percebeu-se a construção de várias identidades de Olga, mas, por um outro lado, foi preciso que cada autor(a) essencializasse essas identidades. Para realizar este trabalho, tomou-se como parâmetro a linha de pesquisa da Pragmática, no que se refere ao caráter performativo da linguagem e ao ato de nomear/predicar (AUSTIN, 1990); à política de representação (RAJAGOPALAN, 2002, 2003). Também subsidiaram esta pesquisa as noções de identidade e de diferença discutidas a partir da perspectiva dos estudos culturais e lingüísticos.

Palavras-chave: Olga Benário. Política de nomeação/predicação. Política de representação. Performatividade. Linguagem. Identidade. Textos biográficos.

ABSTRACT

This study aimed at investigating the way the construction of several Olga Benário's identity positions occurs, from the politics of nomination/predication and the representation found in the linguistic materiality of some biographical texts: the books *Olga*, by Fernando Morais (2004) and *Camaradas*, by William Waack (2004); the essays "Olga", by Rita Buzzar (1995) and "Olga Benário Prestes, minha mãe" and "Olga: revolucionária sem perder a ternura", both written by Anita Leocádia Prestes, which have been published in 1995 and 2004 respectively. This investigation had also the purpose of identifying the systems of values and beliefs which are in play in the legitimation and in the deletion of several Olga's identity aspects. It intended to present how these aspects are described and how they identify that militant woman by means of the politics of representation which are subjacent to the politics of nomination/predication used in each of the analyzed texts and which are directly related to the process of Olga Benário's identity construction, afterwards, Olga Benário Prestes. Finally, the developed analysis configured itself as a research of analytical, critical and descriptive character since it is based on post-structuralist theoretical approaches about the concept of identity, interpreted and described the process of construction of the aspects which identify Olga Benário. The above mentioned analysis took into consideration the social-historical, cultural and ideological manifestations of the moment when Olga's militancy had taken place, even the context of the biographical texts have been written. Thus, it was possible to confirm the following hypothesis: some Olga's identity aspects are deleted and others are put in evidence in the texts, depending on the convenience of the politics of representation of each analyzed source, since every particular politics of representation is always molded by ideological, social and political questions. As a result, Olga's portrait always presents itself as multifaceted. The several Olga's identities were noticed, even though there had been the necessity of each writer to make Olga's identities essential. The parameter of this research was that from Pragmatics, related to the discussion of the performative character of language and to the act of nominating/predicating (AUSTIN, 1990); to the politics of representation (RAJAGOPALAN, 2002, 2003). Besides, this research took use of the notions of identity and difference which were discussed from the perspective of cultural and linguistic studies.

Key-words: Olga Benário. Politics of nomination/predication. Politics of representation. Performativity. Language. Identity. Biographical texts.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
Objetivos	23
Objetivo geral	23
Objetivos específicos	23
Hipótese de pesquisa	23
Perguntas de pesquisa	24
Descrição da organização da dissertação	24
CAPÍTULO 1 - REFERENCIAL TEÓRICO	27
1.1 Linguagem e identidade	27
1.1.1 Concepções de identidade e de sujeito	29
1.1.2 Identidade, identificação e subjetividade	37
1.1.3 Identidade e diferença	44
1.1.4 A função da representação na (re)construção das identidades	47
1.1.5 Representação, política de representação e o processo de constituição das identidades	53
1.2 O caráter performativo da linguagem	54
1.2.1 A performatividade da linguagem na construção das identidades	66
1.3 Nomeação e políticas de representação	68
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA	73
2.1 Natureza da pesquisa	73
2.2 Descrição do <i>corpus</i> de estudo: as obras e ensaios biográficos	74
2.2.1 <i>Olga</i> , de Fernando Morais	74
2.2.2 “Olga”, de Rita Buzzar	75
2.2.3 <i>Camaradas</i> , de William Waack	76
2.2.4 “Olga Benário Prestes, minha mãe” e “Olga: revolucionária, sem perder a ternura”, de Anita Leocádia Prestes	77
2.3 Contextualização histórica: a trajetória política e pessoal de Olga Benário	79
2.4 Procedimentos para organização do <i>corpus</i>	88
2.5 Procedimentos para a análise e discussão dos dados	89
CAPÍTULO 3 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	91
3.1 A constituição identitária de Olga Benário: uma abordagem pragmática	92
3.1.1 Aspectos identitários de Olga na obra de Fernando Morais	92
3.1.2 Olga Benário: o processo de construção identitária no ensaio de Rita Buzzar	129
3.1.3 O retrato de Olga Benário por William Waack	144
3.1.4 Mãe, Mulher, militante: caracterizações de Olga nos ensaios de Anita L. Prestes	157
CONSIDERAÇÕES FINAIS	172
REFERÊNCIAS	179
ANEXOS	185

INTRODUÇÃO

As décadas de 20, 30 e 40 do século XX foram marcadas por lutas, oposições de idéias e movimentos revolucionários, tanto na Europa como no Brasil. Na Europa, especificamente na Alemanha, a derrota sofrida na Primeira Grande Guerra Mundial trouxe uma profunda crise econômica ao país. Isso oportunizou o aumento da força dos movimentos de esquerda e de direita e, como consequência, o fortalecimento do nazismo. Conseqüentemente, a classe trabalhadora, já consciente de seu papel social, passou a organizar-se em sindicatos. Travava-se, a partir desse momento, um duelo entre aqueles que defendiam o sistema de governo republicano e os que queriam implantar o socialismo, considerado mais justo e que atendia aos apelos do proletariado.

Mas, no princípio da década de 1930, Adolf Hitler subiu ao poder e instalou, na Alemanha, o regime de ditadura absoluta, o nazismo, cuja ideologia era a eliminação das raças inferiores em favor da purificação da raça ariana, isto é, propagou-se o racismo a partir da idéia de superioridade de raças. Essa idéia foi bastante oportuna à época, visto que, “mal recuperada da fragorosa derrota sofrida na Primeira Grande Guerra, com sua economia em ruínas, o orgulho teutônico em frangalhos, a Alemanha estava à procura [...] de uma nova identidade” (RAJAGOPALAN, 2002, p. 81) que trouxesse um alento à auto-estima do povo e que apagasse de sua memória tudo o que lembrasse a derrota alemã na guerra e os prejuízos dela advindos.

A falácia da raça pura, noção disseminada e sustentada por Hitler, avançou os limites nacionais e angariou adeptos em quase todo o mundo, inclusive no Brasil. Hitler induziu os alemães e inúmeros estrangeiros a pensarem que, com a matança, viveriam em um mundo melhor. Começou, desde então, tanto a perseguição étnica que contemplava as raças ditas inferiores, tais como a judia, a cigana etc., quanto a perseguição política aos partidos que se opunham à ideologia hitlerista, dentre os quais estão os comunistas e os social-democratas (PRESTES, 1995). O combate às diferenças político-sociais e raciais resultou no holocausto, genocídio que marcou a História da humanidade.

Na Rússia, país eminentemente agrário no princípio do século XX, o cenário de luta também se configurava, resultante da exploração pela qual passavam os camponeses. Com o advento da indústria, estabeleceu-se, paulatinamente, uma mão-de-obra operária “escrava”. Essa população reprimida e explorada, orientada por idéias socialistas, rebelou-se

contra sua condição de extrema pobreza, fome e falta de emprego, e foi às ruas, desencadeando, em 1917, a revolução russa. Organizada pelos bolcheviques liderados por Lênin e Trotsky, esta revolução derrotou a monarquia czarista e instalou o regime socialista de governo, com Lênin no poder. A partir de então, Lênin iniciou seu plano de governo com a nacionalização dos bancos, a redistribuição de terras para os trabalhadores e a permissão da autonomia de gestão das fábricas pelos operários. Em seu governo, a União Soviética teve um considerável avanço e ganhou o *status* de grande potência econômica e militar (HOBBSBAWM, 1983).

Acreditava-se que o bom resultado da construção do socialismo na URSS houvesse dado superioridade a esse regime em relação ao capitalismo (PRESTES, 1995). Segundo Prestes (1995, p. 15), “nenhum país capitalista fora capaz de resolver os problemas básicos do homem como em poucos anos o fizera o primeiro país socialista”. Como resultado disso, a União Soviética passou a ser o modelo para os comunistas, já que, nesse país, a luta do proletariado havia obtido sucesso (PRESTES, 2004).

No Brasil, a esquerda política, tendo como um de seus líderes Luís Carlos Prestes, fazia oposição ao sistema de governo que imperava naquele momento. Prestes, numa demonstração de coragem, enveredou pelo Brasil, enfrentando matas intransponíveis e lugares inóspitos para afrontar a tropa armada do adversário. Nesse trajeto, entrou em contato com a miséria brasileira e passou a conscientizar a população da necessidade de uma revolução contra o capitalismo, a pobreza e o trabalho “escravo”.

O mundo assistiu, portanto, a grandes tragédias e transformações sociais e políticas durante a primeira metade do século XX. Foram décadas durante as quais a participação da mulher nas decisões e estratégias políticas de um país era vista com muita reserva e, muitas vezes, não considerada.

Dentro desse contexto de transição, que possibilitou a reivindicação e a produção de identidades, emergiu a figura da militante comunista Olga Benário no cenário político da época. A militância política de Olga ocorreu no intervalo entre as duas Grandes Guerras Mundiais – a Primeira Grande Guerra (1914-1918) e a Segunda Guerra (1939-1945) –, momento, portanto, de extrema repressão política, vivido pelas gerações da primeira metade do século XX, tanto no Brasil como na Alemanha, país em que Olga nasceu (MORAIS, 2004). A resistência a esse regime repressor trouxe novas possibilidades de subjetivação e de

identificação para os sujeitos.¹ Esses eventos históricos marcaram profundas transformações sociais e políticas nas sociedades modernas e, conseqüentemente, propiciaram várias formas de constituição identitária de homens e mulheres desse cenário histórico (RAJAGOPALAN, 2002), incluindo nesse contexto a figura de Olga Benário.

Consideramos os cenários político e social dos países supracitados, visto que o sujeito contemplado nesta pesquisa, Olga Benário, em sua curta trajetória de vida, viveu os principais momentos de sua vida pessoal e militar nestes três países, Alemanha, Rússia e Brasil. O pano de fundo da política destes países era a luta por melhores condições de vida para os menos favorecidos, contra um governo capitalista, e a corrente político-teórica que influenciou essa luta esquerdista foi o Marxismo, que, como uma estrutura de pensamento, emergiu desse contexto de mudanças sociais e políticas. Foi uma corrente que influenciou, principalmente os jovens dessas gerações, que se rebelavam contra o regime repressor de seus respectivos países. Os mais vorazes bebiam dessa fonte de inspiração, que deixava marcas em suas constituições identitárias, pois todos os que se consideravam revolucionários buscavam em Marx orientações teóricas, como é o caso de Olga Benário. Conforme Hobsbawm,

O Marxismo teve grande importância política desde as margens do Oceano Ártico até a Patagônia, e desde a China – passando pelo Ocidente – até o Peru. Os pensadores marxistas emitiram opiniões sobre a matemática, a pintura ou as relações sexuais, para não falar nas intervenções do poder administrativo e estatal em tais campos (HOBSBAWM, 1983, p. 12-13).

A influência do Marxismo sobre os revolucionários esquerdistas não se limita, portanto, ao campo político. Sua interferência na vida das pessoas abrange âmbitos sociais, culturais e, inclusive, pessoais. A compreensão das bases que fundamentaram o marxismo na primeira metade do século XX, tanto nos âmbitos político e social quanto no pessoal, e das ressignificações operadas em suas idéias na contemporaneidade, serviu de referencial histórico para investigação dos aspectos identitários de Olga Benário na perspectiva dos(as) narradores(as) dos textos analisados.

¹ A questão da identidade como algo em constante processo de mudança, conforme a perspectiva não essencialista, é discutida por vários autores da perspectiva dos estudos culturais (HALL, 2000, 2005; WOODWARD, 2005; SILVA, 2005; BAUMAN, 1998, dentre outros) e da perspectiva dos estudos lingüísticos (RAJAGOPALAN, 2001, 2002, 2003; SIGNORINI, 2002, dentre outros). Estes autores fazem referência à questão da identidade, no que diz respeito à possibilidade de movência das identidades em contextos variados, tanto nas relações de conflito quanto nas relações de diáspora, mas não necessariamente o contexto específico em que Olga militou, durante o qual a “resistência a esse regime trouxe novas possibilidades de subjetivação e identificação para os sujeitos”.

A curiosidade pela trajetória histórico-política e pessoal de uma mulher que viveu em um tempo tão sofrido e conturbado impulsionou-nos a tentar compreender o processo de construção de suas facetas identitárias, bem como o jogo de reivindicação identitária que se instala nas obras (de caráter biográfico) analisadas. A trajetória de vida de Olga coincide com importantes eventos históricos mundiais que abalaram a estrutura política, social e econômica do mundo e, principalmente, do Brasil; por isso, consideramos que ela se configura como uma personagem importante a ser estudada, já que está inserida também na constituição histórica do Brasil.

Embora Olga Benário seja estrangeira, o interesse pelo tema justifica-se também pelo fato de ela representar uma figura emblemática e obscura até os dias de hoje, e também por estar intrinsecamente relacionada a fatos e personagens históricos e instigantes de um período polêmico, tanto na política brasileira como na alemã; fatos que possibilitaram a emergência e o apagamento de diferentes formas de identidade e identificação.

Um aspecto que nos chamou a atenção e que foi relatado por Moraes, na “Apresentação” do livro *Olga*, foi o fato de que

No Brasil não havia praticamente nada sobre ela [...] até mesmo a historiografia oficial do movimento operário brasileiro, produzida por partidos ou pesquisadores marxistas, relegara invariavelmente a ela o papel subalterno de “mulher de Prestes” — e nada mais do que isto. Em tudo o que pude ler não encontrei mais do que alguns parágrafos vagos e superficiais (MORAIS, 2004, p. 9).

Esses aspectos, tanto a evidência de apagamentos de facetas e posicionamentos identitários de Olga, quanto a limitação de documentação existente no Brasil sobre ela, instigaram a busca, nas obras e ensaios, de dados para esta pesquisa. Acreditamos que as diversas publicações biográficas sobre Olga Benário estão impregnadas e marcadas pelas perspectivas ideológicas, culturais e sociais de seus produtores. Percebemos que Olga é retratada, e sua identidade produzida, segundo os olhares e interesses dos autores, o que resulta na sua constituição e inscrição nas mais diferentes instâncias.

Sempre que ouvíamos falar em Olga Benário, os mesmos dizeres vinham à tona: “uma judia, alemã e comunista, grávida, que foi entregue a Hitler pelo governo Getúlio Vargas e morta numa câmara de gás”; dizeres parecidos com o trecho colocado na capa do livro *Olga*, de Fernando Moraes (2004), obra que apresentou Olga, segundo alguns

historiadores, à nova geração de leitores. A forma como Olga era sempre nomeada/predicada nesses dizeres remetia-nos à sua condição de vítima do sistema ditatorial. O fato de ser mulher e caracterizada dessa forma levou-nos, a princípio, antes da leitura das obras e ensaios sobre sua vida, a acreditar que estávamos diante de mais um daqueles quadros em que a mulher, através de discursos diversos, é discriminada socialmente; discursos nos quais há um reforço de estereótipo e a legitimação de uma identidade feminina subjugada pelo sexo masculino.

Quando lemos a obra de Moraes (2004) e os ensaios de Prestes, A. L. (1995, 2004), percebemos, observando a política de nomeação/predicação desses(as) autores(as), que as representações que faziam de Olga não estavam relacionadas à mulher Olga, cuja trajetória tinha sido marcada pela rejeição ao sistema patriarcal, mas principalmente à mulher militante que se destacou pela precocidade e arrojo. Desta forma, percebemos que esses textos tornaram possíveis outros aspectos identitários que não condiziam com a famigerada submissão feminina.

Sabendo que cada autor, no interior de uma política de representação, destaca mais alguns aspectos do que outros, a partir das políticas de nomeação/predicação adotadas para servir a determinadas conveniências, procuramos investigar textos que continham descrições e dados biográficos que compõem as construções de várias posições identitárias de Olga.

A partir disso, foram analisados alguns textos para compor o *corpus* deste trabalho, por oferecerem os subsídios necessários para o caminho teórico-metodológico percorrido. São eles: as obras biográficas² *Olga*, de Fernando Moraes (2004) e *Camaradas*, de William Waack (2004); os ensaios biográficos “Olga”, de Rita Buzzar (1995), “Olga Benário Prestes, minha mãe” e “Olga: revolucionária, sem perder a ternura”, ambos de Anita Leocádia Prestes, publicados em 1995 e 2004, respectivamente.

² Para Borges (2005, p. 204): as biografias, gênero muito em voga atualmente, principalmente no Brasil, podem ser entendidas, hoje, “como diversos tipos de textos – desde um verbete em dicionários de figuras políticas, literárias, até relatos em filmes, documentários, programas de televisão etc.. Apesar de os historiadores hoje usarem o termo biografia sem maiores preocupações, alguns autores, especialmente os ligados à Antropologia, rejeitam o termo, preferindo falar em ‘trajetórias’”. Outros ainda preferem referir-se a elas (biografias), usando a terminologia “ensaios biográficos”, diz essa historiadora. Nosso interesse não é discutir a biografia como gênero textual, pois não é o foco deste trabalho. A terminologia por nós adotada, tanto para as obras como para os ensaios, considerando-os como biográficos, justifica-se pelo fato de considerarmos que esses textos contêm elementos biográficos que constituem dados que nos interessam neste estudo. Além disso, a noção de biografia subjacente ao nosso trabalho é a de que ela (a biografia) é um construto. Nas palavras da historiadora Borges (2005, p. 216-217): “[...] toda história é uma construção, resultante de quem a escreve, do seu tempo e espaço, marcado por instituições e grupos. [...] Além desse aspecto mais amplo, ficou patente a impossibilidade de se ‘dominar a singularidade irreduzível de uma vida’. É impossível se esgotar o absoluto do ‘eu’, seja na compreensão da própria vida, seja na daqueles que pesquisamos”.

Nossa escolha das obras e ensaios deu-se, primeiramente, pela escassez de trabalhos, documentos, publicações e registros jornalísticos brasileiros sobre Olga Benário. Em seguida, após uma leitura mais detida, percebemos que a riqueza desse material consistia exatamente nas divergências que suas abordagens apresentavam ao retratar Olga.

Consideramos que a forma de subjetivação e o sistema de valores dos sujeitos diante dos fatos e movimentos políticos e históricos, que geraram e ainda geram controvérsias e polêmicas, são singulares. Isto significa que os(as) narradores(as) e as fontes dos textos lidos têm essa marca, pois todo sujeito, ao produzir um texto, não se separa dos atravessamentos sociais, históricos, culturais e ideológicos, ou daqueles da ordem do inconsciente, que são marcas constitutivas de suas ações e dizeres.

Os episódios históricos e os feitos heróicos de várias mulheres chegam até nós por meio da literatura, das biografias, dos livros didáticos e de reportagens em revistas e jornais. Essas mulheres assumem condições de heroínas, vilãs ou outras designações, segundo a ideologia dos(as) narradores(as) de suas histórias ou das fontes divulgadoras das histórias dessas mulheres.

Observamos que, embora Olga tenha conseguido uma projeção militante igual ou superior a de seus pares militantes, os discursos dos(as) autores(as) de alguns textos analisados ainda apontam sua inscrição em certos lugares, considerados desprivilegiados ou socialmente rotulados.

Foi, então, necessário considerar também alguns aspectos relevantes para a constituição identitária de Olga, relacionados à produção social estigmatizada e/ou estereotipada da mulher, já que tais aspectos trazem à baila questões de ordem ideológica e política, e deixam flagrar crenças e valores criados nas/pelas instâncias política, social e cultural e que devem ser problematizados.

Dessa forma, considerando que textos biográficos são também construtos e denunciam essa marca, o de estarem sempre a serviço de uma ideologia, de valores nem sempre percebidos na superfície dos textos, o *corpus* desta pesquisa não difere desse parâmetro. Contudo, em uma análise mais rigorosa da materialidade lingüística que compõe esses mesmos textos, é possível mostrar as marcas das políticas de representação em que os(as) narradores(as) se inscrevem, ao produzirem seus textos. Por isso, acreditamos na impossibilidade da neutralidade e da transparência, ou seja, acreditamos na dispersão e na opacidade como constitutivas da produção dos textos que compuseram o *corpus* do presente

trabalho. Os textos supracitados atendem a interesses e ideologias determinados, dependendo do lugar de onde enunciam os(as) narradores(as), e dependendo também do público para o qual estes escrevem e da finalidade da escritura de seus textos. É indubitável que houve, na composição destes textos, a prioridade de se ressaltarem sempre alguns aspectos, algumas caracterizações em detrimento de outros/outras, ou, ao contrário, a necessidade de apagá-los/las, segundo os interesses de quem os produziu.

Todas essas questões chamaram-nos a atenção quando da leitura das diversas referências sobre Olga Benário. As diferentes formas de apresentar e reapresentar Olga Benário denunciam as posições políticas e ideológicas nas quais estão/estavam inscritos os(as) narradores(as) dos referidos textos. A partir dessa impressão, firmou-se a convicção de que Olga constitui uma figura histórica que merece ser investigada, visto que, além de ser de grande importância, tanto para a História nacional, quanto para a internacional, este estudo sobre Olga Benário pode trazer contribuições para as discussões sobre as questões relacionadas à constituição identitária não-essencialista, perspectiva a partir da qual se desenvolve esta pesquisa.

A maioria dos trabalhos que se propuseram a lembrar e/ou a analisar a trajetória dessa mulher encontram-se nos âmbitos artísticos musicais, cênicos, literários, jornalísticos e biográficos, dentre eles, algumas peças teatrais, filmes, documentários, uma peça musical, romances, obras e ensaios biográficos. Tanto as obras biográficas, os artigos, os filmes, a peça musical, como as peças teatrais traçam a trajetória da militante Olga Benário Prestes sob diferentes perspectivas e dedicam-se a dar a sua impressão sobre a vida e a militância de Olga Benário. Em menor proporção, há alguns trabalhos acadêmicos e científicos que abrangem três áreas do conhecimento, Lingüística, História e Literatura.

As duas obras, a de Moraes (2004) e a de Werner (2004), cujos títulos, respectivamente, são *Olga* e *Olga Benário: a história de uma mulher corajosa* inspiraram várias produções artísticas nacionais e internacionais, dentre as quais citaremos apenas duas montagens brasileiras. A primeira obra foi referência para a realização da produção cinematográfica de Rita Buzzar, dirigida por Jayme Monjardim, cuja estréia ocorreu em agosto de 2004. A segunda serviu de referencial para a composição da ópera escrita pelo brasileiro Jorge Antunes, que estreou e esteve em cartaz em outubro de 2006, no Teatro Municipal de São Paulo. Ambas as produções intituladas *Olga* narram a comovente trajetória da militante, revolucionária Olga Benário e resgatam sua história política e pessoal.

Dentre os poucos trabalhos acadêmicos sobre Olga que se destacaram, encontra-se a dissertação de mestrado de Betzaida Mata Machado Tavares (2003), do Curso de História da Universidade Federal de Minas Gerais, intitulada *Mulheres comunistas: representações e práticas femininas no partido comunista brasileiro (1945 - 1979)*, que analisa os documentos do PCB e depoimentos de mulheres comunistas, para investigar a forma como as mulheres do Partido eram neles retratadas, isto é, como o PCB enquadrava as militantes em seu movimento, inclusive Olga Benário, partindo de uma perspectiva política, histórica e cultural, articulada à tradição marxista.

Observa-se, nesse breve histórico, que os trabalhos supracitados não têm como foco a discussão sobre o processo de construção dos aspectos identitários de Olga Benário. Assim, consideramos relevante uma investigação que trate especificamente da construção das várias facetas identitárias de Olga a partir da(s) política(s) de nomeação utilizada(s) nos textos biográficos analisados. Partimos, portanto, das formas de nomeação/predicação vinculadas à personagem histórica, Olga, para investigar quais sistemas de valores e crenças subjazem aos apagamentos e/ou aos destaques dos vários aspectos identitários de Olga em cada texto. Assim, esperamos que o desenvolvimento deste trabalho seja relevante para os estudos sobre identidade na perspectiva da pós-modernidade.

Para o desenvolvimento da pesquisa, optamos por uma abordagem pragmática dos textos, a partir da Teoria dos Atos de Fala (AUSTIN, 1990),³ mais especificamente, sua discussão sobre os atos de nomear/predicar, já que o que nos interessou nos textos foi a forma como cada narrador(a) nomeou e/ou predicou Olga. Isso se deve ao fato de entendermos que essa materialidade lingüística (nomeação/predicação) contém os elementos de que precisamos para a análise a que nos propusemos.

A complexidade que envolve a constituição identitária de Olga Benário despertou-nos o interesse por uma investigação sobre como se dá esse processo, por isso, todas as questões relacionadas à sua trajetória, tais como as familiares, as afetivas e as de ordem intelectual e política, foram investigadas nos textos que compõem nosso *corpus* de estudo, a partir da política de nomeação/predicação adotada. Procuramos descobrir em nome de que e de quem a construção das facetas identitárias de Olga são/foram produzidas de uma forma e não de outra, e por que razão alguns aspectos se sobrepõem a outros nos textos que foram analisados.

³ Estamos nos referindo à teoria publicada em 1962 no livro póstumo intitulado *How to do things with words*.

Acreditamos que a política de nomeação que se manifesta na materialidade lingüística de cada texto ocorre no bojo de uma política de representação que deixa flagrar os posicionamentos políticos e ideológicos adotados na produção dos textos. Esses posicionamentos estão diretamente ligados às escolhas lingüísticas das quais lançam mão os(as) autores(as) para se referir a Olga, evidenciando os diferentes interesses de se destacar alguns aspectos das facetas identitárias de Olga e apagar outros.

Para discutir o tema aqui proposto, tomamos o conceito de identidade, segundo os pontos de vista dos teóricos pós-estruturalistas, tais como Hall (2000, 2005), Silva (2005), Woodward (2005), Rajagopalan (2002, 2003), dentre outros. Esses autores usam e fornecem subsídios de análise nas várias áreas do conhecimento humano – política, lingüística, psíquica, social, histórica e cultural –, e discutem as noções de linguagem e sujeito, vinculadas às de identidades; noções-chave para o desenvolvimento deste estudo. Assim, com base nos estudos pós-estruturalistas sobre a constituição das identidades, verificamos como os vários aspectos identitários de Olga são produzidos e transformam-se, de modo a (re)construírem-se, conforme o contexto em que as práticas discursivas são produzidas.

Além disso, buscamos amparo também nos postulados de Austin (1990) sobre a linguagem: que ela é um fenômeno político e ético, pois denuncia as posições político-ideológicas do sujeito, e que tem, assim, um caráter performativo. Esse autor deixa clara sua preocupação com a questão ética na linguagem, visto que, para ele, ao usarmos a linguagem, estamos sempre fazendo algo. Disso surge o seu conceito de performatividade, que traz à tona as conseqüências éticas das posições assumidas pelo sujeito em suas práticas discursivas. Em resumo, conforme mostra Rajagopalan (2003, p. 32-33), “a questão lingüística e a questão política seriam uma só. Ao falar uma língua; ao nos engajarmos na atividade lingüística, estaríamos, todos nós, nos comprometendo politicamente e participando de uma atividade eminentemente política”. Além disso, segundo esse mesmo autor, todo engajamento político pressupõe a passagem pela linguagem, isto é, o comprometimento político e a questão discursiva estão imbricados.

Nosso trabalho, portanto, utilizou principalmente os pressupostos teóricos de Austin (1990), no que se refere ao caráter performativo da linguagem e ao ato de nomear/predicar através do qual os(as) narradores(as) (investigados) produzem os aspectos identitários de Olga Benário. Nosso trabalho não gira em torno da discussão sobre a imbricação entre os atos de nomeação e os de predicação, já problematizada por Austin

(1990)⁴ e, posteriormente, por Derrida (1972) e por Rajagopalan (1990, 1992, 1996, 2003), mas lança mão da nomeação/predicação para desvendar as políticas de representação, os valores e as crenças que estão em jogo na construção identitária da personagem Olga Benário. Quando usamos o par nomear/predicar, consideramos o que postulam os estudiosos supracitados, que é impossível pensarmos esse par, de forma separada, pois, segundo esses autores, esse par mantém-se imbricado. Isto significa dizer que o ato de nomear algo ou alguém implica também predicar, caracterizar o objeto ou a pessoa em questão. Toda nomeação pressupõe predicação, pois, ao nomear, não estamos fazendo apenas uma descrição de um objeto e/ou pessoa, mas estamos atribuindo, de acordo com Rajagopalan (2003, p. 87), “um julgamento de valores, disfarçado de um ato de referência neutra”.

Esperamos evidenciar, por meio deste trabalho, que é possível e necessária uma leitura mais crítica dos textos que compõem uma obra, seja ela de natureza biográfica, literária, jornalística etc., principalmente aqueles que tratam da apresentação de figuras femininas marcantes no contexto político da época em que viveram, no que tange à sua atuação e representação na sociedade: militantes, revolucionárias, mães, esposas, dentre outras. Este trabalho oportuniza uma problematização dos discursos sobre os papéis ocupados pela mulher na sociedade, militante ou não, e de sua constituição identitária, oferecendo subsídios para reflexão aos(as) estudiosos(as) que buscam uma abordagem que considere o uso da linguagem e suas implicações éticas e políticas e contribuições para os estudos identitários sob a perspectiva dos paradigmas da pós-modernidade.

Com base no acima exposto, traçamos os objetivos de pesquisa, conforme se segue.

⁴ Segundo Rajagopalan (1990, p. 232), a tentativa de Austin (1990) era polemizar a idéia de que “a enunciação de uma frase declarativa tenha como único objetivo ‘descrever’ um estado de coisas ou declarar um fato que por sua vez possa ser ou verdadeiro ou falso”. É a partir dessa problematização de que o ato de fala não apenas descreve, mas realiza uma ação, que Austin (1990, p. 122) questiona vários pares dicotômicos e afirma: “o familiar contraste entre ‘normativo ou valorativo’ e factual está precisando, como tantas outras dicotomias, ser eliminado”. Dentre eles, o par nomear/predicar, que foi retomado nas discussões de autores, tais como: Derrida (1972), Rajagopalan (2003), Butler (1997), dentre outros. Austin (1990) deixa claro em seu trabalho que não existe um ato de fala (uma declaração) puramente descritiva, neutra. Como é o caso de nomear, pois, a nomeação, para Austin, não é um ato de fala declarativo ou descritivo, já que nomear implica predicar. Desta forma, o uso do ato de nomeação provoca consequências éticas e políticas. Como o próprio autor diz: “É óbvio que designar e nomear são atos que nos comprometem” (AUSTIN, 1990, p. 127), isto é, temos que assumir as consequências provocadas pelo uso de tais proferimentos.

Objetivos

Objetivo geral

Este estudo visa investigar como se dá a construção das várias posições identitárias de Olga Benário a partir das políticas de nomeação/predicação e de representação flagradas na materialidade lingüística de alguns textos biográficos sobre Olga.

Objetivos específicos

No intuito de averiguar o que está por trás das políticas de nomeação/predicação flagradas nos textos analisados e quais são as representações de Olga que se materializam e emergem em cada texto analisado, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

- ❖ investigar as políticas de representação subjacentes às políticas de nomeação/predicação que se manifestam nos textos analisados e que estão diretamente relacionadas à construção dos aspectos identitários da personagem histórica Olga Benário;
- ❖ identificar os sistemas de valores e de crenças que estão em jogo na legitimação e no apagamento das várias facetas identitárias de Olga Benário;
- ❖ descrever as formas como são apresentadas as várias posições identitárias de Olga Benário, segundo as políticas de nomeação/predicação utilizadas nos textos biográficos analisados.

Após a leitura dos textos biográficos, que já foram elencados anteriormente, levantamos a hipótese que norteou esta pesquisa.

Hipótese de pesquisa

Esta investigação partiu da hipótese de que algumas facetas identitárias de Olga são apagadas e outras evidenciadas nos textos analisados, dependendo da conveniência da política de representação de cada fonte analisada, uma vez que toda política de representação é sempre moldada por questões de cunho ideológico, social e político. Em decorrência disso, o retrato de Olga apresenta-se sempre multifacetado.

Perguntas de pesquisa

- ❖ Quais são as formas de nomeação/predicação que são utilizadas pelos(as) narradores(as) dos textos analisados e quais são as ideologias que podem ser percebidas a partir dessas políticas de nomeação?
- ❖ Que valores éticos e políticos subjazem ao apagamento ou à legitimação das várias facetas identitárias de Olga Benário na perspectiva dos(as) narradores(as) dos textos analisados?
- ❖ Quais são as políticas de representação adotadas em cada um dos textos analisados?

Descrição da organização da dissertação

Esta dissertação está organizada em três capítulos, além desta “Introdução” e das “Considerações Finais”. No capítulo primeiro, “Referencial Teórico”, discorremos sobre as teorias nas quais estão amparadas as análises. Para proceder à discussão teórica, dividimos o capítulo em três partes. Na primeira, intitulada “Linguagem e identidade”, abordamos as noções de linguagem, identidade e sujeito e sua relação com os estudos que seguem os parâmetros da perspectiva pós-moderna. Abordamos também os conceitos de representação e política de representação, que subjazem ao processo de reivindicação e produção de identidades. Na segunda parte, “O caráter performativo da linguagem”, levantamos alguns aspectos sobre o uso da linguagem a partir, principalmente, dos estudos austinianos, e sua importância no processo de configuração de identidades, isto é, as consequências éticas e políticas do uso da linguagem que envolve o processo de produção das identidades dos sujeitos. Por fim, na terceira, “Nomeação e políticas de representação”, evidenciamos o processo de construção dos aspectos identitários dos sujeitos culturais e sociais a partir da política de nomeação/predicação que, por sua vez, ocorre no bojo de uma política de representação. No capítulo segundo, “Metodologia”, que está dividido em cinco partes, quais sejam, “Natureza da pesquisa”, “Descrição do *corpus* de estudo: as obras e ensaios biográficos”, “Contextualização histórica: a trajetória política e pessoal de Olga Benário”, “Procedimentos para organização do *corpus*” e “Procedimentos para análise e discussão dos dados”, ressaltamos o método e os procedimentos utilizados na organização do *corpus* de estudo, bem como a descrição e análise crítico-interpretativa dos dados. No capítulo terceiro, “Análise e Discussão dos Dados”, tomando como base o referencial teórico discutido no

capítulo 1, apresentamos a análise e a discussão dos dados selecionados para este estudo. Para finalizar, são apresentadas as “Considerações Finais”, a fim de se ponderar sobre o resultado desta pesquisa.

CAPÍTULO 1 - REFERENCIAL TEÓRICO

O objetivo deste capítulo é traçar os pressupostos teóricos que constituem o pano de fundo das discussões e problematizações feitas nesta pesquisa. Primeiramente, são expostas as concepções de identidade, sujeito, identificação e subjetividade tal como percebidas por Hall (2000, 2005), Woodward (2005), Silva (2005), Rajagopalan (2002, 2003) e Signorini (2002), dentre outros; analisamos também os conceitos de identidade e diferença (RAJAGOPALAN, 2002, 2003; HALL, 2000, 2005; WOODWARD, 2005) que são discutidos na análise e que oferecem recursos imprescindíveis para o alcance dos objetivos de pesquisa. Em seguida, apresentamos outras noções que também fundamentam este estudo, dentre elas, as de política de representação (RAJAGOPALAN, 2002, 2003); política de nomeação/predicação (RAJAGOPALAN, 2003) e linguagem e performatividade (AUSTIN, 1990; RAJAGOPALAN, 1996; OTTONI, 2002).

1.1 Linguagem e identidade

Todo estudo que se propõe a abordar a problemática da identidade traz à luz discussões sobre a linguagem, palco de conflitos, a partir do qual emergem questões históricas e sociais, sem as quais a produção das identidades não se realizaria. Serão tecidas algumas problematizações em torno das noções de linguagem e de identidade, a fim de evidenciarmos seus deslocamentos abordados na perspectiva e estudos que se inscrevem no paradigma denominado pós-moderno (RAJAGOPALAN, 2003).

Para Rajagopalan (2003), existem concepções arraigadas sobre a linguagem que foram herdadas da longa tradição do estudo da gramática nas escolas e, posteriormente, da projeção da Lingüística como uma importante área do saber, ou seja, “como uma ciência com todo o rigor da palavra” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 24).

Na Lingüística moderna, argumenta Rajagopalan (2001), o falante é concebido como uma entidade plena e estável e, conseqüentemente, a identidade desse indivíduo é concebida a partir de pontos de vista essencialistas. A Lingüística moderna encarnou tanto a identidade de uma língua, quanto a identidade do falante como instâncias fixas, transcendentais e homogêneas, que são noções de ordem totalizante. Esse falante, visto como

um indivíduo uno, centrado e auto-suficiente, faz uso de uma língua que é considerada como um sistema lingüístico estável, pronto e acabado.

Por outro lado, reitera Rajagopalan (2001, 2003), os conceitos básicos de uma Lingüística imanente, que excluem questões ligadas ao falante e, conseqüentemente, ao histórico e ao social, e que estão centrados em uma noção transcendental de língua, de indivíduo e de identidade, têm-se mostrado insustentáveis, se considerarmos as drásticas alterações sociais no cenário do novo milênio, um tempo marcado por

[...] fenômenos e tendências irreversíveis como a globalização e a interação entre culturas, com conseqüências diretas sobre a vida e o comportamento cotidiano dos povos, inclusive no que diz respeito a hábitos e costumes lingüísticos (RAJAGOPALAN, 2003, p. 25).

Assim, com o fenômeno da globalização, o contato entre as línguas tornou-se intenso, revelando a impossibilidade da idéia de língua pura; uma vez que ocorre uma contaminação mútua entre as línguas, criam-se “possibilidades radicalmente novas que pedem uma reconsideração radical da própria noção de identidade” (RAJAGOPALAN, 2001, p. 39). Para Rajagopalan (2001, p. 42), as identidades têm que ser encaradas como instâncias “proteiformes”, termo usado pelo autor ao se referir às identidades em um constante processo de mutações.

Hoje, as problematizações em torno das noções de linguagem e de sujeito estão diretamente relacionadas às discussões sobre a identidade. A noção de identidade, por sua vez, está ligada à noção de sujeito, pois a constituição fragmentada característica do sujeito pós-moderno resulta das várias identidades que ele assume em momentos históricos e políticos específicos (HALL, 2005). O *boom* discursivo em torno da identidade tem levantado convergências e divergências entre os estudiosos, como nos mostra Hall (2005). No entanto, todas as pesquisas que se posicionam dentro de um paradigma não essencialista pós-moderno partem da problematização das perspectivas sobre identidade que elegem “a idéia de uma identidade integral, originária e unificada” (HALL, 2005, p. 103).

A linguagem, de acordo com Pinto, não é

[...] meio neutro de transmitir idéias, mas sim constitutiva da realidade social. Não sendo “a realidade social” um conceito abstrato, mas o conjunto

de atos repetidos dentro de um sistema regulador, a linguagem é sua parte presente e legitimadora, e deve ser sempre tratada nesses termos (PINTO, 2004, p. 63).

Desta feita, podemos considerar que a linguagem constitui uma arma poderosa de legitimação e apagamento de processos de constituição identitária (RAJAGOPALAN, 2003), caminho perseguido nesta investigação.

Nos dizeres de Rajagopalan (1996, p. 113) “a linguagem, em outras palavras, não é mais um simples instrumento, mas um fenômeno poderoso em si, alheio à vontade humana e, freqüentemente, às suas intenções (e pretensões) conscientes”. Tal concepção de linguagem constitui um deslocamento que possibilitou uma discussão em torno das noções de sujeito e de identidade sob parâmetros diferentes, que elegem descentramento, fragmentação, fluidez e descontinuidades como palavras de ordem.

1.1.1 Concepções de identidade e de sujeito

Em sua discussão sobre o tema identidade, Hall (2000) toma como ponto de partida o argumento de que as identidades que marcaram e sustentaram a sociedade durante décadas estão passando por alterações bruscas, pois o advento de revoluções processadas em âmbitos mundiais e, principalmente, a globalização trouxeram instabilidades às estruturas do paradigma social moderno. E isso, segundo Hall (2000, p. 9), “está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais”.

Para esse autor, as consequências dessas mudanças têm influenciado diretamente as vidas das pessoas que sempre tiveram a ilusão da transcendentalidade de seus referenciais, em termos identitários, ou seja, nas palavras do próprio autor, “estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados” (HALL, 2000, p. 9). Diante disso, podemos afirmar que “os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2000, p. 7) já não se sustentam no cenário da pós-modernidade.

Empregamos o termo “pós-modernidade”, de acordo com as discussões de Hall e Peters. Segundo Hall (2000, p. 10), “nós somos também ‘pós’ relativamente a qualquer

concepção essencialista ou fixa de identidade – algo que, desde o Iluminismo, se supõe definir o próprio núcleo ou essência de nosso ser e fundamentar nossa existência como sujeitos humanos”. Nos dizeres de Peters (2000), o pós-modernismo pode ser reconhecido por meio de dois significados gerais, tendo como parâmetro o modernismo, ao qual são atribuídos dois sentidos: o estético e o histórico, filosófico. Peters faz essa distinção com o propósito de diferenciar pós-modernismo (movimento dentro das artes) e pós-modernidade (período que “representa uma transformação da modernidade ou uma mudança radical no sistema de valores e práticas subjacentes à modernidade” (PETERS, 2000, p. 14)).

Para Hall, essas mudanças no cenário da sociedade moderna promoveram uma fragmentação das identidades culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que sempre representaram espaços sociais bem marcados, seguros e estáveis para os sujeitos. Nas palavras do próprio autor,

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (HALL, 2000, p. 9).

Essa crise de identidade, segundo Hall, advém do fato de as mudanças estruturais e sociais colocarem à prova o essencialismo em termos identitários, trazendo dúvidas e incertezas a uma estrutura que sempre se supôs funcionar de forma absoluta.

Bauman (1998), com base nos estudos freudianos, apresenta uma versão interessante sobre a crise identitária que assola os sujeitos moderno e pós-moderno, e que vem ao encontro do que postulam vários autores da perspectiva dos estudos culturais (HALL, 2000, 2005; WOODWARD, 2005; SILVA, 2005) e da perspectiva dos estudos lingüísticos (RAJAGOPALAN, 2001, 2002, 2003; SIGNORINI, 2002).

Ao tratar a questão dos sujeitos moderno e pós-moderno, Bauman (1998) preconiza que, tanto a regulação a que se submete o sujeito moderno, quanto o deslocamento - descentração do sujeito pós-moderno, que resulta na possibilidade de diferentes subjetivações das pessoas na era pós-moderna, vêm impregnados de mal-estar. Para ele, a modernidade, marcada por um excesso de ordem, trouxe o mal-estar social, visto que a civilização optou por

restringir a sua liberdade em nome da segurança, portanto, em nome de uma ordem que trouxe desconforto. Ao contrário, a pós-modernidade abriu mão de sua segurança na busca de maior liberdade, o que gerou conseqüências, tais como o mal-estar da insegurança. Assim, Bauman argumenta que

[...] os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais (BAUMAN, 1998, p. 10).

Woodward (2005) considera que a crise de identidade torna importante a problematização da própria noção de identidade, pois essa crise não ocorre apenas em âmbitos globais, mas também nas instâncias locais, pessoais e políticas. Desta feita, Woodward (2005, p. 38) sugere que “as identidades são contingentes e emergem em momentos históricos particulares”; são renegociadas e forjadas no bojo dos “novos movimentos sociais [...] por meio da luta e da contestação política” (WOODWARD, 2005, p. 38). Essa dimensão política da identidade presente em movimentos de luta social, étnica e cultural tem como base a construção da diferença.

Trazendo a discussão sobre a chamada “crise de identidade” para o contexto acadêmico, Rajagopalan (2002, p. 85) afirma que a crise pela qual passa o meio acadêmico pode ser explicada “não no sentido familiar de não saber ‘quem somos nós’, mas no sentido de não poder conceituar a própria noção de identidade com um mínimo de rigor e consistência”. Segundo ele, é uma crise provocada pela desestabilidade das ilusórias identidades sólidas que, com os deslocamentos sofridos, transformaram-se em identidades fluidas.

Nessa perspectiva, tanto a identidade quanto o sujeito são marcados pela instabilidade e não fixidez, já que se encontram em um processo constante de transformação e de constituição por meio dos diversos discursos produzidos sócio e historicamente e das inscrições ideológicas desses sujeitos.

Para ilustrar a trajetória histórico-social do sujeito e de seus deslocamentos, serão esboçados, de forma sucinta, os principais momentos de conceituação de sujeito e de identidade, já que ambos encontram-se imbricados. Não poderíamos discorrer sobre o conceito de sujeito sem que isso nos remetesse ao de identidade e vice-versa. Para tanto,

retomamos alguns pressupostos teóricos da área dos Estudos Culturais sobre esse tema, a partir, sobretudo, de Hall (2000). Primeiramente, fizemos um breve esboço sobre a noção de sujeito (falante) que está subjacente à obra de Austin (1990), quando discute a Teoria dos Atos de Fala e o caráter performativo da linguagem.

Embora Austin não tenha desenvolvido uma argumentação específica em torno da noção de sujeito, podemos inferir, a partir de suas problematizações, a noção de sujeito (falante) que está em jogo em sua obra. Ottoni (1998) mostra-nos que Austin, ao discutir o caráter performativo da linguagem,⁵ introduz no pensamento filosófico e nos estudos lingüísticos uma nova visão de linguagem; conseqüentemente, para sustentar seus argumentos, traz à tona uma nova relação entre o sujeito e seu objeto. Isto equivale a dizer, conforme Ottoni (1998, p. 13), que

o sujeito e o objeto, para Austin, o eu e o não-eu, se fundem, passando ambos a fazer parte da significação. Ou seja, na visão performativa, o sujeito falante empírico se constitui como sujeito através do *uptake*⁶, que, sendo o lugar do deslocamento da intencionalidade, subverte o papel centralizador e consciente deste sujeito.

Desta forma, a separação do sujeito e do objeto, tema que perpassa a noção de linguagem como instrumento neutro (eficaz) de representação da realidade, ou seja, a noção de que a linguagem é puramente descritiva, crença sustentada pela metafísica clássica, não se sustenta mais no interior dos estudos austinianos sobre a performatividade da linguagem (RAJAGOPALAN, 2002; OTTONI, 1998). Para Ottoni (1998, p. 32), essa forma de conceber a linguagem não aceita a cisão entre “o ‘eu’ e o ‘não-eu’ nos estudos da linguagem”, pois Austin (1990), de acordo com Ottoni (1998), opôs-se à visão da filosofia clássica, logocêntrica, de que há uma relação direta entre sujeito e objeto. Em sua proposta, que considera a linguagem como ação, uma das questões mais importantes é a do “eu-sujeito e a sua relação com o *uptake*, a intencionalidade e uma nova concepção de referência” (OTTONI, 1998, p. 80).

⁵ Tema discutido na seção 1.2: “O Caráter Performativo da Linguagem”.

⁶ Segundo Ottoni (1998, p. 80-81), o *uptake* é a apreensão de algum significado pelos interlocutores, ou seja, “com o *uptake* fica mais claro que a referência que vai estar diretamente ligada ao momento da enunciação não se dá no nível constativo da linguagem, mas numa concepção performativa; ou seja, no momento em que há o reconhecimento entre os interlocutores de que algo está assegurado, de que o ‘objetivo ilocucionário’ foi realizado através de sua ‘força’”.

Isso significa que o “eu-sujeito”, como denomina Ottoni (1998), não tem poder centralizador sobre a significação de seu ato de fala. Essa forma “eu-sujeito” se constitui enquanto sujeito somente “no momento de sua enunciação, na interlocução” (OTTONI, 1998, p. 81). Desta forma, entendemos que haverá sujeito somente quando um determinado significado do ato de fala (ilocucionário) proferido for assegurado; quando o ato ilocucionário provocar um efeito sobre o interlocutor e/ou for autorizado por ele.

Segundo Austin (1990), podemos considerar que o ato ilocucionário realizou-se quando se obtém, a partir dele, algum efeito. Portanto, conforme esse mesmo autor, “não se pode dizer que preveni um auditório a menos que este escute o que eu diga e tome o que digo num determinado sentido. Um efeito sobre o auditório tem que ser conseguido para que o ato ilocucionário seja levado a cabo” (AUSTIN, 1990, p. 100).

Podemos inferir, pelo que Austin (1990) afirma, que a locução, por si só, não realiza o ato, não gera, necessariamente, um efeito. É necessário que “a realização de um ato ilocucionário envolva assegurar sua apreensão” (AUSTIN, 1990, p. 100). Assim, “não é possível mais falar de uma intenção do sujeito (falante), já que esta intenção não é e não pode ser mais unilateral”, afirma Ottoni (1998, p. 81), ao se referir à discussão feita por Austin no capítulo 9 de sua obra *How to do things with words*. Isso se dá, porque, com o efeito do *uptake*, o sujeito falante não mais exerce um papel centralizador (OTTONI, 1998).

Entendemos que isso não significa que se admita tirar a responsabilidade desse sujeito pelas escolhas lingüísticas que faz ou pelas implicações éticas e políticas de seus dizeres, mesmo que os atos de linguagem ocorram de forma inconsciente.

Assim, é possível afirmar, a partir da leitura que Ottoni (1998) faz sobre Austin, que subjacente às problematizações de Austin sobre a performatividade, há um deslocamento das noções de linguagem e de sujeito: a linguagem vista não mais como descrição, mas como ação, e o “descentramento do papel do sujeito falante” (OTTONI, 1998, p. 82) com a introdução da noção de *uptake*.

De forma geral, podemos dizer que a noção de sujeito na obra austiniana é calcada no deslocamento operado por ele nos estudos lingüísticos e filosóficos, trazendo para seu escopo uma nova visão de linguagem.

Inserido no quadro dos Estudos Culturais, que, diferentemente de Austin, discute a concepção de sujeito, destacamos o trabalho de Hall (2000). Hall distingue três concepções de identidade, calcadas em três concepções de sujeito:

a) Do Iluminismo: o sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia [...]. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa [...];

b) Sociológico: a noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos __ a cultura __ dos mundos que ele/ela habitava [...];

c) Pós-moderno: [...] o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas [...] (HALL, 2000, p. 10-13).

O autor discute a fragmentação da identidade do sujeito pós-moderno, questionando as afirmações sobre o “sujeito do Iluminismo” e o “sujeito sociológico” (HALL, 2000, p. 10), que são reconhecidos pela sua estabilidade, indivisibilidade e predição. Para ele, não há mais espaço para essas noções de sujeito. Em contrapartida, por meio de deslocamentos e rupturas, o sujeito pós-moderno apresenta-se instável, fragmentado, composto de várias identidades, às vezes conflitantes.

Para entendermos a fragmentação do sujeito pós-moderno, é necessário que percebamos, nas distinções feitas por Hall, um deslocamento das posições, dos lugares ocupados por esse sujeito, que opera rupturas com a noção de sujeito cartesiano, cuja base é a primazia da razão sobre o ser, e de sujeito social que, embora seja percebido também a partir de seu convívio social, de sua vivência coletiva, ainda é percebido como uno e dotado de razão.

Ainda segundo Hall (2000, p. 9), esse “duplo deslocamento – descentração” do sujeito de seu mundo social e de si mesmo, que está diretamente ligado a uma crise identitária, ao desconforto de uma perda de identidade sentida pelo indivíduo, vincula-se também a uma transformação estrutural mais ampla e abrangente da modernidade tardia: a globalização. A globalização faz com que as mudanças, nas sociedades modernas, ocorram rápida e constantemente e, “conforme diferentes áreas do globo são postas em interconexão, ondas de transformação social atingem, virtualmente, toda a superfície da Terra” (GIDDENS, 1991, p. 15-16).

Com o advento da globalização e das mudanças políticas, sociais e econômicas ocorridas mundialmente na pós-modernidade, o sujeito, desse novo cenário, vê-se impossibilitado de manter-se em torno de uma essência, de uma identidade una. O novo contexto é caracterizado por um sujeito heterogêneo, fragmentado e descentrado, pois não há mais lugar para um sujeito que se constitui em torno de um centro, com domínio total sobre sua razão. Entendemos que as sociedades da modernidade tardia organizam-se de forma descentralizada, com vários centros de poder. Elas não se fixam em torno de um eixo ou centro organizador hegemônico, imutável. Dessa forma, pode-se afirmar que não há mais espaço para se discutir a fragmentação e a movência da identidade de um sujeito, senão a partir da noção de sujeito pós-moderno.

Segundo Hall, o tema “Identidade” está sendo polemizado na teoria social. Para esse autor, “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2000, p. 7). Embora o tema identidade esteja na ordem do dia, isto é, presente nos mais variados estudos, Hall considera-o um conceito bastante complexo, ainda pouco estudado na ciência social contemporânea.

Hoje, devido a essas constantes mudanças já mencionadas, os sujeitos deixaram de ter a ilusão de um referencial estável no cenário social, isto é, cada sujeito imaginava carregar consigo uma identidade fixa, ao longo de sua existência. Esse referencial estável, seguro, que cada pessoa presumia ter, ao atuar no mundo, desmoronou-se com o advento das mudanças sociais, culturais e tecnológicas da pós-modernidade, tornando-o fragmentado.

A partir disso, podemos afirmar que a identidade una, fixa e estável é uma “fantasia”, pois, quanto mais os “sistemas de significação e representação cultural se multiplicam”, mais nos deparamos com uma quantidade “desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (HALL, 2000, p. 13).

Dessa forma, constata-se que a multiplicidade “desconcertante” de identidades possíveis, atribuídas a alguém e/ou reivindicada por ele/ela, surge com a transformação da sociedade da modernidade tardia, gerando a descontinuidade dessas identidades. Ao discutir o caráter de descontinuidade das identidades, Hall coloca em pauta as noções de tempo e espaço que assumem relações totalmente ressignificadas na modernidade tardia. As relações sociais ocorrem rápida e constantemente e atingem uma extensão espacial que abrange o globo.

Dessas relações surgem novas possibilidades de identidades que vão caracterizar, provisoriamente, os sujeitos no final do século XX.

Esse processo de descontinuidade pode ser percebido, afirma Hall, parafraseando Harvey (1989) e Laclau (1990), a partir de um processo contínuo de mudanças drásticas das estruturas sociais modernas ou deslocamentos das mesmas, isto é, “as sociedades modernas [...] não têm nenhum centro, nenhum princípio articulador ou organizador único e não se desenvolvem de acordo com o desdobramento de uma única ‘causa’ ou ‘lei’” (HALL, 2000, p. 16). Elas desenvolvem-se de forma descentralizada, segundo uma gama indefinida de centros de poder.

A descontinuidade, ou as descontinuidades, próprias das sociedades modernas, ou seja, os “modos de vida produzidos pela modernidade”, acentua Giddens (1991, p. 14), separam-nos radicalmente de quase todas as formas de organização social tradicionais. Segundo esse autor,

Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intensionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes. Sobre o plano extensional, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos intensionais, elas vieram a alterar algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana (GIDDENS, 1991, p. 14).

Dessa feita, afirma ainda Hall (2000), essas sociedades “são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes ‘posições de sujeito’ – isto é, de identidades – para os indivíduos” (HALL, 2000, p. 17).

Nesse contexto, as identidades são negociadas e articuladas, “mas essa articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta” (HALL, 2000, p. 17). Podemos dizer, sobre a discussão feita acima, que há, constantemente, a possibilidade de novas negociações e articulações dessas identidades, permitindo momentos de identificação do sujeito pós-moderno, o que resulta em um processo de subjetivação.

1.1.2 Identidade, identificação e subjetividade

Não pretendemos, com este esboço, esgotar, nem mesmo encontrar um fechamento para as noções aventadas acima. Ao contrário, pela impossibilidade de cercar as fronteiras, é possível perceber quão frágeis elas são, quando se tenta, mesmo que de forma didática, separá-las. Ao trabalharmos com o tema identidade, não podemos deixar de mencionar as diversas formas como os(as) estudiosos(as) tratam esses conceitos. Os termos identidade, identificação e subjetividade estão imbricados, mas não sobrepostos como veremos a seguir.

De acordo com Hall (2005), várias áreas disciplinares têm efetuado deslocamentos em relação às noções de sujeito e de identidade por meio da desconstrução do essencialismo que norteia os conceitos do paradigma moderno, dentre elas:

- ❖ a Filosofia critica a concepção de sujeito “auto-sustentável” (HALL, 2005, p. 103), herdado da tradição metafísica;
- ❖ a Psicanálise influencia os discursos feministas e culturais, que dão destaque aos níveis inconscientes na “formação da subjetividade, colocando-se em questão, assim, as concepções racionalistas de sujeito” (HALL, 2005, p. 103).

Esses deslocamentos também ocorrem, ao surgirem, com as teorizações sob a perspectiva pós-moderna, discussões a respeito da performatividade da linguagem, que colocam em evidência, segundo Hall (2005, p. 103), “um ‘eu’ inevitavelmente performativo” e de problematizações em torno das noções de subjetividade e de identidade que assumem conotações criativas “no contexto da crítica antiessencialista das concepções étnicas, raciais e nacionais da identidade e da ‘política da localização’” (HALL, 2005, p. 103).

Diante do exposto, pareceria desnecessário discutir qualquer outra dimensão dos deslocamentos dos conceitos arrolados acima, ou, mais especificamente, do de identidade. Mas, para Hall (2005), há necessidade de outras abordagens que merecem ser incluídas na problematização desse tema. Dessa forma, ele inclui mais duas formas de problematizar a noção de identidade. A primeira abordagem a que ele se refere e coloca em pauta é a possibilidade de se pensar o conceito de identidade a partir do projeto desconstrutivo derridiano.

Diferentemente das correntes conceituais, de cunho positivista, que visam à crítica e à construção de novos conceitos que possam substituir aqueles considerados ultrapassados,

portanto inadequados, o trabalho de desconstrução derridiano (DERRIDA, 1973, 2001, 2005) sugere que a identidade, assim como outros conceitos que passaram pela reflexão desconstrutivista, “opera sob ‘rasura’, no intervalo entre a inversão e a emergência” (HALL, 2005, p. 104). O que quer dizer que o deslocamento desse conceito não pode mais ser pensado sob o prisma do essencialismo; da fixidez e da homogeneidade. Isso significa não conceber a identidade, assim como outros conceitos, como totalidades fixas passíveis de fechamento (RAJAGOPALAN, 2002, 2003; HALL, 2005; FERREIRA, 2006).

Já a segunda forma de se desenvolver uma discussão-problematização sobre o tema identidade, além de tudo o que já foi feito até hoje é, segundo Hall (2005), a partir da noção de identificação. Hall (2005) coloca em pauta a noção de identidade, contrapondo-a à concepção de identificação desenvolvida a partir de duas perspectivas: a discursiva e a psicanalítica. Para ele, o conceito de identificação ainda não foi suficientemente desenvolvido pelos estudos sociais e culturais e, embora esse conceito seja tão complexo quanto o de identidade, ainda é preferível ao último. O autor começa seu argumento em relação à sua preferência advertindo-nos de que não podemos nos limitar, para compreender a noção de identificação, aos estudos discursivos e psicanalíticos. Entretanto, ele afirma que são dois caminhos possíveis, por meio dos quais esse termo pode ser explicado, entendido.

A abordagem discursiva, em contraste com o “naturalismo” fundante da definição de identificação do senso comum, qual seja, a consideração de que a identificação se constrói a partir da descoberta de que existem traços comuns que podem ser reconhecidos e partilhados entre pessoas ou grupos diferentes, concebe a identificação como um processo em constante construção, que nunca se fecha, se completa, subentendendo-se, a isso, o fato de que ela (a identificação) está sempre em aberto, podendo ser assumida ou abandonada (HALL, 2005).

A identificação, nesse caso, não se dá por uma completude, ou seja, ela não preenche a “fantasia de incorporação” entre o “mesmo” e o “outro” (HALL, 2005, p. 106), por isso mesmo, ela não anula a diferença, pois não há um encaixe completo, total; há algo que falta ou sobra. Nas palavras do autor,

[...] a identificação é, pois, um processo de articulação, uma suturação, na sobredeterminação, e não uma subsunção. Há sempre “demasiado” ou “muito pouco” — uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade (HALL, 2005, p. 106).

É nesse sentido que a identificação, como prática de significação, pode ser entendida a partir da noção de *différance*, de Derrida (1972); ela está sujeita às regras do jogo da *différance* (HALL, 2000; WOODWARD, 2005; SILVA, 2005), quais sejam: está sujeita ao processo de adiamento de uma presença que não se concretiza, mas simbolicamente marca suas fronteiras e depende do que sobra, da exterioridade que consolida esse processo discursivo de sua constituição (HALL, 2005). Isso significa dizer que algo escapa, permitindo a possibilidade de movência do processo de identificação do sujeito, já que não há um encaixe perfeito.

Sendo assim, a abordagem discursiva do conceito de identificação está sujeita a um eterno deslizar, pois é um processo e, entendido dessa maneira, espera-se que ele nunca se feche; mesmo que de forma imaginária (simbolicamente) tenhamos que cercar as fronteiras para termos a ilusão de sua existência totalizante.

Isso nos leva a pensar a identificação a partir da segunda perspectiva, ou seja, pensá-la em termos psicanalíticos dos quais carrega uma herança semântica (HALL, 2005). Para Hall, que explica a identificação, nessa perspectiva, a partir do complexo de Édipo, o sentimento de amor e hostilidade em relação aos pais insere a ambivalência no cerne do processo de identificação. Assim, o sujeito sempre estará na busca eterna de sua completude em uma constante tentativa de satisfação de seu desejo, que nunca é alcançada, pois a identificação “não é aquilo que prende alguém a um objeto que existe, mas aquilo que prende alguém à escolha de um objeto perdido” (HALL, 2005, p. 107).

Esse autor, portanto, problematiza o conceito de identificação para abordar a noção não-essencialista do conceito de identidade. O que ele define como identidade não diz respeito ao essencialismo de “um núcleo estável do eu que passa, do início ao fim, sem qualquer mudança por todas as vicissitudes da história” (HALL, 2005, p. 108); noção geralmente atribuída a esse termo. Tampouco relaciona identidade com o eu coletivo transcendental que garante às pessoas um sentimento de pertença a uma determinada cultura. Ao contrário, no que diz respeito ao primeiro aspecto, “as identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação”, afirma Hall (2005, p. 108).

Quanto ao segundo aspecto apontado por Hall, pensado a partir da questão da identidade cultural, ou seja, ao sentimento de pertencimento comum às pessoas de uma mesma nação ou cultura, Hall (2005, 2006) garante que não estamos fadados, por essa razão,

a manter uma identidade una, indivisível, por meio de nossas tradições. Ao contrário, o sujeito não é ontologizado, pois, por meio das tradições, nossas identidades culturais são produzidas, já que “a cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno” (HALL, 2006, p. 43), mas depende desse passado de tradição para nos fornecer subsídios para que tenhamos capacidade de nos criarmos novamente, de nos movermos para novas posições de sujeito. Dessa forma, nossas identidades não estariam sujeitas à ontologização e teleologização culturais do ser e, sim, do tornar-se; portanto, passíveis de deslocamento, de movência, ou seja, passíveis de ocupar outros lugares, sem garantia, portanto, de estabilidade (HALL, 2006).

Para Woodward (2005), uma das discussões mais profícuas e que está no cerne da questão dos estudos sobre a identidade diz respeito às visões essencialista e a não-essencialista e a tensão existente entre elas. Segundo essa autora, o essencialismo busca, na história, e, na biologia, sustentação para suas argumentações (HALL, 1996, 2000, 2005; RAJAGOPALAN, 2002; SILVA, 2005). É o caso, segundo Woodward, de movimentos sociais e políticos que geralmente buscam a garantia de uma identidade fixa em elementos que foram partilhados em um passado comum ou em fundamentações biológicas que sustentam a verdade dos fatos. Essas questões, conforme Woodward (2005, p. 16), “ilustram as tensões que existem entre as concepções construcionistas e as concepções essencialistas de identidade”. É a eterna tensão existente entre os que defendem uma concepção essencialista e aqueles que insistem na versão não essencialista de identidade.

Outra problematização importante em torno do tema identidade é feita por Souza (1994) que, em sua leitura psicanalítica da busca por uma identidade nacional, afirma que o termo identidade traduz a idéia de algo estável, pronto, conflitando “com o descentramento que a descoberta do inconsciente introduz na consciência de si” (SOUZA, 1994, p. 199). Para ele, o termo identidade sugere referência a “conteúdos disponíveis para a consciência, implicando, portanto, uma relação de desconhecimento e alienação face ao inconsciente, determinante último da vida psíquica de cada um” (SOUZA, 1994, p. 199). Dessa forma, Souza (1994) adota o termo “identificação”, já que a Psicanálise concebe a identidade decomposta em uma série de identificações que a constituem.

Sobre a dimensão psíquica na representação e na produção das identidades, Woodward (2005) aponta, como Sousa (1994), a ênfase dada ao processo de identificação. Por esse processo de identificação, Woodward (2005) entende que os sujeitos identificam-se com os outros. Isso ocorre, segundo essa autora, “seja pela ausência de uma consciência da

diferença ou da separação, seja como resultado de supostas similaridades” (WOODWARD, 2005, p. 18), resultando nas diferentes facetas identitárias que constituem o sujeito.

Segundo Woodward, os Estudos Culturais têm retomado esse conceito, principalmente os estudos relativos à teoria do cinema, que o utiliza (o conceito de identificação) para mostrar como é possível nos identificarmos com imagens ou personagens que aparecem na tela, por meio de um mecanismo de forte ativação de desejos inconscientes relativamente a essas personagens (pessoas) e imagens. Dessa forma, “diferentes significados são produzidos por diferentes sistemas simbólicos, mas esses significados são contestados e cambiantes” (WOODWARD, 2005, p. 18), isto é, eles podem tanto capturar o telespectador como causar-lhe um sentimento de repúdio, de rejeição às pessoas e/ou imagens mostradas. A partir do efeito sobre o sujeito-telespectador, haverá uma negociação. Por isso, é possível, no processo de identificação e constituição identitária das pessoas,

levantar questões sobre o poder da representação e sobre como e por que alguns significados são preferidos relativamente a outros. Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder; incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade [...]. Somos constrangidos, entretanto, não apenas pela gama de possibilidades que a cultura oferece, isto é, pela variedade de representações simbólicas, mas também pelas relações sociais (WOODWARD, 2005, p. 18-19).

Os sujeitos são afetados pela cultura e pelo sistema social que produzem diferentes possibilidades de representações simbólicas com as quais vão se identificar ou não. Essas representações, no dizer da autora supracitada, não são neutras; vêm carregadas de valores ideológicos e políticos, pois funcionam como forma de classificação do mundo: os excluídos e os incluídos em determinado grupo ou instância, representada pelos sistemas simbólicos e culturais que fazem emergir sentidos que caracterizam esse lugar.

O processo de constituição identitária depende da identificação do sujeito com uma ou várias possibilidades “de ser” que os significados produzidos culturalmente lhe oferecem. Não basta apenas que as várias formas de identidade existam numa cultura para que vivamos a nossa subjetividade, ou seja, o nosso modo de ser. Para Woodward,

Quaisquer que sejam os conjuntos de significados construídos pelos discursos, eles só podem ser eficazes se eles nos recrutam como sujeitos. Os sujeitos são, assim, sujeitados ao discurso e devem [...] assumi-lo como indivíduos que, dessa forma, se posicionam a si próprios. As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades (WOODWARD, 2005, p. 55).

Quando se subjetivam pelo processo de identificação, os sujeitos passam por atravessamentos em níveis inconscientes, que marcam esse processo por contradições, devido às forças que fogem ao domínio racional desses mesmos sujeitos e que permeiam sua constituição identitária (WOODWARD, 2005). O processo de subjetivação participa da constituição identitária do sujeito, pois

[...] o conceito de subjetividade permite uma exploração dos sentimentos que estão envolvidos no processo da identidade e do investimento pessoal que fazemos em posições específicas de identidade. Ele nos permite explicar as razões pelas quais nós nos apegamos a identidades particulares (WOODWARD, 2005, p. 55-56).

Signorini (2002) aponta o desafio enfrentado por muitos estudos contemporâneos em torno da questão da subjetividade, os quais, segundo ela, geralmente são reconhecidos como pertencentes a dois grandes paradigmas: os estudos desenvolvidos sob a perspectiva da modernidade e aqueles sob a orientação da perspectiva da pós-modernidade. O desafio a que se refere a autora e ao qual se propõem esses estudos é o de

[...] (re)pensar a subjetividade num momento de grandes transformações, tanto no campo da economia e da política — capitalismo avançado e globalização econômica, fortalecimento das minorias —, quanto no campo das ciências, das tecnologias, e das artes — rupturas e bifurcações no campo epistemológico; coexistência de múltiplos paradigmas conceituais e teórico-metodológicos (SIGNORINI, 2002, p. 334).

O ponto comum que Signorini (2002) atribui aos trabalhos da primeira vertente, paradigmas modernos, é o fato de afirmarem a “idéia de desenvolvimento teleológico num tempo reversível, isto é, elíptico ou circular, a partir de uma origem conhecida (ou conhecível), isto é, a partir de uma arqueologia fundadora” (SIGNORINI, 2002, p. 334). Por um outro lado, os paradigmas pós-modernos apresentam como ponto convergente em seus estudos, conforme Signorini (2002, p. 335), “a negação da idéia de origem e de

desenvolvimento teleológico, e a afirmação da irreversibilidade no tempo”. E esse ponto de convergência, reitera a autora,

[...] é o da pulverização em diferentes graus e da irrecuperabilidade de qualquer fechamento ou totalização não local e precária na determinação do sujeito. Desse modo, a problemática do sujeito, nessas abordagens, tende a ser assimilada a uma problemática da complexidade (instabilidade, descontinuidade, abertura) __ em contraposição à da pluralidade __, e a uma problemática dos processos de subjetivação __ em contraposição à da identidade (SIGNORINI, 2002, p. 337).

Signorini reconhece a complexidade que envolve as noções de sujeito e de subjetividade e as coloca em oposição à noção de identidade, que denota a idéia de uma identidade única, estável. Isso significa que as constituições identitárias dos sujeitos passam pelo processo de (re)configuração constantes em contraste com as noções de sujeito e de identidade homogêneas. Assim, essa noção de sujeito complexo contrapõe-se ao “sujeito unotodo [...], na medida em que não prevê, para a categoria sujeito, a existência de contornos bem definidos e enfatiza o caráter provisório e pontual, evanescente mesmo [...] de seus diferentes modos de configuração” (SIGNORINI, 2002, p. 343).

Assim, de forma resumida, diríamos que o sujeito constitui-se no/pelo encontro/entrecruzamento de diversos tipos de linguagem, responsáveis pelos processos de subjetivação que resultam em sua constituição fragmentada (SIGNORINI, 2002; RAJAGOPALAN, 2003; WOODWARD, 2005).

Woodward (2005) busca subsídios na teoria lacaniana para explicar a suposta origem da subjetividade. Para ela, a fase do espelho de Lacan configura-se na primeira versão do que seja a subjetividade. No estágio do espelho, há a ruptura da criança com a mãe. A criança percebe-se como ser, separada do corpo da mãe. A partir dessa ruptura, parafraseando Lacan, Woodward afirma que se dá “o primeiro encontro com o processo de construção de um ‘eu’, por meio da visão do reflexo de um eu corporificado, de um eu que tem fronteiras” e que “prepara, assim, a cena para todas as identificações futuras” (WOODWARD, 2005, p. 64). Para Rajagopalan (2003), Hall (2005) e Woodward (2005), esse processo será contínuo e infinito, pois os significados produzidos social e culturalmente e com os quais nos identificamos ou não são renovados e ressignificados constantemente e, assim, a partir dos significantes que são sempre adiados, as identidades são reconstruídas, postergadas *ad infinitum*; é um processo contínuo e ininterrupto.

1.1.3 Identidade e diferença

Problematizações feitas por estudiosos(as) da identidade (HALL, 2000, 2005; WOODWARD, 2005; SILVA, 2005; RAJAGOPALAN, 2002, 2003; MOITA LOPES, 1998) rompem com a forma de se ver a identidade como algo estático, fixo e transcendental. Para os autores acima, as identidades constroem-se e reconstroem-se de acordo com as circunstâncias, isto é, conforme o momento sócio-histórico e cultural em que está inserido o sujeito. Essas identidades são delineadas em um dado contexto político, social, histórico e cultural, ou seja, de acordo com as relações estruturais que vigoram em um determinado momento e em oposição às demais identidades em ebulição e conflito, pois “a única forma de definir uma identidade é em oposição a outras identidades em jogo” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 71).

Para Woodward (2005), as identidades passam por um processo de marcação da diferença para terem existência e serem produzidas, através de um sistema de classificação simbólica e social, próprio de cada cultura. O processo de produção social e simbólica das identidades pela diferença vincula-se aos “sistemas classificatórios”, que dividem os grupos sociais com todas as características que os significam culturalmente em, no mínimo, dois grupos (WOODWARD, 2005).

Essa autora cita, como exemplo, os ritos religiosos, que representam simbolicamente as relações sociais, colocando-as em dois pólos opostos: aquelas que são profanas e as que são sagradas. Essa classificação do mundo cria e produz posições de identidade, de acordo com cada cultura, isto é, com o que é gerado por ela (WOODWARD, 2005). Sem a marcação da diferença não existe a possibilidade da criação e/ou reivindicação das identidades.

A esse respeito, Silva (2005) adverte que um dos grandes problemas que surgem no trabalho com a diferença e a identidade é o tratamento dado a elas na perspectiva da diversidade: assim como a diversidade, a diferença e a identidade são tratadas como algo da essência, já existentes; “são tomadas como dados ou fatos da vida social diante dos quais se deve tomar posição” (SILVA, 2005, p. 73). Espera-se uma tomada de posição aceita socialmente, o que implica uma postura de respeito e tolerância, tanto em relação à diversidade quanto em relação à diferença. Isto traz consequências sérias, pois, nessa perspectiva (da diversidade), “a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas” (SILVA, 2005, p. 73), impedindo que se processe algum

deslocamento. Nessa perspectiva, segundo Silva (2005), a identidade e a diferença são entendidas como entidades independentes, auto-suficientes, que têm como referência elas próprias.

Na realidade, afirma Silva (2005), a identidade e a diferença mantêm uma relação de dependência entre si, visto que, quando afirmamos que “somos algo”, parece que estamos fazendo referência a uma identidade que se esgota em si mesma, mas, subjacente a essa afirmação, há “uma extensa cadeia de ‘negações’, de expressões negativas de identidades, de diferenças” (SILVA, 2005 p. 75). Caso contrário, não faria sentido afirmarmos nossas identidades. Assim, a marcação da diferença só se justifica ou ganha sentido quando marcada em relação à produção das identidades. Quando se afirma a diferença, faz-se referência concomitante a uma cadeia negativa de declarações sobre identidades. De acordo com o autor, é por isso que existe uma dependência mútua entre identidade e diferença.

Além dessa característica, a identidade e a diferença, conforme sustentam Rajagopalan (2002), Silva (2005), Woodward (2005), Hall (2000, 2005) e Signorini (2002), são construtos e não produtos encontrados na natureza, ou seja, “não são essências, não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas”, mas “são o resultado de atos de criação lingüística” (SILVA, 2005, p. 76). Assim, o conceito de identidade está diretamente ligado ao de diferença, e ambas são criadas nas relações sociais e culturais que se manifestam/realizam via linguagem. Isto se torna possível por meio de “atos de linguagem”, que se materializam nos atos de nomeação,⁷ através dos quais produzimos/criamos identidade e diferença (SILVA, 2005).

Essa distinção pode ser percebida somente quando concebemos a identidade e a diferença como criações que se determinam, já que não são entidades autônomas. Elas são o resultado de produções lingüísticas e, portanto, apresentam todas as especificidades que caracterizam a linguagem, isto é, são marcadas pela instabilidade, pelo não-fechamento, pela contingência. Mas esse complexo sistema de diferença sob o qual passa a produção da identidade nasce da problematização do sistema de diferenciação, cuja base está nos estudos lingüísticos do lingüista Ferdinand Saussure (SILVA, 2005).

Partindo do trabalho de Derrida (1972) no que concerne à problematização da noção de signo estabelecida por Saussure, Silva (2005), Woodward (2005), Hall (2005) e Rajagopalan (2003) também questionam a relação biunívoca entre significante e significado.

⁷ Desenvolvemos esse tema no item “1.3 Nomeação e política de representação”.

Esses autores partem da idéia de fluidez, de movência do processo de constituição identitária e de diferença. A partir dessa problematização, Silva (2005) e Rajagopalan (2003) afirmam que somos constituídos na/pela linguagem, a qual é constitutivamente instável, quando entendida como um sistema de significação, portanto, nossas identidades são também instáveis, contraditórias e fragmentadas, já que são frutos dessa linguagem que “vacila” (SILVA, 2005, p. 78).

Outra forma de encarar a questão da identidade e da diferença, segundo Silva (2005, p. 78), é por meio do entendimento da “[...] indeterminação da linguagem como decorrente de uma característica fundamental do signo”, pois o signo não representa a coisa em si, ele é apenas um sinal. Nas palavras desse autor, o signo é

uma marca, um traço que está no lugar de uma outra coisa, a qual pode ser um objeto concreto [...], um conceito ligado a um objeto concreto [...] ou um conceito abstrato. O signo não coincide com a coisa ou o conceito. Na linguagem filosófica de Derrida, poderíamos dizer que o signo não é uma presença, ou seja, a coisa ou o conceito não estão presentes no signo (SILVA, 2005, p. 78).

De acordo com Silva, é esse processo da ilusão da presença do conceito ou do referente no signo que Derrida nomeou de metafísica da presença, que é uma presença nunca concretizada, sempre adiada. Conforme aponta Silva (2005), Derrida vai mais além, introduzindo nessa discussão a noção de traço, que se pode entender a partir da idéia de que o próprio signo denuncia tanto traços do objeto no lugar do qual ele está quanto traços que evidenciam a diferença entre o objeto que o signo representa e aquele ao qual faz oposição. Aplicando-se a noção de traço aos estudos culturais sobre a identidade e a diferença, conclui-se que o outro está sempre presente no mesmo (SILVA, 2005).

Quanto a esse aspecto da diferença como a mola propulsora da produção e reivindicação de identidades, Moita Lopes (1998) chama a atenção para o fato de que a diferença é construída no seio das relações socioinstitucionais, e não é um aspecto intrínseco às pessoas, pois, se não fosse entendida dessa maneira, as diferentes formas pelas quais as identidades das pessoas são construídas nas relações sociodiscursivas tenderiam a ser encaradas como caracterizações da ordem do natural. Desse modo, o preconceito e estereótipos invadiriam nossas relações sociais como comportamentos naturais da vida em sociedade, desembocando na legitimação dos mesmos e, conseqüentemente, instaurando, em

nosso meio, um processo de exclusão naturalizado, geralmente dentro de um sistema classificatório baseado na oposição binária, como veremos abaixo.

Ao problematizar essa questão, Woodward (2005) argumenta que quando se coloca que a identidade e a diferença são produzidas mutuamente sob um sistema de diferenciação, na/pela linguagem, isto não significa que esse processo esteja calcado em bases essencialistas que as concebem como unas, fixas, estáveis e autônomas. Esse argumento pode ser sustentado recorrendo-se ao conceito de *différance* de Jacques Derrida. Woodward (2005) afirma que Jacques Derrida, ao desconstruir o signo saussuriano, sugere que “o significado é sempre diferido ou adiado; ele não é completamente fixo ou completo, de forma que sempre existe algum deslizamento” (WOODWARD, 2005, p. 28). Diferentemente de Saussure, que postulou a relação direta entre significante e significado, Derrida (1972 *apud* DUQUE-ESTRADA) defende a idéia de que, em um sistema de diferença, um significante nunca aponta para um significado, mas que um significante sempre se remete a outro significante em um constante deslizar.

Para Silva (2005), Rajagopalan (2003), dentre outros, as novas relações entre os povos do mundo, com o advento da globalização, provocaram deslocamentos em várias áreas do conhecimento humano que têm se sustentado sob as bases das teorias filosóficas logocêntricas.⁸ Conseqüentemente, as noções de língua, de sujeito e de identidade também sofreram deslocamentos.

Pode-se inferir, com as discussões arroladas nesta seção, que está em jogo a preocupação com o uso e o entendimento, muitas vezes equivocados, dos termos diversidade, diferença e identidade, quando percebidos numa perspectiva essencialista. Por esta razão, esses termos foram retomados e problematizados numa perspectiva pós-estruturalista.

1.1.4 A função da representação na (re)construção das identidades

O termo representação possui uma multiplicidade de conotações, algumas das quais problematizamos nesta seção. De acordo com Rajagopalan (2002, 2003), o termo representação, durante muito tempo, foi ligado à forma como a própria linguagem era percebida: como um instrumento de representação direta do mundo. Assim, esse termo era

⁸ Segundo Arrojo (2003, p. 9), a tradição logocêntrica é a “base sobre a qual repousa a concepção ocidental de racionalidade”.

empregado no sentido de se buscar a apreensão do mundo, por meio da linguagem, de forma objetiva, sem a mediação da história, do social e das esferas inconscientes; como se a relação da linguagem com o mundo pudesse ser estabelecida de forma direta e neutra. Essa noção marcou os estudos lingüísticos estruturalistas que, por sua vez, serviram de base para várias correntes subseqüentes que, ou endossam, ou refutam essa concepção.

Examinando essa visão clássica de representação, Rajagopalan (2003, p. 33-34) mostra-nos quão vã é a crença de que “é a linguagem que representa o mundo” e que, em condições favoráveis, a linguagem apresentar-se-ia cristalina. Para esse autor, a representação é uma questão política uma vez que envolve escolhas, isto é, subjacente à representação, há valores éticos, políticos e ideológicos do sujeito/falante, usuário dessa linguagem, por meio dos quais ele emite pareceres sobre o mundo que o cerca. Portanto, a famigerada transparência da linguagem não encontra espaço no interior dessa nova concepção de representação, a partir da qual pesquisadores, como Derrida (1972, 2001), Rajagopalan (2002, 2003), Silva (2005), entre outros, constroem suas teorias.

A representação, conforme Silva (2005), assume, portanto, outras conotações no pensamento pós-estruturalista e questiona a idéia clássica de representação. Para Silva (2005, p. 90),

No registro pós-estruturalista, a representação é concebida unicamente em sua dimensão de significante, isto é, como sistema de signos, como pura marca material. A representação expressa-se por meio de uma pintura, de uma fotografia, de um filme, de um texto, de uma expressão oral. A representação não é, nessa concepção, nunca, representação mental ou interior. A representação é, aqui, sempre marca ou traço visível, exterior.

É por isso que a representação, na visão pós-estruturalista, é sempre entendida como um construto. Conforme aponta Silva (2005), essa forma de representação, abordada em sua dimensão externa, contrapõe-se ao ponto de vista da filosofia clássica, que a concebe em sua dimensão interna. Para esse autor, “é precisamente por conceber a linguagem – e, por extensão, todo sistema de significação – como uma estrutura instável e indeterminada que o pós-estruturalismo questiona a noção clássica de representação” (SILVA, 2005, p. 90). Isso significa dizer que a visão pós-estruturalista rejeita a noção de representação em sua dimensão interna entendida como a manifestação ou descrição do homem sobre o mundo numa perspectiva que a concebe como neutra e transparente. Essa dimensão interna está ligada à

representação mental do mundo social, àquilo que pertence à dimensão da consciência. Ela está calcada na noção de representação como descrição, isto é, na idéia de que a representação dos fatos do mundo dá-se sem a mediação dos aspectos sociais, culturais, históricos, ideológicos e aqueles da ordem do inconsciente que perpassam a linguagem e a vida das pessoas.

A partir desse conceito de representação da filosofia clássica, Saussure fundou uma ciência, a lingüística, criando a dicotomia significante/significado, que deu origem a outras dicotomias, tais como: língua e fala (*langue* e *parole*), falante/objeto etc. Para tanto, seu projeto fundamentou-se no contexto do fonocentrismo. Desta forma, para sustentar a sua argumentação, Saussure não levou em consideração as contradições existentes no interior de sua teoria, ao criar essas dicotomias cujas representações subordinavam o significante ao significado, a fala à escrita (DERRIDA, 2001).

Toda teoria lingüística que partiu da visão filosófica clássica de representação, fundou relações hierárquicas entre os saberes e coibiu qualquer possibilidade de relação e imbricação entre as oposições criadas. Isso ocorreu porque, para Saussure, naquele momento, só interessava a sistematização e a estruturalização da língua(gem), conforme apontam Rajagopalan (2002, 2003) e Arrojo (2003).

Essa representação da linguagem, que teve como elemento fundante a criação da dicotomia significante/significado, causou incômodo em muitos pesquisadores, os quais percebiam que, ao tratar a língua(gem) como um sistema fechado em si mesmo, Saussure havia excluído e negligenciado o caráter heterogêneo da linguagem, que, ao ser considerado, traz à tona deslocamentos e problematizações não tocadas por Saussure, principalmente o caráter social e histórico da linguagem (RAJAGOPALAN, 2003).

A esse conceito de linguagem, como representação fiel da realidade, também está vinculado o binarismo fala/escrita. Derrida (1972, 2001) problematiza esse par dicotômico em obras tais como *Margens da Filosofia*, *Posições* etc. Para esse autor, o fato de a escrita existir como um meio de comunicação derivado da (e/ou subordinado à) fala, isto é, a escrita concebida como uma versão imperfeita da verdade, uma deturpação do que é transmitido (e captado) pela fala pode pressupor, a princípio, um “espaço homogêneo da comunicação dentro dos estudos filosóficos” (DERRIDA, 1972, p. 351). Ao contrário, esse posicionamento trouxe implicações sérias, pois, ao adotar esse parâmetro de linguagem (escrita), uma das implicações dessa visão filosófica clássica, para esse autor é que “não estamos lidando com

uma coexistência pacífica de um face a face, mas uma hierarquia violenta. Um dos termos comanda (axiologicamente, logicamente etc.), ocupa o lugar mais alto” (DERRIDA, 2001, p. 48).

A forma de intervenção proposta por Derrida (2001) é a desconstrução da dicotomia através de sua inversão, passando-se a não ignorar a relação de tensão entre os pares dicotômicos. Para Derrida, não basta que a inversão seja feita, pois, se nos comportarmos assim, isto é, apenas invertendo os pares, estabelecemos uma nova oposição sem nos deslocarmos, e isto nos priva de elementos/instrumentos de que dispomos para intervir no que está subjacente à estrutura que construiu a naturalização da dicotomia anterior.

Para ilustrar essa guinada em torno da linguagem e, conseqüentemente, da representação, abordamos novamente os estudos lingüísticos e culturais que discutem questões relacionadas à representação e ao poder dos quais a identidade e a diferença “são estreitamente dependentes” (SILVA, 2005, p. 91). Tais perspectivas teóricas levam em conta as implicações éticas e políticas que envolvem o uso da linguagem e a construção das identidades.

Os pesquisadores que se inserem no âmbito dos estudos culturais, assim como Hall (1996), em seu ensaio intitulado “Identidade Cultural e Diáspora”, dão ênfase às identidades e representações culturais. Para tanto, o referido autor, coloca o negro no centro de suas preocupações e evidencia as práticas culturais e formas de representação que o constituem. Ao tomar a identidade como produção e não como essência, o autor destaca que a constituição de identidade ocorre no interior de um sistema de representação. Hall parte disso para abrir uma discussão em torno dos conceitos de identidade e representação culturais.

Ainda de acordo com Hall (1996), as identidades culturais podem ser pensadas de duas maneiras, ligadas a dois posicionamentos. A primeira forma de pensá-las implica concebê-las como identidades que traduzem as vivências históricas e os sistemas simbólicos de representação reconhecidos pelas pessoas de uma mesma cultura, que oferecem a um determinado povo um sentimento de unidade; fornecem “quadros de referência estáveis, contínuos, imutáveis por sob as divisões cambiantes e as vicissitudes” (HALL, 1996, p. 68) da história vivida por esse povo. O sentimento de unidade que subjaz “a todas as diferenças de superfície, é a verdade, a essência da ‘condição caribenha’, da experiência negra”, afirma Hall (1996, p. 68).

Esse modo de conceber a identidade, de acordo com Hall (1996), contribuiu para a emergência de formas de representação, resultantes das lutas pós-coloniais que buscavam, na história, uma identidade que os remetesse a uma existência mais digna, atitudes próprias dos povos marginalizados, como é o caso dos negros do Caribe. Esse autor compreende essas formas de representação da diáspora negra ou caribenha, que buscam a unidade que foi rechaçada pela colonização e pela escravidão, como meio de manifestação e sustentação dos movimentos sociais.

A outra posição de identidade cultural, abordada por Hall (1996), aponta para o fato de que, além das similaridades, ou dos aspectos comuns, mencionados na primeira empreitada, na busca de uma identidade cultural, há diferenças construídas pela intervenção histórica, que, de forma marcante, constituem aquilo em que os sujeitos se tornam. Assim, a identidade cultural não é explicada apenas no âmbito da mesmidade, da similaridade, mas também por meio de seu reverso, por meio da diferença; diferença que pressupõe rupturas e descontinuidades, constitutivas da identidade cultural (HALL, 1996).

Segundo Silva (2005) e Rajagopalan (2003), o pós-estruturalismo questiona o conceito de representação na perspectiva do estruturalismo, que constrói seus pressupostos teóricos com base na noção de linguagem como um sistema reduzido a si mesmo, portanto estável, previamente determinado. Ao contrário, o pós-estruturalismo concebe a linguagem “como uma estrutura instável e indeterminada” (SILVA, 2005, p. 90). Assim, o conceito de representação, nessa perspectiva, sofre deslocamentos, incorporando “todas as características de indeterminação, ambigüidade e instabilidade atribuídas à linguagem” (SILVA, 2005, p. 91).

Ainda no dizer de Silva, tomando como parâmetro a perspectiva pós-estruturalista,

a representação não aloja a presença do “real” ou do significado. A representação não é simplesmente um meio transparente de expressão de algum suposto referente. Em vez disso, a representação é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido. Como tal, a representação é um sistema lingüístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder (SILVA, 2005, p. 91).

Dessa noção de representação como um sistema lingüístico e cultural arbitrário, perpassado pela estrutura de poder, dependem os conceitos de identidade e diferença (SILVA, 2005), já que, para que tenham existência, ambas precisam ser representadas. Por trás da

reivindicação e da produção da identidade e da diferença está a representação, dando-lhes sustentação (HALL, 2005).

Woodward (2005), quando problematiza a imbricação entre identidade e representação, apresenta um dado interessante, qual seja, o de que um sistema de representação traz, em seu bojo, a relação entre cultura e significado. Dessa forma, um sistema de representação, por meio do qual se cria a identidade, pode ser examinado a partir da cultura e dos significados existentes nela.

Além disso, segundo Woodward, a possibilidade de se entender os significados envolvidos nesses sistemas de representação ocorrerá, quando se tiver “alguma idéia sobre quais posições-de-sujeito eles produzem e como nós, como sujeitos, podemos ser posicionados em seu interior” (WOODWARD, 2005, p. 17). Como a representação é perpassada pelo poder, os lugares ocupados pelos sujeitos, dentro de um sistema de representação, permitem que se diga que os sujeitos ocupam essas ou aquelas posições, segundo uma política de representação (RAJAGOPALAN, 2002, 2003).

As identidades, produzidas pelo sistema de representação que produz os significados por meio dos sistemas simbólicos, indicam as nossas posições subjetivas, dando sentido tanto àquilo que somos quanto àquilo em que nos tornamos (WOODWARD, 2005). Portanto, “os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (WOODWARD, 2005, p. 17).

Diante do exposto, infere-se que o poder permeia todo sistema de representação. Para exemplificar como o poder envolve a produção de identidades, via política/sistema de representação, Woodward (2005, p. 17) nos mostra que “a mídia nos diz como devemos ocupar uma posição-de-sujeito particular – o adolescente ‘esperto’, o trabalhador em ascensão ou a mãe sensível”. Essa estratégia de *marketing* será eficaz desde que consiga nos capturar por meio de suas imagens por um processo de identificação.⁹ Não somente a mídia, mas também toda instância que lança mão da linguagem cria identidades ou posições-de-sujeito (WOODWARD, 2005) a partir de uma política de representação (RAJAGOPALAN, 2002, 2003).

⁹ Conceito desenvolvido no item “1.1.2 Identidade, Identificação e subjetividade”.

1.1.5 Representação, política de representação e o processo de constituição das identidades

A noção de linguagem como instrumento de representação direta e transparente do mundo ainda é muito disseminada e presente nos estudos lingüísticos, conforme nos mostra Rajagopalan (2003). Isso explica o fato, para Rajagopalan (2003, p. 29), de a gramática tradicional ter sempre privilegiado as sentenças declarativas, pois “acreditava-se que em sua forma declarativa a sentença exprimisse um ‘pensamento completo’, o qual, por sua vez, pudesse então ser ‘cotejado’ com a realidade extralingüística para se saber se era verdadeiro ou não”. Segundo essa visão, com a forma declarativa das sentenças, seria possível representar o mundo tal e qual ele se apresenta. Para o autor, esse posicionamento foi herdado da tradição lógica, cuja “atenção sempre se concentrou na forma declarativa, entendida como a forma que melhor exprime uma proposição completa” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 30).

Todavia, para Rajagopalan (2003, p. 36), “todas as formas de pensar a representação, até mesmo aquela que explicitamente procura negá-la, acabam tendo certos desdobramentos políticos”. Feitas essas considerações, partiremos para alguns apontamentos sobre os deslocamentos da noção de representação.

Rajagopalan (2002) acredita que, de forma mais acentuada após o final da Segunda Guerra, a ordem mundial entrou em colapso e, com ela, a base sobre a qual o Iluminismo se sustentava caiu por terra; cai aí a crença na “auto-emancipação do Ser Humano” (RAJAGOPALAN, 2002, p. 83), na sua racionalidade. O novo contexto pós-guerra promoveu deslocamentos na concepção do Homem racional, uno e acabado, e, concomitantemente, entrou em cena o reconhecimento da função desempenhada pela representação na criação de identidades.

Na tentativa de compreender as políticas de representação, no interior das quais se deu a produção dos vários aspectos identitários de Olga, observamos quais aspectos simbólicos e sociais de suas múltiplas facetas identitárias foram apagados e quais emergiram em cada fonte analisada, pois “as novas identidades só se criam a partir da exclusão das outras já existentes” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 75) em um constante movimento. Segundo Rajagopalan (2003), a (re)construção, a inclusão e a exclusão de identidades implicam uma questão mais profunda e crítica: a da “política de representação”. Como afirma esse autor, não poderíamos deixar de mencionar a função da política de representação que está

intrinsecamente ligada à construção da identidade, pois uma identidade é reivindicada e/ou criada segundo os interesses e as necessidades de quem a reivindica ou cria, e isto acontece sempre dentro de uma política de representação.

Para Rajagopalan (2003), toda representação está imbricada à ideologia, pois, ao representarmos algo ou alguém, somos perpassados pelos interesses políticos que envolvem nossas ações, portanto a ideologia “está presente em toda atividade humana” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 120). Partindo dessa idéia, esse autor considera que “toda representação é política porque se constitui num ato de intervenção” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 120), pois, se somos afetados ideologicamente, ao agirmos, processamos deslocamentos, transformações, assim como somos deslocados e sofremos transformações.

Dessa forma, não é possível separar representação de ideologia, pois, ao se inscrever numa representação, o sujeito deixa flagrar seus atravessamentos ideológicos, que denunciam o que está em jogo, ao fazer tal representação e não outra das pessoas, fatos etc. (RAJAGOPALAN, 2003).

Ainda de acordo com Rajagopalan (2002, p. 86), “só se têm identidades quando há quem as reivindique com empenho e fervor contínuos”. Para que as identidades nasçam em cada momento sócio-histórico e cultural, é necessário que alguém as reivindique, que haja um interesse em que novas identidades sejam produzidas.

Como já mencionado, as práticas e construções identitárias dão-se no âmbito lingüístico, isto é, os sujeitos se constituem na/pela linguagem, assim, faz-se necessário, neste momento, expor a Teoria dos Atos de Fala, desenvolvida por Austin (1990), que defende a idéia de que a linguagem é uma forma de ação e não um simples instrumento de comunicação e de descrição do mundo.

1.2 O caráter performativo da linguagem

Para abordar a questão da performatividade da linguagem, tomamos como base teórica, principalmente, os estudos do filósofo J. L. Austin (1990). Nosso principal parâmetro serão as discussões feitas em sua obra póstuma *How to do things with words*, de 1962, embora a discussão sobre “uma nova concepção de linguagem humana através do fenômeno do performativo” (OTTONI, 1998, p. 28) tenha aparecido, pela primeira vez, em seu artigo

denominado “Other Minds”, publicado em 1946. Neste artigo, Austin (1980),¹⁰ a partir do verbo saber (conhecer), constrói uma argumentação e um questionamento em torno do conhecimento “real” e “seguro” que temos das coisas do mundo. Este foi o início de seu questionamento sobre a verdade contida nos enunciados declarativos, discussão publicada posteriormente no artigo “Performatif-Constatif” (1958), no qual o autor faz toda a problematização dessa dicotomia, ambos os artigos divulgados ainda em vida.

De acordo com Rajagopalan (1996, p. 105), “praticamente tudo o que se faz hoje em dia na área da Pragmática, o subdomínio da Linguística que mais cresceu nas últimas duas ou três décadas, traz marcas inconfundíveis do pensamento desse filósofo inglês”, embora, para o autor, Austin não tenha reivindicado que seu trabalho fosse identificado sob o rótulo de estudos pragmáticos.

Os desdobramentos do pensamento austiniano foram problematizados por Derrida (1972, 2001), Fish (1980), Rajagopalan (1990, 1992, 1996), Butler (1997), Felman (2003), Ottoni (1998, 2002), Pinto (2004), Freitas (2006a), dentre outros, cujos estudos pontuam, dentre outras coisas, que é preciso que se leve em conta o lugar do qual falamos, ao procedermos à análise de um *corpus*. Esses autores partem da problematização que Austin faz da noção de verdade sobre a qual se sustenta a Filosofia Clássica. Para mostrar que não existem verdades absolutas, que, para Austin (1990), a verdade é construída a partir da visão de cada sujeito, esses autores partem de uma perspectiva que considera a noção de representação como construto, isto é, partem da idéia de que a verdade não é algo constitutivo do objeto. Ela é construída segundo a conveniência de quem a representa. Nesse sentido, podemos dizer que a verdade depende da política de representação, uma vez que, ao representar um objeto, uma pessoa, o sujeito o faz segundo àquilo que lhe convém. Nas palavras de Arrojo (2003, p. 17-18),

a desconstrução da autonomia do sujeito consciente solapa todo o projeto logocêntrico e qualquer possibilidade de uma relação puramente objetiva entre o homem e a realidade. As implicações dessa conclusão para as questões teóricas da linguagem levam obrigatoriamente a uma reformulação radical das formas pelas quais pensamos e desenvolvemos as disciplinas que se dedicam ao seu estudo.

¹⁰ Versão em português do artigo “Other Minds” .

Assim, para os autores supracitados, o questionamento da noção de verdade na obra de Austin, leva-nos a considerar a principal preocupação que norteia os estudos desse autor: a imbricação entre linguagem, ética e política, pois, de acordo com Austin (1990, p. 117), toda declaração é relativamente verdadeira “e claro que se pode entender o que se quer dizer com a afirmação de que é verdadeira para certos fins e propósitos”. Diante disso, esses autores afirmam que o olhar do sujeito sobre o objeto é sempre míope no sentido de que ele se apresenta enviesado por questões históricas, políticas, sociais e ideológicas que constituem esse sujeito, já que esse olhar se dá em nível de representação. Isto nos remete à importância do trabalho de Austin, que evidencia o uso da linguagem sempre ligado às suas consequências éticas e políticas. Nas palavras de Pinto (2004, p. 60), o trabalho teórico de Austin pontua “a dimensão ética da linguagem, porque leva às últimas consequências a identidade entre *dizer* e *fazer* e insiste na presença do *ato na linguagem*, e não aceita separação entre descrição e ação”.

De acordo com Rajagopalan (1996) e Ottoni (2002), Austin (1990, 1998), insatisfeito com os estudos filosóficos de cunho positivista e lógico, rebela-se no interior da Filosofia Analítica, contestando a lógica dentro da qual a Filosofia tradicional construía os seus conceitos. Como ressalta Rajagopalan,

[...] a filosofia analítica, fortemente influenciada pelo Positivismo lógico, destaca-se pela ênfase na análise conceitual, método eleito como o único procedimento para solucionar todos os problemas filosóficos. Os ‘conceitos’ são entes de pura cognição, desvinculados, portanto, de qualquer materialidade que seria própria às palavras que se encarregam de veiculá-los. Donde a tendência de fincar o conceito de conceito nos assim chamados ‘universais’ (RAJAGOPALAN, 1996, p. 111).

Nesse momento, pelo que pudemos depreender do texto de Rajagopalan (1996), pode-se dizer que Austin (1990) dava outra direção aos estudos filosóficos, problematizando questões relacionadas à linguagem que, na sua concepção, traziam problemas para a discussão filosófica que insistia na transcendência e universalidade de seus conceitos.

No decorrer do exercício de seu pensamento, em sua obra póstuma, *How to do things with words*, Austin (1990) cria uma dicotomia que é oportunamente desfeita por ele próprio, provocando polêmica entre os pesquisadores. Trata-se da oposição, a princípio estabelecida, entre os atos de fala que ele nomeou de proferimentos constativos e proferimentos performativos (AUSTIN, 1990, 1998).

Segue, a partir desse momento, na obra de Austin (1990), uma argumentação em torno dos enunciados que podem ser considerados performativos e daqueles que não realizam uma ação ao serem proferidos, os constativos. Para tanto, o autor usa os termos performativos e constativos, como já mencionamos, e os submete a verificações. A princípio, Austin atribuiu aos constativos a propriedade de serem checados com base nos atributos de verdadeiros ou falsos e, aos performativos, a característica de felizes e infelizes. Não satisfeito com as contradições que esse raciocínio gerou na análise dos proferimentos, e vislumbrando a impossibilidade de cercar todas as ocorrências dos mesmos, já que o contexto é aberto, Austin desfaz essa dicotomia (RAJAGOPALAN, 1990).

É importante que percebamos, como pontua Ottoni (1998), que a noção de performatividade, depois de desfeita a distinção entre os proferimentos performativos e constativos, sofre deslocamento em função da nova visão de linguagem que emerge da quebra dessa dicotomia. Há deslocamento da noção de referência, já que, como reitera Ottoni (1998, p. 37),

verdade e falsidade são conceitos que não terão mais um papel relevante nem prioritário nesta nova abordagem da linguagem. A partir deste momento pode-se falar de uma visão performativa que pressupõe necessariamente uma nova concepção, uma nova abordagem da linguagem, em que o sujeito não pode se desvincular de seu objeto fala e, conseqüentemente, em que não é possível analisar este objeto fala desvinculado do sujeito.

Segundo Rajagopalan (1990), na realidade, o desenvolvimento do argumento de Austin para manter essa dicotomia não passou de uma estratégia do filósofo para, depois de uma longa argumentação, apontar exatamente o que já havia percebido: a impossibilidade de sustentá-la. Tanto Rajagopalan (1990) como Ottoni (2002) são unânimes em afirmar que a superação da distinção dos proferimentos constativos e performativos causou polêmica e dissidência, pois, para os adeptos da linha logicista, a distinção entre tais proferimentos ruiu “todo o atrativo da verdade alética, ponto nevrálgico da semântica clássica e da visão de linguagem nutrida pelo Positivismo Lógico” (RAJAGOPALAN, 1990, p. 238-239).

Rajagopalan (1990) aponta um outro lado da não sustentação da distinção constativo/performativo, considerando os estudos derridianos sobre a desconstrução. Para ele, essa estratégia representa o grande momento na argumentação de Austin, que estabelece que o proferimento constativo também era um performativo, porém mascarado. Com essa manobra,

segundo Rajagopalan (1990, p. 237), Austin inverte “a hierarquia em questão e, ao fazer isso, desnuda o construto ideológico subjacente”, qual seja: o de se priorizar sempre os proferimentos constativos em prejuízo dos proferimentos performativos, o que garantia o poder da linguagem, nesse paradigma teórico, como representação da realidade.

Dessa forma, noções, tais como ato de fala, performativo, atos ilocucionários, locucionários e perlocucionários, problematizados por Austin (1990), trazem à baila várias interpretações de seu trabalho, que são discutidas em diferentes áreas do conhecimento humano, dentro das quais emergem polêmicas e dissidências, principalmente na Filosofia e na Lingüística (RAJAGOPALAN, 1996; OTTONI, 2002). Para Ottoni (2002) e Rajagopalan (1990, 1996), Austin torna-se o responsável pela trajetória histórica da Filosofia contemporânea, mediante a introdução, nos estudos filosóficos, das discussões sobre a linguagem e, com isso, não só revoluciona o campo da Filosofia Analítica, como também coloca em xeque os pressupostos que fundamentam a Lingüística, fundada no Positivismo Lógico.

Austin (1990), de acordo com Ottoni (2002, p. 119), “analisou a linguagem a partir das dificuldades que ela coloca frente a certos procedimentos filosóficos tradicionais”. Diferentemente dos filósofos analíticos, Austin (1990) interessa-se pelo estudo da linguagem ordinária. Para Ottoni (2002, p. 119),

O desinteresse de Austin por uma linguagem ideal é um dos pontos principais que toca diretamente a um certo tipo de lingüística e de filosofia. É a partir do estudo de certas dificuldades criadas pela linguagem ordinária que, segundo certos filósofos ou lingüistas, uma palavra não expressa um conceito preciso ou mesmo uma frase não expressa um pensamento claro, isto é, não há uma adequação entre a palavra e o conceito e entre a frase e o pensamento. A questão do sentido, do significado e da referência, para um certo tipo de lingüística e de filosofia, cria um impasse crucial e até certo ponto, insolúvel entre algumas teorias sobre a linguagem.

Como o próprio Ottoni (2002) afirma, Austin não foi o único filósofo analítico da escola de Oxford a se preocupar com o uso da linguagem; filósofos como Wittgenstein, Strawson, Ryle, entre outros, citados por Ottoni, também desenvolveram trabalhos que discutiam o uso da linguagem ordinária para resolver questões filosóficas. Contudo, o trabalho de Austin, comparado aos demais, tem um caráter inédito, pois

[...] foi Austin quem introduziu de maneira definitiva os conceitos de *performativo*, *ilocucionário* e *ato de fala*, conceitos através dos quais deslança toda a sua argumentação. Esses conceitos tanto se perpetuaram nas discussões posteriores da filosofia analítica quanto nas da lingüística (OTTONI, 2002, p. 120).

Todavia, o que significa a abordagem performativa da linguagem? Que mudanças, enfim, traz para os estudos lingüísticos e filosóficos?

Primeiramente, é possível apontar o que Rajagopalan (1990, 1996) e Ottoni (2002) perceberam na obra de Austin: a fragilidade dos pressupostos filosóficos a partir dos quais se tenta encapsular os conceitos e as verdades universais e transcendentais. Austin, segundo os autores supracitados, põe em xeque a concepção transcendental de linguagem. Para Austin, a linguagem não é transparente, objetiva, como querem os filósofos e lingüistas tradicionais. Sua argumentação, que caminha no sentido de mostrar o caráter instável da linguagem, gira em torno do que ele denominou de performatividade da linguagem. Para ele, a linguagem pode ser considerada performativa, visto que, no ato de proferir um simples enunciado, que nunca é neutro, nem apolítico, executa-se uma ação, que é “um dos elementos constitutivos da performatividade” (OTTONI, 2002, p. 129).

Segundo Rajagopalan (1996), Austin defende que não há mais a possibilidade de se falar em verdade absoluta, já que todas as questões filosóficas deveriam ser discutidas a partir da linguagem, isto é, teríamos que considerar a presença do sujeito na construção da verdade e, ao fazermos essa inclusão, a noção de verdade sofre desestabilização, já que é mediada pelo homem; ser interpretante. Todas essas reflexões se deram a partir do processo que ficou conhecido como “a virada lingüística”,¹¹ assim batizada pelo filósofo norte-americano Richard Rorty” (RAJAGOPALAN, 1996, p. 113). Conforme aponta Rajagopalan,

[...] com Frege, o autor dessa façanha, percebeu-se que não havia como estabelecer um contato direto entre a palavra e a coisa, sonho de toda a filosofia desde Platão. A referência (*Bedeutung*), a ligação com o mundo, tinha de passar antes pelo filtro do sentido (*Sinn*), pois a primeira se dava em função do segundo, e jamais ao contrário. Ora, pela primeira vez após Kant, a filosofia estava encarando para valer o caráter envolvente da linguagem humana, isto é, a impossibilidade de pensar o mundo sem a intermediação da linguagem (RAJAGOPALAN, 1996, p. 113).

¹¹ Como afirma Rajagopalan (1996, p. 111-112), trata-se de um movimento dentro da Filosofia Analítica que foi “promovido pelo filósofo alemão Gottlob Frege”, a partir do qual a “linguagem passou a ocupar lugar de destaque na atenção dos filósofos, de modo que é possível dizer que, a partir da virada do século XIX, o campo da Filosofia da Linguagem tornou-se praticamente co-extensivo ao do da própria Filosofia”.

Austin (1990), assumindo uma postura de crítico implacável contra os paradigmas da Filosofia Analítica, faz problematizações a partir de sua “Teoria dos Atos de Fala”, que se firma no momento em que a dicotomia entre proferimentos performativos e constatativos é desfeita. Suas problematizações têm impacto, principalmente nos conceitos de linguagem, verdade e referência. O autor postula, então, o conceito de “performativo”, em 1962, para contrastá-lo com o enunciado constativo ou declarativo, forma preferida dos filósofos por entenderem que esse termo denota a idéia de verdade x falsidade. O enunciado performativo, para Austin, não carrega essa propriedade, mas a função de realizar uma ação (AUSTIN, 1990, 1998). Esse conceito é de suma relevância para a análise dos dados de nosso *corpus* de estudo, pois está diretamente ligado a uma nova forma de se conceber o uso da linguagem. Ao longo de sua discussão (na obra *How to do things with words*), Austin acaba concluindo que a linguagem tem caráter performativo, visto que, ao se dizer algo, faz-se algo.

Ainda sobre essa perspectiva do deslocamento do conceito de linguagem operado por Austin (1990), Rajagopalan é contundente ao afirmar que

As coisas, entretanto, não param por aí. A superação definitiva da dicotomia inicial “constativo/performativo” implica também abandono definitivo de qualquer esperança de “ancorar” a linguagem a um fundo “sólido” e “estável” [...] ou, alternativamente, abandono definitivo da esperança de contemplar a linguagem de um ponto de vista fixo e imóvel, a uma distância cômoda e segura em relação ao objeto de análise — portanto, fora da linguagem, enfim, transcendental (RAJAGOPALAN, 1990, p. 239).

Quanto a esse aspecto, do caráter performativo da linguagem, Butler (1997) propõe que pensemos a respeito do poder exercido pela linguagem. Essa autora inicia sua argumentação com uma análise sobre a problemática da nomeação como uma forma de injúria; palavras e representações que ofendem, que ferem. Para ela, o ato de nomear se constitui, ele próprio, uma injúria, e exerce uma força sobre a pessoa injuriada.

Para Butler, a primeira forma de injúria, de violência que o ser humano sofre, ocorre no momento em que nasce, ao receber o rótulo de menino ou de menina. Conforme essa autora, essa forma de nomear não acaba em si mesma. Há implicações ético-políticas subjacentes a esses rótulos, pois ser rotulado de menino ou de menina pressupõe que esse ser está fadado a ter determinados padrões de comportamentos que correspondam ao que é esperado socialmente do seu *status* de menino ou menina. Isto porque, ao ser nomeado, o sujeito pode ser produzido pela forma de nomeação (injúria), ou seja, conforme essa autora,

por meio do chamamento (ofensivo), o sujeito pode ser interpelado a assumir uma determinada posição identitária, é interpelado a assumir determinados padrões de comportamento.

Preocupada com essa dimensão da linguagem, do ato de fala injurioso, que implica consequências éticas e políticas, Butler (1997) levanta a questão de quais palavras ferem e quais representações ofendem, sugerindo que a injúria lingüística parece ser o efeito não somente das palavras por meio das quais somos identificados, nomeados. As palavras, por si só, não são performativas. O que torna performativo o emprego de uma palavra que se configura em injúria lingüística é a carga ideológica imbricada no uso de tais atos de nomear que pode interpelar e constituir um sujeito na/pela linguagem.

Butler (1997) deixa claro que, ao ser nomeada, uma pessoa não é simplesmente identificada, representada por esse nome (rótulo). Como, para essa autora, o ato de nomear sempre é injurioso pelas razões que já apontamos acima, o indivíduo sente-se depreciado, mas essa não é a única possibilidade do ato de nomear. Ao contrário, a nomeação pode significar uma existência social do indivíduo, isto é, o ato de nomear injurioso pode produzir respostas inesperadas. Se, ao sermos nomeados, somos interpelados, então a injúria pode inaugurar a existência de um sujeito na linguagem pela força performativa que possui, portanto esse sujeito lingüístico, que se constitui no momento em que é injuriado, lança mão da linguagem para conter a ofensa do ato de linguagem injurioso. Se essa autora afirma que ser nomeado é também uma das condições por meio das quais um sujeito é constituído na linguagem, então, o que a autora problematiza também é o fato de que, se há sujeito, há intervenção social, política e ideológica. Com isso a autora pretende mostrar a dimensão ética e política do uso da linguagem.

Essa dimensão da linguagem é uma das preocupações que estão no centro dos trabalhos de Derrida (1972, 2001) que também faz problematizações em torno do caráter performativo da linguagem. Um dos pontos que se entrecruzam nos trabalhos desses dois autores (Butler e Derrida) diz respeito à noção de contexto presente na obra de Austin. Tanto Butler (1997) quanto Derrida (1972) questionam a dependência do proferimento performativo a um contexto total de fala, isto é, para esses autores Austin (1990) condiciona a efetividade da ação de um ato de fala (o ilocucionário) ao momento de seu acontecimento e às convenções desse ato ilocucionário, garantindo a apreensão de um contexto total. Para Butler (1997), os atos de fala ilocucionários exercem sua força performativa além dos ritos e convenções a que estão sujeitos no momento da enunciação (do proferimento).

Essa idéia de contexto não determinável leva-nos à noção de “citacionalidade” discutida por Derrida (1972) e utilizada por Butler (1997). Para Silva (2005, p. 94-95), no trabalho derridiano, esse termo aparece para caracterizar a “repetibilidade da escrita e da linguagem”. Isto significa dizer que a linguagem “pode ser retirada de um determinado contexto e inserida em um contexto diferente”. Silva (2005) dá-nos um exemplo de como ocorre a citacionalidade da linguagem, considerada performativa, na produção de identidades. Para tanto, ele lança mão da forma de nomear “negrão”. Nas palavras de Silva (2005, p. 95),

Ela não é a simples expressão singular e única de minha soberana e livre opinião. Em um certo sentido, estou efetuando uma operação de ‘recorte e colagem’. Recorte: retiro a expressão do contexto social mais amplo em que ela foi tantas vezes enunciada. Colagem: insiro-a no novo contexto, no contexto em que ela reaparece sob o disfarce de minha exclusiva opinião, como o resultado de minha exclusiva operação mental. Na verdade, estou apenas ‘citando’. É essa citação que recoloca em ação o enunciado performativo que reforça o aspecto negativo atribuído à identidade negra de nosso exemplo.

Inferimos do texto de Silva (2005) que a discussão que Butler (1997) faz de Austin no que se refere ao caráter performativo da linguagem e à repetibilidade dos signos tem outra dimensão. Essa “repetibilidade”, além de garantir “a eficácia dos atos performativos que reforçam as identidades existentes pode significar também a possibilidade da interrupção das identidades hegemônicas. A repetição pode ser interrompida. A repetição pode ser questionada e contestada” (SILVA, 2005, p. 95).

Derrida (1972) discute e problematiza em seu texto “Assinatura Acontecimento Contexto”, publicado na obra *Margens da Filosofia*, várias noções, tais como: sentido uno, polissemia, disseminação e comunicação etc., e, por essa via, questiona o acontecimento do performativo, a partir da noção de contexto e escrita. Para Derrida (1972), existem aporias nas argumentações de Austin (1990), na obra *How to do things with words*, na Segunda Conferência, quando Austin restringe a existência dos enunciados performativos às condições de felicidade e infelicidade. Para esse autor, ao tratar os proferimentos performativos dessa forma, Austin contradiz sua própria postura revolucionária: opor-se a toda abordagem tradicional filosófica, ao seu logo-fono-etno-centrismo, que comanda o pensamento ocidental. Isto ocorre devido ao fato de Austin, segundo Derrida (1972), atribuir aos enunciados performativos as condições de felicidade ou de fracasso.

Para Derrida (1972), há problemas em Austin (1990), quando este pontua o fato de o acontecimento do performativo estar sujeito, condicionado, a uma lista de fracassos, a qual pressupõe, segundo Derrida, um regresso a um contexto apreendido na sua totalidade; essa longa lista de infelicidades atribuída à não realização de um proferimento performativo “regressa sempre a um elemento do que Austin chama o contexto total” (DERRIDA, 1972, p. 364). No entendimento desse autor, isto significa restringir o contexto, pois “permanece classicamente a consciência, a presença consciente da intenção do sujeito falante perante a totalidade do seu ato locutório” (DERRIDA, 1972, p. 364).

Ainda de acordo com Derrida (1972, p. 365), a teoria de Austin, no que diz respeito à classificação dos performativos em “felizes” e “infelizes”, apresenta contradições, pois tais enunciados estão sujeitos a seis condições essenciais para o seu sucesso de realização. Ao fazer isto, segundo Derrida (1972), Austin delimita o contexto em que tais atos performativos podem efetivar-se e, ao realizar tal operação, deixa entrever, “através dos valores de ‘convencionalidade’, de ‘correção’ e de ‘integralidade’” (DERRIDA, 1972, p. 365), a operação, o acionamento dos conceitos de contexto definível, da consciência do locutor e interlocutor na operação, e a intenção dos mesmos. Essa contradição, denunciada em Austin por Derrida (1972), vem à tona, já que Austin, segundo Derrida, opõe-se à tradição filosófica clássica que endossa a famigerada ilusão de presença, circunstância prevista acima, também, conforme Derrida (1972), na obra de Austin.

Felman (2003) também discute a problemática do performativo a partir do ato de fala que Austin denomina de promessa (*promising*), já que, de acordo com essa autora, nos estudos recentes sobre o performativo, esse enunciado é tomado como exemplo para os atos de fala em geral. Felman (2003) desenvolve, então, sua argumentação em torno da discussão sobre as condições de felicidade e infelicidade atribuídas aos enunciados performativos.

Na tentativa de explicar a contradição gerada pelo ato de fala “promessa”, ligado ao caráter performativo da linguagem, Felman (2003) lança mão do famoso mito literário Don Juan, a partir do qual o problema do performativo pode ser questionado de forma curiosa. Como Don Juan, um amante incorrigível que faz promessas amorosas recorrentes às mulheres que conquista, sem nunca cumpri-las, Austin (1990) promete uma teoria do performativo que também gera conflitos, ao analisarmos o enunciado “promessa”. No caso da promessa feita por Don Juan, o *status* do dizer com o fazer não se realiza, pois o dizer não condiz com o fazer (a não realização do ato de fala, a promessa). Don Juan comete um abuso, pois não realiza o que prometeu, portanto a ação não se realiza, ao proferir a promessa. Esse é um dos

casos em que, segundo Austin (1990), o performativo falha, gerando a infelicidade na realização do ato de fala. Não houve sinceridade no ato de fala (promessa). Para Felman (2003, p. 4), “o escândalo da sedução parece estar fundamentalmente ligado ao escândalo da promessa quebrada”.¹²

Assim, esse escândalo, segundo Felman (2003), da promessa donjuanesca, cujo proferimento falha, já que a promessa não se concretiza, é também aplicável ao escândalo teórico, qual seja, o que Austin (1990) diz sobre os performativos suscita polêmicas, já que, precisamente, a teoria não pode ser defendida de ataque e crítica. Isto equivale a dizer que, para Felman (2003), a teoria austiniana aproxima-se da promessa donjuanesca (Don Juan é o mito da violação das promessas feitas às mulheres, geralmente promessas de casamento) no que diz respeito à impossibilidade de realização do ato prometido, à impossibilidade de sucesso, pressupondo que, em sua teoria, Austin vislumbra a infelicidade do ato performativo.

A princípio, Austin (1990), como já mencionamos, cria a dicotomia constativo/performativo, atribuindo os valores verdadeiro/falso ao primeiro e o poder de ação ao segundo. Após a superação da dicotomia, Austin propõe a noção de condição de felicidade/infelicidade dos atos performativos que, em certos casos, pode falhar.

Assim, Felman (2003) argumenta que, para se submeter a uma meditação sobre a promessa, o espaço da literatura será lugar de encontro e de discussão dos estudos lingüísticos e filosóficos. Para a autora, este é o momento de se pensar a literatura como campo que produz efeitos analíticos. A autora aponta também a necessidade e a possibilidade de uma articulação entre a psicanálise e a noção de ato performativo, já que o escândalo da não realização da promessa articula-se não só com o desencontro, mas também com a indissolúvel relação entre corpo e linguagem.

Freitas também argumenta sobre a questão do performativo e complementa o exposto acima, quando diz que

[...] essa visão de linguagem como ação, como uma forma de intervenção sobre o mundo, e não como forma de simples representação do mundo, da realidade, repercutiu em diversas áreas, possibilitando análises que tocam, sobretudo, em questões de ordem ética e política (FREITAS, 2006a, p. 42).

¹² No original inglês: “The scandal of seduction seems to be fundamentally tied to the scandal of the broken promise”. Tradução nossa.

Esse tema é também abordado quando, ao endossar a teoria austiniana, Pinto (2004) sustenta que “dizer é fazer: a prática social que chamamos linguagem é, para a Pragmática atual, indissociável de suas conseqüências éticas, sociais, econômicas, culturais” (PINTO, 2004, p. 66), ao contrário do que postula a Filosofia clássica. É nesse sentido que Austin (1990) afirma que nenhum proferimento é apenas descritivo, visto que todo proferimento é também ação, isto é, a linguagem é performativa, pois, por meio dela, estamos o tempo todo agindo sobre o mundo, e não apenas o descrevendo.

No dizer de Ottoni,

Austin é, em si, um ‘desconstrutor’ de uma filosofia tradicional e - por que não? - de uma lingüística tradicional. Este rompimento com o passado está evidenciado pela discussão do performativo e do constativo, do verdadeiro e do falso que é o lugar em que, para ele, se confundem a filosofia e a lingüística (OTTONI, 2002, p. 121).

Dessa forma, entra em cena o sujeito (falante),¹³ a linguagem mediada pelo homem. Assim, argumenta Ottoni,

[...] na visão performativa, há inevitavelmente uma fusão do sujeito e do seu objeto, a fala; por isso, as dificuldades de uma análise empírica em torno do performativo; além disso, conceber o performativo como um objeto de análise lingüística independente de uma noção de sujeito está fadado, neste caso, ao fracasso (OTTONI, 2002, p. 126).

Poder-se-ia dizer, diante do exposto, que a abordagem performativa da linguagem foi um divisor de águas, tanto no campo dos estudos filosóficos quanto no dos estudos sobre língua/linguagem.

¹³ Essa noção de sujeito, na perspectiva dos estudos austinianos, foi discutida na seção intitulada “Concepções de identidade e de sujeito” desta dissertação.

1.2.1 A performatividade da linguagem na construção das identidades

Muitos estudiosos, conforme aponta Rajagopalan (2002), têm colocado em evidência a questão da performatividade na constituição de identidades, como veremos a seguir.

Silva (2005, p. 92) nos mostra que o conceito de performatividade na produção de identidades também traz deslocamentos na forma como a visão essencialista a concebe, ou seja, esse conceito “desloca a ênfase dada na identidade como descrição, como aquilo que é, [...] para uma concepção da identidade como movimento e transformação, para a idéia de ‘tornar-se’”. Isso, segundo Rajagopalan, equivale a dizer

Que a identidade, seja dos indivíduos (por definição, seres não-divididos e indivisíveis), seja das agremiações como estado e nação, seja dos objetos de estudo e análise – e, com frequência, defendida com amor e paixão – como língua e pátria, é um construto e não algo que se encontra por aí *in natura* [...] (RAJAGOPALAN, 2002, p. 77).

Para discutirmos o fenômeno do performativo em torno da construção, produção e reivindicação das identidades, retomamos brevemente a discussão sobre identidade e diferença desenvolvida na seção “1.1.3 – Identidade e diferença”, pois tomamos como parâmetro os estudos culturais e lingüísticos no que concerne à estreita relação de dependência entre ambas para que tenham existência. Isto não significa dizer que elas convivam harmoniosamente entre si. Pelo contrário, a identidade e a diferença estão dentro de um jogo de poder que revela, conforme Silva (2005, p. 82), “assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora”. Silva acredita que

onde existe diferenciação – ou seja, identidade e diferença – aí está presente o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. Há, entretanto, uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação ou que com ela guardam uma estreita relação. São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós” e eles”); classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”; “desenvolvidos e primitivos”;

“racionais e irracionais”); normalizar (“nós somos normais; eles são anormais”) (SILVA, 2005, p. 81).

Dessa forma, ao se considerar, como postula Silva (2005), que a identidade e a diferença são produções lingüísticas, ou seja, são criadas e fabricadas, via linguagem, não podemos deixar de considerar que esse uso da linguagem traz efeitos instáveis e inesperados, evidenciando o caráter performativo e provisório da linguagem, pois, quando as pessoas nomeiam a identidade e a diferença, fazem algo, fabricam identidades e diferenças. A produção dessas identidades ocorre dentro de um processo de relações sociais e, por isso, “sua definição - discursiva e lingüística” (SILVA, 2005, p. 81) está sujeita a imposições da esfera do poder, já que as identidades são disputadas e impostas e, por isso, não têm uma convivência harmoniosa.

As nomeações que emergem das relações sociais, tanto produzem e classificam as identidades hierarquicamente, quanto denunciam a presença do poder e suas produções, isto é, a toda nomeação, produção e reivindicação identitária subjaz uma política de representação que, por sua vez, está intrinsecamente ligada às relações de poder que movem as relações sociais, políticas e ideológicas. A performatividade da linguagem na criação identitária, se considerarmos os aspectos supracitados, pode trazer consequências políticas e éticas, pois está diretamente ligada à constituição dos sujeitos envolvidos nas relações sociais e culturais, em diferentes momentos e lugares.

Ao problematizar o conceito de performatividade da linguagem, Silva (2005, p. 93) afirma que “muitas sentenças descritivas acabam funcionando como performativas”, isto é, aquelas sentenças que, ao serem pronunciadas, e que têm o único propósito de descrever algo, tornam-se sentenças performativas devido à sua freqüente repetição que, conseqüentemente, produz a realização do fato; faz realizar a ação subjacente à descrição (SILVA, 2005).

A concepção de performatividade discutida por Butler (2000), quando problematiza a categoria sexo em seu ensaio “Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’”, pontua que as práticas discursivas em torno do sexo produzem sentidos através das formas como ele é nomeado, legitimando diferenças sexuais a partir da consolidação da heterossexualidade como norma.

Ainda sobre a performatividade, Butler discute as consequências éticas e políticas da hegemonia da heterossexualidade, legitimada discursivamente, o que provoca, ao mesmo

tempo, a produção de possibilidades de identificação e apagamento, negação de outras, e contribui para que certas identidades sejam definidas ou reforçadas.

Segundo Butler, o sexo não é uma marca do corpo pré-definida pela natureza; não é uma construção cultural que cria normas e força a materialização do sexo como uma forma estática, como a descrição de uma identidade que alguém tem. Para ela, a necessidade de se reiterar constantemente essa condição do sexo, de que ele é uma forma imutável, deixa em aberto um caminho para a intervenção e o questionamento sobre essa posição.

Silva (2005) lança mão de outro elemento, a repetição, para explicar a criação da identidade, via aspecto performativo da linguagem. Sobre isso o autor afirma que

A eficácia produtiva dos enunciados performativos ligados à identidade depende de sua incessante repetição. Em termos da produção da identidade, a ocorrência de uma única sentença [...] não teria nenhum efeito importante. É de sua repetição e, sobretudo, da possibilidade de sua repetição, que vem a força que um ato lingüístico desse tipo tem no processo de produção da identidade (SILVA, 2005, p. 94).

Para Derrida (1972), Rajagopalan (2002, 2003), Ottoni (2002), Freitas (2006a), dentre outros, Austin rompe com a Filosofia clássica e adota um paradigma teórico-metodológico no qual linguagem e filosofia estão imbricadas. Essa manobra desloca a abordagem teórica sobre linguagem, concebendo-a como ação. Esse deslocamento permite a consideração da performatividade da linguagem na (re)configuração das identidades.

1.3 Nomeação e políticas de representação

As problematizações feitas por Rajagopalan (2002, 2003) sobre as políticas de nomeação e de representação e as consequências éticas das práticas discursivas na produção (constituição) das identidades mostraram os caminhos para o desenvolvimento deste trabalho, já que esse autor se posiciona de forma crítica diante dos eventos discursivos.

Ao abordarmos a noção de nomeação, é inevitável nos remetermos à forma como o ato de nomear é concebido pela tradição filosófica e, via de regra, isto leva à dicotomia que essa tradição cria entre o par nomear/predicar. O pensamento filosófico clássico instituiu “que o ato de nomeação antecedia o ato de predicação, implicando uma separação entre eles, bem

como uma relação de prioridade, considerando o primeiro como mais verdadeiro e mais racional que o segundo” (BORGES, 2004, p. 15).

Por essa via, a nomeação foi legitimada pela Filosofia clássica e moderna como o lado privilegiado do par nomear/predicar porque se acreditava que essa, a nomeação, resguardasse a verdade e a racionalidade dos fatos. Já a predicação, segundo o pensamento filosófico tradicional, ocuparia o pólo marginalizado, excluído da divisão dicotômica, por ser considerado instável, subjetivo, passível de dúvida, de ambigüidade; por isso, era desprezado.

Rajagopalan (2003) e Ferreira (2006) mostram como diferentes interpretações subjazem às designações (nomeações) dos acontecimentos, das pessoas e de seus atos etc., opondo-se à idéia de neutralidade do ato de nomeação. Alguns autores já mostram que nem mesmo os nomes próprios escapam dessa carga ideológica que acompanha todo ato de nomear. É o que apontam os autores supracitados, que o uso do nome próprio não pode ser considerado um ato meramente descritivo, já que a ele também subjazem posicionamentos ideológicos. Para exemplificar, Rajagopalan (2003) fornece-nos uma explicação do nome próprio Bin Laden. Após a destruição das Torres Gêmeas do *World Trade Center*, “uma vez estampado o rótulo de ‘terrorista’, o nome de Bin Laden logo se tornou sinônimo do Mal” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 85).

Com a realização desse deslocamento, de se considerar a imbricação do ato de nomear ao de predicar, Rajagopalan (2003, p. 82) propõe que pensemos além dos limites das teorias semânticas que consideram os nomes como etiquetas identificadoras dos seres. Em suas próprias palavras, “é preciso pensar além da semântica dos nomes próprios para encarar o fenômeno de nomeação como um ato eminentemente político”. Dessa noção de nomeação, Rajagolan sustenta o argumento de que “é no uso político de nomes e de apelidos que consiste o primeiro passo que a mídia dá no sentido de influenciar a opinião pública a favor ou contra personalidades e acontecimentos noticiados” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 82). Ao lançarem mão das nomeações/predicações, os sujeitos legitimam ou apagam aspectos de fatos e pessoas; constroem representações, por meio de suas escolhas lingüísticas, segundo o que lhes convém em um determinado momento e dependendo do lugar de onde enunciam.

De forma mais contundente, Rajagopalan (2003) critica as teorias de referência, que se empenharam em descortinar os mistérios dos nomes próprios. Essa postura do referido autor em relação ao nome próprio deve-se à sua crença de que

No momento em que é nomeado, o objeto deixa de ser exclusivo ou único, pois o próprio ato de nomeação se encarrega de emprestar-lhe um atributo (a saber, a própria descrição – definida, no caso – utilizada para nomeá-lo), que é publicamente disponível e, em princípio, apto a ser aplicado a outros objetos. Ou seja, o destino de nomes próprios comuns – aqueles descritos pelas gramáticas – é de um definhamento progressivo, na medida em que acabam se transformando em substantivos comuns. Donde o saudosismo velado em relação à chamada ‘linguagem adâmica’, isto é, a linguagem em sua forma cristalina, quando substantivos comuns seriam todos nomes próprios – posto que Adão escolhia cada palavra para nomear um único bicho de cada vez! (RAJAGAPOLAN, 2003, p. 83).

Com base em pressupostos teóricos que apontam para uma via contrária à do investimento adâmico, cujas bases são decantadas pela Filosofia clássica e moderna, quais sejam, a de considerar a nomeação um ato cristalino, puro, objetivo e transcendental, que não sofre a intervenção subjetiva, isto é, um ato que representa fielmente a realidade, para a Filosofia, um ato meramente descritivo, reiteramos que a discussão acima coloca em pauta as infinitas possibilidades de significação e de valoração dos nomes.

Diferentemente do que postulam os filósofos, os lógicos e os gramáticos, no que diz respeito aos nomes próprios, Rajagopalan (2003, p. 84) insiste em que é no “uso dos nomes próprios – ou, melhor dizendo, na fabricação de novos termos de designação para se referir às personagens novas que surgem no cenário e aos acontecimentos novos” que se consegue persuadir o outro (o telespectador) e induzi-lo a acreditar no que está sendo representado por meio das designações empregadas por nós.

Contrário às teorias totalizantes acerca do fenômeno dos nomes próprios, Rajagopalan (2003) insiste na impossibilidade de submetê-los ao terreno do universal, pois os nomes próprios pertencem à esfera do singular e à ordem do inapreensível, do escapável e do não-fechamento.

Não podemos desconsiderar, a partir do que foi dito, a importância das implicações políticas e éticas subjacentes às escolhas lingüísticas e discursivas que as reportagens jornalísticas usam, “a fim de designar indivíduos, acontecimentos, lugares etc.”, argumenta Rajagopalan (2003, p. 85), principalmente no que concerne àqueles “termos de designação” cujos empregos estão a serviço da construção de imagens a respeito de pessoas e lugares e cujo maior objetivo é influenciar a opinião pública sobre eles (RAJAGOPALAN, 2003). Isso equivale a dizer que, ao ato de nomeação/predicação, subjaz o poder de representar algo ou alguém e de legitimar, por meio de atos lingüísticos performativos, verdades incontestáveis, comportamentos e opiniões; característica própria de todo e qualquer

discurso, principalmente do discurso jornalístico (RAJAGOPALAN, 2003). A consequência disso, de acordo com Rajagopalan, é que a constatação gera legitimação de uma verdade e inibe as manifestações de intervenção.

É por essa razão que, como afirma Ferreira (2006, p. 195), não podemos tomar o que é representado, “produzido sócio-historicamente (as classificações, as categorizações do mundo, a sua discretização) como dado anterior à língua nem como algo sobre o qual é possível falar objetiva e definitivamente”, já que “no mundo de representações, não há lugar algum para verdades” (RAJAGOPALAN, 1998, p. 126).

Portanto, é necessário encarar a nomeação/predicação como ato político, adverte-nos Rajagopalan (2002, 2003), pois a política de nomeação constitui-se em ferramenta para as representações dos fatos, das pessoas; a política de nomeação está sempre a serviço de quem a emprega, segundo seus interesses imediatos. Assim, a nomeação tem um papel fundamental na discussão sobre política de representação, na produção das identidades, e, portanto nas relações estruturais de poder que estão em vigor em um dado momento (RAJAGOPALAN, 2003).

Conforme nos mostra Freitas (2006b, p. 227), endossando os dizeres de Rajagopalan (2002, 2003), “todo ato de nomear se dá no bojo de uma política de representação que, por sua vez, está diretamente relacionada com o processo de construção de identidade”. Ainda sobre o aspecto do ato de nomear, válido para nossa explanação, Freitas comenta que

é a partir da nomeação que as categorizações e as concepções são criadas (são estabelecidas). Assim, a partir do ato de nomeação produzimos efeitos, que devem ser analisados sempre em uma perspectiva ética e política, pois o ato de nomear nunca ocorre em um contexto neutro ou ingênuo, e tanto pode constituir (um indivíduo) de forma positiva, quanto devastadora (FREITAS, 2006b, p. 42).

Embora a abordagem desta pesquisa não abranja diretamente o âmbito da sala de aula, acreditamos que as discussões teóricas, feitas por Freitas (2006a), em seu artigo intitulado “A Performatividade das ‘Constatações da Escola: seus efeitos e consequências” trazem luzes para a análise e interpretação do nosso *corpus*. Freitas (2006a, p. 37) discute as consequências dos atos de nomeação/predicação usados na sala de aula. A autora afirma que, por meio dos atos de nomear/predicar, criamos “concepções que são tomadas como ‘verdades

absolutas” e perpetuamos “preconceitos desastrosos para o contexto” em que os sujeitos estão inseridos, aspectos que foram elucidados na análise da personagem feminina e histórica Olga Benário.

Assim, ao contrário da idéia de cristalização e objetividade da nomeação, com base em oposições binárias, assumimos o caráter político desse ato, que acreditamos ser isento de qualquer resquício de neutralidade.

CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA

2.1 Natureza da pesquisa

Nesta pesquisa, optamos pelo método qualitativo, visto que apresentamos um trabalho de análise de cunho descritivo e interpretativo. Isto significa dizer que não trabalhamos com dados estatísticos, mas analisamos uma materialidade lingüística que envolve tanto aspectos subjetivos quanto históricos, sociais e políticos. Ao analisarmos os vários aspectos identitários de Olga presentes nas obras e ensaios biográficos, partimos da noção de Austin (1990) sobre a linguagem que nos remeteu a uma nova noção de sujeito, isto é, partimos da noção de que a linguagem tem um caráter performativo. Esta é uma visão de linguagem como ação e, desta feita, segundo Ottoni (1998, p. 13), “Austin introduz [...] uma relação insolúvel entre o sujeito e objeto”.

Essa opção deu-se também pelo fato de termos como foco de nossas discussões as facetas identitárias de Olga Benário e a preocupação em explicá-las, levando em consideração a forma como ela foi tratada no *corpus*, composto por duas obras e três ensaios biográficos. Para respaldar esse trabalho metodológico, portanto, recorremo-nos à linha de estudos sobre texto e discurso, da perspectiva da Lingüística Crítica e da Pragmática.

Enfim, a análise desenvolvida configura-se como uma pesquisa de caráter analítico-crítico descritivo, já que, apoiada nos pressupostos teóricos pós-estruturalistas, em torno do conceito de identidade, interpretou e descreveu o processo de construção dos aspectos que identificam Olga Benário, a partir da materialidade lingüística de cada fonte, destacando-se as formas de nomeação/predicação e as políticas de representação que subjazem a essas formas de nomeação. Tudo isto foi analisado, é claro, levando-se em consideração as manifestações sociohistóricas, culturais e ideológicas que envolveram esse processo de representação das facetas identitárias de Olga, ou seja, observando tanto o momento em que se deu a militância política de Olga, como o contexto em que os textos biográficos foram produzidos.

2.2 Descrição do *corpus* de estudo: as obras e ensaios biográficos

Nesta seção, procedemos à descrição e à contextualização sociohistórica em que foram produzidos os textos que compõem o *corpus* analisado nesta pesquisa. A peculiaridade do tema tratado nesses textos biográficos, a trajetória de Olga Benário, faz com que a possibilidade de emergência desses mesmos textos seja possível apenas após a ditadura militar. Foi com a queda da ditadura militar, ao final de 1985, e com a instituição da Nova República, que houve a possibilidade de inserção da minoria na cena histórica brasileira. Desta forma, surgem nessa cena os movimentos sociais, que haviam sido sufocados, anteriormente, pela hegemonia do Estado, que sempre havia se comprometido com os interesses e privilégios das elites. Dentre essas minorias, encontram-se as mulheres, os judeus e o proletariado em geral etc.

No momento de sua escritura, esses textos, cuja contextualização histórica mostramos a seguir, apresentam-se como um resgate histórico que pretende reavivar o lado esquecido dessa mulher, como forma de se repensar a própria história.

2.2.1 *Olga*, de Fernando Morais

A obra *Olga*, de Fernando Morais, foi publicada primeiramente em 1985, pela editora Ômega-Alfa, momento em que esse projeto, a trajetória da personagem histórica Olga Benário, pôde ser divulgado, pois sua publicação deu-se ao final da ditadura militar no Brasil, quando houve abertura política e término da censura aos meios de comunicação. Segundo o próprio autor, Morais (2004, p. 9), *Olga*, a obra, foi um projeto que ele guardou “com avareza durante os anos negros do terrorismo de Estado no Brasil, quando seria inimaginável que uma história como esta passasse incólume pela censura”.

Morais valeu-se de entrevistas feitas com os/as ex-militantes comunistas contemporâneos(as) de Olga, principalmente do líder comunista brasileiro e seu companheiro, Luís Carlos Prestes, sua cunhada, Lygia, e sua filha, Anita Leocádia, e de arquivos e documentos, em sua maioria, encontrados no exterior, em países, tais como, Alemanha, Rússia, China, Argentina, Estados Unidos, dentre outros.

Esse investimento, segundo o próprio autor, foi motivado pela fascinação e pelo tormento que a história de Olga Benário causou nele, desde a adolescência, ao ouvir, com frequência, que Filinto Müller, chefe de polícia de Vargas, “tinha dado a Hitler, ‘de presente’, a mulher de Luís Carlos Prestes, uma judia comunista que estava grávida de sete meses” (MORAIS, 2004, p. 9). Perseguido por essa idéia, Moraes só pôde colocar seu projeto em funcionamento e publicá-lo com o término da ditadura militar brasileira.

A partir da obra de Moraes, a história de Olga Benário ganhou visibilidade nacional e foi tema de calorosas discussões, possibilitadas pela queda da censura. A publicação dessa obra ocorreu no momento em que as manifestações populares começavam a ascender, a munir-se de força e a exigir o fim da ditadura militar e a escolha do presidente através de eleições diretas.

2.2.2 “Olga”, de Rita Buzzar

O ensaio de Buzzar, publicado em 1995, no livro “Não Olhe nos Olhos do Inimigo”, pela editora Paz & Terra, completa uma coletânea de artigos cujo principal objetivo foi exaltar a luta de algumas mulheres militantes comunistas, dentre elas Olga Benário. O ensaio de Buzzar, intitulado “Olga”, não se diferencia dos demais no que tange ao seu principal propósito, embora seja um argumento cinematográfico. Buzzar narra a trajetória de vida de Olga, a partir da obra de Moraes (2004) e de sua viagem à Alemanha, que teve como resultado entrevistas, visitas a livrarias e a lugares por onde passou Olga e pesquisas, fazendo as adaptações necessárias para a produção cinematográfica, já que Buzzar foi a roteirista e a produtora do empreendimento, o filme *Olga*, dirigido por Jayme Monjardim.

Segundo Buzzar, lembrar Olga, nesse momento, suscitou consenso e controvérsias. Mas, para ela,

Por mais que críticas e senões possam sempre colocar em questão a pertinência de lembrar novamente Olga, essa heroína um tanto oficial do governo comunista alemão, haverá sempre uma palavra em sua defesa: seus próprios sentimentos e dúvidas, compilados nas cartas que tentou enviar a seu marido e a sua filha. Cartas que a fizeram significar algo além de seu tempo histórico, se por si só esse tempo não fosse suficientemente contraditório e instigante (BUZZAR, 1995, p. 18).

Essas cartas, às quais se refere a autora, foram compiladas em um livro e também subsidiaram a produção de Buzzar, ou seja, foram um dos elementos que compuseram as condições de produção do argumento cinematográfico. Esse roteiro foi parâmetro para as primeiras discussões em torno do filme lançado quase dez anos depois.

2.2.3 *Camaradas*, de William Waack

Segundo Waack (2004), a escritura desse livro foi motivada pelo filho caçula de Luís Carlos Prestes, que lhe revelou a existência de arquivos pertencentes a instituições soviéticas, que continham detalhes ainda não revelados sobre a história do comunismo brasileiro. Desta forma, Waack divulga o resultado de sua pesquisa jornalística, baseando-se fundamentalmente nesses documentos secretos do Partido Comunista arquivados na Rússia.

Camaradas, cuja primeira edição foi publicada em 1993, pela editora Companhia das Letras, traz uma nova versão dos levantes comunistas de 1935, no nordeste e no Rio de Janeiro, a partir da leitura de documentos dos arquivos secretos da ex-União Soviética. Waack traz à tona novos elementos para os fatos que marcaram a atuação do comunismo no mundo, principalmente na Rússia e no Brasil. Como o próprio autor afirma, sua pesquisa resultou em

Semanas repletas de revelações surpreendentes, detalhes insuspeitados e uma riqueza inesperada de todo tipo de material __ oficial, secreto, pessoal, cifrado, aberto, datilografado, manuscrito __ que permitiu escrever a história secreta da revolução comunista no Brasil em 1935 (WAACK, 2004, p. 10).

Ao contrário do texto de Moraes, Waack não dedica a maior parte de sua obra ao relato da trajetória de Olga Benário, mas à descrição dos fatos que envolveram os movimentos armados de novembro de 1935 e de vários líderes envolvidos nesse movimento, brasileiros e estrangeiros, dando destaque à derrota sofrida pelo movimento comunista em 1935. No Brasil, que, pela primeira vez, investiu em uma luta armada, o movimento foi acompanhado de drásticas consequências para a sociedade brasileira e gerou uma implacável onda anticomunista (WAACK, 2004).

A participação de Olga, nesse evento, foi a de garantir a segurança do líder do movimento no Brasil, Luís Carlos Prestes. O perfil dessa militante traçado por Waack está,

muitas vezes, ligado ao seu papel de profissional militar com preparo suficiente e confiável para executar sua tarefa no Brasil.

Essa obra possibilitou uma releitura dos fatos históricos brasileiros e, para o autor, trouxe “à luz informações [...] essenciais para se repensar décadas inteiras de nossa recente história”, diz Waack (2004, p. 11). Conforme aponta esse autor, o mérito dessa obra pauta-se ainda no fato de que sua escritura partiu de documentos inéditos, e acrescenta que

alguns dos documentos mais importantes para a história desse período, porém, foram liberados pela primeira vez para este livro, através do qual tornam-se públicos. É o caso sobretudo da impressionante coleção de telegramas secretos trocados entre Moscou e a América do Sul, uma fonte oficial que encerra muitas das principais questões relativas ao movimento chefiado por Prestes (WAACK, 2004, p. 10).

Waack adota uma postura crítica perante o desempenho do movimento clandestino comunista no Brasil, liderado por Carlos Prestes. Segundo esse autor, o insucesso da investida está relacionado à cega obediência dos enviados ao Brasil aos órgãos russos, à falta de comunicação entre eles, à ingenuidade e à falta de experiência dos militantes comunistas.

2.2.4 “Olga Benário Prestes, minha mãe” e “Olga: revolucionária, sem perder a ternura”, de Anita Leocádia Prestes

Nos dois ensaios, Prestes (1995, 2004) pontua o genocídio hitlerista e suas vítimas, evidenciando o caso de Olga Benário. O ensaio “Olga Benário Prestes, minha mãe” foi também publicado, no livro *Não Olhe nos Olhos do Inimigo* (PRESTES, 1995). Essa coletânea é composta por onze ensaios de autores brasileiros e estrangeiros, cujo propósito é o de lembrar o Holocausto e, principalmente, a morte de duas mulheres, vítimas do nazismo, Olga e Anne Frank. É uma tentativa de mostrar a crueldade e a falta de humanidade de sistemas autoritários, como é o caso do nazismo. A ideologia sustentada nos ensaios é a disseminação do repúdio a esse regime e a tentativa de reavivar a memória das pessoas sobre os horrores por que passaram milhões de vítimas, para que as gerações futuras não vivam essa experiência. Essa preocupação é uma marca dos ensaios e, no prefácio desse livro, Strauss argumenta que não são os autores do livro os responsáveis pelo retorno desse assunto, o

nazismo. Segundo esse autor, “esse tema não está presente apenas na Europa, mas também nos EUA – onde, segundo pesquisa Gallup, 54% das pessoas acreditam num possível renascimento do fascismo alemão – e mesmo no Brasil” (STRAUSS, 1995, p. 7).

Ainda, conforme esse autor, a forte presença dessa discussão e a preocupação em relação ao nazismo, naquele momento, 1995, justificam-se pela comemoração de aniversário de vários eventos nacionais e internacionais que suscitaram debates sobre o nazismo e temas afins. São eles:

1) o quadragésimo aniversário do suicídio do ditador Getúlio Vargas, que fez retornar o debate sobre suas relações com os nazistas e com os EUA;

2) a comemoração de dois cinquentenários: a libertação do campo de concentração de Auschwitz e o fim da Segunda Grande Guerra Mundial;

3) o sexagésimo aniversário do movimento antifascista contra o governo de Getúlio Vargas, do qual participaram Olga Benário e Luís Carlos Prestes.

Segundo Prestes, historiadora, ex-militante comunista e filha da militante Olga Benário, o não retorno do nazismo só será possível se o mundo compreender os princípios que o fundamentam, ou seja, “seus determinantes econômicos, sociais e políticos”, pois o nazismo “não se resumiu no holocausto” (PRESTES, 1995, p. 15).

Além de sua experiência como historiadora, outros elementos compuseram as condições de produção que nortearam o trabalho de Anita Leocádia Prestes, quais sejam, sua experiência na Rússia, durante a adolescência e a juventude, e no período da ditadura militar, devido à perseguição política no Brasil, como exilada política no referido país. Também sua experiência, no seio de uma família comunista, a convivência com o pai Luís Carlos Prestes, que viveu até os noventa e dois anos, e a leitura do riquíssimo legado deixado por meio de quase novecentas cartas que compõem a correspondência entre Olga e Luís Carlos Prestes e sua família, no período de 1936 e 1945, publicadas em três volumes intitulados *Anos Tormentosos: Luís Carlos Prestes (1936-1945)*, organizados por Anita Leocádia Prestes e por Lygia Prestes. Todos esses elementos deram sustentação à argumentação da autora, ao exaltar o idealismo, o espírito de solidariedade e a afetividade dos pais, principalmente de Olga, sua mãe, que são exemplos, segundo a autora, deixados por seus pais, e que a transformaram em uma pessoa mais humana e preocupada também com o destino da humanidade.

Segundo Anita Prestes, nas cartas, Olga demonstrava a vontade de que a filha tivesse uma infância feliz e que alimentasse o orgulho pelos pais que lutaram “por um mundo melhor, sem queixas nem arrependimentos” (PRESTES, 1995, p. 14). Fica evidente, nas cartas, a preocupação de Olga com o futuro da filha. Além dos aspectos já apontados, as cartas deixaram-lhe um outro legado, a possibilidade de ressaltar também a faceta identitária materna de Olga.

2.3 Contextualização histórica: a trajetória política e pessoal de Olga Benário

Essa breve contextualização histórica compreende, principalmente, as décadas que envolvem os anos de 1920-1942, já que as obras e ensaios biográficos analisados retratam a vida político-pessoal da personagem histórica Olga Benário nesse curto período. Além disso, a estrutura política sob a qual nossa personagem militou é indispensável ao enriquecimento da análise do *corpus* e coincide com o intervalo entre as duas grandes guerras e parte da Segunda Guerra Mundial.

Para Hobsbawm (2005), a Grande Guerra foi motivada pela disputa econômica entre as nações durante o período que ele denominou de “Era dos Impérios”. Para esse autor, “a rivalidade política internacional se modelava no crescimento e competição econômicos, mas o traço característico disso era precisamente não ter limites” (HOBSBAWM, 2005, p. 37). Sobre esse aspecto da guerra, Pontes (2007, p. 12) toma como parâmetro a discussão de alguns historiadores para afirmar que “o período de crescimento acelerado do capital só poderia culminar em uma guerra para garantir os interesses particulares de cada potência e destruir o capital acumulado a fim de oxigenar a economia”.

Com a Primeira Grande Guerra Mundial, portanto, o ânimo dos povos dos países nela envolvidos ficou destruído. As conseqüências geradas por essa guerra, ocorrida no século XX, sobre a vida dos povos e Estados que dela participaram, foram devastadoras. O único país que, ao contrário dos demais, emergiu com mais força foram os Estados Unidos da América (HOBSBAWM, 2005).

Diante do cenário, resultante da guerra, conforme Hobsbawm (2005), a humanidade aspirava por uma alternativa que substituísse a velha ordem. Para esse autor, essa

idéia alternativa já estava sendo plantada em 1914: a Revolução Russa. A Revolução Russa, em 1917, surge como uma solução para a grande crise.

Nas palavras de Hobsbawm (2005, p. 62),

Os partidos socialistas, com o apoio das classes trabalhadoras em expansão de seus países, e inspirados pela crença na inevitabilidade histórica de sua vitória, representavam essa alternativa na maioria dos Estados da Europa [...]. Aparentemente, só era preciso um sinal para os povos se levantarem, substituírem o capitalismo pelo socialismo, e com isso transformarem os sofrimentos sem sentido da guerra mundial em alguma coisa mais positiva: as sangrentas dores e convulsões do parto de um novo mundo. A Revolução Russa, ou, mais precisamente, a Revolução Bolchevique de outubro de 1917, pretendeu dar ao mundo esse sinal.

De acordo com Hobsbawm (2005), o anarquismo, antes da Revolução Russa, era uma das correntes tradicionais cuja ideologia motivava mais os movimentos revolucionários do que o marxismo em vários lugares do mundo, principalmente na América Latina (esta era a configuração do movimento revolucionário no Brasil, onde o anarquismo era a corrente que se destacava na luta e na representação pelo/do proletariado, quando o comunismo entrou no cenário da revolução contra o integralismo). Mas, após 1917, as gerações a partir desse evento tiveram como parâmetro o bolchevismo que conseguiu incorporar “todas as outras tradições revolucionárias, ou empurrou-as para a margem de movimentos radicais”. A partir de então, “ser um social-revolucionário cada vez mais significava ser um seguidor de Lenin e da Revolução de Outubro, e cada vez mais um membro ou seguidor de algum partido comunista alinhado com Moscou” (HOBBSAWM, 2005, p. 80).

Ainda nas palavras desse historiador,

Durante grande parte do Breve Século XX, o comunismo soviético proclamou-se um sistema alternativo e superior ao capitalismo, e destinado pela história a triunfar sobre ele. E durante grande parte desse período, até mesmo muitos daqueles que rejeitavam suas pretensões de superioridade estavam longe de convencidos de que ele não pudesse triunfar. E – com a significativa exceção dos anos de 1933 a 1945 [...] – a política internacional de todo o Breve Século XX após a Revolução de Outubro pode ser mais bem entendida como uma luta secular de forças da velha ordem contra a revolução social, tida como encarnada nos destinos da União Soviética e do comunismo internacional, a eles aliada ou deles dependente (HOBBSAWM, 2005, p. 63).

Foi esse o modelo social e econômico que inspirou a personagem Olga Benário e que a levou à filiação ao Partido Comunista na Alemanha, mais precisamente em Munique, cidade onde nasceu em 1908, no seio de uma família judia de classe média. Assim, aos quinze anos de idade, com uma sólida base cultural, ingressou no Partido Comunista alemão, intitulado Juventude Comunista (MORAIS, 2004; PRESTES, 1995). Aos dezesseis, deixou sua casa e sua vida de conforto e passou a se dedicar exclusivamente à militância em um bairro proletário em Berlim onde estabeleceu moradia. Nessa época, Olga ficou conhecida e teve seu primeiro registro na polícia do regime republicano de Weimer. Esse registro foi a consequência de uma ação armada que a projetou no cenário alemão, tanto como uma militante ousada, vista da perspectiva dos comunistas e simpatizantes, quanto como subversiva conforme a perspectiva do regime alemão. Olga dirigiu um assalto à prisão de Moabit, em 1928, para libertar o namorado Otto Braun, acusado de alta traição ao país. Devido à perseguição política acirrada, própria desse contexto, após esse evento, Olga e Otto foram enviados pelo partido para a União Soviética (MORAIS, 2004).

A partir de então iniciou sua carreira internacional, executando missões em vários países delegadas pelo *Komintern*. Nos dizeres de Carneiro (1995, p. 40), “Olga, como tantas outras mulheres comunistas, circulou pelo mundo subterrâneo de sociedades em cuja superfície persistiam valores totalitários e racistas. Numa primeira fase, como ortodoxa, militou na Alemanha e depois na Rússia”.

O idealismo de Olga e sua preocupação com a causa do proletariado eram o reflexo de sua formação dentro do partido. De acordo com Hobsbawm (2005, p. 80),

os jovens que tinham sede de derrubar o capitalismo tornaram-se comunistas ortodoxos, e identificaram sua causa com o movimento internacional centrado em Moscou; e o marxismo, restaurado por Outubro como a ideologia da mudança revolucionária, significava o marxismo do Instituto Marx-Engels-Lenin de Moscou, que era agora o centro global para disseminação dos grandes textos clássicos.

A Revolução de Outubro, como afirma Hobsbawm (2005, p. 63),

foi feita não para proporcionar liberdade e socialismo à Rússia, mas para trazer a revolução do proletariado mundial. Na mente de Lênin e seus camaradas, a vitória bolchevique na Rússia era basicamente uma batalha na campanha para alcançar a vitória bolchevique numa escala global mais ampla, e dificilmente justificável a não ser como tal.

Essa idéia de Lênin está traduzida na III Internacional Comunista, instituída por ele em 1919. Assim, sob esses parâmetros, funda-se no Brasil, em março de 1922, o PCB (Partido Comunista do Brasil), momento em que a força de oposição era representada pelo movimento anarquista, composto, principalmente, pelo proletariado. Sobre isso, afirma Tronca (1982, p. 16),

[...] desde o início do século até os anos vinte, o anarco-sindicalismo constitui-se na principal corrente doutrinária a influenciar o movimento operário brasileiro. Entretanto, o endurecimento da repressão durante o governo de Artur Bernardes (1922-1926), de um lado, e a hostilidade do recém-fundado PCB, que ostentava a legenda da vitoriosa Revolução Russa de 1917, de outubro, contribuíram para o enfraquecimento da presença anarquista.

Segundo Tronca (1982), ao se filiar à III IC, um partido comunista comprometia-se a atender a vinte e uma condições orientadas pelo partido comunista de Moscou. A proposta da IC defendida por Lênin era a de que se promovesse o “centralismo democrático”. Isso significa, nas palavras de Pontes (2007, p. 19), que

Todas as decisões congressuais da III IC, assim como aquelas retiradas pelo seu Comitê Executivo, eram deliberações obrigatórias para os partidos filiados - suas seções - e, conseqüentemente, ao conjunto dos sujeitos filiados. Posteriormente, após a metade da década de 1920, percebe-se um maior radicalismo na centralização, além da construção da mistificação em torno das figuras centrais do movimento, principalmente, de Stálin, o ‘legítimo herdeiro de Marx e Lênin’.

Essa idéia do centralismo democrático foi o que promoveu a ascensão do comunismo, nessa época, pois, como descreve Hobsbawm (2005, p. 81-82),

a força do movimento pela revolução mundial estava na forma comunista de organização, o ‘novo tipo de partido’ de Lênin, uma formidável inovação de engenharia social do século XX, comparável à invenção das ordens monásticas cristãs e outras na Idade Média. Dava até mesmo a organizações pequenas uma eficácia desproporcional, porque o partido podia contar com a extraordinária dedicação e auto-sacrifício de seus membros, disciplina e coesão maior que a de militares, e uma total concentração na execução de suas decisões a todo custo.

Podemos perceber a forma como essa organização refletia na configuração identitária dos militantes. O perfil revolucionário de Olga traçado por alguns autores reflete os princípios leninistas de disciplina e de comportamento, isto é, a atuação de Olga Benário era direcionada pela linha política da tese da III Internacional Comunista.

Com a subida de Hitler ao poder na Alemanha (1933-1945), “com um programa que ele não tentava ocultar” (HOBSBAWM, 2005, P. 147), o nazismo, que incluía a idéia de raça pura, ele provocou a reação principalmente dos comunistas, que, com a adesão de intelectuais e de trabalhadores, pensaram numa política única de combate ao nazismo. Esse “apelo à unidade antifascista” ocorreu, conforme Hobsbawm (2005, p. 149), “pois o fascismo tratava publicamente todos os liberais, socialistas e comunistas ou qualquer tipo de regime democrático e soviético, como inimigos a serem igualmente destruídos”.

Hobsbawm (2005) nos mostra em seus estudos a origem do aprendizado de Hitler para instituir o nazismo. Nessa obra, ele aborda o breve século XX e apresenta algumas consequências drásticas da Grande Guerra: a grande perda humana e a situação dramática dos soldados que dela participaram. Ou eles saíam da guerra com um profundo sentimento de rejeição a ela, ou saíam dela fortalecidos. Segundo Hobsbawm (2005, p. 34),

os ex-soldados que haviam passado por aquele tipo de guerra sem se voltarem contra ela às vezes extraíam da experiência partilhada de viver com a morte e a coragem um sentimento de incomunicável e bárbara superioridade __ inclusive em relação a mulheres e não combatentes __ que viria a formar as primeiras fileiras da ultradireita do pós-guerra. Adolf Hitler era apenas um desses homens para quem o fato de ter sido *frontsoldat* era a experiência formativa da vida.

Para Hobsbawm (2005), a onda de racismo nazista atingiu primeiramente os intelectuais judeus ligados à ideologia esquerdista e aos cidadãos em geral ligados à cultura que fossem considerados indesejáveis. Eles tinham seus livros queimados ou eram extintos das universidades em que trabalhavam. Desde o início da gestão de Hitler já existiam os campos de concentração destinados à intimidação de qualquer reação comunista contra esse governo ou a “prisões para os quadros da subversão [...]”. E, até a guerra, a política nazista, por mais bárbaro que fosse o tratamento aos judeus, ainda parecia encarar a ‘solução final’ do ‘problema judeu’ mais como expulsão do que como extermínio em massa” (HOBSBAWM, 2005, p. 151). A Alemanha para o cidadão comum parecia estar em aparente tranquilidade. Entretanto, os que estavam bem informados ou entravam em contato com a obra de Hitler,

percebiam “na sanguinária retórica dos agitadores racistas e na tortura e assassinato concentrados em Dachau ou Buchenwald, a ameaça de todo um mundo construído no deliberado reverso da civilização” (HOBSBAWM, 2005, p. 151).

Disso resultaram manifestações contra o regime nazista durante os anos 30, principalmente dos intelectuais pertencentes a famílias de classe média. Nos dizeres de Hobsbawm (2005, p. 151),

Era ainda uma camada social pequena mas extraordinariamente influente, especialmente por incluir os jornalistas que, nos países não fascistas do Ocidente, desempenharam um papel crucial alertando até mesmo os leitores e governantes mais conservadores para a natureza do nacional-socialismo.

Para o historiador Hobsbawm (2005, p. 137), o fascismo deixou também marcas evidentes na política dos governos da América Latina. Nas palavras desse autor:

Mas, visto do outro lado do Atlântico, o fascismo sem dúvida parecia a história de sucesso da década. Se havia um modelo no mundo a ser imitado por políticos promissores de um continente que sempre recebera inspiração das regiões culturalmente hegemônicas, esses líderes potenciais de países sempre à espreita da receita para tornar-se modernos, ricos e grandes, esse modelo certamente podia ser encontrado em Berlim e Roma [...].

No Brasil, a relação de Getúlio Vargas com o fascismo ficava patente nas medidas tomadas em seu governo, principalmente no que dizia respeito à repressão aos movimentos que lhe faziam oposição e às punições que os “rebeldes” recebiam. Isso motivou a cúpula do partido comunista em Moscou, convencida por Prestes, a decidir pela organização do movimento revolucionário no Brasil. Segundo Pontes (2007, p. 47), “a crescente insatisfação em relação ao Governo varguista leva o PCB e a IC a acreditarem que a revolução, no Brasil, estava batendo à porta”. Assim, a cúpula do Partido permitiu que Prestes retornasse ao Brasil para liderar “a possível tomada de poder. Junto com ele outros quadros políticos da IC, entre eles, Olga Benário, vieram no intuito de garantir o êxito do movimento revolucionário” (PONTES, 2007, p. 47-48).

Depois de atuar na Representação Comercial da URSS, de fazer treinamento militar e de angariar respeito mundial dentro do partido comunista, Olga recebeu da

Internacional Comunista a tarefa de acompanhar Luís Carlos Prestes em sua viagem de volta ao Brasil em 1934, pois a prisão desse militante havia sido decretada pelo governo Vargas.

Luís Carlos Prestes havia se tornado um mito da oposição política brasileira no Brasil nos anos vinte devido a sua participação no movimento tenentista. Essa fama foi o resultado de uma jornada empreendida por ele e mais 620 homens, percorrida, a pé ou a cavalo, por doze estados brasileiros no período de dois anos e seis meses. O objetivo da coluna era protestar contra as medidas do então presidente Arthur Bernardes. Esse movimento ficou conhecido como a “Coluna Prestes”, que, invicta, chegou ao seu exílio, na Bolívia, liderada pelo já conhecido “Cavaleiro da Esperança”, alcunha dada a Luís Carlos Prestes (MORAIS, 2004).

Foi nesse exílio que Prestes teve seu primeiro contato com as teorias marxistas e leninistas através da liderança do Partido Comunista Brasileiro, o qual assediava o líder tenentista para uma possível filiação. Segundo Pontes (2007, p. 32), “isso revelava o esforço dos comunistas em fazer de Prestes um mito a serviço da revolução”. Nessa mesma época, Prestes foi assediado por Getúlio Vargas, de quem recebeu a quantia de oitocentos contos de réis para promover a revolução em parceria com esse governo. Prestes, no entanto, não aderiu ao movimento getulista e, posteriormente, em 1931, mudou-se com a família para Moscou. Sua filiação ao Partido Comunista Brasileiro, depois de várias tentativas, ocorreu em 1934, através da intervenção da cúpula de Moscou (PONTES, 2007).

Quando Olga Benário e Luís Carlos Prestes chegaram ao Brasil, já casados, no princípio de 1935, já havia sido criada a polícia política do governo Vargas. Conforme Carneiro (1995, p. 43), “com a criação formal da polícia política em 1933 – a Delegacia Especial de Segurança Política e Social”–, tanto as mulheres quanto os homens do Partido Comunista passaram a ser considerados como opositores. Nas palavras da autora, esses(as) militantes

passaram a ter o tratamento de dissidentes políticos, ou seja, de criminosos, transgressores da ordem, identificados por suas idéias e comportamentos desviantes. E aquele que fosse *judeu e estrangeiro*, além de comunista, era triplamente discriminado. Tais estigmas prestaram-se à construção semântica e criminalizante do discurso que os transformaram em *inimigos da ordem social e política*. Os *slogans* persistiram por mais de meio século, compondo o arquétipo do comunista como símbolo da malignidade (CARNEIRO, 1995, p. 43).

Assim, após a derrota do levante em 1935, a tentativa comunista de tomar o poder e depor o governo de Getúlio Vargas, iniciam-se perseguições e caças aos “inimigos” pela polícia política desse governo, comandada pelo famigerado Filinto Müller. Resultam desse contexto, então, medidas de punição aos “subversivos”. Segundo Carneiro (1995, p. 40), a justificativa que Getúlio Vargas apresentou em seu discurso intitulado “Palavras aos brasileiros”, proferido no Rio de Janeiro em 1936, para “a punição dos culpados pelo levante de novembro que envolveu mortes, deportações, traições, suicídios e torturas” foi que essas medidas tomadas eram legítimas frente à ameaça à ordem social do país que representavam os “inimigos” e figuras indesejáveis (os comunistas e os judeus) cuja atuação, para esse governo, era criminosas.

Em decorrência disso, as estratégias do governo Vargas contribuíam, de acordo com Carneiro (1995), para a construção de uma identidade comunista rejeitada pela sociedade em geral. Nas palavras da própria autora:

a imagem negativa dos comunistas – inverso da ordem – atrelada à do judeu, estrangeiro indesejável, portador de idéias subversivas ou exóticas, proliferou-se na documentação policial e ministerial dos anos 30 e 40. Como num ritual ortodoxo, dividiu-se a sociedade em dois grandes grupos: os que eram de *boa fé* e os que agiam de *má-fé*, defendendo o ‘credo vermelho’ (CARNEIRO, 1995, p. 45).

Dando prosseguimento ao propósito de garantir a segurança e paz social no Brasil, em 1936, Olga e Luís Carlos Prestes foram presos no Rio de Janeiro por Filinto Müller, chefe da polícia de Vargas. Nos dizeres de Carneiro (1995, p. 41),

numa primeira instância, sob a mira da polícia, Olga era, simplesmente, ‘a mulher de Prestes, menos perigosa que o marido’. Rapidamente, com a colaboração da Gestapo nazista (a Geheime Staatspolizei), do serviço secreto britânico (o British Intelligence Service) e do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, delineou-se seu perfil de ativista comunista na Europa com um passado que a transformava em ‘elemento indesejável para a comunidade brasileira’.

Além disso, Olga era judia, fato também conhecido pelo governo de Getúlio Vargas. Para Carneiro (1995, p. 47), a situação de Olga era incomum, pois tinha vários complicadores:

ser mulher, judia, conspiradora, militante comunista e corajosa. Tudo ao mesmo tempo, o que intrigava e instigava a polícia. Polícia liderada por Filinto Muller, que, por sua vez, era anti-semita, pró-nazista e anticomunista. E, como tal, tinha livre trânsito junto ao governo, que não escondia suas simpatias pelos 'ismos' que dominavam a Europa.

Assim, em setembro de 1936, grávida de sete meses, Olga foi extraditada para a Alemanha hitlerista pelo governo de Getúlio Vargas. Na Alemanha, foi primeiramente conduzida para a prisão de mulheres de Barnimstrasse. Em novembro de 1936, nasceu sua filha Anita Leocádia nessa prisão em Berlim. Quando a filha completou 14 meses, foi retirada da convivência da mãe e entregue à avó paterna pela Gestapo, após várias tentativas da família e depois de uma campanha internacional pela libertação de ambas (PRESTES, 1995).

Movido pela crença de que o país ainda estava sob a ameaça de uma revolta comunista, ao final dos anos de 1930, Getúlio Vargas também construiu prisões e planejou “a criação de mais de mil colônias agrícolas para detentos e crianças abandonadas [...], aproximando-se muito da realidade dos campos de concentração existentes na Alemanha de Hitler” (PONTES, 2007, p. 51). Nessa mesma época, amparado na justificativa do grande risco que o comunismo representava para a sociedade brasileira, Getúlio Vargas instituiu o Estado Novo em 1937 e, segundo Pontes (2007, p. 51),

deu o golpe dentro do golpe ao promulgar uma nova Constituição, que fechou o Congresso Nacional, fechou os partidos políticos [...], promulgou a pena de morte e anulou os direitos civis de seus opositores. Além disso, o governo deteve poderes para afastar funcionários públicos e militares, passou a controlar a mão de ferro os sindicatos e prolongou seu mandato presidencial até 1943.

Na Alemanha, a trajetória de Olga Benário pelos campos nazistas piora com a intensificação da perseguição aos judeus. Depois de passar pela prisão de Lichtenburg, Olga foi transferida para o campo de concentração de Ravensbrück e submetida a trabalhos forçados para as indústrias a serviço dos planos nazistas hitlerianos (PRESTES, 1995; MORAIS, 2004).

Em abril de 1942, Olga foi transferida, junto com outras presas, para o campo de concentração de Bernburg, onde foi morta em uma câmara de gás, vítima do genocídio alemão, assim como milhares de homens, mulheres e crianças. Para Hobsbawm (2005, p. 15), o fato de se entender “a era nazista na história alemã e enquadrá-la em seu contexto histórico não é perdoar o genocídio. De toda forma, não é provável que uma pessoa que tenha vivido este século extraordinário se abstenha de julgar. O difícil é compreender”. Embora, para esse autor, compreender os fatos históricos seja a principal tarefa do historiador, e a ele (ao historiador) não cabe o julgamento.

2.4 Procedimentos para organização do *corpus*

O *corpus* do presente trabalho foi composto por recortes dos textos biográficos já descritos. No decorrer da análise, foram feitos pequenos recortes dos excertos (Anexos A, B, C, D, e E), os quais foram incluídos no corpo do trabalho, para dar maior visibilidade à discussão e à interpretação dos dados, e para facilitar a leitura e a compreensão da análise feita.

Para esta pesquisa, portanto, foram organizados cinco anexos com seus respectivos excertos. O Anexo A corresponde aos excertos recortados da obra *Olga*, de Fernando Morais (2004), numerados do item 1.1 ao 1.58. O Anexo B é composto de excertos do ensaio “Olga”, de Rita Buzzar (1995), cuja numeração varia do item 2.1 ao 2.23. O Anexo C é composto pelos vinte e um excertos da obra *Camaradas*, de William Waack (2004), enumerados do item 3.1 ao 3.21. O Anexo D contém recortes (4.1 a 4.4) do artigo “Olga Benário Prestes, minha mãe”, de Anita Leocádia Prestes (1995). Já os trechos do ensaio intitulado “Olga: revolucionária sem perder a ternura”, escrito também por Anita Leocádia Prestes (2004), compõem o Anexo E, cuja numeração varia de 5.1 a 5.13. Esses excertos foram digitados e organizados, obedecendo-se à ordem de aparição nos respectivos textos, desconsiderando-se a formatação original, tanto das obras quanto dos ensaios.

A obra *Olga*, de Fernando Morais é composta por vinte episódios, dos quais foram recortados apenas trechos que retratam a trajetória de Olga Benário e que colocam em evidência a produção de aspectos que constituem sua identidade.

Na obra *Camaradas*, de William Waack, além do capítulo, intitulado “Os Profissionais”, que apresenta uma longa referência sobre Olga, foram contemplados, na análise, mais dois capítulos, intitulados “Decidam vocês mesmos”, “Os assassinatos”, e o “Epílogo” dessa obra. Foram recortados os trechos que apresentavam momentos da vida pessoal e/ou da militância de Olga Benário.

Os ensaios de Buzzar e de Anita Prestes, que também compõem o *corpus* desta pesquisa, passaram pelo mesmo processo metodológico de organização, ou seja, destacamos, nos excertos, os momentos em que as autoras caracterizam Olga, tanto na esfera pública como na privada.

2.5 Procedimentos para a análise e discussão dos dados

Para analisarmos e discutirmos os dados coletados a partir dos textos biográficos, publicados nas obras *Olga* (2004), *Camaradas* (2004) e nos ensaios “Olga” (1995), “Olga Benário Prestes, minha mãe” (1995) e “Olga: revolucionária, sem perder a ternura” (2004), fez-se pertinente iniciar a análise com o texto de Moraes, sem a preocupação de se analisar os textos por ordem cronológica de publicação.

Esboçamos as análises dos textos segundo a aproximação dos temas em discussão, um de cada vez, sem obedecer à ordem crescente dos excertos organizados nos anexos. Desta forma, a numeração dos itens, ao ser citada no corpo da seção três, “Análise e Discussão dos Dados”, apresentou-se de forma não sequencial.

Essa ordem foi alterada segundo a necessidade de se apontar, descrever ou cotejar com os demais textos aspectos importantes que foram evidenciados ou apagados no texto em discussão, dependendo da faceta identitária de Olga em análise.

Para finalizar, procedemos à comparação, à descrição e à interpretação dos resultados encontrados em cada etapa, enfim, ao consolidado analítico dos dados e, em seguida, às considerações finais da análise.

CAPÍTULO 3 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Feitas as considerações teóricas e metodológicas nos capítulos 1. REFERENCIAL TEÓRICO e 2. METODOLOGIA, fizemos, no presente capítulo, a análise e discussão dos dados, que têm por objetivo descobrir como se dá o processo de construção dos vários aspectos identitários de Olga Benário, a partir das políticas de nomeação/predicação e de representação no centro das quais estão os sistemas ideológicos e de valores dos(as) autores(as), ao criarem o(s) retrato(s) dessa personagem histórica nos textos analisados.

Iniciamos a presente análise, de caráter interpretativista, atentando, em um primeiro momento, para as nomeações/predicações que são utilizadas pelos narradores para construir os textos biográficos analisados. Focamos também nas ideologias que podem ser percebidas por trás dessas políticas de nomeação. Num segundo momento, tentamos descobrir os valores éticos e políticos que subjazem ao apagamento ou à legitimação dos vários aspectos que identificam Olga Benário e os sistemas simbólicos por meio dos quais suas identidades¹⁴ são representadas. Por fim, discutimos as políticas de representação no interior das quais se dão as políticas de nomeação/predicação que compõem os textos analisados.

Essas questões, articuladas ao aparato teórico-metodológico deste estudo, orientaram a pesquisa, tendo como foco, a seguinte hipótese norteadora: alguns aspectos identitários de Olga são apagados e outros evidenciados/legitimados nos textos analisados, dependendo da conveniência da política de representação de cada fonte analisada, uma vez que toda política de representação é sempre moldada por questões de cunho ideológico, social e político. Em decorrência disso, o retrato de Olga apresenta-se sempre multifacetado.

Um dos primeiros pontos que observamos em nossa análise foi a recorrência de determinados traços caracterizadores de Olga nos textos biográficos. Percebemos que as produções dos aspectos que caracterizam Olga Benário, nas instâncias pública e particular deixam evidenciar certos apagamentos e as posições político-ideológicas dos(as) autores(as).

¹⁴ Estamos usando o termo identidade no plural, pois acreditamos, conforme Hall (2000, p. 13), que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”. No caso dos textos em questão, não é Olga que assume essas identidades; são os autores dos textos que as constroem, a partir das políticas de representação em que se inscrevem. De acordo com Hall (2000), se, por um lado, a identidade é algo a ser reivindicado, por outro é também algo a ser construído; é construído.

Em outras palavras, na instância pública, evidencia-se sua militância¹⁵ e sua formação política; na particular, por sua vez, enfatizam-se seus aspectos femininos: beleza, relacionamento afetivo, maternidade.

Para ilustrar esta pesquisa, fizemos alguns recortes dos textos estudados que, primeiramente, apresentam designações e marcas lingüísticas que inscrevem Olga na militância política e, em seguida, os que evidenciam outros aspectos relacionados ao processo de construção identitária de Olga em cada texto separadamente, segundo nossa leitura.

3.1 A constituição identitária de Olga Benário: uma abordagem pragmática

Neste capítulo, apresentamos a análise e a discussão dos dados, a partir de recortes de manifestações lingüísticas retiradas dos textos estudados. Iniciamos com a análise dos excertos extraídos da obra de Moraes. Em seguida, analisamos partes do ensaio de Buzzar, do texto de Waack e, por fim, dos ensaios de Prestes, A. L.. Os diferentes episódios narrados, em cada texto, evidenciam os vários elementos que compõem as diferentes caracterizações de Olga. Analisamos um texto de cada vez, observando e elencando os vários aspectos identitários de Olga representados e produzidos por esses autores.

3.1.1 Aspectos identitários de Olga na obra de Fernando Moraes

Desse texto, analisamos, a princípio, a faceta identitária de militante, tanto sua atuação marcante quanto sua formação política, teórica e militar, que o narrador deixa em destaque até a vinda de Olga para o Brasil. Vejamos os excertos (Anexo A, páginas 185-196) a seguir:

Excerto 1
(Anexo A, nº. 1.5)

[...] Olga, aos quinze anos, revelou-se **a mais eficiente da turma**, aí incluídos os mais velhos e mais fortes. **Eficiente e ousada**: pela primeira vez também o centro , e não só a periferia de Munique, amanheceu pichado.

¹⁵ A militância pode se dar em duas estâncias, a política e a militar. A primeira diz respeito ao preparo teórico e ao treinamento político-ideológico. A segunda refere-se ao preparo militar que está relacionado ao treinamento para a luta armada. Usaremos, com mais frequência, a forma militante (militância) política com referência à primeira modalidade e militante (militância) política militar para nos referirmos à segunda.

	Além de decidida e corajosa , ela trazia do lar burguês algo que faltava aos filhos de operários: uma excelente formação escolar.
Excerto 2 (Anexo A, nº. 1.9)	No mais, uma mulher: na vida de Otto, na militância diária, no progresso fulminante que fazia dentro dos quadros da Juventude Comunista de <i>Neukölln</i> .
Excerto 3 (Anexo A, nº. 1.13)	Suas intervenções eram sempre marcadas por idéias engenhosas e imaginativas .
Excerto 4 (Anexo A, nº. 1.14)	E a estrela mais fulgurante de <i>Neukölln</i> , a jovem Olga Benário, era quem mais preocupava a direção naquele momento.
Excerto 5 (Anexo A, nº. 1.19)	[...] que fazia uma das mais vertiginosas carreiras dentro da Juventude Comunista Internacional.
Excerto 6 (Anexo A, nº. 1.20)	Naquele inverno de 1934, embora com apenas 26 anos, ela era considerada por seus superiores o que dona Leocádia desejara para o filho no brinde ____ uma bolchevique completa [...] já tinha dado provas indiscutíveis de coragem e determinação .

Tanto as formas de predicação “eficiente”; “ousada”; “decidida”; “corajosa” etc., quanto outras escolhas lingüísticas, geralmente substantivas, que compõem os enunciados nos excertos mostrados acima, tais como “progresso fulminante”; “idéias engenhosas e imaginativas”; “uma das mais vertiginosas carreiras”; “coragem e determinação” etc. são usadas para designar a militante Olga. Essas escolhas (as últimas) compõem também a política de nomeação/predicação do narrador, pois esses elementos lingüísticos, usados para compor o texto em questão desencadeiam atributos que caracterizam a militante Olga. É nesse sentido que, segundo Austin (1990), toda vez que nomeamos também predicamos. Por exemplo, os nomes “progresso”; “idéias”; “estrela”; “bolchevique”; “coragem e determinação” podem levar-nos às predicações “inteligente”; “corajosa”; “determinada”, entre outras. Assim, essas escolhas lingüísticas deixam entrever que o narrador, no bojo dessa política de nomeação/predicação, reforça a identificação imediata de Olga com a militância.

Entendemos que a convicção política e a motivação de Olga no desempenho de tarefas, que podem ser percebidas na designação “uma bolchevique completa” e nas escolhas lingüísticas “coragem e determinação”, ao ser apresentada por esse narrador, estão vinculadas ao contexto histórico de atuação dessa militante. Segundo Hobsbawm (2005, p. 63), “durante grande parte do Breve Século XX, o comunismo soviético proclamou-se um sistema alternativo e superior ao capitalismo, e destinado pela história a triunfar sobre ele”. A certeza da vitória era uma das molas propulsoras da militância de Olga. Dessa forma, entendemos que o narrador retrata, nesse momento, a militante Olga como uma “bolchevique completa” para

mostrar que ela foi seguidora dos ideais de seu Partido por ter se submetido à ideologia que orientava o treinamento dos militantes e por ter, conseqüentemente, incorporado a certeza de vitória disseminada pelo comunismo soviético, motivada pela Revolução de Outubro de 1917.

As formas de nomeação/predicação “mais eficiente”, “ousada”, “decidida”, “corajosa”, “bolchevique completa”, usadas para identificá-la, norteiam o significante militante e legitimam aspectos identitários que aproximam Olga da representação do sexo masculino, já que as atribuições e os feitos de destaque na militância política, nas décadas de 1920, 1930 e 1940, eram, privilegiadamente, relacionados ao sexo masculino. Isto não significa que esse autor compare Olga com seus companheiros militantes, mas deixa flagrar em seu texto a ideologia do Partido Comunista, já que, no contexto brasileiro não era diferente, pois o Partido Comunista Brasileiro (PCB) fundou-se a partir das bases que fundamentavam o Partido Comunista Soviético.

Segundo Tavares (2003), as contradições dentro dos Partidos Comunistas de orientação marxista e soviética, no que diz respeito à questão feminina, eram bastante visíveis. Para ela,

a configuração que o pensamento marxista assumiu após a Revolução Russa reforçou mais essa contradição, já que, embora as mulheres tenham sido incorporadas ao discurso político soviético, as discussões mais específicas sobre a condição feminina foram sufocadas sob a alegação de constituírem um desvio burguês. (TAVARES, 2003, p. 2-3).

Acreditamos que esse narrador não reproduz essa contradição em seu texto, ao retratar Olga. Percebemos que a política de nomeação/predicação do autor nesse momento está marcada por questões ideológicas que não se inserem em posicionamentos que criam a dicotomia masculino e feminino no que se refere à militância política e militar.

Ao usar as formas superlativas, “a mais eficiente da turma”; “a estrela mais fulgurante”; “uma das mais vertiginosas carreiras”, para caracterizar Olga, ele a coloca em um lugar de destaque, no topo, na liderança militante do grupo a que se filiou. Essa política de representação inscreve Olga em uma posição¹⁶ de militante superior a seus pares militantes.

¹⁶ Estamos usando a palavra “posição” ou “posições”, no decorrer de toda análise, para nos referirmos ao lugar sócio-histórico e ideológico assumido pela personagem histórica Olga Benário na perspectiva dos(as) autores(as) dos textos analisados. De acordo com Fernandes (2005, p. 20), “observamos, em diferentes situações de nosso cotidiano, sujeitos em debates e/ou divergências, sujeitos em oposição acerca de um mesmo tema. As posições

Pode-se dizer que há uma sobreposição da atuação de Olga à dos demais militantes, e isso mostra que por trás dessa política de nomeação/predicação subjazem valores éticos e políticos desse autor que podem ser percebidos na forma como ele retrata Olga: sua atuação está em consonância com um dos propósitos do Partido Comunista: a invencibilidade, conforme já mencionamos. Também há a possibilidade de afirmarmos que essa política de representação parece estar motivada pelo interesse em dar visibilidade à trajetória dessa militante, pois, como Moraes (2004) afirma em sua obra, a maioria das publicações sobre Olga relegou-a ao papel de esposa de Luís Carlos Prestes.¹⁷ Esse posicionamento pode também denunciar as convicções político-partidárias desse narrador.

É perceptível o interesse de Moraes em apontar os aspectos identitários positivos que inscrevem Olga na posição de militante. Suas escolhas lingüísticas (“progresso fulminante”, “idéias engenhosas e imaginativas”, “estrela fulgurante”) denunciam sua posição de admirador da trajetória de Olga Benário. Infere-se, a partir disso, que o fato de Moraes (2004) demonstrar interesse pela história da comunista e judia, que foi entregue a Hitler pelo governo de Getúlio Vargas, desde tenra idade, e também o contato que teve com a família (Luís Carlos Prestes, Anita Leocádia, Lygia Prestes etc.) na busca por informação para desenvolver seu trabalho, podem ter marcado e influenciado seu posicionamento político-ideológico. Nas formas de nomeação/predicação usadas por Moraes estão implícitos valores e crenças que pressupõem um dizer que implica um fazer. Esse fazer realiza-se através de um dizer performativo (as repetidas nomeações/predicações atribuídas às posições identitárias de militante), legitimando os vários aspectos que identificam a faceta de militante dessa personagem.

É possível a inferência de que Moraes considera importante realçar na trajetória de Olga tanto sua atuação na instância militar quanto na política. No enunciado, “além de decidida e corajosa”, a forma, “além de”, implica que a atuação de Olga não se resume aos aspectos ligados à sua força e coragem, que podem estar vinculadas ao seu preparo físico e emocional. Há algo mais nessa militante que, para ele, é necessário destacar: sua formação política que pressupõe preparo teórico e consciência política. Essa idéia começa a ser construída no texto de Moraes a partir do enunciado, “uma excelente formação escolar”, que será reforçada por outros elementos lingüísticos que serão analisados posteriormente. Além

em contraste revelam lugares socioideológicos assumidos pelos sujeitos envolvidos, e a linguagem é a forma material de expressão desses lugares”.

¹⁷ As diferenças de escrita do nome do político brasileiro “Luís Carlos Prestes”, no decorrer da análise, deve-se a nossa fidelidade à forma usada pelos(as) autores(as) das obras e dos ensaios analisados.

disso, o autor realça sua inteligência como resultado dessa formação. Isto é feito por meio dos elementos lingüísticos “idéias engenhosas e imaginativas”.

A coexistência dessas facetas identitárias de Olga construídas por Moraes resulta no que ele nomeia de “uma bolchevique completa”. Isso significa que sua atuação tanto ocorre no campo militar (ao mencionar o enfrentamento do perigo, a exposição física e o uso de armas) quanto diz respeito ao campo político, que pressupõe conhecimento e consciência das causas políticas de sua atuação, que requer uma formação teórica.

É possível analisar a emergência dessas facetas identitárias de Olga, tomando-se como base os estudos de Rajagopalan (2003). Para esse autor, quando as identidades são reivindicadas ou produzidas, outras são excluídas e/ou apagadas em um constante movimento. Então, pode-se dizer, até o momento, que os aspectos identitários que constituem a identidade de militante de sucesso não estão relacionados às formas clássicas que significam e constroem o sujeito mulher. Há apagamentos dos aspectos ligados à fragilidade e à insegurança da personagem, que ocorrem como efeito da política de representação adotada em cada momento. Ainda reiteramos que nenhum aspecto apontado acima caracteriza uma mulher nos moldes instituídos pela sociedade da época. Já os sentidos ligados à idéia de militância, a partir das nomeações/predicações empregadas pelo narrador, tais como “eficiente e ousada”; “decidida e corajosa”; “progresso fulminante” etc., contrastam-se com os sentidos que emanam das formas “esposa-mãe”, “submissa” e “dependente”, que sempre constituíram os discursos definidores das identidades femininas. A força performativa dessas políticas de nomeação/predicação constrói um retrato de mulher “forte” mais próximo das caracterizações que são geralmente associadas ao sexo masculino, mas que, no momento, caracterizam a mulher e militante.

Se considerarmos o elemento repetição, proposto por Silva (2005), como uma das formas performativas na criação de identidades, podemos afirmar que o caráter performativo da linguagem exerceu sua força lingüística na produção identitária de Olga, pois, na repetição dessas caracterizações presentes nos enunciados acima, o autor define e reforça essa faceta identitária de Olga, ou seja, a recorrência das designações e das escolhas lingüísticas que se referem a Olga exercem uma função performativa na constituição identitária da militante de sucesso.

Alguns aspectos desse processo de construção da militante serão melhor evidenciados se considerarmos os excertos (Anexo A, páginas 185-196), que mostram outros

aspectos dessa identidade de Olga em processo de construção no interior de outra política de nomeação/predicação:

Excerto 7
(Anexo A, nº. 1.6)

Otto também estava encantado com aquela figura, meio menina, meio mulher, alguém com **uma sede de ação** e de teoria como ele nunca vira antes.
[...] E se surpreendia com **a insistência com que ela pedia manuais de estratégia militar, depoimentos de grandes generais e relatos de batalhas famosas.**

Excerto 8
(Anexo A, nº. 1.22)

Apaixonada por estratégia militar [...].

As formas lingüísticas “sede de ação”; “a insistência com que ela pedia manuais de estratégia militar, depoimentos de grandes generais e relatos de batalhas famosas” e o grupo de palavras “apaixonada por estratégia militar”, trazem em seu bojo conotações históricas. Essas formas denunciam a identificação de Olga com a atividade militar e iniciam o processo de construção da imagem de militante com formação política militar que, segundo esse autor, era a atividade que mais a atraía. Além disso, apontam a posição político-ideológica de Olga que acreditava na necessidade de militarização dos militantes. Dentre os militantes comunistas, nem todos eram favoráveis à luta armada, pois acreditavam em um confronto com a oposição apenas nos âmbitos político e ideológico. Segundo Moraes (2004), Olga, ao tomar conhecimento da situação difícil dos enfrentamentos entre comunistas e fascistas, na Alemanha, dos quais seus companheiros saíam geralmente feridos ou presos, insistia na idéia de militarização dos comunistas. O próprio autor afirma que a certeza de Olga “de que a luta não seria apenas política era tão forte que passou a requerer autorização, junto ao Birô Político do KIM, para ingressar em cursos paramilitares na URSS, em vez de apenas as classes teóricas” (MORAIS, 2004, p. 49).

Nos excertos 9 e 10 (Anexo A, páginas 185-196), o processo de construção da militante política com formação no setor militar culmina nos treinamentos militares:

Excerto 9
(Anexo A, nº. 1.18)

Durante o período que passou em Borisoglebsk __ localidade a quinhentos quilômetros ao sul de Moscou, em direção ao mar Cáspio __, ela **aprendeu a atirar com armas pesadas e leves e a cavalgar, incorporada a uma unidade regular do Exército Vermelho [...].**

Excerto 10
(Anexo A, nº. 1.20)

[...] atirava com **pontaria certa, pilotava aviões, saltava de pára-quedas, cavalgava** e já tinha dado provas indiscutíveis de coragem e determinação.

A formação de Olga incluiu um treinamento fora de Moscou em uma unidade do Exército Vermelho (MORAIS, 2004). Com isso, o narrador deixa em evidência o preparo militar de Olga no trecho: “aprendeu a atirar com armas pesadas e leves e a cavalgar, incorporada a uma unidade regular do Exército Vermelho”. O enunciado “incorporada a uma unidade regular do Exército Vermelho”, por si só, pressupõe a idéia de vínculo a um treinamento militar.

Com relação aos outros grupos de palavras (grupos verbais e nominais) que também relacionam a atuação de Olga à ação militar, quais sejam: “pontaria certa”, “pilotava aviões”, “saltava de pára-quedas”, “cavalgava”, podemos perceber o destaque ao fazer militar de Olga, fazendo emergir aspectos da identidade de militante com formação política militar. Além disso, subjazem a essa descrição de Olga, a ideologia do *Comintern*,¹⁸ que tinha como meta oferecer treinamento militar aos militantes-líderes cujo desempenho já havia inspirado confiança. Esse era o caso de Olga, que por essa razão foi escolhida entre centenas de militantes para participar de um treinamento (MORAIS, 2004).

Depois dessas considerações que envolvem alguns aspectos identitários de Olga que estão relacionados a várias posições assumidas/produzidas por/para ela, até esse momento de sua trajetória política, lançamos mão dos estudos em torno do processo de reconfiguração das identidades (HALL, 2000, 2005; SILVA, 2005; WOODWARD, 2005), para afirmar que o autor tira o foco de um aspecto da identidade da personagem Olga, ou seja, da velha identidade tão decantada socialmente, para as várias possibilidades de subjetivação que a faceta identitária de militante proporciona. Isto é feito a partir de uma política de representação, que resulta nas configurações identitárias de Olga que parecem valorizar os aspectos que são constitutivos de sua identidade de militante, que também se estendem à figura da mulher. Inserido nessa política de representação, Morais (2004) parece não reproduzir o modelo tradicional de gênero no qual existem caracterizações distintas atribuídas a homens e mulheres, segundo uma matriz heterossexual, que privilegia o masculino, subordinando o feminino (BUTLER, 2000, 2003).

Nos excertos a seguir (Anexo A, páginas 185-196), emerge a identidade de mulher emancipada:

Excerto 11
(Anexo A, nº. 1.6)

Suas **desavenças com os rapazes do grupo, entretanto, só se**

¹⁸ *Comintern* ou *Komintern* é a forma abreviada do termo alemão *kommunistische Internationale* para se referir à Terceira Internacional ou à Internacional Comunista (1919-1943). Esta organização foi fundada por Lênin para direcionar o funcionamento dos partidos comunistas de diferentes países.

tornavam ásperas quando percebia que estava recebendo tarefas secundárias pelo fato de ser uma garota. Ao final da discussão, Olga resmungava para quem quisesse ouvir: ‘Quero que vocês saibam que nestes momentos ser mulher é uma chateação!’

Excerto 12
(Anexo A, nº. 1.10)

Além disso, uma característica aguçava ainda mais o desejo dos rapazes: **sua independência.** Olga era dona de seu nariz e fazia apenas o que acreditava ser importante. Na política e na vida pessoal.

Excerto 13
(Anexo A, nº. 1.11)

De um sentimento, entretanto, nem os conselhos de Otto conseguiram livrá-la: **o horror ao casamento formal, sacramentado em cartório.** Ela associava **a idéia do casamento ao que considerava a pior deformação burguesa: a dependência econômica da mulher, o sexo obrigatório, a convivência forçada.** [...].

Nesses momentos emergia uma Olga **intolerante, quase puritana:** ____ Saiba que ceder aos instintos é multiplicar o bordel burguês. E quem diz isso não sou eu; é Lênin.

Excerto 14
(Anexo A, nº. 1.17)

Revoltada, ela repetiu, uma vez mais, que **não seria jamais propriedade de quem quer que fosse.**

O enunciado “Suas desavenças com os rapazes do grupo, entretanto, só se tornavam ásperas quando percebia que estava recebendo tarefas secundárias pelo fato de ser uma garota” é a primeira referência à oposição de Olga ao tratamento diferenciado entre homens e mulheres. Percebe-se que o autor constrói uma Olga que se coloca em uma posição política em defesa da militante, enunciando do lugar da mulher e reforçando que as mulheres têm o mesmo nível de importância e capacidade de seus pares masculinos.

Percebemos no texto de Moraes que Olga assume em determinados momentos uma posição de contestação às normas vigentes que subjugam a capacidade da mulher ou que parecem privar-lhe de liberdade. No início de sua militância, Olga esforçou-se por superar os seus colegas em termos de desempenho como forma de atenuar a resistência a sua presença, tanto por ser mulher quanto pelo fato de pertencer a uma família de classe média. Esses aspectos a destoavam do grupo de militantes naquela época, na Alemanha, ano de 1923, quando a maioria provinha da classe operária. Também se rebelava quando percebia que as tarefas eram distribuídas, segundo critérios discriminadores, pois atribuíam sempre as tarefas secundárias às mulheres, principalmente a ela (MORAIS, 2004).

Os enunciados “horror ao casamento formal, sacramentado em cartório”; “a idéia do casamento ao que considerava a pior deformação burguesa: a dependência econômica da mulher, o sexo obrigatório, a convivência forçada” usados pelo narrador remetem-nos a atributos que caracterizam Olga como mulher emancipada e denunciam sua oposição ao

casamento, o que lhe confere aspectos identitários que a distanciam dos modelos de “ser mulher” socialmente instituídos.

Podemos afirmar que as caracterizações subjacentes às escolhas lingüísticas feitas pelo autor inserem Olga numa política de identidade própria dos movimentos feministas contra a estrutura patriarcal de poder que prevê para a mulher apenas papéis na instância doméstica, que são os sentidos que emanam das palavras, “casamento formal, sacramentado em cartório”; “dependência econômica da mulher”; “sexo obrigatório”. Essas formas configuram-se em posições político-ideológicas contra as quais as mulheres emancipadas erguem sua bandeira de reivindicações. Emerge dessa representação, reforçada, como ainda observamos na nomeação “independente” e no enunciado “não seria jamais propriedade de quem quer que fosse”, uma mulher cujas convicções políticas, caracterizadas pela ousadia e coragem também caracterizam essa posição produzida, nesse momento, a de mulher emancipada.

Pode-se atribuir isso à inscrição ideológica de Moraes, cujo interesse parece ser a construção da imagem de uma mulher que se destaca pela ousadia e independência, mais próxima da militante. Possivelmente, as conseqüências dessa política de nomeação/predicação permitem que os sentidos que caracterizam a militante também possam retratar, em alguns momentos, a mulher emancipada, ou seja, como já foi mencionado anteriormente, as instâncias pública e particular da vida de Olga imbricam-se quando seus aspectos identitários são produzidos.

Assim, é possível afirmar que os sentidos produzidos na constituição da militante são transferidos para a instância pessoal. A força e a ousadia da militante, descritas nos dizeres de Moraes, revelam seu interesse em construir uma heroína invencível, não submissa. Cria uma mulher forte, decidida, uma feminista que, apesar de não ser ligada formalmente a nenhum movimento feminista institucionalizado, acaba nos remetendo a esse espaço social por meio de sua postura. Isto explica o porquê de sua oposição à estrutura social, denominada por ela, no texto de Moraes, de pequena burguesia. Sua heroína rompe com as estruturas que lhe tolgem a liberdade.

Para alguns autores, (HALL, 2000, 2005; WOODWARD, 2005; SILVA, 2005; RAJAGOPALAN, 2002, 2003), as identidades constroem-se e reconstroem-se de acordo com o momento sócio-histórico e cultural em que está inserido o sujeito e são delineadas em um dado contexto político, social, histórico e cultural, ou seja, de acordo com as relações

estruturais que vigoram em um determinado momento e em oposição às demais identidades em ebulição e em conflito. Assim, com base no que disseram esses autores, reiteramos que esses aspectos da identidade de Olga que retratam a mulher de vanguarda, foram construídos em oposição ao modelo tradicional de mulher, pois, através das caracterizações presentes no texto analisado, o narrador legitima uma faceta de mulher que não se submete, nesse momento de sua vida, segundo o retrato construído por Moraes, aos padrões patriarcais da época.

Esse retrato de Olga pode também estar vinculado a sua formação teórica e política: Olga foi leitora assídua das teorias de Lênin e o teve como ídolo (MORAIS, 2004). Assim, observamos que o posicionamento de Olga em relação ao casamento, e ainda, sua contestação explícita ao comportamento “promíscuo” das companheiras militantes, citando Lênin para reforçar sua intolerância em relação a essa conduta, refletem o pensamento leninista.

Para verificarmos essa questão, buscamos subsídios no texto de Tavares (2003), que discutiu a forma como a situação das militantes foi tratada dentro do Partido Comunista e nos mostra que Lênin defendia a idéia de que a questão da mulher estava subjacente às discussões sobre o socialismo. A emancipação da mulher era uma preocupação cujo tema foi contemplado no trabalho de escritura de Lênin, no qual, segundo Tavares (2003, p. 43), “denunciou as condições de trabalho das operárias e a opressão que pesava sobre as mulheres em uma sociedade burguesa, condenou a prostituição e defendeu, com vigor, uma condição de igualdade das mulheres em relação aos homens”.

As predicções (ou caracterizações) “intolerante”, “quase puritana” concorrem para a construção da imagem de uma Olga militante e mulher, cujas convicções políticas e morais se alinham com as do grande líder político comunista, conforme nos mostra Tavares (2003, p. 47),

No campo da sexualidade, Lênin demonstrou-se austero: preocupado com os excessos da revolução sexual, defendeu que um liberalismo exacerbado levaria à dissipação das energias dos jovens que deveriam estar concentradas no trabalho de construção da sociedade revolucionária.

A forma como Lênin tratava as questões relacionadas à sexualidade parece submeter tanto homens como mulheres a uma regulação que pressupõe subordinação a regras

de uma instituição de poder. Se considerarmos esse aspecto e o fato da intolerância e do puritanismo de Olga estarem relacionados apenas ao comportamento feminino, como no trecho: “Quando ouvia alguma amiga contar como vantagem que levava para a cama tantos rapazes, ela perdia a serenidade” (MORAIS, 2004, p. 36), é possível dizer que esse enunciado pode nos remeter a outras formas de interpretação e, conseqüentemente, à construção de outros aspectos identitários que configuram outro perfil que se distancia da mulher emancipada. Subjacentes a essas nomeações “intolerante” e “puritana”, podem estar presentes códigos morais referentes ao comportamento da mulher. Assim, a força ilocucionária desses atos de fala, legitima outro aspecto da identidade da mulher. Ao valorizar esse aspecto da constituição identitária de Olga, o autor apresenta uma dubiedade na representação de sua construção identitária, pois a militante obediente aos princípios do líder comunista Lênin, como ele retrata no texto, pode trazer à tona outro perfil de mulher que se contrasta com a mulher emancipada. Isso nos remete à questão dos aspectos contraditórios da identidade – aspectos já esperados na perspectiva teórica adotada por nós –, discutida por Hall.

Hall (2000) discute a fragmentação da identidade do sujeito pós-moderno. Para ele, esse sujeito surge por meio de deslocamentos e rupturas e se apresenta instável, fragmentado, composto de várias identidades, às vezes, conflitantes. Esse sujeito, nas palavras do autor, é

composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas [...] O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2000, p. 12-13).

Tavares (2003) discute em seu texto a dubiedade apresentada na teoria de Lênin, que tenta incluir as questões referentes à mulher, mas, com as discussões sobre a sexualidade que giravam em torno das críticas que fazia à liberdade sexual, seus estudos não avançaram nessa questão e, após a consolidação do Estado soviético, acabaram respaldando, segundo Tavares (2003, p. 47), “uma orientação moral conservadora que levou à retomada de valores que remetiam ao papel feminino tradicional”. Dessa forma, podemos afirmar que essa dubiedade e esses valores também estão no centro da representação de Olga no texto de Morais, nesse momento de sua militância.

Quando Morais descreve o namoro de Olga com Otto, assim que ela se vincula ao Partido Comunista na Alemanha, observamos, no conjunto de formas de nomeação vinculadas ao relacionamento afetivo, conotações que trazem à tona implicações para a categorização da personagem Olga. Observemos os excertos abaixo (Anexo A, páginas 185-196):

- | | |
|---|--|
| <p>Excerto 15
(Anexo A, nº. 1.6)</p> | <p>Otto também estava encantado com aquela figura, meio menina, meio mulher, alguém com uma sede de ação e de teoria como ele nunca vira antes.
[...] Otto começou a orientar as leituras de Olga e a indicar-lhe, além dos teóricos indispensáveis à sua formação comunista, alguns jornais e revistas de grupos marxistas de Berlim.</p> |
| <p>Excerto 16
(Anexo A, nº. 1.8)</p> | <p>Na verdade, não era apenas a política que a empurrava para Berlim. Ela estava apaixonada por Otto.
[...] Passar os dias ao lado dos jovens operários comunistas de <i>Neukölln</i> e as noites nos braços de Otto era tudo o que Olga Gutmann Benario queria para sua vida naqueles dias.</p> |
| <p>Excerto 17
(Anexo A, nº. 1.10)</p> | <p>O tempo exigido por uma vida febril tinha que ser roubado de alguma coisa. E, às vezes, sua vida amorosa com Otto parecia empobrecer.
[...] O amor e a admiração que tinham um pelo outro não diminuía ____ ao contrário, queriam-se cada vez mais. No entanto, a atividade política, somada à paixão pela militância, reduzia a minutos o tempo que tinham para namorar.</p> |

O interesse de Olga por Otto, conforme aparece logo no início do texto de Morais (2004), é pela sua formação. Isto fica evidente com a demonstração do entusiasmo que Olga sentia diante da figura de Otto: “Ela imaginava estar diante de um homem perfeito, que conseguia juntar uma sólida formação teórica com a experiência militar” (MORAIS, 2004, p. 32). Então, se compararmos esses argumentos com as escolhas lingüísticas “alguém com uma sede de ação e de teoria”; “Otto começou a orientar as leituras de Olga”; “teóricos indispensáveis à sua formação comunista”, concluímos que os aspectos identitários que a inscrevem na posição de namorada emergem vinculados ao forte interesse de Olga pela política e pela ação, que eram conhecimentos que Otto dominava, conforme relata Morais (2004, p. 31): “[...] Otto já era um militante experiente. Inclusive naquilo que mais a encantava, a ação armada”. Parece que a política de representação usada, nesse contexto, estabelece vínculo do entusiasmo de Olga por Otto com o grande interesse que tem, nesse momento, início de militância, pelo conhecimento teórico e militar. Mais adiante, o enunciado “as noites nos braços de Otto”, pela força performativa do enunciado, fazem emergir sentidos que pressupõem a idéia de uma mulher à frente dos seus tempos.

Embora o narrador deixe claro o interesse de Olga em trocar Munique por Berlim, influenciada por suas leituras e militância, como no trecho: “As notícias da agitação política na capital, que lia nos jornais de Berlim, incendiavam sua imaginação. Uma fantasia que tinha nome próprio: *Neukölln*, o bairro operário de Berlim, a ‘Fortaleza Vermelha’ da esquerda alemã” (MORAIS, 2004, p. 32), mais adiante, segundo a argumentação do autor, Olga vai para Berlim também por estar apaixonada. Ao usar o enunciado “não era apenas a política que a empurrava para Berlim. Ela estava apaixonada por Otto”, o autor coloca em destaque a paixão. A força ilocucionária da predicação “apaixonada” deixa em evidência a mulher. O advérbio, “apenas”, reforça essa idéia de sobreposição da apaixonada à militante. A forma “apenas” acompanhada da partícula de negação “não” pressupõe, além da idéia de algo mais além daquilo que já existe, que já é posto: o interesse pela militância. Há também algo novo que move a militante: o amor. O novo colocado nessa argumentação assume uma força performativa que prepondera, fica em destaque.

A partir desse momento, outras designações reforçam o processo de construção identitária que acaba evidenciando a mulher decidida e forte. Assim, a partir dos enunciados “O tempo exigido por uma vida febril”; “sua vida amorosa com Otto parecia empobrecer”; “O amor e a admiração que tinham um pelo outro não diminuía”; “a atividade política, somada à paixão pela militância, reduzia a minutos o tempo que tinham para namorar”, coloca em pauta um conflito entre as vidas pública e privada que decorre do caráter contraditório e movente, próprio das identidades vistas da perspectiva não essencialista. Assim, inferimos que outro aspecto que está em jogo, nessa política de nomeação/predicação, são os valores éticos ligados à vida pública da mulher que entram em conflito com sua vida pessoal.

É interessante perceber que o rompimento com Otto está ligado à falta de tempo gerada pela militância intensa. Isso denuncia valores éticos no que diz respeito ao papel da mulher na sociedade. Parece emergir dos enunciados citados acima, que mencionam a falta de tempo de Olga (“o tempo exigido por uma vida febril”; “reduzia a minutos o tempo que tinham para namorar”) para se dedicar à relação amorosa, a idéia de que a mulher é levada a fazer sacrifícios em decorrência de sua escolha. Ou ela opta por uma vida pública e anula a sua vida pessoal, ou o contrário.

Mas, há a possibilidade de considerarmos um outro aspecto da escolha de Olga pela militância que está vinculada às suas convicções políticas, incentivadas pela III Internacional Comunista, órgão para o qual ela trabalhava e que pregava que a militância estava acima dos interesses pessoais dessa geração de jovens. Como mostra Hobsbawm

(2005, p. 79), “para essa geração, sobretudo os que, embora jovens, viveram os anos de levante, a revolução foi o acontecimento de suas vidas; os dias de capitalismo estavam inevitavelmente contados”.

Considerando-se esse contexto histórico e o fato de Olga ser muito jovem, é possível afirmar que, ao usar as escolhas lingüísticas que compõem os últimos enunciados citados acima, o autor, no centro de uma política de representação, dá evidência ao rompimento do namoro entre Otto e Olga, para novamente criar a militante disciplinada e fiel às orientações do Partido Comunista.

Em alguns momentos, podemos observar uma mudança de foco: a beleza da militante. A recorrência com que Moraes se refere à beleza de Olga pode ser percebida em vários fragmentos da obra, como os que se seguem (Anexo A, páginas 185-196), que evidenciam a beleza de Olga em plena ação política e/ou militar:

Excerto 18 (Anexo A, nº. 1.1)	[...] uma linda moça de cabelos escuros e olhos azuis , que exigiu com voz firme [...]. A jovem de olhos azuis que comandava o grupo mantinha a pistola apontada para a cabeça do guarda.
Excerto 19 (Anexo A, nº. 1.2)	[...] o nome da linda jovem que comandara o ‘assalto comunista’ [...].
Excerto 20 (Anexo A, nº. 1.6)	A militarista que os suaves olhos azuis ocultavam já emergira nas reuniões do Grupo Schwabing [...].
Excerto 21 (Anexo A, nº. 1.12)	Apesar de importante, o novo posto trazia a desvantagem de mantê-lo afastado da atraente professora .
Excerto 22 (Anexo A, nº. 1.15)	[...] ali se sabia com detalhes a história da linda alemã que invadira Moabit [...].
Excerto 23 (Anexo A, nº. 1.27)	[...] o jovem médico Pedro Nava está passando de ambulância pela rua Prudente de Moraes, em Ipanema, a caminho do trabalho, e chama a atenção do motorista para a beleza de uma moça de aparência estranha [...].

Em outros momentos (Anexo A, páginas 185-196), a beleza de Olga é associada a contatos sociais, a momento de lazer ou de disfarce exigido pela militância clandestina:

Excerto 24 (Anexo A, nº. 1.23)	[...] acompanhado de uma belíssima mulher, comunista e revolucionária como ele .
Excerto 25 (Anexo A, nº. 1.24)	[...] não percebeu o que acontecia quando aquela bela mulher, vestida com elegância [...].

Excerto 26
(Anexo A, nº. 1.25)

[...] à saída dos teatros, atraía a atenção dos homens com seus vestidos parisienses, [...] uma silhueta fina e elegante.

Na obra de Moraes, a referência à beleza de Olga é recorrente, principalmente em suas fases que coincidem com sua entrada precoce na militância política, sua adolescência, sua atuação vigorosa na juventude. O autor inscreve-a em posições relacionadas à beleza feminina.

Um detalhe nos chamou a atenção, nesses excertos. Sempre que o autor narra um momento de grande destaque da atuação de Olga, tanto na política (“A militarista que os suaves olhos azuis ocultavam já emergira nas reuniões do Grupo Schwabing”), quanto na ação militar (“uma linda moça de cabelos escuros e olhos azuis, que exigiu com voz firme”; “A jovem de olhos azuis que comandava o grupo mantinha a pistola apontada para a cabeça do guarda”), a beleza aparece como um ingrediente importante, vinculada ao sucesso, à coragem ou à intensa atividade política e militar de Olga Benário.

Vários excertos, como nos exemplos dos dois grupos de excertos supracitados, que se referem à beleza de Olga apresentam elementos lingüísticos que se referem aos atributos físicos de Olga, tais como “olhos azuis”, “cabelos escuros”, “suaves olhos”, “belos olhos”, “silhueta fina e elegante”. Alguns estão também vinculados à aparência de Olga: “vestida com elegância”, “vestidos parisienses” e há um terceiro aspecto referente a elementos do campo da sensualidade: “atraente” e “atraía a atenção dos homens”. Essas escolhas lingüísticas desencadeiam atributos ligados à beleza e compõem um sistema simbólico de classificação que resgata a imagem da mulher bela que é socialmente e culturalmente valorizada.

Quanto a esse aspecto, Hall (2005), Woodward (2005) e Silva (2005) afirmam que as identidades culturais emergem de sistemas simbólicos de classificação e de representação próprios de cada cultura, aos quais subjazem sistemas de valores ideológicos e políticos. Assim, podemos inferir que essa política de nomeação/predicação que se refere à beleza de Olga é motivada pelo desejo de caracterizá-la como uma militante de destaque e, ao mesmo tempo, deixar claros os atributos que a caracterizam também como mulher (caracterizada de acordo com os padrões de beleza vigentes). Assim, a valorização de Olga como militante parece estar ancorada a esse padrão de beleza feminino culturalmente valorizado.

Acreditamos que essa política de realçar a beleza de Olga tem também o propósito de aproximá-la das atribuições que constroem o ser humano que está por trás da personagem, tentando desfazer as conotações que permeiam a construção da militância constituída

culturalmente por atributos associados somente ao masculino, já que o campo político, no momento político-histórico dos enunciados e da escritura dos mesmos, era um universo regido por valores masculinos.

Percebemos também que as designações funcionam como amenizadores de uma imagem rígida de militante. O autor, atravessado pelos discursos políticos, sociais e culturais sobre o que seja uma militante comunista das primeiras décadas do século XX, mas ao mesmo tempo tentando preservar a feminilidade de Olga, tenta produzir uma militante mais humana, mais mulher. Percebe-se essa preocupação do narrador, devido à insistência em produzi-la como uma militante bela, em contrariar o estereótipo marcado socialmente da militante política de ferro, muitas vezes vista como assexuada.

Por um outro lado, o autor traz à tona vários aspectos identitários que são sempre associados a uma imagem de mulher instituída socialmente como já mencionamos. E a beleza é um dos ingredientes que estão presentes na caracterização dessa militante. É nesse sentido que argumentamos que, ao retratar essa militante, o autor deixa-se flagrar por um mecanismo de essencialização de sua identidade, pois parece deixar em evidência apenas a militante. Mas, ao contrário, a sua política de nomeação/predicação reforça outros aspectos identitários de Olga que remetem a uma caracterização feminina (a beleza), também essencializada.

Além disso, o autor coloca-se como um admirador da trajetória política de Olga Benário, já que tudo o que sabe sobre sua beleza, foi construído a partir de fotos e da proximidade que teve com a família e com ex-militantes, contemporâneos de Olga, durante a escritura de sua obra. Além disso, no excerto que se segue (Anexo A, páginas 193-194), há outro aspecto que confirma esse argumento:

Excerto 27 [...] ele podia vê-la nas fotografias, permanentemente acompanhada
(Anexo A, nº. 1.43) de policiais e **sempre elegante** [...].

Nesse excerto, encontramos a forma “sempre elegante” que valoriza a aparência de Olga, mesmo depois de presa, quando seu guarda-roupa resumia-se a um vestido confeccionado por ela e por Luís Carlos Prestes no “aparelho”¹⁹ em que foram encontrados, e a alguns objetos de uso pessoal.

¹⁹ “Aparelho” era o termo usado pelos militantes comunistas ao se referirem aos esconderijos clandestinos (casas e apartamentos alugados em lugares estratégicos) do Partido Comunista no Brasil para encontros, reuniões e discussões das coordenadas para o levante de 1935.

A forma redundante com que se refere à beleza de Olga confere um efeito performativo a esses atos de linguagem que desembocam na construção da faceta identitária da militante que, além do sucesso, é bela. Conforme aponta Silva (2005, p. 92), esse caráter de performatividade “desloca a ênfase na identidade como descrição, como aquilo que é – uma ênfase que é [...] para a idéia de ‘tornar-se’, para uma concepção da identidade como movimento e transformação”. Isto reflete o que afirmam os autores Rajagopalan (2002, 2003) e Freitas (2006b) sobre o papel do ato de nomear/predicar que acontece sempre no interior de uma política de representação, a qual se vincula à produção das identidades.

Ao retratar Olga Benário no papel de filha, percebemos que o narrador cria pelo menos duas posições que estão diretamente relacionadas ao período histórico em que Olga viveu. Vejamos os excertos (Anexo A, páginas 185-196) a seguir:

Excerto 28
(Anexo A, nº. 1.3)

A própria **Olga diria mais tarde que havia se transformado numa comunista não pela leitura da teoria marxista, mas folheando os processos em que o pai defendia os trabalhadores de Munique**. “Ali vi de perto a miséria e a injustiça que só conhecia, superficialmente, nos livros”, repetia sempre. Em contraste com **sua consideração pelo pai**, nas poucas vezes que se referia à mãe, ela o fazia **com frieza e economia de palavras**.

Excerto 29
(Anexo A, nº. 1.4)

Ao falar do pai, Olga nunca escondia **o carinho que sentia por ele**. [...] A observação da clientela que freqüentava a elegante residência da Karlplatz, no centro da cidade, **levava a jovem a interessar-se cada vez mais pela sorte daquela gente**.

Excerto 30
(Anexo A, nº. 1.7)

A clientela fina e perfumada da Livraria George Müller, **as discussões com os pais** e a própria casa começam a ficar insuportáveis.

Os elementos lingüísticos que compõem os enunciados “sua consideração pelo pai”; “o carinho que sentia por ele”, parecem estar relacionados a uma boa relação entre pai e filha. A partir do contexto histórico da época, podemos apontar, como já mencionamos, o primeiro aspecto identitário dessa construção, a de filha: a grande identificação de Olga com a figura do pai, que pode ser também percebida nos enunciados “Olga diria mais tarde que havia se transformado numa comunista [...] folheando os processos em que o pai defendia os trabalhadores de Munique”; “vi de perto a miséria e a injustiça”; “A observação da clientela que freqüentava a elegante residência [...] levava a jovem a interessar-se cada vez mais pela sorte daquela gente”. A força performativa desses atos de linguagem produz efeitos que concorrem para a ênfase em certos aspectos identitários que resultam na construção de uma filha que admira o pai, cujos exemplos e trabalho foram decisivos na sua escolha política.

Isso se explica pela postura do pai em relação aos menos favorecidos, aos pobres da Baviera. Embora fosse um homem da classe média alemã e tivesse uma clientela da alta sociedade, seu pai atendia uma numerosa clientela de não-pagantes, com o mesmo empenho e dedicação, além de ganhar causas dos trabalhadores contra seus patrões (MORAIS, 2004).

A situação na Alemanha no pós-guerra (Primeira Grande Guerra) era de crise inflacionária, o que provocou o estado de miséria em que se encontravam os trabalhadores que recorriam ao pai de Olga (MORAIS, 2004). Percebemos, na política de representação do autor, ao fazer emergir essa faceta identitária de filha, o interesse em mostrar que a casa paterna foi a primeira escola de Olga na militância comunista. O que pode ser justificado pelas próprias palavras de Olga: “‘A luta de classe ia me visitar todos os dias em casa’, ela brincava” (MORAIS, 2004, p. 30).

A relação com a mãe, descritas nas escolhas lingüísticas “frieza e economia de palavras”, que provocam efeitos que levam à caracterização de uma filha que se mantém distante de sua mãe, era conflituosa. Fica a difícil relação mãe/filha que, segundo Moraes (2004), está relacionada à oposição veemente da mãe ao fato de a filha ser comunista. A postura da mãe distancia-se dos ideais de Olga. Podemos dizer que a mãe representa valores e crenças do posicionamento político-ideológico contra o qual Olga investiu seu projeto de vida, o imperialismo. Por isso, parece não haver afetividade entre mãe e filha, e o autor deixa isto mais evidente quando narra o episódio em que dona Leocádia foi à casa da mãe de Olga pedir-lhe que intercedesse pela filha, reconhecendo Anita como neta. A mãe de Olga não a reconheceu, naquele momento como filha e expulsou dona Leocádia de sua casa (MORAIS, 2004).

O outro aspecto identitário que configura também a filha e constrói uma outra relação entre pai e filha, vincula-se às divergências das opções político-ideológicas entre eles. Os conflitos dessa relação, que ficam evidentes através do enunciado “discussões com os pais”, eram gerados, segundo o que sugerem as escolhas lingüísticas do narrador, por divergências ideológicas. O pai um social-democrata e a filha uma comunista. Embora Olga tenha herdado do próprio pai, como mostra Moraes, o interesse e a solidariedade pelo proletariado alemão, que a fizeram se identificar com os princípios políticos da causa comunista e a ter convicção de sua escolha, os pontos de divergência entre pai e filha acentuavam-se com as diferenças ideológicas. Segundo Moraes (2004), Olga enfrentou dificuldades de aceitação, ao se filiar ao Partido Comunista, por ser filha de um partidário da Social Democracia, pois, “para a maioria dos comunistas alemães, não apenas a direita era

considerada inimiga. Eles colocavam no mesmo saco e tratavam com o mesmo desprezo os sociais-democratas” (MORAIS, 2004, p. 29).

Por trás dessa política de representação percebe-se o interesse em ressaltar o desprendimento e a independência dessa militante e em mostrar que seus ideais estavam acima de seus interesses familiares. Embora pareça ter vivido uma relação de cumplicidade e identificação com o pai, no que diz respeito à causa do proletariado, não teve dúvidas quanto a sua escolha pela militância. Conforme Moraes (2004), depois de acertada com Otto a mudança para Berlim, sem o conhecimento da família, Olga se colocou à disposição das decisões do partido.

Nos excertos abaixo (Anexo A, páginas 185-196), podemos perceber a caracterização de uma outra identidade de Olga: uma militante e guarda-costas de Luís Carlos Prestes:

Excerto 31 (Anexo A, nº. 1.21)	[...] partiria para o Brasil, cuidando da segurança do capitão Luís Carlos Prestes [...].
Excerto 32 (Anexo A, nº. 1.26)	[...] tranquilizadora presença de Olga , que acompanhava Prestes por toda parte, sempre armada com uma pistola .
Excerto 33 (Anexo A, nº. 1.28)	[...] reforçou a vigilância em torno dele e saía raras vezes apenas para levar ou trazer alguma mensagem entre a casa deles e a dos Ewert, a poucos passos dali. [...] Em ocasiões muito especiais, quando a escolta de Prestes estava a cargo de alguém de absoluta confiança e bem armado [...].

Ficam evidentes no texto de Moraes as caracterizações que norteiam o significante “guarda-costas”, a partir das escolhas lingüísticas feitas pelo autor, observadas nos enunciados “cuidando da segurança do capitão”; “reforçou a vigilância em torno dele”. Essa função foi exercida por Olga, quando acompanhou Luís Carlos Prestes até o Brasil. A importância de Olga nessa missão estava no fato de ser considerada uma das militantes mais bem preparadas pela Internacional Comunista e com competência suficiente para proteger o político brasileiro responsável pela liderança do movimento revolucionário no Brasil (MORAIS, 2004).

Luís Carlos Prestes havia se tornado um mito da oposição política brasileira no Brasil nos anos vinte. Essa fama foi o resultado de uma jornada empreendida por ele e mais 620 homens, percorrida, a pé ou a cavalo, por doze estados brasileiros no período de dois anos e seis meses. O objetivo da coluna era protestar contra as medidas do então presidente Arthur Bernardes. Esse movimento ficou conhecido como a “Coluna Prestes”, que invicta, chegou ao

seu exílio, liderada pelo já conhecido “Cavaleiro da Esperança”, alcunha dada a Luís Carlos Prestes (MORAIS, 2004).

Assim, o elemento lingüístico “segurança do capitão” deixa flagrar a política de representação através da qual Moraes produz a militante, o guarda-costas. Também a escolha lingüística “tranqüilizadora presença”, cuja força performativa pode, a princípio, nos remeter à companheira, não se realiza, pois, as próximas escolhas lingüísticas usadas por Moraes (“sempre armada com uma pistola”; “reforçou a vigilância em torno dele”; “a escolta de Prestes”) complementam os sentidos que emanam do enunciado anterior e provocam a emersão, através desse dizer performativo, de outra configuração de Olga. Na realidade, quando lança mão do nome “tranqüilizadora”, Moraes não se refere a suporte moral ou afetivo da esposa ao marido, mas à segurança do militante Luís Carlos Prestes, bem executada por Olga, “sempre armada com uma pistola”, no papel de guarda-costas.

Embora os sentidos que norteiam o nome “guarda-costas” a inscrevam em um lugar tipicamente masculino, durante sua estada no Brasil, outras facetas identitárias vieram à tona, dependendo da situação vivida por ela e por Luís Carlos Prestes e da política de representação em jogo.

Quando Olga foi enviada ao Brasil para acompanhar e dar segurança a Luís Carlos Prestes, líder político de esquerda, inimigo inveterado do ditador do Brasil, Getúlio Vargas, que estava no poder nessa época, ela teve que representar o papel de esposa de Luís Carlos Prestes. De acordo com Moraes (2004, p. 61), ao chegaram ao “porto de Nova York, na manhã de 26 de março de 1935, o que até então fora uma ficção, montada pela Internacional Comunista, havia virado realidade: como suas personagens Antônio Vilar e Maria Berger, Prestes e Olga eram marido e mulher”.

Moraes, que parece acreditar na relação amorosa de Olga e Luís Carlos Prestes, produz outros aspectos identitários cujos significados diferem do ser “guarda-costas”. Vejamos nos excertos que seguem (Anexo A, páginas 185-196):

Excerto 34
(Anexo A, nº. 1.30)

Quando os alto-falantes dos cursos da rua paravam, os dois se deitavam no minúsculo quarto e Olga **punha-se a traduzir para Prestes poemas em alemão e trechos de Goethe e Schiller seus autores prediletos.**

Excerto 35
(Anexo A, nº. 1.31)

Uma peça de linho comprada por dona Júlia, a mulher do sapateiro Manoel, acabou se transformando num elegante vestido para Olga — **desenhado e cortado por Prestes e costurado por ela.**

Os aspectos identitários que caracterizam a militante guarda-costas perdem a evidência para deixar emergir a mulher intelectual e companheira/esposa que vive com Luís Carlos Prestes situações corriqueiras do cotidiano de um casal. Fica evidente que o autor adotou outra política de representação, por isso foi possível produzir uma outra faceta identitária de Olga: a de esposa/companheira, como observamos nos excertos, “punha-se a traduzir para Prestes poemas em alemão”; “desenhado e cortado por Prestes e costurado por ela”. Ficam evidentes, nesse momento, em que Olga exerce a tarefa designada pela cúpula da III Internacional Comunista, as facetas de intelectual e de mulher (esposa) em seu papel doméstico. Isso foi possível, nesse contexto, devido à reclusão política (clandestinidade) em que se encontravam Olga e Prestes e às necessidades pelas quais passavam, pois, ao saírem às pressas de um “aparelho” para outro, não havia sido possível levar seus pertences pessoais.

É interessante perceber que, mesmo no papel de segurança de Luís Carlos Prestes, em um momento crucial e decisivo de sua vida política, Olga também aparecesse executando tarefas domésticas. Isso traz um outro elemento para a análise: o narrador, mesmo construindo um imaginário de uma “bolchevique completa”, seus dizeres são flagrados pelos atravessamentos sociais e ideológicos que podem assumir, nesse contexto, duas direções. O enunciado, “desenhado e cortado por Prestes e costurado por ela”, pode representar a cumplicidade entre o casal Olga Benário e Luís Carlos Prestes, pois ele também participa da execução da tarefa. Por um outro lado, essa representação pode reproduzir os sentidos que denunciam uma construção identitária que reforça o papel social e cultural que sempre define a identidade feminina, ligada a uma tarefa doméstica. Embora o narrador aponte Luís Carlos Prestes como o idealizador do vestido feito para Olga, existe, aqui, uma atribuição ao papel tradicional da mulher, uma tarefa doméstica corriqueira que sempre foi socialmente atribuída exclusivamente ao sexo feminino.

Quando observamos as últimas seqüências discursivas acima, percebemos que, no decorrer da narrativa, há a configuração e a reconfiguração das identidades de Olga, que também são (re)significadas, de acordo com a conveniência da política de representação do autor. Disso resultam as várias possibilidades de subjetivação de Olga e sua construção identitária fragmentada. São formas distintas que parecem não estar dicotomicamente colocadas nessa política de representação, mas há movência, apagamento e legitimação que são próprios da constituição identitária na visão não essencialista. Mas, ao mesmo tempo o autor parece lançar mão da essencialização para realçar aspectos identitários de Olga conforme convém à política de representação adotada.

A movência da construção identitária de Olga, de uma posição para outra, pode ser percebida, por exemplo, quando o narrador realça a rigidez e a frieza do guarda-costas, “dá um berro para os soldados” (nos excertos a seguir), que se contrasta com a mulher intelectual que traduz trechos de poemas (“punha-se a traduzir para Prestes”), e à mulher doméstica (“costurado por ela”). Por meio da política de representação as várias identidades são produzidas continuamente (RAJAGOPALAN, 2002, 2003; FERREIRA, 2006; HALL, 2005), como observamos no processo de constituição identitária de Olga.

Vejamos o excerto abaixo (Anexo A, página 192), que retrata o momento da prisão de Luís Carlos Prestes e Olga Benário.

Excerto 36
(Anexo A, nº. 1.32)

Uma mulher alta pula na frente de Prestes, protegendo-o com seu corpo e dá um berro para os soldados.

[...] **Não era um pedido** de clemência, **mas uma ordem** dada por Olga:

— Não atirem! Ele está desarmado!

No momento em que são presos por agentes da polícia política²⁰ de Filinto Müller, chefe de polícia do governo Vargas, vemos configurar-se novamente, um instante de reivindicação e construção de identidades; Olga é retratada, novamente como “guarda-costas” de Luís Carlos Prestes. Essa leitura é possível, visto que, no momento em que a vida de Prestes estava em risco, essa mulher foi capaz de se colocar como seu “escudo”, para protegê-lo, mesmo que para isto fosse preciso colocar em risco sua própria vida. Essa era sua missão delegada pela III Internacional Comunista, portanto, “como uma comunista rígida e disciplinada” (MORAIS, 2004, p. 58), defendeu a vida do militante Luís Carlos Prestes.

A esposa/companheira dá lugar à militante guarda-costas. Não é a esposa que defende o marido, mas a militante obediente que cumpre o seu papel de defesa de um líder político. As identidades são criadas e excluídas, segundo as políticas de representação adotadas pelo narrador ao longo da obra. A política de nomeação/predicação do autor evidencia seu interesse em dar vida à militante. A nomeação “uma mulher alta pula [...] dá um berro” indica o distanciamento da figura afetiva de Olga e a apresentação do “segurança”, pois, Moraes lança mão das nomeações “uma mulher alta” e não “a mulher de Prestes”, ao retratar Olga nesse momento. Ele usa o pronome indefinido “uma”, que sugere impessoalidade e não o pronome “a”, que, sugeriria aproximação e vínculo e, além disso,

²⁰ O termo Polícia política, presente na análise, refere-se tanto à polícia brasileira instituída para reprimir os movimentos de oposição ao governo de Getúlio Vargas (seus dissidentes políticos) quanto à Gestapo (órgão repressor do Estado na Alemanha nazista).

atribui-lhe certa agressividade: “berro”. Nesse momento, o carácter performativo da linguagem através da política de nomeação/predicação de Moraes, produz uma Olga na função de guarda-costas e apaga a faceta de esposa, isto é, a função de guarda-costas sobrepõe-se ao papel de esposa, segundo a representação construída por Moraes, cujo desejo é mostrar, nesse momento, a seriedade e a obediência com que Olga exercia suas funções políticas e militares. Há o retorno da idéia de renúncia do pessoal, do individual em prol de uma causa maior.

No momento da prisão, o autor privilegia aspectos que representam a militante. Esta faceta sobrepõe-se à de esposa. Não estão presentes, nesse momento, a esposa e intelectual (“punha-se a traduzir para Prestes poemas em alemão, desenhado e cortado por Prestes e costurado por ela”). Presume-se que o seu propósito é o de retratar uma heroína incansável; portanto, não há espaço para as figuras de mulher e esposa fragilizadas. Moraes apresenta uma imagem de rigor e dureza, já que, mesmo tornando-se esposa de Luís Carlos Prestes, Olga continua em seu papel de militante (“Não era um pedido de clemência, mas uma ordem”). Os substantivos (“pedido” e “ordem”) provocam efeitos díspares. O contexto político e histórico retratado nos enunciados perpassa as escolhas de Moraes que evidenciam a ordem dada por Olga aos soldados. Desta forma, Moraes denuncia a inscrição ideológica de Olga e a posição da qual enuncia. Há, possivelmente, ainda, a sobreposição da militante/guarda-costas a todas as outras formas de subjetivação de Olga. Há, possivelmente, o interesse do autor, inscrito em uma outra posição ideológica, que afeta sua política de nomeação, talvez na função de biógrafo, que está no centro de uma política de representação que concorre para o destaque do aspecto histórico e político da trajetória de Olga, apagando, nesse momento, portanto, o seu lado de mulher na função de esposa. Desta feita, o autor dá maior ênfase ao compromisso e ao comprometimento político de Olga, representante do Partido Comunista Russo, em uma missão no Brasil: defesa da vida de Luís Carlos Prestes, na função de guarda-costas.

Quanto à formação político-teórica e intelectual de Olga, o narrador, atravessado por diferentes crenças e valores, apresenta Olga em posições distintas, conforme analisamos nos excertos abaixo (Anexo A, páginas 185-196):

Excerto 37
(Anexo A, nº. 1.5)

Além de decidida e corajosa, ela trazia do lar burguês algo que faltava aos filhos de operários: **uma excelente formação escolar. Muitos dos clássicos**, de que a maioria ali só tinha ouvido falar em palestras, **ela já os havia lido.**

Excerto 38
(Anexo A, nº. 1.7)

Quanto mais **lia os clássicos marxistas e militava no Schwabing**, **mais firme tornava-se sua decisão de trocar Munique por**

Berlim.

Excerto 39
(Anexo A, nº. 1.16)

O novo cargo significava também novas obrigações, e a primeira delas era frequentar **um curso intensivo de inglês e francês** e, nas horas livres, melhorar seus **conhecimentos de russo**.

Excerto 40
(Anexo A, nº. 1.26)

Olga, que falava **fluentemente vários idiomas e conseguia se expressar com alguma facilidade em português**, trabalhava como **intérprete simultânea**.

A forma como Morais ressalta a formação político-teórica e intelectual de Olga, coloca em destaque a reivindicação desse *status* pela própria militante Olga, que surpreendeu o namorado, na época, Otto Braun, pelo insistente interesse em conhecer a teoria e a ação que envolviam a militância (MORAIS, 2004). Além desse aspecto que já apareceu em nossa análise, as escolhas lingüísticas que compõem o enunciado “uma excelente formação escolar”, que foi considerada o marco inicial da produção dessa identidade de Olga, é reforçada em outros enunciados, como veremos mais à frente, na análise em curso. Percebemos que as formas usadas pelo narrador, “lia os clássicos marxistas”; “frequentar um curso intensivo de inglês e francês e, nas horas livres, melhorar seus conhecimentos de russo”; “falava fluentemente vários idiomas e conseguia se expressar com alguma facilidade em português”, estão a serviço da caracterização de atividades relacionadas à militância que foram mencionadas como complemento delas, como a seguintes: “mais firme tornava-se sua decisão de trocar Munique por Berlim”; “O novo cargo significava também novas obrigações”; “trabalhava como intérprete simultânea”. Esses enunciados, que apresentam escolhas lingüísticas desencadeantes de determinados atributos referentes a Olga, deixam flagrar o processo de configuração de uma das facetas identitárias de Olga, que envolve esses fazeres que desembocam na legitimação da imagem de “militante de elevado conhecimento teórico e cultural”. Esses enunciados têm um caráter performativo, uma vez que não têm a simples função de declarar e descrever; eles criam uma identidade.

Como nos mostra Silva (2005, p. 90), “no registro pós-estruturalista, a representação é concebida unicamente em sua dimensão de significante, isto é, como sistema de signos [...]”. Assim, é por meio das escolhas desses significantes que estabelecemos nossas políticas de representação, criando identidades. O autor nos mostra ainda que é “por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poder” (SILVA, 2005, p. 91).

A repetição dessas designações aliada à força performativa desses enunciados, legitimaram aspectos identitários que constituem a militante. Morais ainda destaca, nesse

momento (Excerto 10), a formação militar de Olga nas formas, “atirava com pontaria certa, pilotava aviões, saltava de pára-quedas, cavalgava”. Embora esse aspecto da constituição identitária de Olga (sua formação política e teórica) seja mais evidenciado, a formação político-militar ganha espaço na obra de Moraes no momento em que Olga é designada para a missão no Brasil, para ser segurança de Luís Carlos Prestes. Segundo Moraes (2004), “naquele inverno de 1934, embora com apenas 26 anos, ela era considerada por seus superiores o que dona Leocádia desejara para o filho”, uma militante completa. É possível que subjacente a essa forma de representar Olga esteja o desejo do autor de novamente exaltar as qualidades da militante e o importante papel que exercia dentro do Partido para justificar sua escolha para essa missão de risco, pois Olga não era o único membro do Partido em destaque. Parece que, para Moraes, a formação política militar é um complemento da formação política (teórica).

As referências à formação de Olga estão a serviço de um outro fazer: a representação da militante de alto nível cultural e teórico e preparo militar, resultando no que o narrador designa “uma bolchevique completa”,²¹ que pressupõe tanto formação teórica quanto militar, como já mencionamos no início deste estudo.

Ao elegermos as formas de designação que inscrevem Olga na posição de esposa, algumas especificidades nos chamaram a atenção. Fica evidente no texto, a partir da perseguição e, posterior prisão dos militantes Olga Benário e Luís Carlos Prestes, a recorrência com que Olga é identificada no papel de esposa de Luís Carlos Prestes. Vejamos os excertos abaixo (Anexo A, páginas 185-196):

Excerto 41 (Anexo A, nº. 1.33)	Agarrou-se ao marido com tamanha força que não houve outra alternativa senão permitir que os dois fossem transportados juntos para a sede da Polícia Central. Havia tantos policiais guardando-os dentro do veículo que Olga teve que ir sentada no colo do marido .
Excerto 42 (Anexo A, nº. 1.34)	[...] deslindando o segredo que envolvia a mulher do chefe comunista brasileiro [...].
Excerto 43 (Anexo A, nº. 1.39)	Os comunistas brasileiros sabiam que esse poderia ser o destino da mulher de Prestes e se preparavam para o pior.
Excerto 44 (Anexo A, nº. 1.44)	[...] Mesmo percebendo que a mulher de Prestes não queria muita conversa [...].
Excerto 45 (Anexo A, nº. 1.46)	[...] Lígia e dona Leocádia receberam em Paris, das mãos de um marujo comunista que chegara à França num cargueiro brasileiro, uma carta contando o que acontecera à mulher de Prestes .

²¹ Esse enunciado encontra-se no Excerto 6 desta dissertação.

A polícia política de Filinto Müller encontrou o “aparelho” de Ewert e Sabo. Olga presenciou a prisão dos companheiros. No momento da fuga, observando o retrato feito por Moraes (2004), percebemos que se inicia ali a forma de referência a Olga como esposa de Luís Carlos Prestes.

Nos excertos selecionados, a política de nomeação/predicação empregada pelo narrador faz referência a Olga na função de esposa, através de uma locução adjetiva que remete à figura de Luís Carlos Prestes através da palavra marido: “sentada no colo do marido”. Ou a palavra “mulher”, sinônimo de esposa, vem acompanhada de uma locução adjetiva que identifica o militante Luís Carlos Prestes: “mulher do chefe comunista brasileiro”; “destino da mulher de Prestes”; “a mulher de Prestes”; “uma carta contando o que acontecera à mulher de Prestes”.

Já nas formas usadas nos excertos abaixo (Anexo A, páginas 185-196), o autor continua a identificar a militante Olga como esposa de Luís Carlos Prestes:

- | | |
|-----------------------------------|--|
| Excerto 46
(Anexo A, nº. 1.29) | Em seguida, porque o capitão Filinto Müller não media a aplicação de seu poder no cerco a Prestes e a sua recém-revelada esposa, a estrangeira Olga Benário de Tal. |
| Excerto 47
(Anexo A, nº. 1.41) | Pela primeira vez, então, o governo permitiu que Olga escrevesse uma carta a Prestes. E só aí ele soube que sua mulher estava grávida . |
| Excerto 48
(Anexo A, nº. 1.43) | Foram esses contrabandos de notícias que permitiram a Prestes ter informações sobre as condições de saúde e a situação jurídica de sua mulher . |
| Excerto 49
(Anexo A, nº. 1.48) | O governo brasileiro de Getúlio Vargas como um todo, na realidade, não parecia satisfeito com as punições que impusera a Prestes e a sua mulher [...] . |

Todas as referências a Olga, como esposa de Luís Carlos Prestes, possuem os substantivos “mulher” ou “esposa” como núcleos das formas gramaticais usadas: “recém-revelada esposa”; “ele soube que sua mulher estava grávida”; “a situação jurídica de sua mulher”; “punições que impusera a Prestes e a sua mulher”.

Ao relacionar o conceito de performatividade da linguagem com os conceitos de identidade e diferença, Silva (2005, p. 93) afirma que “muitas sentenças descritivas acabam funcionando como performativas”, isto é, aquelas sentenças que, ao serem pronunciadas, e que têm o único propósito de descrever algo, tornam-se sentenças performativas devido à sua

freqüente repetição que, conseqüentemente, produz a realização do fato; faz realizar a ação subjacente à descrição (SILVA, 2005).

É nesse sentido que reiteramos que a faceta identitária de Olga como esposa, depois da freqüente repetição, ganha força performativa. Por trás dessa constituição parece ser concretizado um fato, uma ação. A militante parece não interessar à política de representação do narrador nesse momento. Era necessário que Olga fosse identificada como esposa (“mulher do chefe comunista brasileiro”; “destino da mulher de Prestes”; “recém-revelada esposa”) ou como estrangeira (“a estrangeira Olga Benário”) e, principalmente, como esposa grávida (“ele soube que sua mulher estava grávida”). O apagamento da militante e a evidência dada à esposa fazem emergir aspectos identitários da constituição dessa identidade de Olga que servem aos propósitos dessa política de representação.

Morais parece estar empenhado em dar luz às medidas tomadas pelo governo Getúlio Vargas, implícitas nas escolhas lingüísticas (“punições que impusera a Prestes e a sua mulher”). O que ficou em pauta (e ainda hoje é o que se percebe desse episódio), segundo o ponto de vista de Moraes (2004), é a extradição da esposa grávida de Luís Carlos Prestes, que ocorreu, mesmo com todo esforço empreendido pelo advogado Heitor Lima e pelos simpatizantes do partido comunista para impedi-la.

Dessa forma, é possível que o narrador tenha adotado tal política de representação para posicionar-se ética e politicamente, dando destaque à arbitrariedade do governo de Getúlio Vargas, que, por meio da Lei de Segurança Nacional, invalidou a Constituição no que dizia respeito à permanência de mulheres estrangeiras no país para terem seus filhos, quando grávidas de cidadãos brasileiros. A militante não poderia ficar em evidência nesse momento. A legitimação do lugar social de esposa era conveniente, atendia diretamente ao interesse do narrador. Além disso, a representação de Olga como esposa também aponta para outra crença do autor: sendo esposa do político brasileiro, Olga foi usada como instrumento de “vingança” de Getúlio contra o comunista Luís Carlos Prestes.

Ao retratar as tentativas feitas e os instrumentos usados para “salvar” Olga das mãos de Hitler, com a extradição, Moraes (2004), talvez indiretamente, contribuiu, de forma implícita, à medida que narra os episódios de luta em prol da permanência de Olga no Brasil, para o processo de construção identitária do “oponente”, representado pelo poder vigente na época na figura de Getúlio Vargas. A representação que se constrói permite-nos inferir que o

narrador tem a intenção de denunciar que o oponente, no uso do poder, manipulou arbitrariamente a lei.

Para descrever a forma como se constrói o retrato do “opponente” nesse texto, tomamos como parâmetro o estudo de Woodward (2005) segundo o qual o poder permeia todo sistema de representação. Assim, o retrato de Getúlio Vargas, na obra, pode ser entendido da seguinte forma: Getúlio Vargas, no domínio de seu poder, adota uma política de representação que inscreve Olga na posição de “uma estrangeira nociva”, título do capítulo catorze da obra. Olga é retratada nos arquivos da polícia política brasileira como uma pessoa perigosa à ordem pública da Pátria, conforme a lei que invalida a Constituição transcrita por Moraes (2004, p. 167): “A União poderá expulsar do território nacional os estrangeiros perigosos à ordem pública ou nocivos aos interesses do país”. Assim, segundo o que entendemos do texto de Moraes (2004), Getúlio Vargas garantiu uma justificativa para exercer o seu poder e atender a seus próprios interesses: a extradição de Olga Benário, ignorando seu *status* de esposa e grávida, que culmina com a vingança a Luís Carlos Prestes. Isto é evidenciado em outros momentos do texto, quando afirma que: “Quanto mais Heitor Lima remexia as montanhas de depoimentos e denúncias do processo da revolta, tanto mais se materializava a certeza de que a decisão da expulsão se resumia a uma vingança pessoal de Getúlio Vargas e Filinto Müller” (MORAIS, 2004, p. 167) contra Luís Carlos Prestes, pois, contra Olga ele não encontrou no processo qualquer registro de acusação ou “crime” cometido no Brasil.

Com base no que afirma Pontes (2007), podemos dizer que Moraes usa de sua escrita como arma ideológica para denunciar “irregularidades” ocorridas durante a ditadura varguista. Como o livro foi publicado em 1985, momento que marca o fim da ditadura militar, existe a possibilidade de se dizer que Moraes assumiu um posicionamento político-ideológico de oposição à ditadura e, de forma implícita, “buscava assemelhar as barbaridades cometidas durante a Era Vargas com aquelas da Era dos Militares” (PONTES, 2007, p. 77).

Para Pontes (2007), se considerarmos o contexto político-histórico da escritura da obra *Olga*, podemos considerá-la como um projeto político de disputa de poder, que está “a serviço da disputa de memória e de um projeto que visualiza uma identidade democrática para o Brasil” (PONTES, 2007, p. 55).

Por isso, a imagem de Getúlio Vargas que se cria, a partir do texto de Moraes e que caracteriza esse político está ligada à idéia de governo “arbitrário”, “vingativo”. Isso é

confrontado com a idéia de “esposa grávida”, “extraditada para a Alemanha”. Assim, é possível afirmar que essas representações, tanto de Olga como de Getúlio Vargas, podem estar vinculadas a esse projeto político-ideológico do autor que traz como resultado implicações ético-políticas, inseridas numa política de representação.

Outra faceta identitária que fica em evidência na obra de Moraes é a de mãe. Vejamos os excertos, Anexo A, página 194:

Excerto 50
(Anexo A, nº. 1.47)

Poucas semanas após o nascimento de Anita Leocádia, Olga tinha manifestado uma vez mais seu **proverbial atrevimento**, obtendo da Gestapo autorização para enviar um requerimento à embaixada do Brasil em Berlim, pedindo **o registro da recém-nascida** como cidadã brasileira. [...].

A representação de Olga como mãe aproxima-a da militante. A escolha lingüística “proverbial atrevimento”, sugere os sentidos que lembram “ousadia” e “determinação”. Olga, após o nascimento da filha, tenta, junto à embaixada brasileira, através da Gestapo, o registro e o reconhecimento de sua filha como cidadã brasileira. Percebemos, nessa sequência lingüística, as atribuições que caracterizam tanto a militante quanto a mãe. A referência de Moraes ao “proverbial atrevimento” de Olga garante a caracterização de um dos aspectos de sua identidade, a de uma militante forte e atrevida. Concomitantemente, essa sequência lingüística deixa claras as preocupações de Olga como mãe, que faz uma escolha política para resguardar a filha. Olga luta para fazer valer um direito da filha: ser reconhecida como cidadã brasileira e, conseqüentemente, como filha de Luís Carlos Prestes. No interior dessa política de representação, o autor produz um perfil identitário de mulher forte e decidida, movida pela maternidade.

Assim, a representação de Olga como militante política não apaga sua faceta identitária de mãe, que parece se constituir com os mesmos atributos, que estão vinculados ao processo de construção da faceta identitária de militante. Os próximos excertos (Anexo A, páginas 185-196) reforçam ainda mais esses sentidos de “ser mãe” e apresentam o retrato de uma mãe dilacerada pela dor:

Excerto 51
(Anexo A, nº. 1.49)

Ao berreiro da criança juntou-se **o choro da mãe, acocorada sobre a filha no canto do cubículo:**

___ Um crime! Vocês estão cometendo um crime contra um bebê inocente! Desespero de uma mãe ao perder a filha

Excerto 52
(Anexo A, nº. 1.50)

Os **gritos de Olga, pendurada à porta de madeira**, ressoavam pelas galerias do presídio:

___ Assassinos! Cães nazistas! Monstros! Minha filha, minha

filhinha!

[...] Quando de sua garganta não saía mais voz alguma, mas apenas um chiado rouco, desabou no chão de cimento e ali ficou, **imóvel**, com os **olhos arregalados**, como **em transe**. Sofrimento e reações físicas – alto grau de sofrimento e sensibilidade maternos.

A política de representação desse narrador, nos excertos acima, atende aos parâmetros sociais que trazem em seu bojo o retrato da mãe que sofre com a separação da filha e tem reações físicas (“o choro da mãe”; “os gritos de Olga”) e reações emocionais e/ou psicológicas (“imóvel, com os olhos arregalados”; “em transe”).

Morais dá ênfase ao instinto materno de proteção, como observamos no trecho “acocorada sobre a filha no canto do cubículo”. Portanto, as escolhas lingüísticas usadas por Moraes assumem um caráter performativo na construção da figura de mãe (Olga mãe) cheia de sentimentos, sofrimento e sensibilidade maternos, e promovem a construção de uma imagem que a identifica à mãe que se enquadra ao modelo social esperado: a mãe protetora que luta com seus oponentes, enquanto a força lhe permite, para impedir que a filha seja retirada à força de seu convívio. Percebe-se aí o esforço do autor para preservar essa imagem de mãe que é esperada pelo público, de uma maneira geral.

Além de tentar mostrar os valores familiares existentes na constituição identitária de sua biografada, essas caracterizações têm, principalmente, o papel de instrumento usado pelo autor para denunciar as irregularidades ocorridas na legislação brasileira, naquele momento em que se tentava a permanência de Olga no Brasil, conforme já mencionamos. Também, a partir desse posicionamento político-ideológico, o autor mostra a rotina e as medidas usadas nos campos de concentração alemães sob o regime nazista e a política adotada para sustentar o projeto hitleriano contra os presos e presas. Pode-se dizer que seja uma tentativa desse narrador de recontar essa história, sob nova perspectiva, permitindo que novas interpretações e julgamentos fossem feitos, conforme veremos nos excertos a seguir.

Nos próximos excertos (Anexo A, páginas 185-196), analisaremos a política de nomeação/predicação usada por Moraes para denunciar, tanto os mecanismos usados pela polícia política nazista para castigar os presos, quanto deixar claras as injustiças cometidas e as estratégias camufladas por ela, ao retratar Olga dentro dos campos de concentração:

Excerto 53
(Anexo A, nº. 1.52)

Como não soubesse ou não pretendesse dizer absolutamente nada a seus algozes, **as torturas eram freqüentes**. Mas nem **os pontapés, açoites ou ameaças de fuzilamento** produziam o efeito esperado.

Excerto 54 (Anexo A, nº. 1.53)	Os meses em Lichtenburg foram passados intermitentemente entre jornadas de trabalhos forçados e recolhimentos à solitária .
Excerto 55 (Anexo A, nº. 1.56)	Por uma ou outra razão, porém, ela passou a ser açoitada regularmente durante o período de confinamento .
Excerto 56 (Anexo A, nº. 1.56)	Imobilizada, era submetida a infindáveis sessões de chicotadas nas costas, nádegas, pernas, até ficar semi-inconsciente .
Excerto 57 (Anexo A, nº. 1.56)	Por vezes, depois das surras , era deixada ali, amarrada naquela banqueta, o dia inteiro. Quando os soldados voltavam para retirá-la, aproveitavam para aplicar novas chibatadas .
Excerto 58 (Anexo A, nº. 1.56)	Libertada do <i>bunker</i> , debilitada fisicamente e mais magra, ainda assim Olga foi obrigada a reiniciar o trabalho nas oficinas da Siemens .

Das escolhas lingüísticas “as torturas eram freqüentes”; “pontapés”; “açoitares”; “ameaças de fuzilamento” e “recolhimentos à solitária” emanam as idéias de dominação, humilhação, controle total sobre o físico e o estado emocional de uma pessoa. Esses nomes desencadeiam uma série de atributos que constroem o perfil de Olga retratado nesse momento e trazem em seu bojo todo sofrimento por que ela passou. As torturas eram, tanto físicas (“pontapés”; “açoitares”), quanto psicológicas (“ameaças de fuzilamento”). Ou as duas situações (“recolhimentos à solitária”). A força performativa desses elementos lingüísticos traz à tona a figura da militante torturada. Essa representação levanta questões, conforme o texto de Moraes (2004), de ordem ética, político-ideológica e, principalmente, racial.

No Brasil, segundo Moraes (2004, p. 149), “[...] O temor reverencial que policiais de todos os níveis guardavam por Prestes parecia estender-se também a sua mulher: apesar das ameaças e do terrorismo psicológico, ninguém lhe tocara um fio de cabelo [...]”. Embora a tortura tenha sido um método usado no Brasil e embora Moraes (2004) tenha descrito o requinte com que a polícia política brasileira torturava os presos políticos, os excertos abordam somente a tortura sofrida por Olga, por isso, os relatos dessas torturas concentraram-se nos campos de concentração alemães, já que, segundo Moraes, Olga não foi torturada no Brasil.

Além disso, a descrição pormenorizada das torturas (através das escolhas lingüísticas “açoitada regularmente”; “imobilizada”; “submetida a infindáveis sessões de chicotadas nas costas, nádegas, pernas, até ficar semi-inconsciente”; “depois das surras era deixada amarrada”; “novas chibatadas”), do ambiente e dos instrumentos utilizados pela polícia política alemã (os torturadores) concorrem para uma política de representação que

provoque no leitor indignação e repúdio por esse grupo. Nas palavras de Pontes (2007, p. 10), esses relatos constituem uma forma de o autor “conclamar os leitores a nutrir ressentimento e ódio social frente aos repressores”. A primeira publicação da obra *Olga*, de Fernando Morais, ano de 1985, coincide com o início do período de abertura política no Brasil. Nessa época, a censura não estava tão rigorosa como nos anos “negros”²² de ditadura militar (MORAIS, 2004), por isso foi possível falar mais às claras e fazer uma política de nomeação/predicação de tal forma que fosse possível denunciar as arbitrariedades tanto do regime varguista quanto do regime hitleriano. Isso permite que se diga que falar disso a partir de 1985 significava a possibilidade de denunciar abertamente e contar a história dos torturados, a partir da perspectiva de quem endossa/endossou seus ideais, pois até aquele momento a história era contada a partir da perspectiva da política repressora, ou seja, a versão da militância de direita.

Outro aspecto evidenciado nessa política de nomeação que está implícita nas escolhas lingüísticas do autor é a escravidão dentro dos campos de concentração, também usada como forma de tortura. Isto pode ser percebido pelos enunciados, “jornadas de trabalhos forçados e recolhimentos à solitária”; “Libertada do *bunker*, debilitada fisicamente e mais magra, ainda assim Olga foi obrigada a reiniciar o trabalho nas oficinas da Siemens”. A essa representação subjaz o posicionamento político-ideológico do autor, qual seja: destacar os nomes das empresas alemãs, conhecidas internacionalmente, que exploraram mão-de-obra operária não-remunerada, como por exemplo, a Siemens e a Volkswagen, que contribuíram e compactuaram com o projeto político de Hitler. E também denunciar a impunidade dos chamados crimes de guerra ou crimes contra a Humanidade.

Na década em que Morais publicou pela primeira vez sua obra, 1985, o país passava por um momento de transição, início da abertura política, conforme já mencionamos. Assim, foi possível revelar as tragédias daqueles que sofreram e morreram nas prisões brasileiras e nos campos nazistas, pois durante a ditadura militar era inimaginável apresentar ao público o que se passou nos bastidores das prisões brasileiras sob o regime de ditadura getulista e nos campos de concentração alemães sob o domínio do nazismo.

Essas idéias da tortura e da escravidão, da indignação podem ser reforçadas pelas fotos que ilustram o texto de Morais (2004). Há fotos dos campos de concentração, da solitária em que Olga ficou presa, do instrumento de tortura utilizado pelos nazistas para

²² Designação usada pelo autor Fernando Morais em Morais (2004, p. 9).

castigar as presas e do interior da câmara de gás usada para assassinar Olga. Considerando-se o que afirma Woodward (2005), sobre como o poder envolve a produção/criação de identidades através de uma/um política/sistema de representação, que nos interpela a ocupar uma posição particular, podemos afirmar que a pormenorização da descrição dos ambientes, das torturas, dos instrumentos e as fotos usadas por Moraes (2004) constituem uma estratégia do narrador que pode ser entendida, conforme também afirma Pontes (2007), como uma forma de interpelar o(a) leitor(a) a assumir um posicionamento político-ideológico.

Para Pontes (2007), autores como Moraes (2004), que estavam politicamente envolvidos com a proposta dos grupos sociais de que participavam, à época da escritura de seus textos, “colocam-se à disposição da luta pelo(s) poder(es), diretamente ou de forma subliminar, tendo no discurso [...] uma das principais armas de convencimento do leitor para sua(s) causa(s)” (PONTES, 2007, p. 9).

Dessa forma, a política de representação usada na construção da identidade de militante torturada traz em seu bojo valores éticos e políticos, configurando-se como uma intervenção desse narrador.

Após a prisão de Olga no Brasil, a partir de 1936, uma dos aspectos identitários que aparecem no texto fazem referências à judia. Nos excertos a seguir (Anexo A, páginas 185-196), fica em evidência o temor de Olga por ser judia, que é justificado pelos contextos históricos brasileiro e alemão:

Excerto 59 (Anexo A, nº. 1.38)	O que a aterrorizava era a perspectiva de ser enviada ao seu país de origem. Para ela que, além de judia , era comunista, cair nas mãos de Hitler seria o fim de tudo.
Excerto 60 (Anexo A, nº. 1.42)	Getúlio e Filinto tomavam espontaneamente a decisão de enviar ao Reich nazista uma judia, comunista e grávida de quatro meses .
Excerto 61 (Anexo A, nº. 1.45)	Olga não ignorava que os crimes que a tinham levado à cadeia jamais prescreveriam sob o nazismo: ser judia e comunista .
Excerto 62 (Anexo A, nº. 1.52)	Olga acumulava os dois delitos e somava a eles o fato de ser mulher , condição de que se orgulhava pública e permanentemente.

No Brasil, segundo Moraes (2004), o clima anti-semita era disseminado no país e a afinidade do governo Vargas com o nazismo alemão também era percebida. Já na Alemanha, o momento era de grande tensão para os judeus. Hitler tinha iniciado a perseguição aos “inimigos”, desde 1933, quando subiu ao poder. Os primeiros campos de concentração começaram a ser utilizados, desde então, para prender aqueles que participavam de

movimentos de oposição ao regime de Hitler, dentre eles, os descendentes da raça judia. Com o início da Segunda Guerra, o ditador nazista iniciou seu plano de purificação da raça ariana. Segundo Morais (2004, p. 213), “Cada nova investida das tropas nazistas deixava um previsível rastro de violência e perseguição contra os judeus, comunistas, socialistas e sociais-democratas, superlotando as prisões e os campos de concentração”. Começou, desde então, tanto a perseguição étnica que contemplava as raças ditas inferiores, tais como a judia, a cigana etc., quanto a perseguição política aos partidos que se opunham à ideologia hitlerista, dentre os quais estão os comunistas e os social-democratas (PRESTES, 1995).

Se considerarmos os contextos históricos, tanto alemão quanto brasileiro, em que o partido comunista vivia sob a iminente ameaça de expulsão de Olga do país, é compreensível que esse seja o único momento em que a militante Olga é retratada por Morais em que demonstra medo da situação a ser enfrentada. A forma de designação “judia” aparece em seu texto, acompanhada da idéia da extradição e atribuindo implícita (“O que a aterrorizava era a perspectiva de ser enviada ao seu país de origem”) ou explicitamente (“Getúlio e Filinto tomavam espontaneamente a decisão de enviar ao Reich nazista uma judia [...]”) a responsabilidade desse ato a Getúlio Vargas, e funciona performativamente na emersão dessa faceta identitária de Olga e no propósito a serviço do qual a nomeação “judia” foi empregada, isto é, a denúncia da ligação de Getúlio Vargas com o regime nazista.

No último excerto, “Olga não ignorava que os crimes que a tinham levado à cadeia jamais prescreveriam sob o nazismo: ser judia e comunista”, fica evidente que um dos crimes de Olga era ser “judia”. Esse é mais um sinal do processo de construção da identidade de judia permeada pelos sistemas de crenças e valores do autor que sugerem conotações éticas e políticas que se referem ao posicionamento de oposição desse sujeito ao anti-semitismo e às boas ligações do governo Getúlio Vargas com o ditador nazista Hitler e, conseqüentemente, à extradição de Olga para a Alemanha.

O *status* de comunista era um forte agravante no que dizia respeito à sua condição de presa. Na visão de Carneiro (1995), tanto Olga quanto as demais militantes judias carregavam três estigmas. Eram mulheres, judias e comunistas. Segundo essa autora, esses eram “atributos [...] que jamais colaborariam para tirá-las dos porões da polícia ou livrá-las do olhar vigilante do regime que, a partir dos anos 30, se impôs ao Brasil” (CARNEIRO, 1995, p. 47). Assim, pode-se dizer que as formas, “grávida de quatro meses” e “ser mulher”, não atenuavam a situação de Olga. Além disso, conforme mostra Morais (2004), de forma implícita, esses aspectos eram desconsiderados pela política brasileira em vigor, que, com o

governo de Getúlio Vargas ainda em estado de apreensão em relação aos comunistas após o derrotado levante de 1935, aumentou a repressão aos presos políticos. Subjacente ao ato de nomear “ser mulher”, há outra política de representação que justifica o fato de Getúlio Vargas ter desconsiderado esse aspecto da identidade de Olga e o fato de estar grávida, que motivou ainda mais o seu plano de extradição. De acordo com Carneiro (1995, p. 41),

Carismática, comunista ortodoxa, Olga sofreu como mulher, como militante e como mãe. Mas não foi a única. Tanto Olga como as demais ativistas que agiam no Brasil não se enquadravam no *modelo de mulher* almejado pelo regime autoritário de Vargas, ou seja, de uma esposa submissa, dona de casa prezada, mãe exemplar e católica: a verdadeira ‘rainha do lar’, uma espécie de *célula mater*. Este *ideal da mulher perfeita* era alimentado pelos artigos e propagandas comerciais veiculados nas revistas ilustradas, suplementos femininos e católicos [...].

O que está em jogo no interior dessa política de representação, portanto, não é mostrar somente a repressão à esposa (mulher) grávida ou à comunista. Mas, principalmente, deixar em evidência o posicionamento desse governo em relação ao papel da mulher na sociedade, que entrava em conflito com tudo aquilo que Olga representava. Portanto, o *status* de *judia* de Olga era o grande trunfo de Getúlio Vargas para fazer valer sua autoridade no que dizia respeito à situação social da mulher e manter boas relações com o líder da pátria nazista, que, espontaneamente, junto com seu chefe de polícia, extraditou Olga Benário para a Alemanha, sem que Hitler tivesse requisitado (MORAIS, 2004). Além disso, diz Pontes (2007, p. 52):

A expulsão de Olga do país foi uma, dentre várias, realizadas pelo regime ditatorial de Vargas frente à comunidade judaica. Jorge Amado denunciou que uma das formas dos integralistas arrecadarem fundos era o seqüestro de judeus ricos para que as famílias pagassem investigadores a mando dos chefes de polícia.

Assim, o contexto político-histórico do enunciado e o momento da escritura do narrador permitem que se diga que, nesse momento, a identidade de “judia”, unida à de comunista, e ao fato de Olga representar um perfil feminino repudiado por Getúlio Vargas, motivaram essa política de representação que parece ter o interesse de denunciar as relações de Getúlio Vargas e atribuir-lhe responsabilidade pela soma de seis milhões de judeus mortos nos campos de concentração nazistas.

Nos excertos que se seguem (Anexo A, páginas 185-196), a figura de Olga, no presídio no Brasil ganha destaque também:

- | | |
|-----------------------------------|---|
| Excerto 63
(Anexo A, nº. 1.35) | Uma semana depois de ter chegado à prisão da rua Frei Caneca, Maria Prestes, como era tratada pelos presos, era uma figura popular na cadeia . |
| Excerto 64
(Anexo A, nº. 1.36) | Dias após sua chegada, a exibição do coral feminino ensaiado por ela passou a ser atração obrigatória nos programas diários da PRANL. |
| Excerto 65
(Anexo A, nº. 1.37) | Em geral era utilizado para levar e trazer mensagens que não podiam ser transmitidas aos gritos, ou para a remessa e devolução dos ‘deveres de casa’ dos cursos de marxismo e filosofia que Olga e Rodolfo Ghioldi ministravam à maioria dos presos. |
| Excerto 66
(Anexo A, nº. 1.40) | Mesclando sobre o que testemunhara na União Soviética com rudimentos de teoria marxista , Olga Benario preferia falar para grupos menores, dentro do salão das mulheres. |

Os dizeres performativos em torno dessa militante, na condição de total privação, trazem de volta a militante que não se deixa derrotar. Mesmo dentro da prisão, sob severa repressão, Olga não se curva, e a representação que o narrador faz emergir nesse momento é a de uma militante em plena atividade. As atividades desenvolvidas por Olga na prisão nos remetem, ora à militante com boa formação cultural, como verificamos no enunciado “exibição do coral feminino ensaiado por ela”, ora à militante cuja formação político-teórica permite que ela dê cursos para os companheiros de prisão, como nos trechos, “deveres de casa’ dos cursos de marxismo e filosofia que Olga e Rodolfo Ghioldi ministravam à maioria dos presos”; “depoimentos sobre o que testemunhara na União Soviética com rudimentos de teoria marxista”.

Nos campos de concentração alemães, após a separação da filha, Olga volta à militância. Vejamos os excertos (Anexo A, páginas 185-196):

- | | |
|-----------------------------------|--|
| Excerto 67
(Anexo A, nº. 1.51) | A libertação de Otto Braun, a militância em Moscou, a frustrada revolução no Brasil e a separação da filha tinham feito de Olga Benario Prestes uma heroína . Não havia presídio ou movimento de resistência, na Alemanha, ou movimento antifascista em outros países da Europa, que não conhecesse a sua saga em detalhes [...]. |
| Excerto 68
(Anexo A, nº. 1.53) | A insistência de Olga em organizar politicamente as prisioneiras levou a carceragem a mudá-la constantemente de cela, transferindo-a de um pavilhão para outro. |
| Excerto 69
(Anexo A, nº. 1.54) | Pela reação geral, Olga percebeu que as mulheres aceitavam sua liderança . |

- Excerto 70
(Anexo A, nº. 1.55) Olga reunia-se com pequenos grupos de prisioneiras para tentar transmitir-lhes **algumas noções básicas sobre as questões políticas que tinham levado o mundo à guerra [...]**.
- Excerto 71
(Anexo A, nº. 1.57) A liberdade delas dependia da derrota do nazismo – então era preciso entender o que era o nazismo e de que forma ele poderia ser sepultado, como prometia aquela **incansável alemã** que tinha sido presa, torturada, separada da filha e do marido, tinha perdido a melhor amiga, e continuava **ativa e determinada**.
- Excerto 72
(Anexo A, nº. 1.58) Os riscos do confinamento e de repetidas surras não a intimidavam. Ao contrário, quanto maior fosse a brutalidade dos SS, mais ela parecia **decidida a continuar agitando o campo de concentração**. Semanas após a punição por causa do atlas, ela resolveu montar uma peça de teatro dentro do pavilhão, às escondidas.

Nos campos de concentração da Alemanha, quando soube que a filha estava viva e sob os cuidados da avó paterna, Olga ganha ânimo e retoma os seus ideais políticos (MORAIS, 2004). As escolhas lingüísticas para compor os enunciados “insistência de Olga em organizar politicamente as prisioneiras”; “sua liderança”; “algumas noções básicas sobre as questões políticas que tinham levado o mundo à guerra” nos remetem aos atributos criados para caracterizar essa militante, desde o início da narrativa, que estão próximos das políticas de nomeação/predicação empregada pelo próprio autor: “incansável alemã”; “ativa e determinada”; “decidida a continuar agitando o campo de concentração”, entre outras.

Esses atos de nomeação unidos aos enunciados anteriores compõem uma sequência de atos de linguagem que participam do processo de construção identitária da militante presa que é reconfigurada identitariamente. Apaga-se a mãe “sofredora”, “desesperada” e emerge, através da reiterada atribuição às atividades de Olga na prisão, a faceta identitária de militante, cuja caracterização retoma os mesmos sentidos atribuídos à militante em liberdade. Nessa reconfiguração, os traços que mais se destacam desencadeiam sentidos que remetem ao papel da militante “corajosa”, “destemida” e “invencível”. A força performativa dessa sequência de enunciados culminou com a legitimação da “figura popular na cadeia” e da mulher/militante forte.

Nas condições em que estava vivendo Olga, não há dúvidas de que, subjacente a essa política de representação, há a construção gradativa da personagem histórica resistente, que não se curva diante do “perigo”, representado pela polícia política de Filinto Müller e Getúlio Vargas, opressores no Brasil, e pela Gestapo e Hitler, opressores na Alemanha. Dentro desse contexto de resistência, de não submissão ao jugo do opressor, a política de nomeação/predicação de Moraes culmina na legitimação da militante “heroína”, conhecida e

aplaudida pelos antifascistas e antiimperialistas. Isto nos permite dizer que a personagem histórica é transformada em “heroína”, idéia implícita nesse dizer performativo que elege a nomeação/predicação “heroína” como um dizer a serviço de um fazer: a legitimação desses aspectos que identificam a militante.

Essa caracterização construiu uma Olga que encontrou meios de colocar em prática sua energia, sua liderança e sua determinação; agora, numa situação de repressão e de isenção de liberdade, movida ainda pela convicção política da vitória do socialismo sobre o capitalismo.

3.1.2 Olga Benário: o processo de construção identitária no ensaio de Rita Buzzar

Alguns recortes das manifestações discursivas do texto de Buzzar são semelhantes aos do texto de Morais, visto que, segundo Buzzar (1995), seu ensaio “Olga”, um argumento cinematográfico, foi produzido, principalmente com base no livro homônimo de Fernando Morais. Dessa forma, algumas análises refletem um posicionamento semelhante em relação ao processo de construção identitária de Olga Benário, pois partimos das mesmas perspectivas teóricas e os narradores parecem estar inseridos ideologicamente nos mesmos parâmetros. Iniciamos essa análise, tentando compreender como, por meio do processo de nomeação/predicação e designação Buzzar dá evidência à militante Olga. Vejamos os excertos abaixo (Anexo B, páginas 197-200):

Excerto 73
(Anexo B, nº. 2.1)

Uma **espécie de guerreira bolchevique de ferro** [...].

Excerto 74
(Anexo B, nº. 2.4)

Mas se, com os processos jurídicos do pai, Olga conheceu a miséria e o sofrimento, foi através deles que resolveu tornar-se **comunista e ainda mais radical**.
[...] Seu trabalho inicial era pichar muros e colar cartazes. E acabou se tornando **a mais ousada nesse serviço**.

Se observarmos as formas em destaque no texto de Buzzar, “uma espécie de guerreira bolchevique de ferro”; “comunista e ainda mais radical”; podemos dizer que elas deixam entrever que a autora reforça a ideologia comunista através do perfil que ela traça da personagem histórica Olga Benário e de sua possível identificação imediata com a militância política. Fica implícito nessa política de nomeação/predicação que, tanto Olga quanto os

militantes, sob a orientação da Internacional Comunista, recebiam treinamento que os induzia a agir sob uma rigorosa disciplina, uma disciplina férrea.

A Alemanha, após a Guerra, encontrava-se com a economia em recessão. Assim, o estado de pobreza da população inspirava a juventude da época, que era contrária às medidas do governo vigente que se preocupava somente com a elite, principalmente na Baviera, terra natal de Olga (BUZZAR, 1995). Então, a forma “ser comunista e ainda mais radical” pode implicar que, além de seu idealismo pela causa do proletariado, sua convicção a movia a atuar ativamente na militância a qualquer custo para combater o imperialismo alemão.

A forma de nomeação/predicação, “a mais ousada nesse serviço”, na forma superlativa, sugere uma força ilocucionária tal, que pode culminar, através desse ato de linguagem performativo, com a construção da faceta identitária de Olga que está em jogo: a militante destemida, forte, decidida. Essa idéia ganha maior força com as outras formas usadas pela narradora, “Uma espécie de guerreira bolchevique de ferro”; “comunista e ainda mais radical”. As predicações já destacadas norteiam o significante militante e têm como efeito a legitimação de aspectos identitários que aproximam Olga da representação do militante comunista, se considerarmos que o campo político era um espaço ideologicamente marcado, significado a partir da perspectiva masculina.

As escolhas lingüísticas da autora empregadas nos enunciados já citados deixam ainda evidentes a crença e os valores que também motivaram essa política de representação, pois conforme Buzzar (1995), Olga foi rejeitada, a princípio, pelos militantes, tanto por proceder de uma família de classe média quanto pelo fato de ser mulher. Por isso se destacava nas tarefas a ela incumbidas e também se dedicava intensamente às atividades na tentativa de superar os companheiros. Pode-se dizer que há uma sobreposição da atuação de Olga à dos demais militantes e a legitimação de uma faceta identitária de militante de sucesso.

Outras formas usadas para retratar essa personagem histórica estão ligadas a sua formação político-teórica e intelectual e à sua formação político-militar, como podemos conferir nos excertos (Anexo B, páginas 197-200) abaixo:

Excerto 75
(Anexo B, nº. 2.12) [...] fazia **cursos intensivos de inglês, francês e russo** [...].

Excerto 76
(Anexo B, nº. 2.14) Era considerada, com apenas 26 anos, **uma bolchevique exemplar: conhecia a fundo a teoria marxista-leninista, atirava com pontaria certa, pilotava aviões, saltava de pára-quedas, cavalgava** e tinha muita coragem, determinação e um vigoroso idealismo.

Buzzar adota uma política de representação parecida com a de Moraes. No trecho “conhecia a fundo a teoria marxista-leninista”, a autora destaca a formação teórica de Olga, que, subentende-se, estava politicamente preparada, pois conhecia as bases que fundamentavam a atuação da militância comunista: as teorias de Marx e Lênin. As formas “cursos intensivos de inglês, francês e russo” reforçam a formação intelectual de Olga e apontam para uma formação complementar necessária para uma militante que é enviada para missões internacionais, pois foi preparada para participar do quadro profissional da Internacional Comunista que planejava a revolução em âmbito internacional.

Já os sentidos ligados às formas “atirava com pontaria certa, pilotava aviões, saltava de pára-quedas, cavalgava” sugerem o investimento na formação militar de Olga. Segundo Buzzar, Olga ganhou, como prêmio pela sua atuação exemplar, um treinamento militar. Então, subjacente aos nomes, “muita coragem”; “determinação”; “um vigoroso idealismo”, que nos remetem às caracterizações “corajosa”, “determinada” e “idealista” que definem a atuação de Olga, pode estar o motivo pelo qual Olga foi merecedora de um treinamento militar e também o destaque de que somente militantes com esse perfil mereciam essa confiança da III Internacional Comunista. Esses elementos inscrevem Olga em outra posição: a militante política militar.

Mas, a nomeação/predicação “uma bolchevique exemplar” sugere que Olga possuía uma formação completa, por isso Buzzar também dá evidência à formação político-intelectual acompanhada da formação militar. Por trás dessa política de representação está a ideologia do partido comunista que tomava como exemplo para militantes perfis que se assemelham ao retrato de Olga Benário, nesse momento. Podemos inferir disso tudo que, das manifestações lingüísticas de Buzzar espera-se uma performatividade que esteja a serviço de um fazer (construir a militante), de sucesso.

Em contraponto, nos fragmentos a seguir, Buzzar reforça o lugar social da mulher frágil, dependente. Ao inscrever Olga no lugar de mulher/esposa, as designações que constroem sua identidade, e com as quais ela se identifica, reforçam a ideologia na qual parece estar inscrita Buzzar: a incompatibilidade entre o papel de militante e o de mulher, como podemos verificar nos excertos (Anexo B, páginas 197-200) que se seguem:

Excerto 77
(Anexo B, nº. 2.1)

Uma espécie de **guerreira bolchevique de ferro** que se **transformou em mulher** no Brasil.
Aquele **agente perfeita e destemida** que **conheceu o medo aqui**.

Excerto 78
(Anexo B, nº. 2.17)

Olga queria **ficar e estar ao lado dele**. Já tinha há tempos tomado a **decisão**. **Ela o amava** e precisava ajudá-lo.

Excerto 79
(Anexo B, nº. 2.18)

[...] Olga, **encolhida em sua cama** no campo de Ravensbrück, lembra-se outra vez do **olhar do marido, daquele último olhar**. Nunca mais ver aquele olhar.

Nos enunciados 77 e 78, percebemos a emersão de pelo menos duas identidades de Olga em conflito: a militante que deveria partir para se livrar do perigo e a mulher que queria “ficar e estar ao lado dele”, de Prestes. Segundo Buzzar, Luís Carlos Prestes insistiu em que Olga fugisse do Brasil naquele momento para se livrar da perseguição e prisão.

A palavra “decisão” que é uma escolha lingüística de Buzzar que desencadeia a idéia de “decidida” para caracterizar Olga não está relacionada à decisão da militante guarda-costas em cumprir o seu dever de garantir a segurança de Prestes. É possível dizer que a decisão sugere uma atitude tomada em relação ao sentimento afetivo que nutria por Luís Carlos Prestes. Então, “ficar ao lado dele” não significava mais somente protegê-lo como guarda-costas, mas, sim, ficar ao lado do homem que ela amava, seu marido.

Quando ficam em evidência as formas “queria ficar ao lado dele”; “Ela o amava” que implicam a idéia de “apaixonada” e inscrevem Olga no papel de esposa/companheira, percebemos que a performatividade dessas escolhas lingüísticas opera o apagamento da militante, deslocando o processo de configuração identitária de Olga, já que sua subjetivação se dá agora em outro campo, o de esposa. Essa política estabelece uma relação dicotômica entre a esposa e a militante, permitindo-se vislumbrar os sentidos que estão envolvidos na produção de cada um desses aspectos constituidores da identidade de Olga. A militante representa a força, a coragem, “bolchevique de ferro”, “agente perfeita e destemida”, e a esposa, que, mesmo sendo considerada “de ferro” também é sensível e enfrenta sentimentos como o medo, solidão e saudades.

As escolhas lingüísticas da autora marcam fortemente a posição de esposa, principalmente nos momentos em que se aproxima sua execução, como por exemplo, no enunciado, “encolhida em sua cama”, que contém elementos lingüísticos que desencadeiam sentidos que giram em torno dos significantes “prostração”; “fragilidade” diante do que se aproxima. A figura do marido entra em cena: “lembra-se outra vez do olhar do marido, daquele último olhar”. Parece que por trás dessa representação existe a crença de que Olga, ao perceber que era o fim, lamenta a impossibilidade de estar novamente com o companheiro Luís Carlos Prestes. Então, fica em evidência a mulher em posição fragilizada.

Ainda para retratar os aspectos que a identificam como militante, a autora dá evidência também à coragem de Olga e à sua função de guarda-costas. Somente uma militante disciplinada, obediente e corajosa como Olga poderia ocupar tal função, como verificamos, no excerto (Anexo B, página 199) abaixo:

Excerto 80
(Anexo B, nº. 2.17)

E, se não fosse por Olga, que **com seu próprio corpo protegeu Prestes**, eles o teriam matado.

Embora as seqüências discursivas anteriores tenham deixado em evidência a mulher apaixonada, “ela o amava”, e a mulher fragilizada, “que conheceu o medo”, no momento de grande perigo para a vida de Luís Carlos Prestes, entra em cena a militante na função de “guarda-costas”. Quando a narradora usa a forma “com seu próprio corpo”, os sentidos que emanam desses dizeres não deixam dúvida de que essa atitude parte de alguém que tem a responsabilidade de proteger um outro com seu próprio corpo, característica própria de um guarda-costas. Portanto, a política de representação assumida por Buzzar, nesse momento, foi a de evidenciar o papel de guarda-costas assumido por Olga em defesa do militante político Luís Carlos Prestes.

Além disso, os estudos em torno do processo de reconfiguração das identidades (HALL, 2000, 2005; SILVA, 2005; WOODWARD, 2005), oferecem-nos subsídios para afirmar que a personagem Olga é movida da sua identidade de mulher, da velha identidade tão valorizada socialmente, para outra possibilidade de subjetivação representada pela emergência da posição de guarda-costas.

Observamos que emergem nessas seqüências discursivas, até agora analisadas e que compõem o texto de Buzzar, tanto a mulher e a esposa quanto a militante. A forma como Buzzar apresenta (e representa) Olga parece estar diretamente ligada à conveniência para representar cada momento histórico que narra. Para justificar a permanência de Olga no Brasil, a autora reforça o sentimento de amor de Olga por Luís Carlos Prestes, caracterizando o lado sentimental da relação do casal.

Por outro lado, retrata Olga no papel de guarda-costas, e não no de esposa, no momento em que salva Luís Carlos Prestes, movida por outros sistemas de representação ligados à “coragem”, “ousadia” que criam aspectos identitários que estão mais próximos da “bolchevique de ferro”, da militante de sucesso cuja marca é o compromisso e a lealdade com/ao o Partido.

Podemos dizer que a personagem Olga é interpelada ideologicamente por várias instâncias, mas esse processo não é fechado ou completado, pois, como pudemos verificar nas políticas de nomeação ou designação usadas por Buzzar, o processo de construção identitária não se fecha, pois se move, fragmenta-se, nunca se fixa. Essa interpelação faz com que a configuração dos vários aspectos identitários de Olga ocorra em esferas diferentes, isto é, as identidades pessoais separadas das de âmbito público, as profissionais, por exemplo.

No enunciado que se segue (Anexo B, página 198), verificamos a emersão de outro aspecto que compõe o retrato de Olga, a mulher emancipada:

Excerto 81
(Anexo B, nº. 2.10)

Dizia-se contra o casamento, o ciúme burguês e era quase puritana, costumando citar as teorias de Lênin sobre promiscuidade.

No recorte discursivo acima, a política de nomeação/predicação da narradora percebida através do enunciado, “contra o casamento, o ciúme burguês”, que nos remete à construção de sentidos que predicam Olga, ilustra, além do posicionamento de Olga em relação ao casamento, a reivindicação identitária de Olga que contrasta com a representação da mulher da sociedade burguesa em que vivia. Embora o movimento de emancipação da mulher já estivesse em pauta na Alemanha nessa época e, principalmente nos escritos de Lênin, é possível que a política de representação adotada pela autora pretendesse mostrar o entusiasmo de Olga e seu empenho em participar intensamente da militância e das reuniões em *Neukölln*, e o fato de que o casamento era algo com o qual ela não se identificava, pois ele significava a idéia de constituição de família e, possivelmente, restrições à participação política e militar da mulher.

Tomando como parâmetro a discussão de Woodward (2005, p. 18-19) em torno do processo de identificação do sujeito, sobre o qual afirma que “a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade”, pode-se dizer que essa representação de Olga apresenta uma outra possibilidade de identificação e subjetivação dessa militante como mulher. Mas, nesse contexto, a mulher assume outra conotação diferente da que já foi mencionada.

A sociedade vigente, nas décadas de 1920 e de 1930, ainda marcadas pelo centro dominador masculino, tinha um papel bem definido para a mulher segundo os moldes patriarcais, qual seja, o da submissão, do cuidado com o lar, do casamento, da beleza, da fragilidade, do medo etc. Olga rejeitava tudo o que a inscrevesse no mundo burguês e que a

identificasse como uma mulher nesses moldes, conforme se observa na forma como Buzzar a retrata. Isto pode ser explicado também pelo fato de “o sujeito, que é assujeitado pelos sistemas de representação simbólica (cultural, social), estar em constante movimento; por isso surge o conflito, pois o sujeito rejeita esse assujeitamento” (BERTOLDO, 2006).²³ Conforme coloca Woodward (2005), essas tomadas de posição efetuadas pelo sujeito, com as quais ele se identifica, fazem emergir sua constituição identitária. Dessa forma, a política de nomeação/predicação de Buzzar permite que se diga que Olga, sem estar vinculada a nenhum movimento de luta pelos direitos da mulher, demarca seu posicionamento vanguardista. Vanguardista no sentido de que se opõe aos sistemas de poder que reprimem a mulher.

A predicação, “quase puritana”, usada por Buzzar, não deixa dúvidas sobre os valores marxista-leninistas que influenciaram o posicionamento ideológico de Olga em relação à questão sexual. Se considerarmos que um de seus ídolos era Lênin e, segundo Buzzar, Olga estudava a fundo a teoria leninista, podemos inferir que há outros valores subjacentes a essa caracterização. Segundo Tavares (2003), Lênin, em seus escritos sobre a questão da sexualidade, dizia-se preocupado com os excessos da juventude face à revolução sexual, defendendo, que a liberação sexual poderia exaurir as forças dos jovens que deveriam se preservar para empregá-las na atividade revolucionária. É possível, desta forma, creditarmos a rigidez de Olga à fidelidade que mantinha com os princípios marxista-leninistas que organizavam e controlavam a atuação dos militantes comunistas, conforme já mencionamos no decorrer da análise dos excertos retirados da obra de Moraes (2004), uma vez que consideramos que há uma proximidade na inscrição político-ideológica entre os dois autores quando retratam determinados aspectos identitários de Olga Benário.

Esta análise, que foi feita a partir das marcas lingüísticas que compõem os enunciados, evidencia também que o sujeito move-se, inscreve-se em diferentes posições político-ideológicas, e que, portanto, os aspectos (práticas identitárias) que reforçam o processo de construção de Olga movem-se de acordo com essa inscrição do sujeito, pois, “da feita que os fatos históricos ocorrem, a reivindicação e a produção das identidades acompanham o fluxo da própria história” (BERTOLDO, 2006).²⁴

²³ Notas feitas durante comunicação em sala de aula, no decorrer do curso de Tópicos em Lingüística Aplicada IV – Práticas Identitárias, ministrado pelo professor Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo, no Programa de Pós-graduação em Lingüística da UFU, 2006.

²⁴ Idem nota 23.

Outro aspecto da constituição identitária de Olga que aparece no texto de Buzzar é a beleza, como observamos no excerto abaixo (Anexo B, páginas 197-200):

Excerto 82 (Anexo B, nº. 2.10)	[...] por influência do namorado , Olga cortou os cabelos, abandonou as roupas remendadas, os sabonetes sem perfume [...].
-----------------------------------	---

Excerto 83 (Anexo B, nº. 2.15)	[...] aquela mulher alemã plena de vivacidade e beleza , desnor-teava sua disciplina, seus planos [...].
-----------------------------------	---

Os enunciados, “por influência do namorado, Olga cortou os cabelos, abandonou as roupas remendadas, os sabonetes sem perfume” e “plena de vivacidade e beleza” sugerem sentidos que parecem construir a beleza ancorada na perspectiva masculina. No primeiro enunciado, a autora dá evidência à beleza ou à preocupação de Olga com a beleza ou com a vaidade, a partir do posicionamento ou influência de seu companheiro, nessa época, Otto Braun. Reproduz a relação do homem/mulher: o homem sempre aprecia uma mulher bem vestida, perfumada e bela. Esse é o estereótipo que agrada aos homens e faz com que as mulheres (conscientes disso ou não, letradas ou não) se identifiquem com a promessa dessa aparente proteção do homem. Essa forma de retratar a beleza pode supor uma mera descrição de um quadro doméstico corriqueiro entre um homem e uma mulher, omitindo valores que, na realidade, inscrevem ideologicamente as mulheres na posição de subordinação ao homem. Isto pode passar despercebido, já que é um valor fortemente disseminado e marcado nas relações sociais.

No segundo enunciado, a beleza tem outra conotação que também parece inserir a mulher em uma posição desprivilegiada. Em 1934, Olga viaja como guarda-costas de Luís Carlos Prestes para o Brasil. Prestes não tivera nenhum relacionamento até aquele momento, por isso sentia-se desconcentrado com a beleza de Olga (BUZZAR, 1995). Entendemos que a beleza, no contexto social abordado no enunciado, assume conotações cujos sentidos aproximam a mulher da designação “sedutora”. A beleza é a responsável pela desconcentração e perda da racionalidade do homem, do desvio de seus objetivos. Assim, é possível afirmar que a performatividade desses enunciados e dos valores subjacentes aos mesmos realiza a emersão de aspectos que identificam Olga como uma mulher bela, vaidosa, que assume duas posições no centro dessa política de representação: 1) aquela cujo comportamento em relação à beleza e à vaidade está em função da perspectiva masculina; e 2) aquela para a qual a beleza funciona como um ingrediente feminino que corrompe o comportamento centrado, racional masculino. Nesse momento, ficam em evidência aspectos que constroem duas identidades femininas já consagradas socialmente. Isso equivale a dizer, a

partir das discussões feitas por Butler (2003) em torno do gênero social, que essa autora parece estar inserida ideologicamente, nesse momento, numa perspectiva que considera a sedução e a beleza (sob a perspectiva ou exigência masculina) como características que descolam apenas do sexo feminino, reforçando, dessa forma, o estereótipo social da mulher. Dessa forma, além da identidade militante, a política de nomeação/predicação dessa autora deixa flagrar outros aspectos que constroem também uma identidade essencializada.

Na próxima etapa de nossa análise, os excertos (Anexo B, páginas 197-200) abaixo denunciam como Buzzar retrata Olga na posição de filha:

Excerto 84 (Anexo B, nº. 2.3)	Uma rica menina judia de Munique, que não se conformava com as maneiras da mãe, Eugenie, bela, fútil e sempre tão fria e distante.
Excerto 85 (Anexo B, nº. 2.4)	Mas se, com os processos jurídicos do pai, Olga conheceu a miséria e o sofrimento , foi através deles que resolveu tornar-se comunista e ainda mais radical.
Excerto 86 (Anexo B, nº. 2.5)	Olga só se preocupava com suas missões e tarefas. Andava mal vestida, caminhava a passos largos, como um homem , e se tornava a cada dia mais intolerante com qualquer pessoa que não fosse militante comunista. As discussões com o pai eram quase costumeiras.
Excerto 87 (Anexo B, nº. 2.9)	Quando chegou de volta a casa, teve uma briga definitiva com o pai . Ele não podia mais compreendê-la. Ela respondeu que já era adulta e que iria para Berlim.

Podemos dizer que há pelo menos dois aspectos dessas escolhas lingüísticas presentes nos enunciados acima que remetem às políticas de nomeação/predicação que constroem a relação de Olga com o pai e um aspecto em relação à mãe. O enunciado, “com os processos jurídicos do pai, Olga conheceu a miséria e o sofrimento” sugere a influência da atividade e da postura profissional do pai na formação e convicção política de Olga. Como a Alemanha atravessava um momento de profunda crise inflacionária, resultante da Primeira Guerra Mundial e da instituição da República de Weimar em 1918, o pai de Olga, um social-democrata, defendia os trabalhadores e operários em causas trabalhistas contra injustiças sem cobrar deles quaisquer honorários (BUZZAR, 1995). Possivelmente, a preocupação de Olga com a miséria e com o sofrimento alheios surgiu do exemplo do pai, que, conforme Buzzar (1995, p. 19), orientava Olga “a se preocupar com as pessoas mais humildes”.

Por outro lado, outro aspecto da construção identitária de filha fica em evidência. Subjacente à nomeação, “intolerante”, a autora aponta um conflito político-ideológico entre

pai e filha motivado, principalmente, pela opção política de ambos, pois o pai de Olga era um social-democrata. As relações do partido comunista com a social democracia eram de inimizade em função de dissidências políticas, portanto sua intolerância em relação à social democracia estende-se ao pai.

O enunciado, “uma briga definitiva com o pai”, possui elementos lingüísticos (“briga”, “definitiva”) que implicam um conflito entre pai e filha que pode ser associado tanto à independência de Olga e a não submissão às imposições do pai, que se opunha a sua ida para Berlim, quanto ao seu interesse pela militância política, que estava acima de todos os interesses pessoais, conforme argumenta Buzzar (1995, p. 20): “Ela sabia que não teria dinheiro e que viveria uma vida espartana, porém tinha um ideal e pertencia a um partido, a um movimento em plena expansão”.

Já o enunciado, “não se conformava com as maneiras da mãe, Eugenie, bela, fútil e sempre tão fria e distante”, deixa entrever que Olga não se identificava com a mãe. Como consideramos que há uma proximidade da inscrição ideológica entre Moraes e Buzzar, quando produzem determinados aspectos identitários para Olga, percebemos também no texto de Buzzar que esta forma de representação aponta para o interesse em ressaltar a rejeição de Olga a valores que sustentavam a classe social a que pertencia, reforçando também sua afinidade por causas que não se afinavam com a ideologia dessa classe social. A figura da mãe parecia representar os valores e crenças do inimigo contra o qual lutava: o imperialismo. Por um outro lado, a mãe era a personificação da faceta de mulher com a qual Olga não se identificava.

Ao retratar a filha e também realçar a faceta de militante convicta de suas opções políticas, percebemos no texto de Buzzar questões sociais relacionadas à mulher. No perfil da mãe (“bela”, “fútil”) retratado por Buzzar e no de Olga (“andava mal vestida, caminhava a passos largos, como um homem”), as escolhas lingüísticas que compõem os enunciados destacados desencadeiam determinados atributos referentes a essas duas mulheres e deixam vislumbrar, nesse texto, posicionamentos essencialistas em relação aos gêneros feminino e masculino, isto é, à representação binária dos gêneros.

A mãe representa a posição identitária feminina com sua beleza e futilidade e Olga, a masculina, pois parece que o fato de ser uma militante decidida, arrojada e despreocupada com a aparência (“mal vestida”), reforçado com a comparação (“andava a passos largos, como um homem”), faz referência a aspectos identitários que caracterizam o

sexo masculino segundo a visão essencialista sobre a identidade. Buzzar parece sugerir que caminhar com “passos largos” representa um comportamento apenas masculino.

Assim, podemos afirmar, a partir de Silva (2005, p. 73), que “a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas”. Nessa perspectiva, segundo Silva (2005), a identidade e a diferença são entendidas como entidades independentes, auto-suficientes, que têm como referência elas próprias.

As escolhas lingüísticas dessa autora, nesse momento, desencadeiam, portanto, sentidos que configuram a imagem do homem e da mulher. Dessa forma, entendemos, a partir do que problematiza Butler (2000, 2003), que a política de nomeação/predicação de Buzzar, subjacente aos enunciados já citados, cristaliza as diferenças entre o feminino e o masculino e reforça práticas e padrões sociais hegemônicos.

Nos excertos que se seguem (Anexo B, páginas 197-200) percebemos aspectos que constroem o perfil da namorada:

Excerto 88 (Anexo B, nº. 2.6)	Foi nessa época que conheceu seu primeiro amor , Otto Braun [...].
Excerto 89 (Anexo B, nº. 2.7)	Otto se surpreendeu com os pedidos insistentes de Olga para que lhe desse alguns manuais de estratégia militar . Ela começava a sonhar com uma militância cheia de trabalho e riscos no bairro Neukölln , o principal centro operário e de agitação em Berlim.
Excerto 90 (Anexo B, nº. 2.8)	Os dois se beijaram e Olga teve sua primeira noite com um homem . Porém, depois que Otto adormeceu, chorou solitária . Tinha receio que ele pensasse que ela era uma burguesinha assustada.

No enunciado, “pedidos insistentes de Olga para que lhe desse alguns manuais de estratégia militar”, as escolhas lingüísticas: “pedidos insistentes” e “manuais de estratégia militar” desencadeiam sentidos que levam à crença de que Olga tinha claro interesse pela atuação política e militar e iniciou esse aprendizado com Otto Braun. Ele parece ter sido, segundo essa caracterização que está implícita no enunciado acima, o condutor de Olga no percurso de sua formação no campo militar. Além disso, o enunciado “uma militância cheia de trabalho e riscos no bairro *Neukölln*”, que nos remete às caracterizações “determinada”, “incansável” e “corajosa”, reforçam a idéia de atuação militar e o interesse de Olga por Berlim, ambos ligados a Otto, pois, conforme Buzzar (1995, p. 20), “Aos 22 anos, ele era quase um mito e muitos comentavam em voz baixa que era um agente soviético”. Buzzar parece sugerir que Otto tinha influência suficiente para orientar Olga na militância política

militar e para intervir na aprovação de sua ida para Berlim. Fica em evidência, nesse contexto, a militante, pois a narradora reforça o vínculo entre Otto e Olga apenas no que diz respeito à militância. Assim, pode-se dizer que a relação entre os dois estava atrelada à militância, conforme o contexto político-histórico retratado no enunciado.

Mas, nos excertos seguintes, 88 e 90, a idéia de namoro em função da militância não é retomada. Há a construção de outros sentidos que produzem outras caracterizações, como nos enunciados “seu primeiro amor”; “Olga teve sua primeira noite com um homem”; “chorou solitária”. Nesse conjunto de escolhas lingüísticas que podem nos remeter às caracterizações “apaixonada” (“primeiro amor”; “primeira noite com um homem”) e “insegura” (“chorou solitária”), há o processo de construção de Olga na posição de mulher. Há elementos nessas formas lingüísticas, tais como “primeiro amor”, “primeira noite”, “chorou solitária”, que desencadeiam sentidos que se aproximam da construção social essencializada da mulher. Há a reprodução do comportamento esperado da mulher em situações como a relatada pela autora: a fragilidade e a insegurança de Olga diante da “primeira noite com um homem”. As caracterizações desencadeadas pelo uso das escolhas lingüísticas da autora sugerem uma posição assumida por Olga, atravessada por valores que estão em consonância com as convenções sociais. Dessa forma, através dessas escolhas lingüísticas, Buzzar reforça valores atribuídos apenas ao sexo feminino.

A força performativa dos enunciados e da política de nomeação/predicação usada pela narradora coloca em evidência aspectos da constituição identitária de Olga que a identificam com o perfil de mulher socialmente instituído. Buzzar opera o apagamento da mulher/militante forte e decidida, que veio construindo até esse momento, pois a ousadia e a independência da militante não são transferidas para a construção identitária da namorada/mulher que está inserida em outra posição ideológica. Essa política de representação é ainda reforçada pela descrição do cenário em que ocorre “a primeira noite com um homem”, através das escolhas lingüísticas “montanhas”, “cabana coberta de neve” que supõem certo romantismo intrínseco à ocasião em questão. Essa descrição faz parte de uma rede de sistemas simbólicos que legitimam o lugar social feminino assumido por Olga, segundo a visão de Buzzar.

Percebemos que Buzzar registra em seu texto os sentimentos e as dúvidas de Olga expressas nas cartas que enviou a Luís Carlos Prestes e a sua filha Anita Leocádia. Nelas, Olga se coloca como mãe, esposa e filha amorosas. Temos que considerar que as cartas eram censuradas pela Gestapo e pela polícia política brasileira (MORAIS, 2004), quando enviadas

para Luís Carlos Prestes, portanto havia a possibilidade de Olga escrever somente aspectos de sua vida pessoal. Embora houvesse essa restrição, Buzzar (1995, p. 18) acredita que foram “cartas que a fizeram significar algo além de seu tempo histórico, se por si só esse tempo não fosse suficientemente contraditório e instigante”.

Assim, a partir dos excertos abaixo (Anexo B, páginas 197-200), mostramos uma análise dos aspectos identitários que permeiam a construção da posição de mãe:

Excerto 91 (Anexo B, nº. 2.19)	Será que se tornaria frágil como sua mãe... Não teria mais coragem de saltar de pára-quedas, andar a cavalo ... Teria medo? Naquele momento em que tinha que ser forte dura , algo a tornava mais terna e também confusa .
Excerto 92 (Anexo B, nº. 2.21)	Foi tanta a sua alegria ao tê-la em seus braços que Olga não se perturbou com os soldados que guardavam sua porta , ou com a frieza da médica que lhe fez o parto.
Excerto 93 (Anexo B, nº. 2.22)	Acariciar o seu pequeno rostinho, vê-la engatinhar, dar-lhe o peito faziam-na pensar numa doçura, numa vida que queria ter para sempre. [...] Olga caiu no chão e eles levaram Anita aos prantos. Olga, desesperada, chorou , esmurrou a porta [...].

A figura que emerge das designações “frágil como sua mãe”; “mais terna e também confusa”, trazem à tona sentidos que constroem a mãe instituída socialmente: o modelo de mãe que fica frágil, terna e que abandona todos os riscos e atividades que não sejam próprias para uma mulher na iminência de ser mãe, como nos leva a acreditar as atribuições referentes a Olga e sugeridas no enunciado “não teria mais coragem de saltar de pára-quedas, andar a cavalo”.

A política de nomeação/predicação sugerida pelas escolhas lingüísticas da autora nas formas “sua alegria ao tê-la nos braços”; “acariciar o seu pequeno rostinho”; “vê-la engatinhar”; “dar-lhe o peito”, fazem parte do processo de construção da mulher deslumbrada com a maternidade e por tudo o que envolve o contexto do nascimento de um(a) filho(a).

Essa construção da mãe justifica a forma como foi nomeada “desesperada”, quando foi separada da filha. A maternidade sobrepõe-se a todas as outras formas de subjetivação de Olga nesse momento. Buzzar cria a imagem de mãe que gira em torno da idéia de que, a partir desse momento, o que move a militante é a maternidade, pois, o que está em jogo nessa caracterização de Olga são as crenças e valores dessa autora, atravessada ideologicamente por padrões sociais que legitimam sentidos de ser mãe, através de atributos

(“terna”, “confusa”) em contraste com as designações “forte” e “dura”, referentes à mulher e/ou à militante.

Ao retratar Olga como judia, Buzzar coloca em pauta eventos históricos tanto do Brasil quanto da Alemanha, como verificamos nos excertos (Anexo B, páginas 197-200) abaixo:

Excerto 94
(Anexo B, nº. 2.20)

Olga era **judia e comunista**.

Excerto 95
(Anexo B, nº. 2.25)

A primeira providência de Olga como **responsável pelo bloco das judias** anti-sociais foi limpar o lugar e impor certas regras de higiene: o lugar fedia a fezes e urina.

Nesse momento, às nomeações/predicações “judia” e “comunista” subjazem posicionamentos referentes à expulsão de Olga do Brasil. Essa política de representação foi motivada, tanto pela crença de que a expulsão de Olga se deu, principalmente, pelo fato de ela ser judia, apontando esse aspecto da constituição identitária de Olga como a grande motivação de Getúlio Vargas, ao entregá-la aos nazistas, quanto pela crença de que ser comunista foi um agravante dessa decisão, pois toda história da trajetória militante de Olga no exterior foi enviada pela Gestapo para a polícia política brasileira após sua prisão.

No texto de Buzzar, o *status* de judia recebe mais ênfase do que no texto de Morais, cuja inscrição ideológica parece bem próxima dos parâmetros assumidos por Buzzar. Esse aspecto identitário, o de judia, assume um tom de denúncia, como no fragmento: “o governo de Getúlio Vargas tinha uma simpatia clara pelos países do Eixo. Muitos ‘estrangeiros indesejáveis’ estavam sendo deportados para seus países de origem, especialmente os dominados pela onda nazifascista” (BUZZAR, 1995, p. 26), fato que confirma a relação desse governo com os planos anti-semitas.

Além desse aspecto, Buzzar dá evidência ao tratamento dado a Olga no campo de concentração em *Ravensbrück*, através da nomeação “responsável pelos blocos das judias”, que reforça a construção da faceta identitária de judia e a idéia de que o *status* de judia foi a principal causa de sua morte, já que, conforme Buzzar (1995, p. 29), “Na Alemanha, as cenas de violência anti-semita da ‘Noite dos Cristais’ eram mais cruéis do que todos os *pogroms* russos e genocídios medievais [...]. O campo de *Ravensbrück* estava no mais completo pânico”. Isto retrata o plano de pureza racial idealizado por Hitler durante a Segunda Grande Guerra Mundial. Essa idéia é ainda reforçada no texto de Buzzar, quando afirma: “Iniciava-se

o assassinio sistemático de judeus e comunistas: a Solução Final” (BUZZAR, 1995, p. 29), que vitimou Olga Benário.

Por isso, pode-se afirmar que os valores éticos e políticos que estão por trás dessa política de representação estão em consonância com a política do ensaio de Buzzar: não deixar cair no esquecimento o sofrimento e morte daqueles que foram vítimas do Holocausto.

Ao retratar Olga no campo de concentração pouco antes de ser executada, Buzzar dá luz novamente à esposa e à mãe (Anexo B, página 197):

Excerto 96
(Anexo B, nº. 2.2)

Olga tenta rever no escuro de sua imaginação o olhar do marido, o calor do corpo de sua pequena Anita, seu sorriso... E chora. Há muito que não chorava. Sempre quis ser forte para desafiar o mundo.

As escolhas lingüísticas para a construção do enunciado “Olga tenta rever no escuro de sua imaginação o olhar do marido, o calor do corpo de sua pequena Anita, seu sorriso” levam à construção identitária de duas posições, a esposa e a mãe. Os elementos lingüísticos “olhar do marido”; “o calor do corpo de sua pequena Anita” desencadeiam determinados atributos referentes a Olga como mãe e como esposa.

Se considerarmos que a produção do texto de Buzzar estava relacionada a sua participação na produção e na roteirização do filme “Olga”, dirigido por Jayme Monjardim, podemos afirmar que essa política de representação é motivada pelo apelo ao sentimentalismo, enfatizado também pelo elemento lingüístico “chora” presente no excerto acima. É possível dizer que essa representação de Olga participa de um instrumento cinematográfico, cujo objetivo é direcionar o interlocutor (público) à construção de uma imagem de mulher, mãe e esposa amorosa, carinhosa e sofredora, sentidos definidores de uma identidade feminina dentro de um parâmetro marcado por valores e crenças que segue a matriz heterossexual esperada pelas sociedades (pelo menos as ocidentais), conforme mostra e polemiza Butler (2003), pois, para essa autora, a fragilidade não é essencialmente feminina.

3.1.3 O retrato de Olga Benário por William Waack

No texto de Waack, encontramos, com bastante frequência, descrições da atuação de Olga no serviço secreto do Partido. Todos os recortes de manifestações discursivas, que elencamos, levam-nos a acreditar nisso. Vejamos os exemplos nos excertos abaixo (Anexo C, páginas 201-205):

Excerto 97
(Anexo C, nº. 3.4)

Olga era uma **agente do serviço secreto militar soviético**. Fora **recrutada oficialmente para o IV Departamento do Estado-Maior do Exército Vermelho** — o órgão responsável pela **espionagem militar no estrangeiro** — em 1932. As provas documentais são irrefutáveis. Sua pasta pessoal secreta em Moscou contém periódicos informes em russo (as famosas *spravkas*), preparados pelo Departamento de Quadros do *Komintern*, como este, de 7 de setembro de 1937, resumindo os principais dados biográficos [...].

Excerto 98
(Anexo C, nº. 3.12)

Ela mesma fora ocupante de uma cela em *Moabit* durante três meses, em 1926, ‘presa em conexão com a queda de parte do aparato ilegal, e **acusada de alta traição**’, a formulação jurídica da época para os **implicados com serviços secretos de outros países**.

O enunciado “agente do serviço secreto militar soviético” usado por Waack dá ênfase a essa instituição, “serviço secreto militar soviético”. Essa forma dá início a uma sequência de atos de fala que, pela força performativa, reforça o processo de construção de aspectos identitários que esse narrador legitima em seu texto para constituir a espiã.

Dessa forma, ao usar o enunciado “recrutada oficialmente para o IV Departamento do Estado-Maior do Exército Vermelho – o órgão responsável pela espionagem militar no estrangeiro”, esse autor deixa explícita a idéia de que as atividades de Olga estavam relacionadas ao setor de espionagem. Esse narrador remete-se, de forma recorrente, aos documentos abertos em Moscou para confirmar a crença de que Olga era uma espiã e era a função com a qual ela se identificava plenamente.

Ainda sobre os excertos acima, Waack parece não deixar dúvidas quanto à constituição identitária de espiã. Segundo Waack (2004), Olga esteve presa em Moabit, prisão alemã, em 1926, sendo “‘acusada de alta traição’”, já que estava envolvida com “os serviços secretos de outros países”. Por isso, as escolhas lingüísticas do enunciado “a formulação jurídica da época para os implicados com serviços secretos de outros países” desencadeiam novamente a idéia de que Olga era uma espiã e, conseqüentemente, a crença desse autor de

que Olga pertencia ao setor de espionagem, pois, as afirmações, “acusada de alta traição” e “implicados com serviços secretos de outros países”, pressupõem o vínculo com a espionagem. Nas próprias palavras do autor, no excerto abaixo (Anexo C, páginas 204-205):

Excerto 99
(Anexo C, nº. 3.17)

A atividade de Olga nas seções militares secretas do aparato ilegal do KPD e, mais tarde, na espionagem militar soviética, não era ‘normal’ para a grande massa de militantes daquele período. Mas era isso o que a distinguia e a enchia de orgulho: a idéia de fazer parte de uma elite de combatentes comprometidos com a causa da humanidade.

O enunciado “A atividade de Olga nas seções militares secretas do aparato ilegal do KPD e, mais tarde, na espionagem militar soviética [...]” evidencia tanto o trabalho de Olga no setor militar do partido comunista na Alemanha (“aparato ilegal de KPD”) quanto na Rússia (“espionagem militar soviética”). Isso nos remete também ao segundo aspecto presente nessa política de representação que gira em torno do significante “espionagem”: a formação militar, expressa nos trechos dos excertos (Anexo C, página 204):

Excerto 100
(Anexo C, nº. 3.15)

Os informes do Departamento de Quadros sobre Olga sugerem que **o treinamento que recebeu na Academia da Força Aérea estava associado ao seu trabalho no setor de espionagem militar**, sem que fosse especificado para que tipo de missão estava sendo preparada. [...] **Olga aprendeu a pilotar e, como parte do curso, saltava de pára-quedas.**

Os enunciados “treinamento que recebeu na Academia da Força Aérea estava associado ao seu trabalho no setor de espionagem militar”; “Olga aprendeu a pilotar”; “saltava de pára-quedas”, por si só, indicam essa tendência do autor de acentuar os sentidos que ligam a espionagem com a formação militar. Isto constrói a representação de que Olga era uma espiã, função que exigiria dela formação militar, que incluía “pilotar” e “saltar de pára-quedas”.

Percebemos que o narrador, para caracterizar a identidade de Olga, lança mão de significantes que sugerem ação: “pilotar”; “saltava de pára-quedas”. Há na obra vários momentos em que Waack atribui a Olga paixão, preferência pela ação que envolve a militância, como no trecho: “Olga tinha uma particular predileção, aliás, por indivíduos resolutos e dispostos à ação” (WAACK, 2004, p. 287).

A recorrência nesses atos de fala dos nomes “serviço secreto”, “militar” e “espionagem” indica que eles são usados para naturalizar a caracterização do lugar político-ideológico no qual Olga está inscrita, segundo a visão do narrador: sua atuação política como

espiã. Essa política que representa esses aspectos da identidade de Olga é constantemente reforçada, através dos atos de linguagem (escolhas lingüísticas) que Waack usa para compor seu texto.

Outro indício que reforça essa idéia de que Olga é espiã aparece no excerto abaixo (Anexo C, página 202):

Excerto 101
(Anexo C, nº. 3.6)

Nessa etapa de sua curta carreira, aos 24 anos, ela já **dominava** bastante bem (por si só, um interessante indício) **o pesado jargão burocrático** das instâncias de controle às quais, como qualquer militante de passagem por Moscou, estava obrigada a fornecer todos os detalhes de sua vida política, familiar e pessoal.

Nos dizeres “ela já dominava bastante bem (por si só, um interessante indício) o pesado jargão burocrático das instâncias de controle” o autor deixa, subjacente a essa declaração, a idéia de que, quem domina “o pesado jargão” interno de um determinado grupo político revela que está em constante contato ou participa ativamente dele. Podemos inferir que implícitos a essa declaração de Waack emergem novamente sentidos que estão diretamente ligados à caracterização da identidade de Olga como espiã. Para ele, isso é indício do vínculo de Olga com o trabalho secreto de espionagem. Parece, para esse narrador, que essa participação política ligada à atividade ilícita foi omitida de outros textos e reforça sua posição quando afirma que “parte jamais revelada da biografia de Olga não é um detalhe circunstancial, e sim o resultado lógico de sua formação como militante” (WAACK, 2004, p 95).

A representação de Olga feita por Waack traz um elemento novo para a constituição identitária da militante, diferente daquelas presentes em outros textos que abordam sua trajetória. As designações usadas pelo autor e as escolhas lingüísticas que compõem seu texto estão no centro de uma política de representação que vincula a militância de Olga Benário ao aparato ilegal e secreto militar do Partido Comunista. Ao afirmar, de forma contundente e repetitiva, que Olga pertence ao aparato secreto militar, Waack dá ênfase a uma outra face da militante. Embora o idealismo de Olga esteja presente, de forma bastante sutil e não recorrente em sua política de nomeação/predicação, os outros aspectos, tais como coragem, força, instinto de luta, preocupação teórica e, principalmente, seu sucesso, são apagados em seu texto.

Nos excertos a seguir (Anexo C, páginas 201-205), o narrador constrói a imagem da namorada:

- | | |
|------------------------------------|---|
| Excerto 102
(Anexo C, nº. 3.5) | Desde que ingressou em 1923 num movimento organizado ____ no Grupo Noroeste da Juventude Comunista, em Munique, Olga não fez outra coisa do que trabalhar nos aparatos ilegais e clandestinos do partido, nos quais fora introduzida por Otto Braun (descrito ingenuamente nas biografias como ‘professor comunista’), homem dedicado em período integral ao setor militar [...]. |
| Excerto 103
(Anexo C, nº. 3.9) | Jovem, sabendo bater à máquina, ligada a um homem do aparato militar clandestino e já tendo sido empregada no Patei-Apparat (a expressão alemã para estrutura interna do partido) em Munique [...]. |
| Excerto 104
(Anexo C, nº. 3.14) | [...] Em momento algum, nesse texto (ou em qualquer outro, mesmo as cartas), ela se refere com nomes ao longo romance com Otto Braun [...]. |

Olga e Otto Braun encontraram-se quando ela ainda morava em Munique (1923), já vinculada ao partido comunista. A partir da análise dos enunciados mostrados acima, podemos observar que Waack, ao retratar Olga, não se detém a construir uma imagem de mulher apaixonada, mas, ao contrário, por meio das escolhas lingüísticas, tais como “ilegais”, “clandestinos”, “comunista” etc., usadas por ele, percebemos que o autor retoma e reforça aspectos identitários que nos levam à posição de espiã. No centro dessa política de nomeação/predicação, o autor reforça a crença de que Olga trabalhou no setor militar e de espionagem. Mais adiante, a força performativa dos dizeres “introduzida por Otto Braun”; “ligada a um homem do aparato militar”, está a serviço de um fazer político-ideológico, a construção do retrato da namorada, que nesse texto, assume outros efeitos que desencadeiam novamente atributos ligados à constituição identitária da espiã sob a influência de seu companheiro “comunista”.

O narrador retoma esses sentidos que estão implícitos nas nomeações/predicações que se referem a Otto Braun (“homem dedicado em período integral ao setor militar”; “um homem do aparato militar clandestino”), que indiretamente predicam Olga. A partir dessas escolhas, o autor ressalta que não se tratava de um namorado comum, mas de um espião, que contribuiu com a direção que tomou a militância de Olga Benário: a espionagem. Ou melhor, como está presente na declaração, “introduzida por Otto Braun”, foi o principal responsável pela entrada de Olga nessa atividade.

O que está em jogo nessa política de representação, se considerarmos as escolhas de nomeação/predicação usadas por Waack no enunciado “longo romance com Otto Braun”, é

a produção de aspectos que identifiquem também a espiã. Para Waack, Olga omite dos depoimentos escritos, nos quais devia registrar dados de sua vida pessoal, a relação com Otto. Isso parece ser, para esse autor, mais um indício de que essa relação estava diretamente ligada à sua militância. Há a possibilidade de afirmar que, para ele, explicitar o, “longo romance com Otto Braun”, denunciaria o que Olga tentava omitir, por uma questão de segurança, discrição; uma segurança necessária para o contexto político e histórico em que se dava sua militância, considerando-se sua função dentro da Internacional Comunista, conforme o perfil traçado por Waack. Sua associação a um espião, conseqüentemente, sugeriria qual era, na realidade, sua atividade na instituição comunista.

Waack parece ter interesse em trazer à tona informações inéditas, contidas nos arquivos de Moscou, que foram abertos para sua pesquisa, e não reveladas pelas outras biografias, que preferiram, segundo esse autor, apresentar uma figura heróica e idealista, deixando de explicitar o que ele considera “a essência da atividade política de Olga Benário, um componente fundamental em sua biografia”, qual seja: a espionagem (WAACK, 2004, p. 94). Como consequência dessa política de nomeação/predicação, é legitimada somente uma das facetas identitárias de Olga, como se fosse a única forma possível de subjetivação desse sujeito militante.

Essa política de representação adotada por Waack serve à construção de aspectos identitários de Olga que a configuram como uma mulher fria e racional, sentidos que são atribuídos aos espiões. Pode-se dizer que a política de representação, no bojo da qual essas políticas de nomeação/predicação ocorrem, concorre tanto para o apagamento da mulher sensível, frágil, quanto para o da militante idealista, preocupada com as causas da humanidade ou mesmo o da militante política (formação teórica), que tem preparo teórico. Ou seja, o efeito performativo dos atos de linguagem usados por Waack não resultam na emersão de configurações fragmentadas dessa personagem política, já que, segundo a política no centro da qual Waack se encontra, a identidade de Olga é essencializada de forma a caracterizá-la apenas como militante com competente formação militar, disposta a tudo e a qualquer preço pela obediência a seus superiores, conforme observamos no exemplo abaixo (Anexo C, página 204):

Excerto 105
(Anexo C, nº. 3.15)

[...] Parte de sua preparação envolvia **uma extraordinária disciplina e a obrigação de manter sigilo absoluto sobre sua atividade no IV Departamento.**

As designações “disciplinada” e “discreta” subjacentes ao uso dos elementos lingüísticos que compõem o enunciado “extraordinária disciplina e a obrigação de manter sigilo absoluto sobre sua atividade no IV Departamento” sugerem novamente a inserção de Olga no setor clandestino da Internacional Comunista e reforçam o posicionamento político-ideológico do narrador associado ao contexto político-histórico em que estava inserida a personagem política Olga: membro de uma instituição, a Internacional Comunista, que mantinha os militantes sob rígida disciplina e fidelidade.

Na próxima análise, vamos apontar fatos políticos e históricos que ficaram muito em evidência na história da trajetória de Olga: sua vinda ao Brasil na condição de segurança de Luís Carlos Prestes e sua prisão pela polícia política brasileira. É interessante, neste momento, observar como esse texto retrata a militância de Olga durante esse curto período de tempo.

Vejamos os trechos que se seguem (Anexo C, páginas 201-205):

Excerto 106 (Anexo C, nº. 3.1)	Sua missão: cuidar para que o líder de uma revolução dirigida pelo Komintern, Luís Carlos Prestes, chegasse em segurança ao Brasil .
Excerto 107 (Anexo C, nº. 3.18)	Olga levava rigorosamente à risca as instruções para proteger Prestes , deixando-o exposto o menos possível. [...] Olga só não podia proteger Prestes de si mesmo .
Excerto 108 (Anexo C, nº. 3.19)	Jonny de Graaf, o especialista em assuntos militares, achava péssimo o aparelho de Prestes: ‘Em frente tem uma garagem de onde se pode controlar tudo’, insistia junto a Olga, a maior responsável pela segurança de Prestes .
Excerto 109 (Anexo C, nº. 3.20)	Olga acompanhava Prestes em seus contatos com oficiais [...] .

As escolhas lingüísticas que compõem os excertos acima desencadeiam sentidos que produzem outros aspectos identitários de Olga. O autor parece reconfigurar a construção identitária de Olga marcando fortemente a função de militante “guarda-costas”, exercida por Olga na viagem de vinda (Excertos 106 e 107) e na estada no Brasil (Excertos 108 e 109). Nesses excertos, não percebemos indícios dos sentidos que emergem do significante “espiã”. O primeiro ato de linguagem, “cuidar para que o líder de uma revolução[...] chegasse em segurança ao Brasil”, pressupõe que Olga era responsável por cuidar de todos a trâmites burocráticos: passaportes, hotéis, horários, itinerários, já que a viagem incluiu passagem por vários países, para que Luís Carlos Prestes não ficasse exposto.

No segundo enunciado, os elementos lingüísticos “rigorosamente” e “à risca as instruções para proteger Prestes”, usados pelo narrador, parecem relacionar a Olga atributos tais como, “disciplinada”, “obediente”, respectivamente. Essas atribuições são uma constante no retrato de Olga feito por esse narrador e, neste momento, são usadas para caracterizar uma nova faceta identitária de Olga, a de guarda-costas.

Mas, no excerto 108, a nomeação/predicação “a maior responsável pela segurança de Prestes” pode assumir outra conotação, se considerarmos o contexto da militância de Olga. A escolha do local para instalar um “aparelho”, nome dado aos locais em que os militantes comunistas se instalavam na clandestinidade, deveria passar pelo critério de segurança. Segundo Waack (2004, p. 176), “Jonny de Graaf, o especialista em assuntos militares, achava péssimo o aparelho de Prestes”. Esse aparelho ficava diante de uma garagem de onde podiam ser controlados e Jonny comunicou sua preocupação a Olga. Assim, essa designação, “a maior responsável pela segurança de Prestes”, em contraponto aos outros enunciados, além de reforçar a disciplina e a seriedade de Olga, produz críticas a Luís Carlos Prestes. Em um primeiro momento, o autor parece atribuir falha ao sistema de segurança de Prestes, cuja responsabilidade estava a cargo de Olga. No entanto, esse autor deixa implícito, através desse enunciado, que, embora Olga fosse competente em sua tarefa como segurança de Luís Carlos Prestes, havia momentos em que ela não conseguia fazer valer sua função, devido à grande insistência desse político em não acatar as decisões referentes a sua segurança (WAACK, 2004).

No enunciado, “Olga levava rigorosamente à risca as instruções para proteger Prestes, deixando-o exposto o menos possível”, as escolhas lingüísticas feitas por Waack reforçam ainda mais a idéia de seriedade de Olga no cumprimento de sua tarefa, mas, ao mesmo tempo, através do enunciado, “Olga só não podia proteger Prestes de si mesmo”, dá evidência a uma suposta insubordinação de Carlos Prestes na visão de Waack. Assim, a responsabilidade de falha na segurança pessoal de Carlos Prestes é atribuída a ele mesmo. Em segundo plano, esses enunciados podem trazer implícito o interesse do autor em apontar alguns dos erros que contribuíram para a derrota do movimento revolucionário no Brasil em 1935.

Analisamos agora o excerto abaixo (Anexo C, página 205):

Excerto 110
(Anexo C, nº. 3.21)

Cumprindo sua **última missão de zelar pela segurança de Prestes**, no momento da invasão Olga Benário **colocou-se diante do comandante da revolução brasileira**, provavelmente salvando-lhe a vida. Stuchevski relatou o fato a Moscou, em meio a **grandes**

elogios a Olga.

Nesse excerto, Waack narra o momento da prisão de Olga e Prestes no dia cinco de março de 1936. Ao retratar a defesa de Prestes por Olga, como observamos no trecho seguinte: “colocou-se diante do comandante da revolução brasileira”, Waack usa uma política de nomeação/predicação, ao se referir a Luís Carlos Prestes, que o caracteriza como um revolucionário e não como marido de Olga. Waack usa a forma, “comandante da revolução brasileira” e não lança mão do nome “marido”, como ocorre em alguns textos que relatam sua trajetória. Essas escolhas lingüísticas evidenciam o posicionamento ideológico em que se inscreve o autor, da mesma forma como ocorre com o texto de Moraes. Assim, conclui-se que são formas de nomeação/predicação que ocorrem no interior de políticas de representação diferentes: uma para representar Olga como guarda-costas e/ou espiã e outra para representá-la como esposa; cada qual servindo a propósitos diferentes, restringidos por sistemas de crenças e valores também diferentes.

Quanto à formação político-teórica e intelectual de Olga, Waack, atravessado por crenças e valores em relação à história de Olga e ao período político-histórico em que ela viveu, apresenta a militante em outra posição, que pode ser percebida nos excertos abaixo (Anexo C, páginas 201-205):

Excerto 111 (Anexo C, nº. 3.7)	Olga terminara o primeiro ciclo da escola secundária ____ para os padrões alemães, a base escolar mínima — e iniciara um aprendizado profissional na editora George Muller.
Excerto 112 (Anexo C, nº. 3.10)	Em momento algum Olga parece ter se dedicado a uma boa formação teórica ou sequer a leituras mais profundas , o que ela admite com notável sinceridade na autobiografia: ‘Eu li algumas brochuras de Marx, Engels, Lênin e Stalin, mas não possuo uma base teórica sólida’.
Excerto 113 (Anexo C, nº. 3.11)	Relevante para Olga era ‘ter participado desde 1925 no trabalho do aparato ilegal em Neukolln, além de alguns cursos centrais em Berlim sobre essas questões’ [...].
Excerto 114 (Anexo C, nº. 3.16)	De qualquer maneira, Mishka tinha a impressão de que discussões políticas não eram o assunto predileto de Olga Benario.

Quando Waack se refere à formação de Olga, como nos enunciados “Olga terminara o primeiro ciclo da escola secundária – para os padrões alemães, a base escolar mínima” e “Em momento algum Olga parece ter se dedicado a uma boa formação teórica ou sequer a leituras mais profundas [...]”, parece estar atravessado pela crença de que Olga não teve uma boa formação. Essa idéia está implícita na forma, “a base escolar mínima”, cuja

força performativa legitima a caracterização de Olga como alguém que não teve uma boa formação escolar. Ao mesmo tempo, reforça valores sociais ligados à educação: valorização da formação sistemática institucional. Esses sentidos são retomados e complementam a construção identitária de Olga. Além de ter apenas uma “base escolar mínima”, Olga, segundo esse autor, não investiu em sua formação teórica, para que fosse considerada uma militante política consciente e com poder de decisões, isto é, para que fosse um quadro²⁵ da Internacional Comunista. Essa política de representação é percebida no fragmento “discussões políticas não eram o assunto predileto de Olga Benário”.

Esse ponto de vista sobre a formação de Olga concorre para que ela seja caracterizada por Waack como a militante que trabalhava no serviço secreto militar soviético, cuja paixão era a ação, o setor militar, sentidos implícitos no enunciado, “Relevante para Olga era ‘ter participado desde 1925 no trabalho do aparato ilegal em *Neukölln*, além de alguns cursos centrais em Berlim sobre essas questões’”. Para construir esse retrato de Olga, Waack baseou-se em sua autobiografia, que se constitui em um dos documentos do arquivo de Moscou, perspectiva que usou na escritura de sua obra. Dessa forma, os contextos históricos de produção da obra e o do momento vivido por Olga marcam os enunciados política e ideologicamente.

A partir disso, a figura que emerge da representação construída por Waack insere-se no setor militar. Entendemos que, nessa representação, subjazem valores que levam à crença da não necessidade de uma sólida formação teórica e/ou intelectual para atuar na seção militar, tema que escolheu para evidenciar na constituição identitária de Olga. O que está em questão nessa política de nomeação é a crença de que, para trabalhar no setor militar, os conhecimentos teóricos são dispensáveis, pois parece que esse setor está relacionado à força bruta, ao treinamento militar.

Nos excertos que se seguem (Anexo C, páginas 201-205), percebemos o apagamento da relação de Olga Benário e Luís Carlos Prestes e a evidência de seu papel como esposa de um militante russo:

Excerto 115
(Anexo C, nº. 3.2)

Grávida de Prestes quando foram presos em março de 1936 no Rio de Janeiro, após o fracasso do levante, **Olga foi deportada em agosto do mesmo ano para a Alemanha pelo governo de Getúlio Vargas [...]**.

²⁵ Membro influente da liderança comunista que participava das decisões político-militares do Partido Comunista.

Excerto 116
(Anexo C, nº. 3.2)

Os periódicos *spravkas* (informes) do Departamento de Quadros sobre Olga **sempre mencionavam o nome do marido russo.**

A forma vaga com que Waack se refere ao relacionamento de Olga e Prestes e, neste momento, à gravidez dela (“Grávida de Prestes”) parece sugerir que esse narrador alimenta a crença de que Olga já era casada, pois, segundo Waack (2004), Olga, quando veio para o Brasil, em 1934, para acompanhar Prestes em uma missão da Internacional Comunista deixou em Moscou o seu marido, como observamos no enunciado “Os periódicos *spravkas* (informes) do Departamento de Quadros sobre Olga sempre mencionavam o nome do marido russo”.

Além disso, Waack, no excerto que se segue (Anexo C, página 201) deixa ainda mais evidente a idéia de que Olga queria retornar a Moscou rapidamente:

Excerto 117
(Anexo C, nº. 3.2)

Olga **insistiu, em 1935, pouco depois de chegar ao Brasil, em regressar a Moscou** ‘e meus estudos’, conforme veremos adiante, o que sugere outras ambições do que permanecer na América do Sul. Parte de sua preparação envolvia uma extraordinária disciplina e a obrigação de manter sigilo absoluto sobre sua atividade no IV Departamento.

Dessa forma, Waack faz parecer que não existe a possibilidade de um compromisso entre Olga e Luís Carlos Prestes, diferentemente do que Hobsbawm (2005, p. 79) sugere em seu texto em referência a Olga: “Ela iria ver-se organizando a revolução no hemisfério ocidental, ligada e afinal casada com Luís Carlos Prestes, líder da longa marcha insurrecional pelos sertões brasileiros [...]”. Ao contrário, Waack evidencia a insistência de Olga em retornar aos seus compromissos em Moscou (“insistiu, em 1935, pouco depois de chegar ao Brasil, em regressar a Moscou”; “o que sugere outras ambições do que permanecer na América do Sul”).

Nos excertos abaixo (Anexo C, páginas 201-205), vemos emergir a caracterização da identidade de judia de Olga:

Excerto 118
(Anexo C, nº. 3.2)

[...] após o fracasso do levante, **Olga foi deportada em agosto do mesmo ano para a Alemanha** pelo governo de **Getúlio Vargas, que sabia estar entregando uma comunista judia a um regime que já havia adotado bárbaras leis racistas e anti-semitas [...]**.

Excerto 119
(Anexo C, nº. 3.3)

Curiosamente, o livro omite o fato de que Olga era judia e que seus familiares haviam morrido em campos de concentração.

Observando que, ao designar Olga como “uma comunista judia”, ao mesmo tempo em que o autor evidencia que ela foi entregue “a um regime que já havia adotado bárbaras leis racistas e anti-semitas”, ele também coloca em jogo, nesse momento, o destaque ao contexto político-histórico da Alemanha. Em agosto de 1936, Olga foi deportada para a Alemanha. Embora o extermínio das raças consideradas inferiores não havia se iniciado, a onda de anti-semitismo já era visível nas estratégias políticas imperialistas que tinham iniciado a caça aos judeus. Assim, podemos dizer que a predicação “judia” está relacionada aos propósitos do narrador para fazer emergir a judia, evidenciando o totalitarismo hitleriano cuja principal meta de governo era a purificação de raça, o que incluía a extermínio da raça judia.

Mais adiante, o enunciado “Curiosamente, o livro omite o fato de que Olga era judia”, reforça o posicionamento político do narrador. Waack surpreende-se com o fato de Ruth Werner, autora do livro intitulado “Olga Benário: a história de uma mulher corajosa”, não ter mencionado essa faceta identitária de Olga Benário em sua obra, uma vez que ela seja alemã e tenha sido comunista. Isso significa que Waack, ao invés de enfatizar o fato de que Olga foi enviada para a Alemanha por Getúlio Vargas e, por isso, morreu como judia (raça considerada por Hitler como uma raça inferior), omite a responsabilidade de Getúlio e de sua polícia política e joga a responsabilidade na política nazista hitleriana.

Por um outro lado, essa política de nomeação, “uma comunista judia”, em que a nomeação/predicação “judia” vem acompanhada da “comunista”, traz em seu bojo a crença desse narrador de que Olga não tinha saída, isto é, o seu fim seria a morte, pois estava sob o poder de dois totalitarismos: o nazista e o comunista. De acordo com as declarações de Waack:²⁶

A verdadeira dimensão trágica de Olga é o fato de ela ter sido vítima de dois totalitarismos. Foi liquidada por um deles, o nazista, enquanto todos os seus companheiros de luta no Brasil, que sobreviveram à aventura de Prestes e conseguiram voltar a Moscou, foram destruídos pelo outro totalitarismo, o comunista – foram executados na Rússia antes ainda do assassinato de Olga.

Dessa forma, há a possibilidade de afirmarmos, considerando-se o contexto histórico em que vigorava a oposição do nazismo e suas variantes ao comunismo, que a política de representação na qual está inserido o autor denuncia seu ponto de vista, no que diz

²⁶ Entrevista intitulada “Olga não tinha saída” feita a Waack pela revista Época e disponível no endereço <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG65925-6011-326,00.html>.

respeito ao socialismo e ao nazismo. Diferentemente dos posicionamentos de muitos historiadores e de ex-comunistas, Waack coloca o socialismo e o nazismo no mesmo pólo, quando argumenta sobre a morte de Olga. Para ele, se Olga não tivesse sido vítima da exterminação dos judeus pelo ditador Hitler, ela teria sido assassinada pelo totalitarismo soviético de Stalin, que, segundo esse autor, assassinou todos os companheiros de Olga que participaram da tentativa de revolução no Brasil.

Segundo Waack (2004), conforme já mencionamos nesta análise, com o fim da União Soviética, foi possível acessar documentos importantes referentes aos militantes comunistas. Dentre esses documentos, esse autor encontrou uma autobiografia de Olga, escrita em 1932, que correspondia a exigências burocráticas do comitê de segurança e obrigatória para os militantes que passassem por Moscou. O conteúdo desse texto, conforme esse narrador, deveria contemplar dados pessoais, familiares e políticos. A partir desse material, o autor argumenta que Olga mudou-se para Berlim, em 1925, motivada por desavenças familiares. Desta forma, fica em destaque o seu *status* de filha, como exemplificamos nos excertos (Anexo C, páginas 201-205) abaixo:

- | | |
|------------------------------------|--|
| Excerto 120
(Anexo C, nº. 3.8) | Os motivos que Olga dá para sua ida a Berlim, a capital do país, em 1925, são menos românticos que os mencionados nas biografias, e sugerem o contrário das versões romanceadas: um forte conflito com o pai , advogado de classe média e membro ativo do Partido Social-Democrata. |
| Excerto 121
(Anexo C, nº. 3.8) | [...] na autobiografia preferiu colocar o pai sob luz negativa ‘Sobretudo meu pai queria me obrigar a ser membro da Juventude Socialista’ [...]. |
| Excerto 122
(Anexo C, nº. 3.13) | Com a mãe, o relacionamento sempre havia sido difícil , como se pode ler numa carta de 1937, arquivada em Moscou, da mãe de Prestes, então empenhada numa campanha para libertação do filho e da nora. |

O ato de fala “um forte conflito com o pai” aponta para a militância de Olga, que não é o único eixo norteador de sua trajetória. As escolhas lingüísticas formam o conjunto de aspectos identitários que participam do processo de construção da filha. Elas pressupõem a idéia de “rebeldia” e “não submissão às proibições paternas”. Mais adiante, o enunciado “Sobretudo meu pai queria me obrigar a ser membro da Juventude Socialista” reforça a idéia de conflito existente entre pai e filha e a não identificação de Olga com o pai.

Além disso, esse narrador, por meio dos elementos lingüísticos do último enunciado, parece sugerir que o conflito entre pai e filha não se restringe à “rebeldia”. Ele está

vinculado também às divergências políticas, conforme percebemos nos textos de Moraes (2004) e Buzzar (1995). Esse autor sugere que havia uma imposição da opção político-partidária do pai, um social-democrata, à filha, pois, como realça o autor, sobre esse contexto histórico de Moscou, ano de 1925, “os social-democratas eram, de acordo com a linha oficial do *Komintern*, os piores inimigos do movimento comunista” (WAACK, 2004, p. 96).

O conflito familiar estende-se à mãe. Os elementos lingüísticos que compõem o enunciado “Com a mãe, o relacionamento sempre havia sido difícil” apontam atributos que caracterizam a filha Olga, desta vez, segundo as crenças e valores desse autor, como uma pessoa “distante” e “indiferente”. Subjacente a essa política de nomeação/predicação está a ênfase ao conflito familiar. Para esse narrador, a evidência dessa idéia está registrada em uma carta escrita por dona Leocádia, mãe de Luís Carlos Prestes, quando liderava uma campanha para libertar o filho e a nora. Nessa carta, fica evidente, segundo ele, a indiferença da mãe pela filha, reforçando a ausência de afetividade entre elas.

O processo de construção de filha, que sugere esses sentidos, o de filha “rebelde”, “desobediente” etc., entre outros, refuta a versão apresentada nas obras biográficas de Ruth Werner (1961)²⁷ e Fernando Moraes (1985). Para Waack (2004), esses autores criaram uma versão romaneada da ida de Olga para Berlim. Trata-se do interesse em apontar que Olga se mudou para Berlim, tendo como motivação o amor à causa política e ao namorado, na época, Otto Braun.

Ao discordar dessa idéia, trazendo para sua argumentação o próprio texto escrito por Olga, Waack insere-se numa política de representação cujo interesse é dar maior crédito à versão de seu texto, amparado em documentos inéditos, segundo ele, arquivados em Moscou.

Uma das possibilidades de emergência das representações de Olga feitas por Waack, tanto no papel de militante como no de espiã, dando ênfase à formação militar e dispensando a formação teórica, quanto no papel de namorada, ligada ao setor de espionagem e de filha sem laços afetivos familiares etc., entre outros aspectos identitários evidenciados, está no fato de Waack acreditar que os comunistas cometeram os mesmos erros e/ou atrocidades cometidos pela política de direita: integralismo, nazismo e fascismo.

²⁷ O ano de 1961 refere-se à primeira edição da obra *Olga Benário: a história de uma mulher corajosa*, de Ruth Werner, mencionada por Waack (2004).

Assim concluímos que, de acordo com a política de representação na qual Waack se inscreve parece impossível atribuir sensibilidade e idealismo à militância de Olga. Nas próprias palavras de Waack:²⁸

Prestes e Olga eram, antes de mais nada, soldados do Partido, e a esses soldados não se admitiam crises de consciência. Dou um exemplo: entre a derrota do levante de novembro de 1935 e a prisão dos dois, no início de 1936, Prestes mandou matar a namorada do secretário-geral do PCB, Elza, uma moça inocente e ingênua de 18 anos, que foi estrangulada por militantes do partido. Ele suspeitava, erroneamente, que Elza fosse informante da polícia. E Olga não se opôs à decisão, segundo o agente soviético no Rio que chefiava o esquema clandestino. Não havia nada de romântico ali.

Implícitos na forma como ele constrói aspectos identitários da militante e da mulher Olga, percebem-se apagamentos relacionados aos vários aspectos identitários de Olga, principalmente os ligados à idéia de afetividade e idealismo. Assim, ficam evidentes os posicionamentos de Waack, que denunciam suas crenças e valores éticos e políticos e, possivelmente, morais.

3.1.4 Mãe, Mulher, militante: caracterizações de Olga nos ensaios de Anita L. Prestes

Nesta seção, consideramos para análise as formas de designação usadas nos dois textos de Prestes, A. L.. Nos fragmentos (Anexo E, páginas 207-209), temos as seguintes descrições:

- | | |
|-----------------------------------|---|
| Excerto 123
(Anexo E, nº. 5.2) | Ao mesmo tempo, sensibilizada pelos problemas sociais que abalavam a Alemanha nos anos 1930 , aproximou-se da Juventude Comunista, organização política na qual passaria a militar ativamente. |
| Excerto 124
(Anexo E, nº. 5.3) | Ela se torna então uma militante revolucionária, decidida a dedicar sua vida à luta por uma sociedade mais justa e igualitária . |
| Excerto 125
(Anexo E, nº. 5.4) | Em Berlim, os dias de Olga eram divididos entre o trabalho, na Representação Comercial da URSS, e sua atividade revolucionária, organizando manifestações, greves, pichações e cursos políticos para trabalhadores e jovens comunistas .
[...] Em abril de 1928, a jovem revolucionária , à frente de um |

²⁸ Idem nota 26.

grupo de militantes, lidera um assalto à prisão para libertar o companheiro.

Excerto 126
(Anexo E, nº. 5.5)

Por decisão do Partido Comunista, o casal viajou clandestinamente para Moscou, onde **Olga**, com **apenas 20** anos, se tornou **dirigente da Internacional Comunista da Juventude**.

Excerto 127
(Anexo E, nº. 5.6)

[...] era então uma **destacada combatente da revolução mundial - uma internacionalista**, segundo a concepção dos comunistas da época, para os quais a vitória do socialismo em escala mundial estava posta na ordem do dia.

Nos excertos acima, é possível perceber que a autora não apaga a faceta identitária da militante destemida e arrojada, destacadas nas escolhas que compõem os trechos “a jovem revolucionária, à frente de um grupo de militantes, lidera um assalto à prisão para libertar o companheiro”; “sua atividade revolucionária, organizando manifestações, greves, pichações”. Também dá ênfase à militante que tem progresso rápido dentro do partido, como observamos nos seguintes fragmentos: “com apenas 20 anos, se tornou dirigente da Internacional Comunista da Juventude”; “destacada combatente da revolução mundial”.

Ao usar as formas linguísticas mostradas acima, Prestes, A. L. deixa em destaque a intensa ação que envolve a militância de Olga, que ocorre precocemente (“com apenas 20 anos”). Mas, além desse aspecto, interessa a essa narradora ampliar o contexto de atuação de Olga que, para ela, não se restringia apenas à ação, mas também ao idealismo. Por isso, a força ilocucionária dos enunciados acima denota também a idéia da militante exemplar, comprometida com a causa da humanidade. Isto significa que essa idéia de militante, que subjaz a esses enunciados, tem uma força performativa que concorre para a representação do nível de solidariedade e altruísmo de Olga e coloca em destaque a dedicação e a ação da militante para alcançar seus propósitos: luta pela solução dos problemas sociais do mundo.

A identificação desses aspectos identitários de Olga como a militante solidária está no centro da ética comunista. Segundo Ferreira (2002), a renúncia à vida pessoal em prol da causa política constituía uma das condições que orientavam o Partido Comunista. Era a construção da imagem de militância ideal.

Por um outro lado, é possível dizer que Prestes, A. L. deixa sobressair a posição filial, cuja voz produz uma Olga mais sensibilizada com os problemas sociais de seu país e da humanidade; produz uma faceta militante de Olga mais humanizada, como no fragmento, “[...] sensibilizada pelos problemas sociais que abalavam a Alemanha nos anos 1930 [...]”. Prestes, A. L. também dá evidência à voz da historiadora e ex-comunista, perpassada pela

ideologia marxista e defensora de sua causa, a partir da qual produz a representação de uma Olga mais próxima de uma militante solidária, consciente de seu papel na sociedade, isto é, “decidida a dedicar sua vida à luta por uma sociedade mais justa e igualitária”, o que condiz com o lema do Marxismo, conforme percebemos nos dizeres de Prestes (1995, p. 14) sobre seus pais, Olga e Luís Carlos Prestes: “dois revolucionários comunistas que passaram por indescritíveis sofrimentos em nome de uma causa maior, a causa da emancipação da humanidade da exploração do homem pelo homem”. No bojo dessa política de nomeação/predicação (“uma militante revolucionária, decidida a dedicar sua vida à luta por uma sociedade mais justa e igualitária”; “dirigente da Internacional Comunista da Juventude”; “destacada combatente da revolução mundial - uma internacionalista”) percebe-se o interesse da autora em representar uma militante completa, já que a militância envolve, tanto a ação quanto o idealismo e a vontade política dos militantes. Essa política de representação está no centro de uma estratégia político-partidária de cunho esquerdista, visto que, tanto na posição social de filha de Olga quanto na posição de historiadora, Prestes, A. L. reivindica, por meio de um dizer e um fazer ideológicos, a manutenção da memória viva do sofrimento pelo qual passou sua família, principalmente a mãe, Olga Benário. Isto é apresentado em oposição às estratégias da política de direita hoje, tanto no Brasil como na Alemanha, conforme percebemos nos dizeres de Prestes, A. L. (1997). Essa autora usa esse argumento, a fim de legitimar a identidade de Olga como mulher corajosa, convicta de seus ideais e com grande sensibilidade para os problemas sociais mundiais.

Outro aspecto identitário que deixa indícios dessa política de representação e que reforça os sentidos que norteiam o significante militante que essa narradora está construindo dizem respeito à evidência que dá à classe social de Olga. Possivelmente, para mostrar que Olga, mesmo pertencendo à classe média alemã, conforme relata Prestes, A. L. (1995, 2004) em seus ensaios, foi uma mulher cujo desprendimento econômico e social impulsionava sua grande capacidade de renúncia. Sobre essa política de representação, podemos afirmar que aos trabalhos de Prestes, A. L. subjazem, como em vários trabalhos contemporâneos (como, por exemplo, os ensaios no livro intitulado: “Não olhe nos olhos do inimigo”), a política de manter viva a memória de Olga Benário.

Para Pontes (2007), Prestes, A. L. destaca-se nessa postura, já que luta por resguardar a memória dos pais, Olga Benário e Luís Carlos Prestes e, geralmente, opõe-se aos trabalhos que abordam a trajetória desses militantes comunistas, “enquadrando-os como de direita ou reacionários” (PONTES, 2007, p. 10).

Há um outro aspecto da política de nomeação/predicação adotada por Prestes, A. L., que aparece no título de seu ensaio “Olga, revolucionária, sem perder a ternura”. Os elementos lingüísticos “revolucionária” e “ternura”, que desencadeiam atributos que predicam Olga, não parecem constituir um par binário, ou seja, um par dicotômico, que colocam a militante e a mulher em pólos opostos. Em Prestes, A. L., essa política de nomeação/predicação está no centro de uma política de representação a serviço da defesa da mulher revolucionária: ela pode ser tanto militante quanto terna. Há uma preocupação de Prestes, A. L. em reforçar esse aspecto da militante: a ternura. Essa política repete-se nos dois ensaios de Prestes, A. L., e, nela, subjaz o interesse em construir uma representação de Olga mais humana.

Esse esforço empreendido por Prestes, A. L. pode estar ligado aos sentidos arraigados e socialmente atribuídos aos(às) revolucionários(as) políticos(as), principalmente aos(às) comunistas. Nos contextos em que viveram Olga Benário e Luís Carlos Prestes, o regime de ditadura militar se constituiu a partir da negação e da repressão dos/aos partidos de esquerda, por isso, as designações usadas no discurso político-ideológico repressor da ditadura militar para nomear/predicar, principalmente, o Partido Comunista assumiam conotações cuja força performativa legitimavam aspectos identitários com os quais o Partido ainda hoje é identificado.

Assim, insistimos em que as práticas discursivas em que se inseriam os sujeitos opressores tinham um poder performativo tal, sustentado pela autoridade que esses sujeitos exerciam sobre todo o povo com o regime militar vigente, que legitimavam uma visão negativa de identidades políticas comunistas. Surgiram, desde então, representações simbólicas que designavam de forma pejorativa, tanto o Partido Comunista, quanto os militantes.

Diante disso, é possível dizer, observando-se os aspectos identitários de Olga que emergem desses ensaios, que Prestes, A. L. parece estar movida por uma política de representação para a defesa da militante. Isso desemboca na reconfiguração e (re)significação da constituição identitária de Olga, que contrasta com as outras formas produzidas no interior de outros discursos político-ideológicos. Prestes, A. L. adota sempre essa postura de defensora da trajetória política dos pais, Olga e Prestes, como observamos na citação a seguir, retirada de outro artigo da autora:

Mais uma vez, repetem-se as calúnias contra os comunistas e, em particular, contra Luiz Carlos Prestes e Olga Benário Prestes, de que seriam meros ‘agentes de Moscou’, empenhados em deflagrar uma revolução comunista no Brasil, falsificação grosseira da história e total deturpação do efetivo caráter das relações que imperavam entre os partidos comunistas, no seio da Internacional Comunista (PRESTES, A. L., 1997, p. 59).

A política de nomeação/predicação na qual está inscrita a autora pode ser considerada uma resposta performativa às outras caracterizações que se formularam sobre Olga Benário.

As formas de designação subjacentes às escolhas lingüísticas da autora, tais como: “revolucionária” e “ternura”, dentre outras, estão no centro de uma política de representação que pode ser explicada pelo contexto histórico e político da escritura desse texto de Prestes, A. L.. A partir desses elementos lingüísticos, Prestes, A. L. tenta reconfigurar as identidades da comunista, da revolucionária, e coloca em pauta outras possibilidades de subjetivação da militante comunista, Olga Benário, e também das mulheres revolucionárias que sofreram pelos seus ideais, que também foi o caso dela, Anita Leocádia Prestes.

Olga, no papel de namorada ou companheira de Otto Braun, também aparece nesse texto, como verificamos nos excertos (Anexo E, páginas 207-209) abaixo:

- | | |
|-----------------------------------|--|
| Excerto 128
(Anexo E, nº. 5.2) | Nesse período, conheceu o jovem dirigente comunista Otto Braun. Com a ajuda dele, passou a estudar as obras dos clássicos do marxismo, consolidando suas convicções revolucionárias. |
| Excerto 129
(Anexo E, nº. 5.3) | Aos 16 anos, apaixonada por Otto , Olga sai da casa paterna e, junto com o companheiro, viaja a Berlim. |
| Excerto 130
(Anexo E, nº. 5.4) | Em abril de 1928, a jovem revolucionária, à frente de um grupo de militantes, lidera um assalto à prisão para libertar o companheiro. A ação teve êxito total, pois, além de o prisioneiro ter escapado daquela prisão de “segurança máxima”, Olga e seus camaradas também conseguiram fugir incólumes. |

Embora o ato de fala, “apaixonada por Otto”, por sua força performativa, pareça construir uma faceta de mulher apaixonada que, por esse motivo, sai de casa para acompanhar Otto, outros aspectos identitários de Olga são apontados pela autora para retratá-la nesse momento. A política de nomeação/predicação usada por Prestes, A. L. pode fundar outros sentidos na construção da militante que deixa a casa paterna. Percebemos que a figura de Otto é importante, nesse contexto, pois ele já era dirigente comunista e estava em Munique a serviço da Internacional Comunista. Ele aparece como um guia e figura importante na

formação teórica marxista de Olga, como descrito no enunciado: “com a ajuda dele, passou a estudar as obras dos clássicos do marxismo, consolidando suas convicções revolucionárias”, conforme já mencionamos na análise dos textos de Moraes e Buzzar. Como esses autores, A. L., Prestes dá visibilidade à excelente formação teórica e intelectual²⁹ de Olga.

No momento em que encontra Otto Braun, mais precisamente, em 1923, Olga tinha acabado de se associar ao Partido Comunista alemão. Nessa época, ela tinha apenas 15 anos e já se destacava como militante. A partir disso, podemos perceber que as escolhas lingüísticas da autora, como no enunciado anterior, sugerem uma parceria política que contribui para a formação teórica e intelectual de Olga. Isto acaba aludindo à idéia de que o namoro também poderia estar a serviço da construção identitária de militante revolucionária com um alto grau de conhecimento teórico. Subjacente a essa política de representação está o interesse em destacar a consciência política de Olga Benário, implícita nos elementos lingüísticos que compõem o enunciado acima.

No enunciado, “lidera um assalto à prisão para libertar o companheiro”, aparentemente, a palavra “companheiro”, nos remete ao relacionamento de Olga e Otto. Mas, há duas circunstâncias que devemos considerar. A primeira diz respeito à forma como os militantes comunistas se referem aos membros do partido. A designação “companheiro” pode estar sendo usada como sinônimo de camarada, como a própria autora empregou mais adiante, em seu texto, “Olga e seus camaradas”, que pode denunciar uma marca da própria militância de Anita Prestes. Além disso, ao se referir a Otto, em um segundo momento, nesse mesmo episódio, Prestes, A. L. emprega a palavra “prisioneiro” e não “namorado”.

A segunda circunstância pode ser explicada pelo momento histórico. Segundo Prestes, A. L. (2004),

Com o agravamento dos conflitos sociais na Alemanha, cresce a repressão policial aos militantes comunistas. Embora vivendo com nomes falsos, na clandestinidade, o casal corre o risco permanente de ser preso, o que acabaria acontecendo em outubro de 1926. Olga ficou na prisão de Moabit apenas dois meses, mas Otto permaneceu lá, acusado de ‘alta traição à pátria’.

²⁹ Não analisamos essa faceta identitária de Olga Benário separadamente, pois ela foi desenvolvida na análise de outros aspectos identitários que caracterizam essa militante, presentes no texto dessa autora.

Depois da consideração desse contexto, é importante evidenciar também que o fato de Olga pertencer a uma família de classe média causou-lhe problemas com os militantes, pois o partido, em Munique, era composto por filhos da classe operária. Assim, era natural que Olga tentasse resolver o problema de resistência dos companheiros, superando-os (MORAIS, 2004). Percebemos que, em determinados momentos, o objetivo de Prestes, A. L. é colocar em foco, em seu texto, a militante, conforme verificamos nos trechos “à frente de um grupo de militantes”; “lidera um assalto à prisão”. A força performativa do verbo “lidera” e da locução adverbial “à frente de” dão destaque à liderança de Olga nessa missão perigosa. Mais adiante, para reforçar essa idéia sobre o papel de liderança de Olga e sua vitória, Prestes, A. L. lança mão do enunciado “a ação teve êxito total”.

A partir de todas essas considerações, podemos afirmar que, nesse momento, por trás da forma como Olga foi representada por Prestes, A. L., parece haver o interesse em exaltar a militância e não o relacionamento afetivo de Olga. Essa construção identitária, portanto, culmina com a legitimação de aspectos que identificam a militante em plena ação ou atividade intelectual, deixando em segundo plano qualquer referência à posição de namorada.

Os excertos selecionados a seguir (Anexos D e E, páginas 206-209) revelam a militância inabalável de Olga, mesmo após a prisão, trazendo de volta os mesmos sentidos que norteiam o significante militante desde o início de sua narrativa:

Excerto 131 (Anexo E, nº. 5.12)	[...] As cartas que Olga conseguiu escrever para a família e o testemunho de suas companheiras de infortúnio, tanto no Brasil quanto na Alemanha, revelam sua firmeza inabalável de caráter - a convicção profunda na justeza dos ideais revolucionários que abraçara e, em particular, seu espírito de solidariedade e justiça.
--	---

Excertos 132 (Anexos D, E, nºs. 4.4, 5.13)	Segundo testemunhos de companheiras do campo de concentração, Olga jamais se entregou ao desespero nem ao conformismo, lutou até o último momento de sua curta vida, infundindo coragem e confiança no futuro em todos aqueles que a rondavam.
---	---

Prestes, A. L., com base nas cartas de Olga enviadas do cárcere para Carlos Prestes e sua família e nos depoimentos das companheiras de Olga nas prisões brasileira e alemã, faz referências a Olga, usando as seguintes escolhas lingüísticas: “firmeza inabalável de caráter”; “convicção profunda na justeza dos ideais revolucionários”; “espírito de solidariedade e justiça”. Essas escolhas lingüísticas indicam o perfil de uma militante invencível, sustentada pela crença em seus ideais. Resumem, assim, a figura idealizada que povoa o imaginário dessa autora. Dessa forma, há a solidificação, através da força performativa desses enunciados, da imagem de militante que, mesmo com a derrota, mantém-se firme à ideologia

do partido e aos propósitos de libertar a humanidade da injustiça social latente. Pode-se dizer que a essa política de representação subjazem os valores éticos por meio dos quais a militância política comunista era orientada, e também a legitimação de uma identidade política reivindicada pelo Partido Comunista. Pode estar também implícita a essa representação a crença de que o socialismo era o sistema mais justo pelo qual valia a pena lutar. Assim, as escolhas lingüísticas “desespero” e “conformismo”, usadas no excerto 132, parecem indicar que não eram sentimentos alimentados pelos militantes que acreditavam na vitória final, que está explícita nas designações “corajosa” e “confiante”, atributos associados a Olga, por meio do uso dos elementos lingüísticos “coragem” e “confiança”.

Percebemos, que, paralelamente à construção desses aspectos identitários de Olga, configura-se também o perfil do ideal comunista. Pode estar implícito nessa política de representação o indício de que o socialismo era o regime ideal na solução dos problemas sociais do mundo, que, segundo Prestes, A. L. (1997), vivia sob o jugo das oligarquias e dos imperialismos.

Ainda com relação ao texto de Prestes, A. L., é possível perceber uma ênfase à representação de um aspecto da identidade de Olga caracterizado pela força e pela coragem, visto que é atribuída a ela a função de guarda-costas de Prestes. Vejamos os seguintes fragmentos (Anexo E, página 208):

Excerto 133
(Anexo E, nº. 5.6)

[...] ela recebeu da Internacional Comunista **a tarefa de acompanhar Luiz Carlos Prestes** [...] em sua viagem de volta ao Brasil. Sua missão era zelar pela **segurança do líder político**, uma vez que o governo Vargas decretara sua prisão.
[...] Sua viagem com Prestes foi para ela mais **uma tarefa a cumprir em prol da revolução mundial**, de acordo com o célebre apelo do Manifesto Comunista de Marx e Engels: ‘Proletários de todos os países, uni-vos.

Os enunciados desse excerto, tais como, “a tarefa de acompanhar Luiz Carlos Prestes”; “segurança do líder político”; “uma tarefa a cumprir em prol da revolução mundial”, são compostos por elementos lingüísticos que apontam para a caracterização de aspectos identitários ligados à posição de guarda-costas.

A vinda de Olga ao Brasil dá-se pelo seu destaque na militância. Ela foi escolhida pela cúpula da Internacional Comunista para acompanhar o líder revolucionário até o Brasil, para que aqui fosse organizada a revolução proletária nos moldes da Revolução Russa (MORAIS, 2004; PRESTES, 1995). Por isso, nos enunciados acima, que abordam esse

contexto histórico, a narradora destaca esse aspecto da constituição identitária de Olga: o de guarda-costas.

Subjaz ao nome, “tarefa”, a idéia de cumprimento de dever e obediência na execução dessa tarefa: segurança do líder político brasileiro. Mas, se considerarmos a força performativa do enunciado, “uma tarefa a cumprir em prol da revolução mundial”, percebemos que sua tarefa não se restringia a dedicar-se a uma única pessoa. Prestes, A. L. retrata novamente a militante compromissada com a causa mundial.

A ênfase dada a essa missão deve-se à projeção de Luís Carlos Prestes, que era um líder político brasileiro perseguido pelo governo Getúlio Vargas e que corria sérios riscos no Brasil (PRESTES, A. L., 1995, 2004). Parece que essa política de representação adotada pela autora sugere que a importância e o mérito dessa tarefa residiam não apenas no fato de que ela garantia a segurança de um revolucionário que se transformara em um mito brasileiro (PRESTES, A. L., 1997), mas também na existência de uma causa maior que deveria ser realizada em nome da revolução mundial. Esse tema, qual seja: “de acordo com o célebre apelo do Manifesto Comunista de Marx e Engels: ‘Proletários de todos os países, uni-vos’” (PRESTES, A. L., 2004), estava em consonância com a teoria marxista, segundo o qual Prestes, A. L. parece elaborar seus dizeres.

Mas, a partir dos próximos fragmentos (Anexo E, página 208), a política de nomeação/predicação usada por Prestes, A. L. move a identidade de militante da função de guarda-costas para a de esposa.

Excerto 134
(Anexo E, nº. 5.8)

Olga era **responsável pela segurança do marido**, servindo também de elemento de ligação entre ele e os companheiros, tanto do PCB quanto da ANL. [...] **Assessorado o tempo todo pela mulher**, ele participa dos preparativos de uma insurreição armada contra o governo Vargas, que deveria estabelecer no país um Governo Popular Nacional Revolucionário, representativo das forças sociais e políticas agrupadas na ANL.

Há algo interessante que percebemos na política de nomeação/predicação usada por Prestes, A. L.. A partir do momento em que narra a relação afetiva entre Carlos Prestes e Olga Benário, todas as referências feitas a Olga sugerem, em um primeiro momento, que ela está na função de esposa. De acordo com essa autora, “Durante a longa e acidentada viagem rumo ao Brasil, os dois se apaixonaram, tornando-se efetivamente marido e mulher” (PRESTES, A. L., 2004). Conforme demandava aquele momento histórico, as nomeações/predicações “responsável pela segurança do marido” e “Assessorado o tempo todo

pela mulher” retratam Olga na função de militante e também na de esposa. Pode-se afirmar que a política de nomeação/predicação empregada por Prestes, A. L., percebida em seu dizer, quando lança mão do nome “mulher” ou do elemento lingüístico “marido”, que pressupõem o atributo esposa para caracterizar Olga, revela sua inscrição político-ideológica, qual seja, a de uma pessoa ligada a Olga e Prestes por vínculos afetivos, no caso dela, a de filha de Olga.

Também nos excertos (Anexos D e E, páginas 206-209), que relatam o momento da prisão de Olga Benário e de Luís Carlos Prestes, as escolhas lingüísticas de Prestes, A. L. denunciam sua posição político-ideológica de filha:

Excerto 135
(Anexo D, nº. 4.1)

Companheira dedicada de Luiz Carlos Prestes, meu pai, a quem salvara a vida quando ambos foram presos.

Excerto 136
(Anexo E, nº. 5.9)

Mas, no momento da prisão, Olga salvou-lhe a vida. **Interpondo-se entre o marido e os policiais, ela impediu seu assassinato.**

Diferentemente do que é representado no texto de Moraes, a perspectiva de Prestes, A. L., ao fazer referência ao fato de Olga ter salvado a vida de Luís Carlos Prestes, retrata o fato de forma a enfatizar a questão afetiva. Da posição de filha, de onde enuncia a autora, o texto é construído de forma a destacar-se a figura do esposo e pai; desaparece a figura do revolucionário que necessita, naquele momento, da proteção de um(a) guarda-costas. A nomeação, “companheira dedicada”, traz à tona a esposa na sua conotação mais clássica. Também, ao usar o nome “marido” no enunciado, a autora fez emergir a esposa. O elemento lingüístico “marido”, em vez de revolucionário ou militante político, marcou sua inscrição ideológica, qual seja, a de enaltecer a atitude de Olga, de destacar seu desprendimento e renúncia, atitude esperada, geralmente de alguém que mantém laços afetivos muito próximos com os envolvidos no evento. Essa escolha lingüística da narradora traz como consequência a legitimação de aspectos identitários de Olga caracterizada como a esposa e não como a militante guarda-costas. Além disso, a esposa, nesse contexto, foi revestida da idéia de companheira que zela pelo seu ente querido.

Mas, se considerarmos o fragmento do excerto abaixo, (Anexo E, página 208), percebemos que a representação de esposa assume outros matizes:

Excerto 137
(Anexo E, nº. 5.7)

Tinha início **um grande amor**, que contribuiria para intensificar ainda mais, por parte de ambos, **o ardor revolucionário e a dedicação à causa abraçada**, de libertação da humanidade da exploração do homem pelo homem.

A força ilocucionária da forma, “um grande amor”, contribui para a construção da imagem de uma esposa apaixonada. Mas, mais adiante, o enunciado “o ardor revolucionário e a dedicação à causa abraçada” parece sugerir, nesse contexto, que esse amor e paixão e toda a dedicação ao político e esposo estão em função da militância por uma causa maior. Trata-se de um amor de esposa que também está vinculado à causa maior pela qual ambos estão lutando.

Essas representações evidenciam ora a posição de filha da autora, ora a posição de historiadora, implicando na construção de aspectos identitários ora de esposa, ora de militante comunista e ora de esposa em função da militância.

Quando cria o retrato de Olga como mãe, Prestes, A. L. deixa marcas, tanto de sua posição de filha de Olga Benário como de historiadora. Vejamos os excertos (Anexos D e E, páginas 206-209) abaixo:

Excerto 138
(Anexo D, nº. 4.2)

[...] o desejo de que eu fosse uma criança feliz e alegre, orgulhosa de meus pais se terem empenhado na luta por um mundo melhor, sem queixas nem arrependimentos.

Excerto 139
(Anexo E, nº. 5.10)

Numa exígua cela dessa prisão, submetida a regime de rigoroso isolamento, conseguiu criar a filha até os 14 meses, graças à ajuda, em alimentos, roupas e dinheiro, que recebeu da mãe e da irmã de Prestes.

A imagem de mãe construída por Prestes, A. L. também retoma efeitos construídos para a militante, como no enunciado, “o desejo de que eu fosse uma criança feliz e alegre, orgulhosa de meus pais se terem empenhado na luta por um mundo melhor, sem queixas nem arrependimentos”. A força ilocucionária desse enunciado contribui para a construção de aspectos identitários da Olga mãe ou de uma imagem de mãe cujo exemplo a ser seguido está no campo da militância. A figura de mãe, retratada pela narradora é aquela cujo desejo é o de que a filha sinta orgulho de sua trajetória e que tenha uma postura positiva diante da vida, apesar de seu fim trágico. Nesse contexto, aparece novamente a idéia da renúncia de sua vida pessoal por uma causa maior. Esse é o exemplo que deseja que a filha tenha de sua mãe. O exemplo da comunista disciplinada e leal aos ideais de seu Partido. Mas, que isso não fosse entendido como uma atitude inconseqüente da mãe, conforme deixam flagrar as escolhas lingüísticas “sem queixas, nem arrependimentos” que nos remetem à atitude ativa da mãe/militante. Por trás dessa política de nomeação, que é reforçada na análise da faceta identitária da militante com boa formação teórica, percebe-se a crença da filha de que a mãe

tinha plena consciência política das conseqüências da derrota sofrida, o que não diminuiu o seu idealismo e a convicção de sua escolha política: ser uma revolucionária comunista.

Já, na forma “Numa exígua cela dessa prisão submetida a regime de rigoroso isolamento, conseguiu criar a filha até os 14 meses”, a autora, em sua posição de filha, adota uma política de representação tal que exalta a maternidade da mãe que, mesmo estando em um ambiente hostil e enfrentando todas as limitações próprias daquele ambiente, foi capaz de cuidar da filha.

Em resumo, pode-se dizer que a força performativa dos enunciados analisados deixa flagrar a construção de aspectos identitários de Olga, relacionados ao seu papel de mãe em, pelo menos duas situações. A primeira, a mãe solidária que dá a vida pelo outro e deixa esse exemplo para a filha e a segunda, a mãe que supera qualquer limitação, seja material (“graças à ajuda, em alimentos, roupas e dinheiro, que recebeu da mãe e da irmã de Prestes”), seja de ordem de espaço (“Numa exígua cela dessa prisão”), ou de ordem psicológica (“submetida a regime de rigoroso isolamento”), para cuidar da filha, durante o pouco tempo em que esteve com ela.

No próximo excerto (Anexo E, página 207-209), encontramos duas atribuições ao papel de filha construído para Olga:

- | | |
|-----------------------------------|---|
| Excerto 140
(Anexo E, nº. 5.1) | Olga lembraria mais tarde que iniciou seu aprendizado dos problemas sociais no escritório paterno , folheando os processos dos trabalhadores defendidos por Leo Benario. |
| Excerto 141
(Anexo E, nº. 5.2) | Aos 15 anos de idade, Olga já possui uma sólida base cultural , pois sempre gostara de ler. Na biblioteca do pai travara contato com os grandes escritores e poetas alemães . |

Essa construção identitária está também em função da representação que Prestes, A. L. faz da militante solidária e preocupada com as causas humanas. No fragmento “iniciou o aprendizado dos problemas sociais no escritório paterno”, os elementos lingüísticos “aprendizado” e “paterno” indicam, como já mencionamos sobre o texto de Moraes e Buzzar, e conforme a política de representação em que está inserida Prestes, A. L. (1995, 2004), que Olga seguiu os passos do pai que, embora sendo um famoso advogado, encontrava tempo para ajudar aqueles que necessitavam de seus trabalhos jurídicos e não podiam pagar. Essa é a principal caracterização de Olga que, segundo nossa análise, pela força ilocucionária do ato de fala “iniciou seu aprendizado dos problemas sociais no escritório paterno, folheando os processos dos trabalhadores defendidos por Leo Benário”, está relacionada aos aspectos

identitários que constroem a caracterização da filha, que aprendeu com o pai o que, mais tarde, seria a sua marca: a idéia de altruísmo político de Olga Benário.

No enunciado do excerto 141, há novamente uma atribuição à formação intelectual de Olga. Nesse momento, a casa paterna foi a grande referência na formação da base cultural dessa militante. A força performativa desses enunciados (“uma sólida base cultural”; “travara contato com os grandes escritores e poetas alemães”) contribui para a construção da identidade de filha que se deixa tocar pelos problemas do proletariado alemão, não apenas pela via da solidariedade, mas pelo conhecimento adquirido através dos livros da biblioteca do pai. Essa autora ainda se refere à formação de Olga no excerto a seguir (Anexo E, página 207):

Excerto 142
(Anexo E, nº. 5.5)

Na capital soviética, **ela aprende russo, estuda inglês e francês** – para poder viajar pela Europa Ocidental em missões delegadas pela Internacional juvenil – e **aprofunda seus conhecimentos de marxismo**. Faz também **um curso de pára-quedismo e pilotagem de aviões [...]**.

Tanto Prestes, A. L. quanto Moraes e Buzzar dão grande ênfase à formação da militante Olga Benário. A formação tanto no campo militar como no intelectual e cultural está, no texto dessa autora, atendendo a uma política de representação movida pela produção de uma faceta de militante cujos conhecimentos teóricos específicos para sua militância (“aprofunda seus conhecimentos de marxismo”) e os conhecimentos gerais voltados para sua formação cultural (“aprende russo, estuda inglês e francês”) fornecem-lhe subsídios para a sua atuação marcante no interior do Partido Comunista. As atribuições relacionadas à formação militar (“curso de pára-quedismo e pilotagem de aviões”) não ficam muito em destaque no texto dessa autora, cuja política de nomeação/predicação, percebida a partir dos sentidos que as escolhas lingüísticas dos enunciados citados desencadeiam, concorre para a configuração de aspectos identitários que produzem a militante com sólida formação teórica e intelectual.

Prestes, A. L. faz referência também ao aspecto da identidade judia de Olga, conforme vemos no excerto abaixo (Anexo E, página 209):

Excerto 143
(Anexo E, nº. 5.11)

A situação de Olga seria particularmente penosa, pois carregava consigo duas pechas consideradas fatais – a de comunista e **a de judia**.

No enunciado acima, a nomeação/predicação, “judia”, aparece como um aspecto identitário que agravava a situação de Olga enquanto presa política. Na realidade, para Prestes A. L., a deportação e o assassinato de Olga não encontram justificativas somente na grande

perseguição aos judeus, pois “o fascismo não se resumiu ao Holocausto” (PRESTES, 1995, p. 15). Segundo a análise histórica de Prestes, A. L., além de ter sido um presente de Getúlio Vargas para Hitler, denunciando as estreitas ligações de Vargas com o nazismo, a deportação de Olga também está ligada à vingança de Vargas contra Luís Carlos Prestes, que era, na época, um dos principais líderes do movimento de oposição ao governo de Getúlio Vargas (PRESTES, A. L., 1995, 2004).

Ao analisarmos os textos de Prestes, A. L., percebemos que ela não faz referência à beleza de Olga. Como Prestes, A. L. é historiadora e ex-comunista, acreditamos que esse aspecto da constituição identitária de Olga seja irrelevante para ela, já que a política de nomeação/predicação usada por Prestes, A. L. está no centro de uma política de representação que aponta outro interesse dessa autora, qual seja, apresentar a militante Olga marcada pelo idealismo, pelo compromisso com a causa revolucionária e, principalmente pela fidelidade aos princípios políticos do comunismo.

Quando Prestes, A. L. enuncia a partir do lugar social de filha de Olga, deixa flagrar uma política de representação marcada ideologicamente por esse atravessamento filial, pois faz emergir, no emprego de uma nomeação/predicação, uma faceta identitária de mulher corajosa, determinada, cujo exemplo de vida, de amor à humanidade e aos seus constitui o legado que deixou à filha, neste caso, Anita Prestes. Assim, os valores e crenças que permeiam as políticas de representação dessa autora, denunciam o apagamento e a desconsideração desse aspecto identitário de Olga, a beleza.

Tudo o que foi discutido sobre os aspectos identitários que caracterizam Olga e que Prestes, A. L. coloca em evidência está no bojo de uma política de representação que tenta resgatar a memória e com ela a história, segundo Prestes, A. L., daqueles que lutaram e morreram por uma sociedade mais justa, entre esses, Olga Benário. Assim, pode-se afirmar que subjazem ao posicionamento de Prestes, A. L. valores político-ideológicos anticapitalistas. Para essa autora, o neoliberalismo consegue se manter com tranquilidade somente com o apagamento ou exclusão dos movimentos sociais. Por isso, a direita mundial lança mão desse instrumento para alcançar esse propósito. Nas palavras dessa autora:

Trata-se, na verdade, de apagar, na memória de grande parte das pessoas, não só a crença num futuro de justiça social, no qual venham a imperar valores como a igualdade e a liberdade para milhões e milhões de homens e mulheres em nosso planeta, como também a admiração e o respeito cultivados por muitas dessas pessoas em relação àqueles que deram suas

vidas ou contribuíram de maneira decisiva para que tais ideais se tornassem realidade. Torna-se imperativo, pois, acabar com os heróis e com a exaltação de seus feitos e de suas vidas. O heroísmo dos revolucionários, dos comunistas e dos antifascistas é batizado de “mito” para melhor poder ser destruído. [...] Às gerações atuais restaria conformar-se com a “globalização” e seus valores marcadamente “consumistas” (PRESTES, A. L., 1997, p. 52).

Inferimos, a partir disso, que Prestes, A. L. assume uma luta por manter suas convicções político-partidárias vivas e, concomitantemente, conforme Pontes (2007), inscreve-se na posição de defensora da memória dos pais: Olga Benário e Luís Carlos Prestes.

Esse é o investimento feito por essa narradora, já que, ao escolher (dizer) tais nomeações/predicações, provocou diferentes efeitos que tornam possível a caracterização de Olga de formas diferentes e concorrem para a legitimação dos aspectos da (s) identidade (s) de Olga que lhe convêm.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente análise lingüística de alguns textos biográficos sobre Olga Benário, que teve como objetivo geral investigar como se dá a construção das várias posições identitárias dessa militante a partir das políticas de nomeação/predicação e de representação adotadas pelos(as) autores(as) desses textos, revelou algumas especificidades sobre o processo de sua constituição identitária. Esta investigação tomou como base teórica os estudos de Austin (1990), de Rajagopalan (2002, 2003), de Hall (2000, 2005), de Silva (2005) e de Woodward (2005), e partiu da hipótese de que alguns aspectos identitários de Olga são apagados e outros evidenciados/legitimados nos textos analisados, dependendo da conveniência da política de representação de cada fonte analisada, uma vez que toda política de representação é sempre moldada por questões de cunho ideológico, social e político. Em decorrência disso, o retrato de Olga apresenta-se sempre multifacetado.

A partir dos questionamentos levantados (quais são as formas de nomeação/predicação que são utilizadas pelos(as) narradores(as) dos textos analisados e quais são as ideologias que podem ser percebidas a partir dessas políticas de nomeação?; que valores éticos e políticos subjazem ao apagamento ou à legitimação dos vários aspectos identitários de Olga na perspectiva dos narradores(as) dos textos analisados?; quais são as políticas de representação adotadas em cada um dos textos analisados?), articulados com a hipótese norteadora, tecemos algumas considerações sobre os resultados desta análise.

Os resultados mostraram que, nas diferentes formas de retratar Olga Benário nos textos biográficos analisados, subjazem posições ideológicas e sociais nas quais estão inscritos os(as) narradores(as), responsáveis pelo apagamento e/ou pela legitimação de diferentes aspectos identitários de Olga Benário. Esses posicionamentos dependem também tanto do contexto político e histórico retratado nos enunciados quanto do momento histórico, político e social de produção que interferem nos sentidos que emanam dos discursos produzidos em tais condições.

Isso nos permite dizer que os(as) narradores(as), ao nomearam/predicarem Olga, fazem determinadas escolhas lingüísticas, mediados por sistemas de crenças e valores, que os inscrevem em diferentes instâncias político-ideológicas, e criam aspectos que constituem as identidades de Olga, segundo seus próprios interesses. Em consequência disso, a figura

idealizada da mulher/militante e/ou a figura da mulher/espiã contrastam-se com a da mulher/esposa em alguns textos.

É possível dizer que isso explica o fato de acreditarmos que Moraes, Buzzar e Prestes, A. L. jamais atribuiriam a Olga aspectos que desencadeassem a idéia de uma faceta identitária de espiã, como aparece no texto de Waack. Essa forma de caracterização de Olga por Waack denuncia o seu lugar político-ideológico de não simpatizante ou de opositor dos político-partidários do comunismo. Por um outro lado, a ausência e/ou o apagamento desse aspecto identitário no texto dos demais autores pode denunciar a simpatia por esse grupo político, o comunismo, representado na figura de Olga Benário. Pode-se dizer que a análise apontou que estão em jogo, nas políticas de representação dos narradores, ao criarem o retrato de Olga Benário, valores e crenças relacionados aos posicionamentos políticos desses autores, fundamentadas nas oposições entre socialismo e capitalismo; integralismo, imperialismo e comunismo.

A política de nomeação/predicação de Waack (espiã) ocorre devido à sua inscrição político-ideológica. Essa análise que ele faz dos acontecimentos do levante de 1935 e os apontamentos que evidencia tornaram-se possíveis, pois ele está no papel de observador e não de membro dessa política. Já os demais autores não tocam no fato de Olga ter sido uma espiã. Fazem até menção ao fato de ela ser do aparato secreto, mas nunca a caracterizam como espiã. Quando se referem a ela como membro de um aparato secreto, entendemos que se referem ao seu papel como quadro do partido russo, isto é, como membro da cúpula que tomava as decisões.

Da mesma forma, encontramos nos textos de Moraes, Buzzar e Prestes, A. L. atribuições à sensibilidade da mãe em relação à filha, da esposa em relação a Luís Carlos Prestes e da militante que luta por uma causa maior: a vitória do socialismo sobre o capitalismo. Waack, por outro lado, enfatiza apenas a militante rígida, disciplinada e obediente. Os apagamentos tanto nos textos de Moraes, Buzzar e Prestes, A. L. quanto no de Waack denunciam que os primeiros inserem-se em uma política de representação cujo interesse é ressaltar os feitos de Olga e seu espírito de altruísmo e, ao mesmo tempo, realçar a importância de mudanças sociais a partir de uma perspectiva que endossa/endossou seus ideais. Já Waack faz outra leitura da opção político-ideológica de Olga, pois está marcado ideologicamente pela crença de que os comunistas também cometeram atrocidades como o regime repressor (ditadura Vargas no Brasil e de Hitler na Alemanha).

A partir da análise de cada texto e da observação do quadro³⁰ a seguir, pudemos explicitar questões importantes no processo de constituição das posições identitárias produzidas para Olga Benário.

A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DE OLGA BENÁRIO: uma abordagem pragmática				
Autores/Facetas	Morais	Buzzar	Waack	Prestes
Mulher emancipada				
Mulher (Padrão Patriarcal)				
Esposa				
Bela				
Militante política				
Militante política militar				
Militante de sucesso				
Intelectual				
Guarda-costas				
Espiã				
Mãe				
Namorada				
Filha				
Torturada				
Judia				

³⁰ Esse quadro representa um levantamento geral das facetas identitárias de Olga Benário que foram evidenciadas/legitimadas e/ou apagadas nos textos analisados. Os campos preenchidos representam os apagamentos percebidos nas obras e nos ensaios. Já os campos em branco representam os aspectos identitários de Olga evidenciados pelos(as) autores(as) dos textos que compõem o *corpus* deste trabalho.

Primeiramente, é possível afirmar que, embora estejamos inscritos em uma perspectiva antiessencialista pós-moderna, no que se refere à noção de identidade, percebemos na análise do *corpus* a tendência dos(as) autores(as) de essencializarem as identidades de Olga. É possível perceber a construção de um retrato de Olga que se apresenta fragmentado, multifacetado e em constante processo de construção e reconstrução. Há também nos textos analisados a presença de conflitos identitários que decorrem do caráter contraditório e movente, próprio das identidades vistas da perspectiva não-essencialista. Mas, por um outro lado, para explicitar e/ou legitimar cada posição identitária de Olga Benário, cada autor(a), acabou lançando mão de um mecanismo de essencialização de facetas de sua identidade.

Outro aspecto evidenciado pela análise é que todos os(as) narradores(as) dos textos analisados, independentemente de suas filiações político-ideológicas, no processo de configuração e reconfiguração das várias posições identitárias de Olga Benário, emergidas da política de nomeação/predicação de cada fonte, colocam em evidência a sua faceta identitária de militante. Isto significa que as formas de designação que caracterizam Olga estão, na maioria dos casos, a serviço da construção da militante.

Assim, a posição identitária de militante assume diferentes conotações em cada texto, isto é, foi possível verificar que a posição de militante assume diferentes matizes nos diferentes textos analisados. Ora a militante política emerge de um lugar marcado culturalmente por caracterizações geralmente associadas ao sexo masculino (forte, destemida, corajosa, invencível), enfim, na posição de uma mulher forte e decidida, que quebra os paradigmas sociais de sua época, como verificamos nos textos de Moraes e de Buzzar, ora aparece na posição de militante preocupada com as causas da humanidade, como apresentada no texto de Prestes, A. L., ou ora Olga aparece na posição de uma militante cuja tarefa é a espionagem, como retratada por Waack.

Por isso afirmamos que os apagamentos de alguns aspectos e a evidência de outros vêm como efeito e dependem da conveniência das políticas de representação nas quais estão inseridos os narradores nos momentos em que emergem as várias facetas identitárias de Olga Benário.

É possível perceber, no quadro acima, que Moraes produz várias posições identitárias para Olga (militante política, militante política militar, mulher emancipada, forte decidida, intelectual e bela, militante bela, filha, namorada, guarda-costas, esposa, mãe, militante torturada etc.). Há duas tendências na construção das identidades de Olga por

Morais. A primeira pode ser percebida quando Moraes essencializa algumas identidades de Olga, segundo a conveniência da política de representação em que está inserido. No momento em que retrata a militante, por exemplo, dá evidência a essa faceta identitária por meio das caracterizações “decidida”, “corajosa”, “bolchevique completa” que se sobrepõe a todas as outras posições identitárias construídas para Olga. Seu interesse é dar evidência ao sucesso e à projeção internacional de Olga. Já a faceta identitária de judia está a serviço da denúncia que o autor faz ao regime de ditadura de Vargas que mantém relações estreitas com o regime anti-semita hitleriano. Também dá ênfase à torturada para denunciar os métodos usados pelos nazistas para punir os presos políticos, entre outros.

A segunda tendência dessa política de representação ocorre quando o autor constrói as facetas da mulher bela, do guarda-costas, da mulher intelectual, da filha, da namorada, da torturada, entre outras. A construção dessas facetas identitárias contribui para reforçar e legitimar a posição identitária de militante que se apresenta como a personificação da mulher forte e decidida que quebra os paradigmas sociais de sua época. Primeiro, como militante, destaca-se entre os pares militantes pelo vigor e idealismo. Segundo, apresenta-se como uma mulher forte, que resiste até às mais duras provações (torturas, surras, trabalhos forçados, separação da filha), mantendo sempre sua fibra, idealismo e altruísmo inabaláveis.

Como consideramos que Buzzar está inserida em parâmetros político-ideológicos próximos aos de Moraes, também fica em evidência em seu texto a militante “bolchevique de ferro”: mulher destemida e disciplinada. Embora ela dê visibilidade a várias facetas identitárias de Olga (militante, namorada, mãe, esposa, judia, mulher emancipada, filha etc., dentre outras), também percebemos a estratégia de Buzzar em dar evidência, em associar os vários aspectos identitários de Olga (filha, namorada, esposa etc., dentre outros) ao processo de construção da militante, essencializando-a, como no texto de Moraes.

Na obra de Waack, a recorrência, na maioria dos atos de fala, dos nomes “serviço secreto”, “militar” e “espionagem” indica que eles são usados para naturalizar a caracterização do lugar político-ideológico no qual Olga está inscrita, segundo a visão do narrador: sua atuação política como espiã. Essa política que representa esses aspectos da identidade de Olga é constantemente reforçada, através dos atos de linguagem (escolhas lingüísticas) que Waack usa para compor seu texto. Isto significa que subjacente à construção das outras posições identitárias de Olga (guarda-costas, namorada etc., dentre outras), Waack reforça a idéia de militante cuja função era a espionagem, isto é, no caso de Waack, a maioria das facetas identitárias que analisamos em seu texto sugerem sentidos que constroem a espiã.

Já no texto de Prestes, A. L., a mulher decidida e corajosa ocupa uma posição identitária de militante solidária aos problemas sociais do mundo. As posições identitárias de filha, de mãe, de esposa, de namorada, dentre outras, reforçam os atributos que caracterizam a militância de Olga que foi sempre construída sob os propósitos que assumem a política do partido comunista: a revolução em âmbitos internacionais, pela libertação do proletariado.

É possível fazer essa afirmação, visto que, a partir das políticas de nomeação/predicação analisadas, foram percebidas as diferentes inscrições ideológicas dos(as) narradores(as), a partir das quais foram evidenciadas mais algumas facetas identitárias de Olga do que outras. Como observamos na análise, a constituição identitária de Olga e seu processo de subjetivação/identificação em cada seqüência lingüística dá-se sempre de acordo com a posição de cada autor(a), que é denunciada através de suas escolhas lingüísticas, isto é, dependendo da inserção política dos autores, eles escolhem determinados itens lingüísticos e não outros, ao caracterizarem Olga Benário.

Assim, a força ilocucionária dos enunciados e das nomeações/predicações usadas pelos(as) autores(as) legitimou e/ou apagou aspectos da constituição identitária de Olga. As reiteradas referências à posição de militante permitiu que essa fosse a faceta identitária predominante, mas não a única posição identitária criada por Moraes, Buzzar, Waack e Prestes, A. L., embora cada um inserido em inscrições ideológicas diferentes, como já apontamos.

As representações de Olga estão sujeitas aos momentos sócio-históricos de sua trajetória, da produção de sua biografia e à interpretação desses momentos. Isso denuncia o atravessamento tanto das seqüências lingüísticas analisadas quanto do analista/interpretante por relações políticas e de poder, sociais e ideológicas que deflagram a construção do sujeito Olga, cuja constituição identitária apresenta-se fragmentada, descentrada, contraditória e instável.

É importante ressaltar que esta análise resultou naquilo que consideramos uma das possíveis leituras sobre a constituição das facetas identitárias de Olga Benário, analisadas a partir das políticas de nomeação/predicação empregadas pelos narradores de todos os textos analisados. É preciso reconhecer também, que nossa análise foi determinada pela conjuntura sócio-histórica e social em que nos encontramos e pelos atravessamentos que marcam nossa subjetivação e atravessam nossos dizeres, enfim, nossa interpretação. Além do olhar do pesquisador sobre a materialidade lingüística que compôs o presente *corpus*, outros olhares

emergiram e emergirão, pois não pretendíamos fazer interpretações das configurações dos aspectos identitários de Olga que acabassem em si mesmas, mas interpretações que se disseminassem, uma vez que elas funcionam *sob rasura* (DERRIDA, 1972), já que nunca se fecham.

Detectamos outros universos que podem ser pesquisados e contemplados em um trabalho científico e que não foram incluídos em nossa pesquisa devido, principalmente à extensão do trabalho. O primeiro seria um trabalho com outros tipos de gêneros discursivos, tais como publicações jornalísticas, mas que, devido à escassez de tempo e à dificuldade de acesso ao acervo que é encontrado geralmente em capitais (São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte) não foi contemplado nesta pesquisa. O segundo poderia ser também um possível futuro trabalho de pesquisa: a constituição identitária de Olga a partir de uma outra perspectiva: das reivindicações identitárias de Olga. Isso pode ser possível, talvez, tomando-se como *corpus* de pesquisa as cartas escritas por Olga³¹ e enviadas da prisão a Luís Carlos Prestes e à família dele durante a reclusão nos campos de concentração alemães que, embora submetidas à censura, o que implica o apagamento de certos aspectos de sua vida, principalmente políticos; constituem um rico material de investigação. Essas duas direções possibilitarão outras configurações e reconfigurações identitárias dessa personagem histórica. Talvez, uma das direções constitua o ponto de partida de uma outra investigação.

³¹ Estamos fazendo referência à obra intitulada “Anos Tormentosos. Luís Carlos Prestes: correspondência da prisão (1936-1945), organizada por Anita Leocádia Prestes e Lygia Prestes.

REFERÊNCIAS

ARROJO, Rosemary. Apresentação. In: _____ (Org.). **O signo desconstruído**: implicações para a tradução, a leitura e o ensino. Campinas: Pontes, 2003. p. 9-12.

_____. A noção do inconsciente e a desconstrução do sujeito cartesiano. In: _____ (Org.). **O signo desconstruído**: implicações para a tradução, a leitura e o ensino. Campinas: Pontes, 2003. p. 13-18.

AUSTIN, John Langshaw. Outras mentes. In: SILVA, Oswaldo Porchat de Assis Pereira da (Org.). **Ensaio**. Tradução de Marcelo Guimarães da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 85-113. (Os pensadores. n. 52).

_____. **Quando dizer é fazer**: palavras e ação. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. 136 p. (Título original de 1962).

_____. Performativo-constativo. Apêndice. In: OTTONI, Paulo Roberto. **Visão performativa da linguagem**. Campinas: UNICAMP, 1998. p. 109-121.

BAUMAN, Zigmunt. Introdução. O mal-estar – moderno e pós-moderno. In: **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama e de Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 7-11.

BORGES, Maria Isabel. Considerações iniciais. In: _____. **O jogo ético-político nos quadrinhos editados em “O Pasquim”**. 2004. p. 10-17. Dissertação (Mestrado em Lingüística)-Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 203-232.

BUTLER, Judith. **Exitable speech**: a politics of the performative. New York, Routledge, 1997. 185 p.

_____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”, In: LOPES LOURO, Guacira (Org.). **O corpo educado**. Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-172.

_____. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236 p.

BUZZAR, Rita de Cássia. Olga. In: NÃO olhe nos olhos do inimigo: Olga Benário e Anne Frank. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 17-31.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Trilogia dos Estigmas. In: *NÃO olhe nos olhos do inimigo*: Olga Benário e Anne Frank. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 39-50.

DERRIDA, Jacques. **Margens da Filosofia**. Tradução de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Porto: Rés-Editora, 1972. 437 p.

_____. Assinatura contexto acontecimento. In: _____. **Margens da Filosofia**. Tradução de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Porto: Rés-Editora, 1972. p. 349-373.

_____. **Gramatologia**. Tradução de Miriam Schaiderman e Renato Janini Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1973. 386 p.

_____. **Posições**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 127 p.

_____. **A farmácia de Platão**. Tradução de Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005. 126 p.

DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar. Derrida e a Escritura. In: _____. **Às margens**: a propósito de Derrida. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002. p. 9-28.

FELMAN, Shoshana. **The scandal of the speaking body**. Stanford: Stanford University Press, 2003. 150 p.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005. 118 p.

FERREIRA, Jorge Luiz. **Prisioneiros do mito**: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930 - 1956). Niterói: EDUFF; Rio de Janeiro, MAUAD: 2002. 320 p.

FERREIRA, Ruberval. Ser e não ser: eis a questão – as minorias sexuais entre a legitimidade da diferença e o perigo da sua ontologização. In: RAJAGOPALAN, Kanavillil; FERREIRA, Dina Maria Martins (Org.). **Políticas em Linguagem**: perspectivas identitárias. São Paulo: Editora Mackenzie, 2006. v. 1. p. 177-203.

FISH, Stanley. **Is there a text in this class?** Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1980. 394 p.

FREITAS, Alice Cunha de. A performatividade das ‘constatações’ da escola: seus efeitos e consequências. In: FIGUEIREDO, Célia Assunção, JESUS, Osvaldo Freitas de (Org.). **Linguística Aplicada**: aspectos da leitura e do ensino de línguas. Uberlândia: EDUFU, 2006a. v. 1. p. 105-115. Série Linguística in Focus.

_____. As identidades do Brasil: buscando as identificações ou afirmando as diferenças? In: RAJAGOPALAN, Kanavillil; FERREIRA, Dina Maria Martins (Org.). **Políticas em Linguagem**: perspectivas identitárias. São Paulo: Editora Mackenzie, 2006b. v. 1. p. 227-253.

GIDDENS, Anthony. Introdução. In: _____. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991. p. 11-60.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 24, p. 68-75, 1996.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2000. 104 p.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Cathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 103-133.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. SOVIK, Liv (Org.). Tradução de Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: UFMG, 2006. 410 p.

HARVEY, David. **The condition of post modernity**. Oxford: Oxford University Press, 1989. 392 p.

HOBSBAWM, Eric John. **História do Marxismo: O marxismo no tempo de Marx**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Nemésio Salles. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. p. 11-32.

_____. HOBSBAWM, Eric John. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 598 p.

LACLAU, Ernest. **New reflexions on the revolution of our time**. Londres: Verso, 1990. 263 p.

MOITA LOPES, Luís Paulo da. Discursos de identidade em sala de aula de leitura de LI: a construção da diferença. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo, Fapesp, 1998. p. 303-330.

MORAIS, Fernando. **Olga**. 16. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 259 p.

OTTONI, Paulo Roberto. **Visão performativa da linguagem**. Campinas: UNICAMP, 1998. 144 p.

_____. John Langshaw Austin e a visão performativa da linguagem. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 117-143, 2002.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Uma introdução. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 94 p.

PINTO, Joana Plaza. Pragmática. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 47-68.

PONTES, Matheus de Mesquita e. **Luiz Carlos Prestes e Olga Benário**: construções identitárias através da história e da literatura. 2007. 100 f. Relatório para Exame de Qualificação (Mestrado em História)-Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

PRESTES, Anita Leocádia. Olga Benário Prestes, minha mãe. In: **NÃO olhe nos olhos do inimigo: Olga Benário e Anne Frank**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 13-16.

_____. Uma estratégia da direita: acabar com os “mitos” da esquerda. *Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 91, n. 4, p. 51-62, 1997.

_____. PRESTES, Lygia (Org.). **Anos tormentosos**. Luís Carlos Prestes: correspondência da prisão (1936-1945). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 3 v.

_____. Olga: revolucionária, sem perder a ternura. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/museu/principios/anteriores.asp?edicao=75&cod_not=506> Acesso em: 26 jan. 2006. (Este artigo foi originalmente publicado na revista *Nossa História*, n. 9, julho de 2004).

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Dos dizeres diversos em torno do fazer. **D.E.L.T.A**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 223-254, 1990.

_____. A irredutibilidade do ato ilocucionário como fator inibidor do êxito das tentativas taxonômicas. **D.E.L.T.A**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 91-133, 1992.

_____. O Austin do qual a Lingüística não tomou conhecimento e a lingüística com a qual Austin sonhou. **Cadernos de estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 30, p. 105-116, 1996.

_____. A ideologia do suprimido; ou, como não teorizar a respeito da ideologia. **D.E.L.T.A**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 121-139, 1998.

_____. O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Língua(gem) e Identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2001. p. 21-45.

_____. A construção de identidades e a política de representação. In: FERREIRA, Lúcia Maria Alves; ORRICO, Evelyn Goyannes Dill. (Org.). **Linguagem, identidade e memória social**: novas fronteiras, novas articulações. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 77-88.

_____. **Por uma lingüística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola, 2003. 144 p.

SIGNORINI, Inês. Figuras e modelos contemporâneos da subjetividade. In: _____ (Org.). **Língua(gem) e identidade**. Elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2002. p. 333-380.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 7-72.

SOUZA, Octávio. **Fantasia de Brasil**: as identificações na busca da identidade nacional. São Paulo: Editora Escuta, 1994. 198 p.

STRAUSS, Dieter. Prefácio. In: **NÃO olhe nos olhos do inimigo**: Olga Benário e Anne Frank. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 7-12.

TAVARES, Betzaida Mata Machado. **Mulheres comunistas**: representações e práticas femininas no Partido Comunista Brasileiro (1945-1979). 2003. 151 f. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

TRONCA, Ítalo. **Revolução de 1930**: a dominação oculta. São Paulo: editora brasiliense, 1982. 101 p.

WAACK, William. **Camaradas**: nos arquivos de Moscou: a história secreta a revolução brasileira de 1935. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 381 p.

_____. Olga não tinha saída. (Entrevista feita a Waack pela revista Época). Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG65925-6011-326,00.html>> Acesso em: 20 out. 2007.

WERNER, Ruth. **Olga Benário**: a história de uma mulher corajosa. Tradução de Reinaldo Mestrinel. São Paulo: Alfa-Ômega, 2004. 289 p.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 7-72.

ANEXOS

Anexo A - *Olga*, de Fernando Moraes.

1.1) Excerto 1.

___ “[...] Na outra ponta do salão, bem em frente à mesa de Schmidt, um pequeno auditório destinado ao público e aos advogados, e isolado por um balaústre de madeira, estava ocupado por meia dúzia de adolescentes, moças e rapazes. ‘Pensei que fossem estudantes de direito’, diria o guarda mais tarde. Blemke estufou o peito diante da autoridade e anunciou:

___ Apresentando o preso Otto Braun.

Nesse instante ele sentiu algo duro encostado em sua nuca. Virou a cabeça e viu uma pistola negra apontada contra seu rosto por uma linda moça de cabelos escuros e olhos azuis, que exigiu com voz firme:

___ Solte o preso!

No auditório, os jovens dividiram-se em dois grupos e se atiraram sobre o secretário Schmidt e o escrivão Nekien, que foi derrubado com violência. Schmidt deu um salto, conseguiu bater a ponta do sapato sobre o botão de alarme instalado no chão – e recebeu uma coronhada no rosto, dada por um garoto enorme, de barba ruiva e cabelos escorridos até quase os ombros. A jovem de olhos azuis que comandava o grupo mantinha a pistola apontada para a cabeça do guarda. Depois de desarmá-lo, caminhou de costas em direção à porta, protegendo o preso com seu corpo e gritando para seus companheiros:

___ Para a rua! Para a rua! Quem se mexer leva chumbo!” (MORAIS, 2004, p. 17-18).

1.2) Excerto 2.

___ “Na hora do almoço, uma edição extra do diário Berliner Zeitung am Mittag já dava detalhes, sob escandalosa manchete, do que chamava de ‘ousada cena de faroeste’ ocorrida de manhã em Moabit. O jornal anunciava em primeira mão o nome da linda jovem que comandara o ‘assalto comunista’: Olga Benário” (MORAIS, 2004, p. 18).

1.3) Excerto 3.

“A própria Olga diria mais tarde que havia se transformado numa comunista não pela leitura da teoria marxista, mas folheando os processos em que o pai defendia os trabalhadores de Munique. “Ali vi de perto a miséria e a injustiça que só conhecia, superficialmente, nos livros”, repetia sempre. Em contraste com sua consideração pelo pai, nas poucas vezes em que se referia à mãe, ela o fazia com frieza e economia de palavras. Filha de abastada família judaica, Eugénie Gutmann Benario era uma elegante dama da alta sociedade que via com horror a perspectiva de sua filha tornar-se comunista. A importância da avó materna em sua vida era ainda menor. Olga lembrava-se apenas de um prosaico presente que dela recebera, durante a crise que sobreviera com a Primeira Guerra Mundial ___ uma galinha garnizé, útil numa época em que os ovos estavam racionados ___, e da pergunta com que a velha sistematicamente reagia a toda novidade que a neta lhe trouxesse da rua, como num presságio da tragédia que se abateria sobre a Alemanha: “Isso é bom ou mau para os judeus?” (MORAIS, 2004, p. 30).

1.4) Excerto 4.

“Ao falar do pai, Olga nunca escondia o carinho que sentia por ele. Era, sim, um burguês social-democrata; mas diferenciado. Ao dr. Benário recorriam invariavelmente os trabalhadores que pretendiam fazer demandas judiciais contra os patrões e que não tinham dinheiro para pagar advogados. Com Leo Benário, pagava quem pudesse. Para os que nada podiam pagar, trabalhava de graça. ‘E com mais afinco’, costumava lembrar Olga. A observação da clientela que freqüentava a

elegante residência da Karlplatz, no centro da cidade, levava a jovem a interessar-se cada vez mais pela sorte daquela gente. Pelo escritório do pai passavam diariamente, e discutiam à frente da adolescente, os mais abastados e os mais miseráveis habitantes de Munique. ‘A luta de classe ia me visitar todos os dias em casa’, ela brincava (MORAIS, 2004, p. 30).

1.5) Excerto 5.

___ “... Olga acreditava que tinha a solução, pelo menos a sua solução: dedicar-se mais e mais à causa comunista. Já na primeira tarefa que lhe deram, naquele verão de 1923, ela mostrou aos garotos do Schwabing que não estavam diante de uma burguesinha entediada. Destacada para uma colagem clandestina de cartazes, Olga, aos quinze anos, revelou-se a mais eficiente da turma, aí incluídos os mais velhos e mais fortes. Eficiente e ousada: pela primeira vez também o centro, e não só a periferia de Munique, amanheceu pichado. Ela chegara a locais movimentados, onde a presença de policiais assustava até os militantes mais experientes. “Medo e prudência são palavras que ela não conhece”, disseram os novos amigos no dia seguinte.

A integração deu-se em pouco tempo. Além de decidida e corajosa, ela trazia do lar burguês algo que faltava aos filhos de operários: uma excelente formação escolar. Muitos dos clássicos, de que a maioria ali só tinha ouvido falar em palestras, ela já os havia lido. E em pouco tempo notaram outra forte característica, que os mais resistentes a sua presença no Schwabing atribuíram ao “radicalismo próprio dos filhos da burguesia”: a intolerância contra qualquer pessoa que não fosse militante comunista” (MORAIS, 2004, p. 30-31).

1.6) Excerto 6.

___ “Ela imaginava estar diante de um homem perfeito, que conseguia juntar uma sólida formação teórica com a experiência militar. Sem contar que era um rapaz belíssimo. Otto também estava encantado com aquela figura, meio menina, meio mulher, alguém com uma sede de ação e de teoria como ele nunca vira antes. O final da tarde passou a ser esperado com ansiedade por ambos. Quando faltava meia hora para Olga deixar o balcão da livraria, ele aparecia com seu cachimbo e cachecol elegante para conversa que se estendiam até a madrugada

Otto começou a orientar as leituras de Olga e a indicar-lhe, além dos teóricos indispensáveis à sua formação comunista, alguns jornais e revistas de grupos marxistas de Berlim. E se surpreendia com a insistência com que ela pedia manuais de estratégia militar, depoimentos de grandes generais e relatos de batalhas famosas. A militarista que os suaves olhos azuis ocultavam já emergira nas reuniões do Grupo Schwabing, criticando freqüentemente o desinteresse dos outros pelas técnicas militares e a ausência de treinamento regular para todos os militantes. ‘Nós vamos sentir falta dessa experiência quando estivermos cara a cara com o inimigo’, advertia. Suas desavenças com os rapazes do grupo, entretanto, só se tornavam ásperas quando percebia que estava recebendo tarefas secundárias pelo fato de ser uma garota. Ao final da discussão, Olga resmungava para quem quisesse ouvir: ‘Quero que vocês saibam que nestes momentos ser mulher é uma chateação!’” (MORAIS, 2004, p. 32).

1.7) Excerto 7.

___ “Quanto mais lia os clássicos marxistas e militava no Schwabing, mais firme tornava-se sua decisão de trocar Munique por Berlim. A clientela fina e perfumada da Livraria George Muller, as discussões com os pais e a própria casa começam a ficar insuportáveis. As notícias da agitação política na capital, que lia nos jornais de Berlim, incendiavam sua imaginação. Uma fantasia que tinha nome próprio: Neukölln, o bairro operário de Berlim, a ‘Fortaleza Vermelha’ da esquerda alemã. Depois de meses de insistência com Otto, ela afinal recebeu dele um aceno. Foi num fim de tarde em que os dois passeavam de mãos dadas por um parque nos arredores de Munique. Ele próprio não parecia estar muito seguro do acerto do convite:

___ “Consultei o partido e é possível mudarmos para Berlim. Mas e sua família? Como você vai resolver isso com seu pai?

Ela enfureceu-se com a pergunta:

___ Viajo na hora que o partido decidir!” (MORAIS, 2004, p. 32-33).

1.8) Excerto 8.

___ “Na verdade, não era apenas a política que a empurrava para Berlim. Ela estava apaixonada por Otto. Os fins de semana que passaram juntos em cabanas cobertas de neve revelaram-lhe o homem doce, carinhoso e paciente que se escondia por trás do grave professor de marxismo. Passar os dias ao lado dos jovens operários comunistas de Neukölln e as noites nos braços de Otto era tudo o que Olga Gutmann Benario queria para sua vida naqueles dias” (MORAIS, 2004, p. 33).

1.9) Excerto 9.

___ “Otto disse mais: seu trabalho ilegal provavelmente os manteria afastados por semanas, às vezes meses. Aproximou-se dela, com um carinho:

___ Isto significa que, embora vivendo juntos, tão cedo não poderemos casar.

Ela reagiu agressiva:

___ Então é bom que você saiba que eu ***não quero*** me casar.

Foi preciso pouco tempo para que Olga deixasse de ser a adolescente de Munique para se transformar numa mulher. Em tudo ___ menos na aparência de menina que lhe davam as tranças, destacando ainda mais seus belos olhos. No mais, uma mulher: na vida de Otto, na militância diária, no progresso fulminante que fazia dentro dos quadros da Juventude Comunista de Neukölln (MORAIS, 2004, p. 34).

1.10) Excerto 10.

___ “O tempo exigido por uma vida febril tinha que ser roubado de alguma coisa. E, às vezes, sua vida amorosa com Otto parecia empobrecer. As poucas horas da semana em que conseguiam ficar juntos, em geral já pela madrugada, acabavam sendo gastas em ... trabalho. Não só para ficar mais tempo com o companheiro, mas também pelo aprendizado político, Olga conseguiu, após muita insistência, ser sua secretária. Era ela, então, quem datilografava os extensos textos teóricos que Otto ditava ou deixava prontos, manuscritos, sobre a cama. Nessa tarefa ela começou a compreender melhor a luta que se avizinhava em seu país, o desenvolvimento da revolução em outros países e, é claro, a estrutura interna do partido Comunista alemão.

O amor e a admiração que tinham um pelo outro não diminuía ___ ao contrário, queriam-se cada vez mais. No entanto, a atividade política, somada à paixão pela militância, reduzia a minutos o tempo que tinham para namorar. E quando discutiam nunca era por divergências políticas, mas por algo que chegava a irritar Olga: o ciúme que Otto sentia dos rapazes da Juventude Comunista. Ciúme justificado, diria qualquer um de seus sessenta companheiros do grupo de Agitação e Propaganda. A cada dia Olga tornava-se mais atraente. Até o jeito meio desengonçado de andar dava-lhe um encanto especial. Além disso, uma característica aguçava ainda mais o desejo dos rapazes: sua independência. Olga era dona de seu nariz e fazia apenas o que acreditava ser importante. Na política e na vida pessoal” (MORAIS, 2004, p. 35).

1.11) Excerto 11.

___ “De um sentimento, entretanto, nem os conselhos de Otto conseguiram livrá-la: o horror ao casamento formal, sacramentado em cartório. Ela associava a idéia do casamento ao que considerava a pior deformação burguesa: a dependência econômica da mulher, o sexo obrigatório, a convivência forçada. Quando alguém indagava por que não se casava com Otto, já que aparentemente viviam tão bem, ela tinha a resposta pronta:

___ Não nos casamos exatamente por isso: porque nos amamos. Eu jamais serei propriedade de alguém.

Mas que não se confundisse essa compreensão das relações homem-mulher com qualquer outra liberalidade. Quando ouvia alguma amiga contar como vantagem que levava para a cama tantos rapazes, ela perdia a serenidade. Nesses momentos emergia uma Olga intolerante, quase puritana:

____ Saiba que ceder aos instintos é multiplicar o bordel burguês. E quem diz isso não sou eu; é Lênin.

Conversa encerrada. Como contestar Lênin? E se no grupo alguém tivesse comportamento que considerasse “imoral”, Olga não hesitava em levar o problema à direção da Juventude Comunista, e isso na avançada Berlim dos anos 20.

Essa face rígida não impedia que continuasse despertando paixões entre os jovens de *Neukölln*. Paixões e, claro, ciúme. Como o de Ruth, que obrigou o namorado Martin Weiser, um jovem aprendiz de ourives, a abandonar o grupo de estudos marxistas, dirigido por Olga no subúrbio de Falken” (MORAIS, 2004, p. 36).

1.12) Excerto 12.

____ “Nesse grupo, Olga conheceu outro rapaz que também se encantaria por ela, o tipógrafo Kurt Seibt. Kurt era empregado de uma gráfica e acabara de filiar-se ao sindicato da categoria. Inspirado por Olga, entrou para a Juventude Comunista e passou a ser espécie de assistente da professora. Como ela, Kurt acreditava que a militarização clandestina da organização era o passo seguinte após os cursos teóricos e a organização dos jovens nos bairros operários. Por orientação dela, Kurt encarregou-se da organização das milícias jovens em cada um dos quarteirões do bairro de Kreuzberg, próximo a *Neukölln*. Apesar de importante, o novo posto trazia a desvantagem de mantê-lo afastado da atraente professora” (MORAIS, 2004, p. 36-37).

1.13) Excerto 13.

____ “No início de 1926, o Partido Comunista reconheceu formalmente os resultados do trabalho de Olga em *Neukölln* e promoveu-a ao cargo de secretária de Agitação e Propaganda não só do bairro ____ a fortaleza vermelha de Berlim ____, mas da juventude Comunista em toda a capital alemã. Juntamente com Gunter Erxleben, um garoto bem mais jovem que ela, com a estudante Dora Mantay e outros líderes, Olga passava as noites organizando grupos de pichação, panfletagem e piquetes de apoio a movimentos de operários nas portas das fábricas.

Suas intervenções eram sempre marcadas por idéias engenhosas e imaginativas. Era preciso inventar meios de burlar a polícia e evitar que a repressão sobre os comunistas fosse muito dura” (MORAIS, 2004, p. 38).

1.14) Excerto 14.

____ “Dentro da Juventude Comunista, o trabalho realizado pelo núcleo de *Neukölln* era sempre apresentado como um exemplo de eficiência e dedicação à causa comunista. E a estrela mais fulgurante de *Neukölln*, a jovem Olga Benario, era quem mais preocupava a direção naquele momento. Temendo que a polícia desconfiasse da dupla identidade de Otto, e que tentasse chegar a ele por intermédio da namorada, o partido aumentou a segurança em torno dela. O ritmo de suas atividades foi reduzido e ela foi proibida de participar de qualquer ação arriscada. ‘Se põem a mão em você’, advertiam-na, ‘Otto cairá em seguida.’ Além disso, ela própria tornara-se alvo importante para a polícia: semanas antes fora escolhida para ser a secretária política da direção da Juventude Comunista em *Neukölln*, o cargo mais importante depois do de secretário-geral.” (MORAIS, 2004, p. 39-40).

1.15) Excerto 15.

____ “Os primeiros dias no alojamento do *KIM* foram suficientes para perceber que eram conhecidos da maioria dos estudantes que ali viviam. Ou melhor: não que fossem conhecidos, mas ali se sabia com detalhes a história da linda alemã que invadira Moabit para arrancar das mãos do juiz o seu namorado, um jovem dirigente comunista. Olga e Otto se divertiam, no refeitório, quando entreouviam alguém recontando a ação, a cada versão acrescida de lances mais fantasiosos” (MORAIS, 2004, p. 47).

1.16) Excerto 16.

___ “Foi a consagração. A partir daquele dia, o tempo passou a ser escasso para atender a todos que lhe pediam para contar a ação de Moabit. Transformada pelos dirigentes do *KIM* numa espécie de exemplo do jovem comunista ideal, Olga se desdobrava para atender aos compromissos que a direção assumia por ela: falar em fábricas, fazendas estatais, escolas e programas de rádio. A viagem de descanso foi sendo adiada, e dois meses após sua chegada à União Soviética ela soube que tinha sido eleita para o Comitê Central da Juventude Comunista Internacional. O novo cargo significava também novas obrigações, e a primeira delas era freqüentar um curso intensivo de inglês e francês e, nas horas livres, melhorar seus conhecimentos de russo” (MORAIS, 2004, p. 48).

1.17) Excerto 17.

“Para espanto de Olga, Otto reagiu com uma explosiva crise de ciúmes. Revoltada, ela repetiu, uma vez mais, que ***não seria jamais propriedade de quem quer que fosse***. Ele esbravejava, querendo saber de que país era o jovem que certamente estava virando a cabeça dela. Enfurecida, antes de sair e bater a porta com violência, ela apontou debochadamente para o pequeno busto de Lênin sobre uma mesinha, e disse apenas:

___ Seu tolo! O jovem que te provoca essa ciumeira é russo mesmo, e já está morto. É esse aí ...” (MORAIS, 2004, p. 48-49).

1.18) Excerto 18.

___ “[...] Toda vez que lia coisas assim, Olga ficava ainda mais convencida de que tivera razão ao insistir para que a Juventude Comunista militarizasse parte de seus militantes. Sua certeza de que a luta não seria apenas política era tão forte que passou a requerer autorização, junto ao Birô Político do *KIM*, para ingressar em cursos paramilitares na URSS, em vez de freqüentar apenas as classes teóricas.

Tanto pediu e tanto insistiu com seus superiores que, meses depois, foi convocada para uma temporada fora da capital. Durante o período que passou em Borisoglebsk ___ localidade e quinhentos quilômetros ao sul de Moscou, em direção ao mar Cáspio ___, ela aprendeu a atirar com armas pesadas e leves e a cavalgar, incorporada a uma unidade regular do Exército Vermelho [...]” (MORAIS, 2004, p. 49).

1.19) Excerto 19.

___ “[...] Foi num desses encontros na sede do Comintern que o dirigente Dmitri Manuïlski e a veterana Elena Stasova, membro do Comitê Central do Partido Comunista desde o tempo de Lênin, falaram pela primeira vez a Prestes de uma jovem alemã chamada Olga Sinek, que fazia uma das mais vertiginosas carreiras dentro da Juventude Comunista Internacional” (MORAIS, 2004, p. 54).

1.20) Excerto 20.

___ “Nem dona Leocádia nem qualquer de suas filhas jamais ouvira falar em Olga Benario, Olga Sinek ou Eva Kruger. Cinco dias após a festa, no entanto, ela começaria a entrar para a família Prestes. Naquele inverno de 1934, embora com apenas 26 anos, ela era considerada por seus superiores o que dona Leocádia desejara para o filho no brinde ___ uma bolchevique completa: falava com fluência quatro idiomas, conhecia a fundo a teoria marxista-leninista, atirava com pontaria certa, pilotava aviões, saltava de pára-quedas, cavalgava e já tinha dado provas indiscutíveis de coragem e determinação. Ainda assim, Olga se surpreendeu quando um mensageiro entregou-lhe um envelope lacrado contendo um bilhete de Dmitri Manuïlski convocando-a com urgência à sede do Comintern. Ela imaginou que por fim iriam destacá-la para dirigir a luta dos jovens comunistas de Berlim contra os nazistas de Hitler, agora no poder. Para melhor impressionar seus superiores, Olga tirou o pó do uniforme que recebera na Academia da Força Aérea e foi ao encontro fardada” (MORAIS, 2004, p. 55).

1.21) Excerto 21.

___ “O secretário do *Comintern* contou-lhe então o que a esperava. Antes do fim do mês ela partiria para o Brasil, cuidando da segurança do capitão Luís Carlos Prestes, que tentaria liderar em seu país uma insurreição popular. A história que ouvira sobre a coluna invencível voltou à sua memória. Quando Dmitri Manuïlski mandou que trouxessem até eles o Cavaleiro da Esperança, Olga, embora impassível, decepcionou-se um pouco. Pelo que ouvira, esperava ver um gigante latino. Ela emocionou-se ao cumprimentar, em francês, o revolucionário brasileiro, mas achou-o um pouco franzino para alguém que comandara um exército por 25 mil quilômetros” (MORAIS, 2004, p. 56).

1.22) Excerto 22.

___ “As primeiras semanas de viagem permitiram que os dois se conhecessem melhor. Para Prestes foi uma surpresa notar que aquela jovem que Manuïlski e Elena Stasova pintavam como uma comunista rígida e disciplinada dedicasse suas horas de descanso, a bordo de barcos ou trens, ou à noite, nos hotéis, tecendo delicadas peças de crochê. Conversando sempre em francês ___ idioma em que ele devorara na Escola Militar os compêndios de engenharia, e os documentos que Astrojildo lhe presenteara na Bolívia ___, os dois passavam horas intermináveis rememorando as aventuras que cada um tinha vivido até ali. Apaixonada por estratégia militar, Olga era capaz de ficar horas discutindo com Prestes cada operação da Coluna invicta, cada emboscada, cada movimento da tropa” (MORAIS, 2004, p. 58).

1.23) Excerto 23.

___ “... Por sorte, o comandante estava muito mais interessado em conversar com a bela ‘Maria’ do que com o marido português [...]. Prestes não tinha trajes paisanos para vestir. Durante a Coluna ele se sentira na obrigação, enquanto comandante, de dar o exemplo de disciplina. E, ao contrário de muitos de seus comandados, não se envolveu com as mulheres que acompanharam a marcha. A política e a preocupação com a educação das quatro irmãs tinham-lhe roubado todo o tempo. E se Prestes chegara aos 37 anos sem ter tido uma namorada, uma paixão, uma mulher, não poderia haver circunstância mais propícia para começar: estava em alto-mar, num camarote luxuoso, acompanhado de uma belíssima mulher, comunista e revolucionária como ele” (MORAIS, 2004, p. 61).

1.24) Excerto 24.

___ “Paraventi acabava de voltar de uma de suas excentricidades naquele sábado à noite ___ cantar canções italianas no programa *Chá no Ar*, de Nicolau Tuma, da Rádio Difusora ___ quando Olga Benario surgiu à sua frente no café. Ele fora avisado por dirigentes do partido que talvez recebesse ‘gente importante’ nas próximas semanas, mas não percebeu o que acontecia quando aquela bela mulher, vestida com elegância e falando um português com sotaque carregado, procurou-o em uma das mesas. Olga levava na bolsa um minúsculo bilhete de Prestes dizendo que estava em São Paulo e que a portadora saberia indicar o hotel em que se encontrava [...]” (MORAIS, 2004, p. 65-66).

1.25) Excerto 25.

___ “Vestida rigorosamente na moda para manter o disfarce, Olga cortara o cabelo um pouco abaixo da linha do queixo e, à saída dos teatros, atraía a atenção dos homens com seus vestidos parisienses, que lhe conferiam uma silhueta fina e elegante. Todos os seus vestidos chegavam ao tornozelo, conforme as determinações dos costureiros franceses. Rapazes de chapéu panamá diminuíam a velocidade de suas baratinhas quando a viam, para dirigir-lhe respeitosos e enfatuados galanteios, que nem sempre Olga entendia direito (MORAIS, 2004, p. 83).

1.26) Excerto 26.

___ “Os programas sociais de Olga e Sabo somente eram suspensos nas noites de quintas-feiras e domingos ___ quando o ‘Estado-Maior da Revolução’ se reunia na casa de Ewert para avaliar

o avanço do trabalho. Nesses dias Elise dava folga à empregada doméstica Deolinda Elias, para que pudessem conversar à vontade: lá estavam sempre Ewert, o secretário-geral do partido Maciel Bonfim ____ o Miranda ____, Rodolfo Ghioldi e Prestes. Olga, que falava fluentemente vários idiomas e conseguia se expressar com alguma facilidade em português, trabalhava como intérprete simultânea. Os encontros sempre começavam no final da tarde e terminavam antes da meia-noite, e eram regados a salgadinhos e goles de uísque. Quando o calor era muito forte, Ewert brindava os convivas com uma invenção sua: um coquetel à base de vinho branco alemão e suco de abacaxi.

Foi numa dessas reuniões que o comando revolucionário decidiu aumentar as medidas de segurança em torno de Prestes. A discricção com que ele vivia era grande, todos reconheciam, e, na eventualidade de uma invasão policial, os documentos importantes do grupo estariam a salvo pelo diabólico sistema de segurança montado por Gruber na casa de Prestes e Olga: na portinhola do cofre, o alemão instalara grande quantidade de dinamite e de bombas incendiárias, ligadas a um minúsculo sistema de detonação. Quem tentasse abrir o cofre sem desativar o mecanismo certamente voaria pelos ares com todo o conteúdo ____ dinheiro e documentos ____ e pedaços da própria casa. Além disso, havia a tranquilizadora presença de Olga, que acompanhava Prestes por toda parte, sempre armada com uma pistola” (MORAIS, 2004, p. 83-84).

1.27) Excerto 27.

____ “No dia 26 de dezembro o jovem médico Pedro Nava está passando de ambulância pela rua Prudente de Moraes, em Ipanema, a caminho do trabalho, e chama a atenção do motorista para a beleza de uma moça de aparência estrangeira que caminha pela calçada [...]” (MORAIS, 2004, p. 98).

1.28) Excerto 28.

____ “Ainda que seu rosto daqueles dias ____ barbeado, sem bigodes e de cabelo curto ____ tivesse pouco ou nada em comum com as fotografias estampadas nos jornais, Prestes sabia que estava sendo caçado nas ruas e não podia se arriscar. Olga reforçou a vigilância em torno dele e saía raras vezes, apenas para levar ou trazer alguma mensagem entre a casa deles e a dos Ewert, a poucos passos dali. Em ocasiões muito especiais, quando a escolta de Prestes estava a cargo de alguém de absoluta confiança e bem armado, ela se dava ao luxo de passar parte da manhã com Sabo, tomando banho de mar na praia de Ipanema” (MORAIS, 2004, p. 98).

1.29) Excerto 29.

____ “[...] Em seguida, porque o capitão Filinto Muller não media a aplicação de seu poder no cerco a Prestes e a sua recém-revelada esposa, a estrangeira Olga Benário de Tal. Não importavam as leis: o que valia eram as portarias que fizeram com que o Carnaval de 1936 entrasse para a história como o mais acabrunhado e sem alegria de todos os tempos” (MORAIS, 2004, p. 127).

1.30) Excerto 30.

____ “[...] Mesmo habituados à clandestinidade imposta a eles desde a chegada ao Brasil, Olga e Prestes sabiam que daquela vez era impossível sair de casa. Quando os alto-falantes dos corsos da rua paravam, os dois se deitavam no minúsculo quarto e Olga punha-se a traduzir para Prestes poemas em alemão e trechos de Goethe e Schiller, seus autores prediletos” (MORAIS, 2004, p. 127).

1.31) Excerto 31.

____ “A casa era muito modesta e os obrigava a cuidados especiais para não serem identificados. Dentro ficavam duas salinhas pequenas, dois dormitórios e uma cozinha. Nos fundos, num cômodo separado da casa, o banheiro. Como os muros laterais do quintal eram muito baixos e havia vizinhos de ambos os lados, eles só podiam ir ao banheiro à noite, atravessando o quintal pelas sombras e com as luzes de fora apagadas. As roupas de Olga e de Prestes ____ o luxuoso enxoval da lua-de-mel, comprado em Paris ____ ficaram para trás, na casa de Ipanema, e eles foram obrigados a improvisar. Uma peça de linho comprada por dona Júlia, a mulher do sapateiro Manoel, acabou se

transformando num elegante vestido para Olga ____ desenhado e cortado por Prestes e costurado por ela” (MORAIS, 2004, p. 128).

1.32) Excerto 32.

____ “Um número indefinido de soldados e policiais civis avançou sobre dona Júlia, de metralhadoras engatilhadas, em direção ao pequeno corredor por onde Prestes entrara. Foi então que aconteceu o inesperado. Uma mulher alta pula na frente de Prestes, protegendo-o com seu corpo, e dá um berro para os soldados. Não era um pedido de clemência, mas uma ordem dada por Olga:

____ Não atirem! Ele está desarmado!

O gesto inesperado deixou-os paralisados. Talvez por ser mulher, talvez por ter gritado com tanta energia, a verdade é que, se houve oportunidade para levar Prestes morto, ela não tinha sido aproveitada [...]” (MORAIS, 2004, p. 131).

1.33) Excerto 33.

____ “Na rua, tentaram colocá-los em carros separados, mas Olga percebeu que aquilo significaria a morte de Prestes. Agarrou-se ao marido com tamanha força que não houve outra alternativa senão permitir que os dois fossem transportados juntos para a sede da Polícia Central. Havia tantos policiais guardando-os dentro do veículo que Olga teve que ir sentada no colo do marido. O comboio atravessou a cidade despertando os moradores das ruas por onde passava: sirenes ligadas, tiros para o alto, garrafas de cachaça correndo nos caminhões que transportavam os duzentos soldados molhados” (MORAIS, 2004, p. 131).

1.34) Excerto 34.

____ “[...] Era com especial deleite que o diplomata brasileiro identificava sobretudo os que fossem israelita, como ele dizia, ‘da raça israelita’. Poucos dias depois da prisão de Olga e Prestes, um alentado ofício de Moniz de Aragão chegava ao gabinete do chanceler José Carlos de Macedo Soares, protegido pela advertência confidencial, deslindando o segredo que envolvia a mulher do chefe comunista brasileiro [...]” (MORAIS, 2004, p. 146).

1.35) Excerto 35.

____ “Os primeiros dias na Casa de Detenção, Olga passou-os guardando certa reserva. Mesmo sabendo que todas as presas ali eram revolucionárias, comprometidas com a mesma luta, o melhor era tomar cuidado. Ela acompanhara de perto, junto com o marido, no aparelho do Méier, as suspeitas que o partido levantara contra Elvira e Miranda ____ e isso a deixava especialmente desconfiada. Foi Maria Werneck quem a procurou para quebrar o gelo, lembrando o encontro havido meses antes. Uma semana depois de ter chegado à prisão da rua Frei Caneca, Maria Prestes, como era tratada pelos presos, era uma figura popular na cadeia” (MORAIS, 2004, p. 152).

1.36) Excerto 36.

____ “Olga integrou-se ao Coletivo como se fosse uma brasileira. Dias após sua chegada, a exibição do coral feminino ensaiado por ela passou a ser atração obrigatória nos programas diários da PRANL. As mulheres cantavam a ‘Internacional’ em francês, a maioria lendo a letra que ela copiara várias vezes em pedaços de papel, durante o dia, e encerravam a programação entoando, em italiano, o ‘Bandiera Rossa’ [...]” (MORAIS, 2004, p. 155).

1.37) Excerto 37.

____ “O ‘voador’, outro produto da inventividade nordestina, era um sistema de linhas e roldanas, feitas com os carretéis vazios das linhas de crochê de Carmem Ghioldi, que servia para o transporte de bilhetes e volumes pequenos, de pouco peso, entre a Praça Vermelha e as celas do

primeiro andar. Em geral era utilizado para levar e trazer mensagens que não podiam ser transmitidas aos gritos, ou para a remessa e devolução dos ‘deveres de casa’ dos cursos de marxismo e filosofia que Olga e Rodolfo Ghioldi ministravam à maioria dos presos. Quando era necessário fazer alguma comunicação entre celas de um mesmo piso, o ‘voador’ obrigava a uma operação dupla: o carretel era atirado para alguém no pátio, que recebia a mensagem e a transmitia para a cela cujo número vinha indicado no bilhete” (MORAIS, 2004, p. 156-157).

1.38) Excerto 38.

___ “[...] Não lhe importava continuar na prisão, pois sabia que um dia tanto ela quanto Prestes acabariam sendo libertados. O que a aterrorizava era a perspectiva de ser enviada ao seu país de origem. Para ela que, além de judia, era comunista, cair nas mãos de Hitler seria o fim de tudo” (MORAIS, 2004, p. 159).

1.39) Excerto 3.9.

___ “Os comunistas brasileiros sabiam que esse poderia ser o destino da mulher de Prestes e se preparavam para o pior” (MORAIS, 2004, p. 160).

1.40) Excerto 40.

___ “[...]Ao cabo de alguns meses, falando um português sofrível, Ghioldi chegou a escrever um ensaio de mais de cem páginas sobre o problema agrário brasileiro. A partir das entrevistas que ele fazia às dezenas com os revolucionários vindos do campo, havia se transformado em um especialista no assunto.

Mesclando depoimentos sobre o que testemunhara na União Soviética com rudimentos de teoria marxista, Olga Benario preferia falar para grupos menores, dentro do salão das mulheres. À sua volta sentavam-se desde modestos sapateiros até oficiais do Exército e advogados, como Hermes Lima, que décadas depois (em 1962) viria a ser primeiro-ministro do Brasil, e depois ministro do Supremo Tribunal Federal, até ser cassado em 1969. Olga dava sua aula e ditava, ao final, uma série de perguntas para os alunos. Em três dias eles deviam devolver, pelo ‘voador’, os questionários respondidos. A aula seguinte seria dedicada a discutir a compreensão que cada um tinha tido do tema ensinado. As turmas eram tão heterogêneas que, mesmo sendo estrangeira, em algumas das sabatinas ela se dava ao requinte de fazer correções de erros de gramática e concordância nas provas” (MORAIS, 2004, p. 164).

1.41) Excerto 41.

___ “Pela primeira vez, então, o governo permitiu que Olga escrevesse uma carta a Prestes. E só aí ele soube que sua mulher estava grávida” (MORAIS, 2004, p. 165).

1.42) Excerto 42.

___ “[...] Nem sequer sua extradição havia sido pedida pelo governo de Adolf Hitler. Getúlio e Filinto tomavam espontaneamente a decisão de enviar ao Reich nazista uma judia, comunista e grávida de quatro meses. Contra a Constituição, exibiam o parágrafo de três linhas da Lei de Segurança Nacional que o próprio Rao redigira meses antes [...]” (MORAIS, 2004, p. 167).

1.43) Excerto 43.

___ “[...] Foram esses contrabandos de notícias que permitiram a Prestes ter informações sobre as condições de saúde e a situação jurídica de sua mulher. Cada vez que Olga era levada do presídio para depor nos cartórios onde se preparava o processo, ele podia vê-la nas fotografias, permanentemente acompanhada de policiais e sempre elegante ___ o cabelo preso atrás, em coque, uma pequena bolsa que recebera de presente de uma amiga e o mesmo vestido de sempre, cortado por ele

na clandestinidade do Méier. Ao ler as descrições que a imprensa fazia dela, ou os diálogos havidos entre ela e os repórteres, o coração do líder comunista se apertava [...]” (MORAIS, 2004, p. 170-171).

1.44) Excerto 44.

___ “[...] Mesmo percebendo que a mulher de Prestes não queria muita conversa, Neumann insistia em aproximar-se dela, às vezes para reclamar da rispidez de Sabo – ‘ela é uma fera’, dizia o policial – ou até para saber detalhes de sua política e pessoal” (MORAIS, 2004, p. 183).

1.45) Excerto 45.

___ “A inexistência de acusação, entretanto, ao contrário de tranquilizá-la, dava-lhe a certeza de que não sairia dali tão cedo. Quem não era acusado de nada não tinha por que contratar um advogado nem teria do que se defender. Olga não ignorava que os crimes que a tinham levado à cadeia jamais prescreveriam sob o nazismo: ser judia e comunista (MORAIS, 2004, p. 188).

1.46) Excerto 46.

___ “Olga ainda não tinha chegado a Hamburgo quando Lígia e dona Leocádia receberam em Paris, das mãos de um marujo comunista que chegara à França num cargueiro brasileiro, uma carta contando o que acontecera à mulher de Prestes. Na verdade, só aí é que a família soube que Olga estava grávida e que havia sido deportada” (MORAIS, 2004, p. 187).

1.47) Excerto 47.

___ “Poucas semanas após o nascimento de Anita Leocádia, Olga tinha manifestado uma vez mais seu proverbial atrevimento, obtendo da Gestapo autorização para enviar um requerimento à embaixada do Brasil em Berlim, pedindo o registro da recém-nascida como cidadã brasileira. Como justificativa, invocava a paternidade de Luís Carlos Prestes e a sua própria condição de ‘brasileira’ [...]” (MORAIS, 2004, p. 198).

1.48) Excerto 48.

___ “O governo brasileiro de Getúlio Vargas como um todo, na realidade, não parecia satisfeito com as punições que impusera a Prestes e a sua mulher [...]” (MORAIS, 2004, p. 200).

1.49) Excerto 49.

___ “Ao berreiro da criança juntou-se o choro da mãe, acocorada sobre a filha no canto do cubículo:

___ Um crime! Vocês estão cometendo um crime contra um bebê inocente! Não! Vocês não podem separá-la de mim! Minha filha não tem culpa de nada e não pode ser punida! Não façam isso!

A policial ordenou que os guardas tomassem Anita dos braços da mãe:

___ Levem a criança daqui. Essa idiota está encenando. Há um ano ela já sabia: quando a amamentação chegasse ao fim, a menina seria transferida para um orfanato” (MORAIS, 2004, p. 204).

1.50) Excerto 50.

___ “O grupo saiu apressado, trancou a porta e enveredou pelo corredor com a menina nos braços de um dos policiais. Os gritos de Olga, pendurada à porta de madeira, ressoavam pelas galerias do presídio:

___ Assassinos! Cães nazistas! Monstros! Minha filha, minha filhinha! Hitler vai matar minha filhinha de um ano! Assassinos! Assassinos

Olga Benario esmurrou a porta, gritou e xingou por muito tempo. Quando de sua garganta não saía mais voz alguma, mas apenas um chiado rouco, desabou no chão de cimento e ali ficou,

imóvel, com os olhos arregalados, como em transe. E só no fim da madrugada recobrou a consciência da tragédia que acabara de viver. Ela despertara com o corpo dolorido, como se tivesse sido surrada com porretes. Arrastou-se até a cama, deitou de costas e permaneceu de olhos abertos até que a claridade do dia se infiltrasse pela janela gradeada da cela” (MORAIS, 2004, p. 205).

1.51) Excerto 51.

___ “[...] A portadora da novidade tinha sido Elise Ewert, que passara três meses presa em Barnimstrasse e ali ouvira que sua companheira de desventura no Brasil seria, como ela, enviada para Lichtenburg. A notícia logo correu as celas do campo de concentração de mulheres. A libertação de Otto Braun, a militância em Moscou, a frustrada revolução no Brasil e a separação da filha tinham feito de Olga Benario Prestes uma heroína. Não havia presídio ou movimento de resistência, na Alemanha, ou movimento antifascista em outros países da Europa, que não conhecesse a sua saga em detalhes ___ e para receber prisioneira tão famosa as mulheres de Lichtenburg decidiram organizar uma festa clandestina” (MORAIS, 2004, p. 207).

1.52) Excerto 52.

___ “Durante o ano e pouco que passou em Lichtenburg ela seria levada meia dúzia de vezes a Berlim, para novos interrogatórios. Cada vez que a Gestapo precisava conferir informações sobre a ação do Comintern na América, Olga era transportada ao casarão da rua Prinz Albrecht. Como não soubesse ou não pretendesse dizer absolutamente nada a seus algozes, as torturas eram freqüentes. Mas nem os pontapés, açoites ou ameaças de fuzilamento produziam o efeito esperado. Além do silêncio, os policiais da Gestapo irritavam-se com o permanente ar de superioridade que Olga mantinha durante os interrogatórios. ‘Vaca judia’ era o tratamento mais brando que lhe dedicavam. Embora o extermínio em massa ainda não tivesse começado, o anti-semitismo era política oficial no país e as prisões e perseguições de judeus aumentavam a cada dia. As proibições de casamentos inter-raciais estavam em vigor havia três anos, e nenhum judeu podia ocupar cargos públicos ou dar aulas em escolas de qualquer grau, entre outras coisas. Se judeus eram as vítimas preferenciais do nazismo, muito pior era alguém ser, na Alemanha de Hitler, além de judeu, comunista. Olga acumulava os dois delitos e somava a eles o fato de ser mulher, condição de que se orgulhava pública e permanentemente” (MORAIS, 2004, p. 211-212).

1.53) Excerto 53.

___ “Os meses em Lichtenburg foram passados intermitentemente entre jornadas de trabalhos forçados e recolhimentos à solitária. A insistência de Olga em organizar politicamente as prisioneiras levou a carceragem a mudá-la constantemente de cela, transferindo-a de um pavilhão para outro. Mal ela completava algumas semanas no alojamento das ‘judias indesejáveis’ ___ ladras, mendigas e prostitutas ___, era levada para o das ‘judias burguesas’, como eram tratadas pelos policiais as mulheres de comerciantes e pequenos empresários judeus cujos bens tinham sido confiscados pelo Reich por infringirem as leis raciais. Mas, no pavilhão em que se concentravam as prisioneiras políticas, indistintamente judias ou não-judias, Olga nunca teve oportunidade de passar um dia sequer” (MORAIS, 2004, p. 213).

1.54) Excerto 54.

___ “Pela reação geral, Olga percebeu que as mulheres aceitavam sua liderança. [...] Duas semanas depois, o bloco 11 estava transformado. [...] Como os protestos contra a imposição do banho e da limpeza diária fossem poucos, Olga decidiu avançar um pouco mais e propôs que o pavilhão levantasse todos os dias meia hora mais cedo para que todas pudessem fazer ginástica. E instigou um sentimento comum a todas aquelas mulheres, das adolescentes às sexagenárias – a vaidade:

___ Nenhuma de nós tem um grande espelho aqui, mas podemos nos ver umas às outras para saber que estamos feias e flácidas. Já que não vamos ter ruge ou batom tão cedo, temos que nos preparar para a liberdade. Quando sairmos daqui, teremos que estar esbeltas para nossos namorados e

maridos. E, num campo de concentração, a única maneira de conseguir isto é fazendo ginástica. [...] As que optaram pela ginástica, porém, eram tão ruidosas que as outras não conseguiam dormir, e dias depois os exercícios matinais acabaram ganhando todas as mulheres do pavilhão” (MORAIS, 2004, p. 217-218).

1.55) Excerto 55.

____ “Mesmo sabendo que o trabalho escravo que a Siemens impunha às presas deixava-as extenuadas, Olga insistia em manter a ginástica, ainda que muitas das ‘anti-sociais’ se recusassem terminantemente a trocar alguns minutos do sono da manhã pelas acrobacias que ela organizava todos os dias. Clandestinamente, pois tal ousadia poderia custar-lhe duras punições, Olga reunia-se com pequenos grupos de prisioneiras para tentar transmitir-lhes algumas noções básicas sobre as questões políticas que tinham levado o mundo à guerra [...]” (MORAIS, 2004, p. 221).

1.56) Excerto 56.

____ “Olga não sabia se era apenas mais uma vingança da SS contra si ou se desconfiavam de que ela pudesse ter sido a inspiradora do grito contra Himmler – o que era falso. Por uma ou outra razão, porém, ela passou a ser açoitada regularmente durante o período de confinamento. A qualquer momento, os SS entravam na cela trazendo o *Prügelbock* – um cavalete de madeira com o tampo côncavo e correias de couro com fivelas nos quatro pés. Ela era deitada de bruços sobre o cavalete, com o ventre sobre a parte abaulada e tinha os pulsos e os tornozelos amarrados às correias presas nos pés. Imobilizada, era submetida a infundáveis sessões de chicotadas nas costas, nádegas, pernas, até ficar semi-inconsciente. Por vezes, depois das surras, era deixada ali, amarrada naquela banquetta, o dia inteiro. Quando os soldados voltavam para retirá-la, aproveitavam para aplicar novas chibatadas.

Libertada do bunker, debilitada fisicamente e mais magra, ainda assim Olga foi obrigada a reiniciar o trabalho nas oficinas da Siemens” (MORAIS, 2004, p. 223).

1.57) Excerto 57.

____ “[...] Em suas conversas com as companheiras do pavilhão, na maioria mulheres rústicas, simples e sem qualquer formação política, Olga insistia em injetar-lhes ânimo, repetindo sempre que havia na Europa um país que iria barrar o avanço alemão: a União Soviética. Suas ‘aulas’ começaram a interessar às prisioneiras ‘indesejáveis’, nem tanto por razões políticas, mas sobretudo porque a maioria tinha clara noção de que estava ali como vítima daquele regime que pretendia dominar o mundo. A liberdade delas dependia da derrota do nazismo – então era preciso entender o que era o nazismo e de que forma ele poderia ser sepultado, como prometia aquela incansável alemã que tinha sido presa, torturada, separada da filha e do marido, tinha perdido a melhor amiga, e continuava ativa e determinada” (MORAIS, 2004, p. 223-224).

1.58) Excerto 58.

____ “Os riscos do confinamento e de repetidas surras não a intimidavam. Ao contrário, quanto maior fosse a brutalidade dos ss, mais ela parecia decidida a continuar agitando o campo de concentração. Semanas após a punição por causa do atlas, ela resolveu montar uma peça de teatro dentro do pavilhão, às escondidas. O enredo foi criado pelas próprias presas, morientadas por Olga, e depois de alguns ensaios decidiram encenar a história” (MORAIS, 2004, p. 224-225).

Anexo B - “Olga”, de Rita Buzzar.

2.1) Excerto 1.

___ “A trajetória de Olga tem um pouco a ver com tudo isso. Uma espécie de guerreira bolchevique de ferro que se transformou em mulher no Brasil. Aquela agente perfeita e destemida que conheceu o medo aqui. A militante coberta de razões que descobriu como poderiam ser amargos os chamados ‘erros históricos’” (BUZZAR, 1995, p. 18).

2.2) Excerto 2.

___ “Olga tenta rever no escuro de sua imaginação o olhar do marido, o calor do corpo de sua pequena Anita, seu sorriso... E chora. Há muito que não chorava. Sempre quis ser forte para desafiar o mundo” (BUZZAR, 1995, p. 19).

2.3) Excerto 3.

“[...] Tudo começou com uma menina que gostava de esqui, subir montanhas e que, audaciosa, pulava as fogueiras noturnas nas excursões à montanha. Uma menina que usava longas tranças e desafiava as ordens e precauções do pai, Leo Benário. Uma rica menina judia de Munique, que não se conformava com as maneiras da mãe, Eugenie, bela, fútil e sempre tão fria e distante” (BUZZAR, 1995, p. 19).

2.4) Excerto 4.

___ “Mas se, com os processos jurídicos do pai, Olga conheceu a miséria e o sofrimento, foi através deles que resolveu tornar-se comunista e ainda mais radical. Aos quinze anos, ingressou na Juventude Comunista de Munique, que se reunia numa antiga serraria nos subúrbios. Seu trabalho inicial era pichar muros e colar cartazes. E acabou se tornando a mais ousada nesse serviço. Pois pela primeira vez, para o espanto de seus colegas, o centro da capital amanheceu todo pichado. Medo e prudência eram palavras que ela não conhecia. Sempre que recebia alguma tarefa secundária por ser uma garota, dizia, irritada, que naqueles momentos ‘ser mulher era uma chateação’” (BUZZAR, 1995, p. 19).

2.5) Excerto 5.

Olga só se preocupava com suas missões e tarefas. Andava mal vestida, caminhava a passos largos, como um homem, e se tornava a cada dia mais intolerante com qualquer pessoa que não fosse militante comunista. As discussões com o pai eram quase costumeiras. Ela sempre acabava batendo furiosa a porta do escritório de Leo” (BUZZAR, 1995, p. 19-20).

2.6) Excerto 6.

___ “Foi nessa época que conheceu seu primeiro amor, Otto Braun, numa livraria onde começara a trabalhar, pois queria poder se manter com seu próprio esforço [...]” (BUZZAR, 1995, p. 20).

2.7) Excerto 7.

___ “Os encontros entre os dois se tornaram freqüentes nos finais de tarde. Ele ia buscá-la na livraria e falavam de livros, jornais e revistas. Otto se surpreendeu com os pedidos insistentes de Olga para que lhe desse alguns manuais de estratégia militar. Ela começava a sonhar com uma militância cheia de trabalho e riscos no bairro *Neukölln*, o principal centro operário e de agitação em Berlim” (BUZZAR, 1995, p. 20).

2.8) Excerto 8.

___ “Após um longo passeio pelas montanhas, onde Otto lhe contou que o partido havia aprovado a ida dela para Berlim, os dois pararam para repousar em uma cabana coberta de neve. Olga nunca se sentiu tão feliz. Respondeu que partiria quando o partido ordenasse. Os dois se beijaram e Olga teve sua primeira noite com um homem. Porém, depois que Otto adormeceu, chorou solitária. Tinha receio que ele pensasse que ela era uma burguesinha assustada” (BUZZAR, 1995, p. 20).

2.9) Excerto 9.

___ “Quando chegou de volta a casa, teve uma briga definitiva com o pai. Ele não podia mais compreendê-la. Ela respondeu que já era adulta e que iria para Berlim. Leo amava sua filha e pediu que ela permanecesse em casa. Chorou. Depois de muito tempo sem qualquer aproximação, Olga acariciou o rosto do pai. Ela precisava fazer seu próprio caminho e pediu que ele a entendesse” (BUZZAR, 1995, p. 20).

2.10) Excerto 10.

___ “Ao mesmo tempo, por influência do namorado, Olga cortou os cabelos, abandonou as roupas remendadas, os sabonetes sem perfume e também parte de seu sectarismo. Pois continuava achando que uma verdadeira militante não podia beber, fumar ou dançar. Dizia-se contra o casamento, o ciúme burguês e era quase puritana, costumando citar as teorias de Lênin sobre promiscuidade” (BUZZAR, 1995, p. 21).

2.11) Excerto 11.

___ “Depois de solta, Olga não parava de pensar em Otto. Ficaram um ano e meio separados. Foi com alívio que recebeu a perigosa missão de libertar Otto da prisão.

Às nove horas da manhã de 11 de abril de 1928, acompanhada por camaradas, alguns mais jovens do que ela, Olga entrou em Moabit, exigiu a libertação de Otto e empreendeu uma fuga espetacular e ousada. Todos os jornais noticiaram o resgate e Olga se tornou famosa. O bairro de Neukölln acordou repleto de cartazes com o rosto de Olga e o aviso de ‘procura-se’. Toda a região foi cercada. Olga e Otto tiveram que fugir para Moscou” (BUZZAR, 1995, p. 21).

2.12) Excerto 12.

___ “Em Moscou, Otto necessitou ser hospitalizado, pois a prisão na Alemanha o havia deixado doente. Olga foi eleita para o Comitê Central da Juventude Comunista Internacional. Passou a dar palestras sobre sua ação em Moabit, trabalhava nos sábados de trabalho voluntário na construção civil, fazia cursos intensivos de inglês, francês e russo e, aos domingos, patinava no Parque Górkí e recitava poesias de Maiakóviski” (BUZZAR, 1995, p. 22).

2.13) Excerto 13.

___ “Ao receber alta do hospital, Otto encontrou uma Olga completamente ocupada, sem tempo para ele. As cenas de ciúmes eram constantes. Olga chamava-o de pequeno-burguês. E a crise final sobreveio quando foi convidada a se incorporar a uma unidade regular do Exército Vermelho, onde aprendeu a atirar e a cavalgar.

Após retornar ao apartamento, com a notícia de que tinha sido escalada para a sua primeira missão internacional em Paris, Olga ouviu a confissão de Otto: ele estava tendo um caso. Pela primeira vez Olga percebeu em si o ciúme, a dor de amor. Ele pediu que ela ficasse, ainda a amava. Porém Olga não queria envolver-se mais, não queria se entregar a sentimentos que ela pensava serem burgueses, pequenos, frente a seu trabalho e ante seus ideais. E os dois romperam para sempre” (BUZZAR, 1995, p. 22).

2.14) Excerto 14.

Nessa época, Olga ocupava um quarto do Hotel Lux. E suas grandes amizades eram os alemães Kurt Muller e Heinz Neumann. Era considerada, com apenas 26 anos, uma bolchevique exemplar: conhecia a fundo a teoria marxista-leninista, atirava com pontaria certa, pilotava aviões, saltava de pára-quedas, cavalgava e tinha muita coragem, determinação e um vigoroso idealismo” (BUZZAR, 1995, p. 22).

2.15) Excerto 15.

___ “Olga, a cada dia, surpreendia-se com Prestes. Ao mesmo tempo que era exigente e muito rígido consigo mesmo, cercava-a de cuidados e gentilezas. Para Prestes, aquela mulher alemã plena de vivacidade e beleza, desnorteava sua disciplina, seus planos... . E assim, no navio para os Estados Unidos, em alto mar, Olga foi sua primeira mulher. O que até aquele momento fora apenas um disfarce, havia se tornado realidade: Olga e Prestes se amavam” (BUZZAR, 1995, p. 23).

2.16) Excerto 16.

___ “Olga poderia voltar para a União Soviética. Já tinham lhe permitido que voltasse há meses, já que outros poderiam se ocupar da segurança de Prestes. Ela tinha dúvidas. Não queria confundir outra vez trabalho com amor: ao mesmo tempo que queria ficar ao lado de Prestes para lutar com ele, sentia que nunca havia se entregado tanto a um homem... Aqueles meses em que compartilharam juntos os projetos, os sonhos e a convivência diária tornavam-nos casados de verdade. E, por um momento, aquela mulher corajosa ousada teve medo”. (BUZZAR, 1995, p. 24-25).

2.17) Excerto 17.

___ “Prestes escrevia muito e os dois discutiam sem cessar sobre os erros... O que poderia ter dado tão errado? Como os informes de apoio poderiam estar tão equivocados? Ele estava preocupado e pediu que ela se salvasse e fugisse do Brasil. Olga queria ficar e estar ao lado dele. Já tinha há tempos tomado a decisão. Ela o amava e precisava ajudá-lo.

No dia 5 de março de 1936, sob uma chuva torrencial, mais de cinquenta soldados cercaram a casa onde Prestes e Olga estavam. Os homens entraram atirando. Todos tentaram fugir. E, se não fosse por Olga, que com seu próprio corpo protegeu Prestes, eles o teriam matado. Todos foram presos” (BUZZAR, 1995, p. 25).

2.18) Excerto 18.

___ “[...] Olga, encolhida em sua cama no campo de Ravensbrück, lembra-se outra vez do olhar do marido, daquele último olhar. Nunca mais ver aquele olhar. Por que não correu e o abraçou? Por que não gritou seu nome? Por que tinha descoberto tanta doçura tão tarde e naqueles dias tão turbulentos? Como entender o que aconteceu? Como entender o que está acontecendo agora?” (BUZZAR, 1995, p. 26).

2.19) Excerto 19.

___ “Numa prisão brasileira, junto com mais dez mulheres e em meio a infundáveis interrogatórios, Olga descobriu que estava grávida. Nunca pensou que um dia seu ventre cresceria e daria à luz. Era tão estranho! Será que se tornaria frágil como sua mãe... Não teria mais coragem se saltar de pára-quedas, andar a cavalo ... Teria medo? Naquele momento em que tinha que ser forte e dura, algo a tornava mais terna e também confusa. Ela precisava comunicar a Prestes a notícia e escreveu-lhe dezenas de cartas, que ele nunca recebeu.

[...] E, quando a gravidez se tornou evidente, Olga, ao sair de um dos seus depoimentos à polícia, dirigiu-se impetuosa aos repórteres que a cercavam e anunciou que daria à luz um filho de Prestes” (BUZZAR, 1995, p. 26).

2.20) Excerto 20.

___ “Porém, a ameaça de expulsão era cada vez maior. Olga era judia e comunista. E o governo de Getúlio Vargas tinha uma simpatia clara pelos países do Eixo [...]” (BUZZAR, 1995, p. 26).

2.21) Excerto 21.

___ “Quatro semanas depois, Olga acordou com o colchão fino encharcado. O dia começava a romper quando nasceu sua filha. Foi tanta a sua alegria ao tê-la em seus braços que Olga não se perturbou com os soldados que guardavam sua porta, ou com a frieza da médica que lhe fez o parto. Não parava por um instante de acariciá-la e chamá-la pelo nome... Anita” (BUZZAR, 1995, p. 27).

2.22) Excerto 22.

___ “O tempo passava. Anita crescia. Ela e Olga passavam as horas livres brincando. Nunca ela pensou que alguém pudesse fazê-la tão feliz. Sua filha sorria e aquelas paredes frias da solitária se transformavam num castelo de contos de fadas. Acariciar o seu pequeno rostinho, vê-la engatinhar, dar-lhe o peito faziam-na pensar numa doçura, numa vida que queria ter para sempre. No entanto, Olga sabia que não poderia ter muitas ilusões e temia pela perda de Anita.

[...] Não podiam lhe tirar a filha ! Os guardas seguraram-na e deram-lhe um soco na cabeça. Olga caiu no chão e eles levaram Anita aos prantos. Olga, desesperada, chorou, esmurrou a porta Nada mais poderia fazer, nunca mais veria a filha” (BUZZAR, 1995, p. 27).

2.23) Excerto 23.

___ “A primeira providência de Olga como responsável pelo bloco das judias anti-sociais foi limpar o lugar e impor certas regras de higiene: o lugar fedia a fezes e urina. As mulheres estavam desesperadas, completamente à deriva. E Olga queria que se sentissem outra vez dignas. A maioria aceitou sua liderança” (BUZZAR, 1995, p. 29).

Anexo C - *Camaradas*, de William Waack.

3.1) Excerto 1.

___ “No dia 29 de dezembro de 1934, o OMS (a agência secreta do Komintern) despachou um telegrama confidencial de Moscou para o posto de fronteira da União Soviética com a Finlândia, procedimento de rotina quando era preciso proteger a saída de um agente. Desta vez, os guardas foram alertados para uma jovem com o passaporte espanhol nº 425, em nome de Ana Baum de Revidor. Como sempre, o OMS solicitava para essa pessoa facilidades nos trâmites burocráticos ___ enquanto existiu, a União Soviética mantinha um dos mais rigorosos sistemas de controle de fronteira do mundo ___, sem despertar a atenção ou desconfiança dos outros passageiros no trem. A moça era a alemã Olga Benário, então a apenas dois meses de completar 27 anos. Sua missão: cuidar para que o líder de uma revolução dirigida pelo Komintern, Luís Carlos Prestes, chegasse em segurança ao Brasil” (WAACK, 2004, p. 92).

3.2) Excerto 2.

___ “Grávida de Prestes quando foram presos em março de 1936 no Rio de Janeiro, após o fracasso do levante, Olga foi deportada em agosto do mesmo ano para a Alemanha pelo governo de Getúlio Vargas, que sabia estar entregando uma comunista judia a um regime que já havia adotado bárbaras leis racistas e anti-semitas, para não falar do terror que desencadeara contra todo tipo de adversário. Ao chegar ao porto de Hamburgo, Olga já era esperada pela implacável polícia política, a Gestapo. Numa prisão de segurança máxima, em Berlim, ela daria à luz uma menina, em novembro de 1936, entregue com pouco menos de um ano à avó e a uma tia paternas. Internada a seguir numa prisão-fortaleza e, a partir de 1939, no campo de concentração de mulheres de Ravensbruck, Olga Benário foi assassinada pelos nazistas numa câmara de gás, provavelmente em Bernburg, na Páscoa de 1942, numa das primeiras ações contra ‘seres de raças inferiores’” (WAACK, 2004, p. 92).

3.3) Excerto 3.

___ “Resultado desse esforço foi, em 1961, a publicação da primeira biografia romanceada de Olga Benário, escrita pela alemã Ruth Werner, que durante três décadas fora espiã a serviço da União Soviética na China, Polônia, Suíça e Inglaterra – então dedicada a uma nova carreira depois que a descoberta de sua rede pela contra-espionagem britânica a obrigara a sair correndo da Inglaterra, quase dez anos antes. Curiosamente, o livro omite o fato de que Olga era judia e que seus familiares haviam morrido em campos de concentração. Parte da narrativa apoiou-se em informações dadas por Prestes, cujo depoimento foi essencial para a segunda biografia-romance de Olga, publicada no Brasil por Fernando Moraes, em 1985” (WAACK, 2004, p. 93-94).

3.4) Excerto 4.

___ “Olga era uma agente do serviço secreto militar soviético. Fora recrutada oficialmente para o IV Departamento do Estado-Maior do Exército Vermelho ___ o órgão responsável pela espionagem militar no estrangeiro ___ em 1932. As provas documentais são irrefutáveis. Sua pasta pessoal secreta em Moscou contém periódicos informes em russo (as famosas spravkas), preparados pelo Departamento de Quadros do Komintern, como este, de 7 de setembro de 1937, resumindo os principais dados biográficos: ‘Na URSS foi para a academia militar e então destacada para o IV Departamento’. A melhor comprovação foi deixada pela própria Olga num bilhete manuscrito que assinou e entregou ao então subchefe do OMS, Abramov, no dia de sua partida para o Brasil. Muito correta e, como boa militante alemã, preocupada com o pagamento pontual de mensalidades ao partido, Olga dizia a Abramov que a pressa da viagem a impediria de resolver questões burocráticas. A ficha que continha seus dados pessoais, avisou Olga, estava na Academia da Força Aérea sob o nome de ‘Olga Sinek’. Mas a carteirinha do partido, Abramov poderia encontrá-la apenas no IV Departamento. ‘Mais detalhes podem ser obtidos com a camarada Malanka (secretária de Bersin)’,

escreveu Olga. O general Jan Karlovich Bersin, chefe de Olga, era o comandante do IV Departamento ____ e o único não integrante da OGPU ou da NKVD cujo retrato ainda hoje se encontra na galeria de fama da KGU, em Moscou (embora ele tivesse sido fuzilado nos expurgos de 1937)” (WAACK, 2004, p. 94-95).

3.5) Excerto 5.

____ “A parte jamais revelada da biografia de Olga não é um detalhe circunstancial, e sim o resultado lógico de sua formação como militante. Desde que ingressou em 1923 num movimento organizado ____ no Grupo Noroeste da Juventude Comunista, em Munique, Olga não fez outra coisa do que trabalhar nos aparatos ilegais e clandestinos do partido, nos quais fora introduzida por Otto Braun (descrito ingenuamente nas biografias como ‘professor comunista’), homem dedicado em período integral ao setor militar ____ a ponto de pedir por escrito, em 1926, sua filiação ao Exército Vermelho (o requerimento de Otto Braun foi polidamente recusado pelos soviéticos por ‘excesso de contingente’). Essas seções clandestinas do PC alemão eram diretamente controladas pelos ‘órgãos competentes’ soviéticos” (WAACK, 2004, p. 95).

3.6) Excerto 6.

____ “Com a abertura de alguns arquivos em Moscou após o fim da União Soviética surgiu um documento de enorme valor, até agora inédito: Olga Benário, por ela mesma. É um texto em alemão de cinco páginas, escrito à mão com letra feminina e firme, num estilo seco, simples (*sachlich*, diriam os alemães, ‘objetivo’), direto e sem adjetivos. Trata-se da autobiografia que ela escreveu na União Soviética, em princípios de 1932. Além do idioma, também a terminologia precisou de tradução. Nessa etapa de sua curta carreira, aos 24 anos, ela já dominava bastante bem (por si só, um interessante indício) o pesado jargão burocrático das instâncias de controle às quais, como qualquer militante de passagem por Moscou, estava obrigada a fornecer todos os detalhes de sua vida política, familiar e pessoal” (WAACK, 2004, p. 95).

3.7) Excerto 7.

____ “Ela começa dando ênfase a seu emprego no ‘aparato ilegal do partido (trabalho antifacista)’ já em 1923, aos quinze anos de idade, pois o fracasso do levante de outubro daquele ano na Alemanha, instigado pelo Komintern, levava à proibição do KPD e jogara também suas organizações juvenis na clandestinidade. ‘Em 1923 a Juventude Comunista encontrava-se em situação semilegal e foi totalmente proibida depois de outubro, quando passamos a trabalhar como organização clandestina’. Foi nessa época que conheceu Otto Braun, sete anos mais velho. Olga terminara o primeiro ciclo da escola secundária ____ para os padrões alemães, a base escolar mínima ____ e iniciara um aprendizado profissional na editora Georg Müller. Em 1924 assumiu seu primeiro cargo de funcionária na estrutura da Juventude Comunista (‘instrutora’), um trabalho que descreveu como ‘paralelo’” (WAACK, 2004, p. 95-96).

3.8) Excerto 8.

____ “Os motivos que Olga dá para sua ida a Berlim, a capital do país, em 1925, são menos românticos que os mencionados nas biografias, e sugerem o contrário das versões romanceadas: um forte conflito com o pai, advogado de classe média e membro ativo do Partido Social-Democrata. A classe social dos pais e avós foi caracterizada por Olga como ‘pequena burguesia’. Se a mãe era mesmo uma elegante dama da alta sociedade, isto não foi mencionado pela filha, que na autobiografia preferiu colocar o pai sob luz negativa. ‘Sobretudo meu pai queria me obrigar a ser membro da Juventude Socialista’ (o equivalente social-democrata da Juventude Comunista), escreveu. ‘As discussões assumiram tal virulência que, no começo de 1925, fugi de casa e fui para Berlim.’ Talvez não tivesse colocado isso no papel sem segundas intenções. No momento em que redigia esse texto, em Moscou, os social-democratas eram, de acordo com a linha oficial do Komintern, os piores

inimigos do movimento comunista. Possivelmente com isso Olga pretendia enfatizar sua fidelidade às novas diretrizes partidárias” (WAACK, 2004, p. 96).

3.9) Excerto 9.

___ “Não teria sido necessário. Do ponto de vista dos funcionários das instâncias de controle soviéticas, dominados pela paranóia do segredo e segurança, Olga Benario possuía as melhores referências possíveis. Jovem, sabendo bater à máquina, ligada a um homem do aparato militar clandestino e já tendo sido empregada no Patei-Apparat (a expressão alemã para estrutura interna do partido) em Munique, ao chegar a Berlim logo encontrou emprego no setor mais sensível da organização, a estrutura clandestina de defesa e contra-espionagem. Sua função era prosaica, monótona e subalterna, mas só podia ser ocupada por pessoas da mais absoluta confiança: Olga era datilógrafa. ‘Fui empregada como auxiliar técnica no aparato central de defesa (zentrales Abwehr Apparat), e do fim de 1926 a maio de 1928 trabalhei como datilógrafa na representação comercial soviética e mais tarde na Casa Karl Liebknecht.’ Membros ordinários do partido não tinham acesso a esses dois imóveis no centro da capital alemã. O primeiro deles jamais fora ocupado por pacatos burocratas soviéticos. Na representação comercial soviética em Berlim estavam instalados os representantes do IV Departamento (a espionagem militar) e parte do aparelho do OMS (agência secreta do Komintern). A Casa Karl Liebknecht, quartel-general do partido, era uma fortaleza com serviço de segurança próprio, na qual só podia trabalhar quem fosse aprovado após rigorosa investigação. Trabalhar nos dois edifícios significava que Olga passara pelo crivo máximo de segurança” (WAACK, 2004, p. 96-97).

3.10) Excerto 10.

___ “Olga descreveu o restante de suas atividades como uma típica carreira de funcionária. Foi chefe de grupo na Juventude Comunista do distrito de Neukölln, reduto importante do partido em bairro proletário, que ainda hoje preserva parte da tradição. Depois ‘chefe de organização’, responsável por ‘agitprop’ (agitação e propaganda) no distrito. Frequentara dois cursos semanais de aperfeiçoamento de funcionários, além de participar de um congresso da Juventude Comunista e de várias conferências regionais de distritos do partido. No final de 1927, subiu um degrau importante na estrutura interna: entrou no Secretariado de Berlim-Brandenburg, responsável pelo setor de agitação e propaganda. Em momento algum Olga parece ter se dedicado a uma boa formação teórica ou sequer a leituras mais profundas, o que ela admite com notável sinceridade na autobiografia: ‘Eu li algumas brochuras de Marx, Engels, Lênin e Stalin, mas não possuo uma base teórica sólida’ (é interessante notar que os ícones estão alinhados na ordem correta)” (WAACK, 2004, p. 97).

3.11) Excerto 11.

___ “Relevante para Olga era ‘ter participado desde 1925 no trabalho do aparato ilegal em Neukölln, além de alguns cursos centrais em Berlim sobre essas questões’, conforme ressaltou. Traduzido: fora treinada especialmente para isso e integrava o ‘M-Apparat’, no qual Otto Braun tinha alguma importância. O que era essa organização, quem fazia parte da ‘turma’ de Olga naquele bairro e período?” (WAACK, 2004, p. 97).

3.12) Excerto 12.

___ “Ela mesma fora ocupante de uma cela em Moabit durante três meses, em 1926, ‘presa em conexão com a queda de parte do aparato ilegal, e acusada de alta traição’, a formulação jurídica da época para os implicados com serviços secretos de outros países. A promotoria possivelmente tinha bons indícios para sustentar essa acusação, conforme se revelou ao ser aberta em Moscou, 68 anos depois, a pasta pessoal de Otto Braun, o namorado de Olga. ‘Era necessário encobrir uma ação realizada por ordem do residente do IV Departamento do Exército Vermelho’, escreveu Otto em sua autobiografia, explicando a razão da queda de parte do aparato” (WAACK, 2004, p. 98).

3.13) Excerto 13.

“___ Nessa época Olga já não mantinha qualquer contato com a família em Munique. Seu pai tentara defendê-la quando esteve presa em Berlim, em 1926, mas a filha só voltou a lhe escrever cartas, já na União Soviética, apenas para regularizar seus documentos junto à embaixada alemã – evidentemente com autorização superior, que menciona em sua autobiografia. Com a mãe, o relacionamento sempre havia sido difícil, como se pode ler numa carta de 1937, arquivada em Moscou, da mãe de Prestes, então empenhada numa campanha para libertação do filho e da nora. Procurada por um intermediário em Munique, a mãe de Olga disse, segundo dona Leocádia, que não mais queria saber da filha. Olga jamais fez qualquer referência a seu irmão e [...] a uma prima, filha de um irmão de seu pai, casada com um militante comunista alemão [...]” (WAACK, 2004, p. 99).

3.14) Excerto 14.

“___ Olga mostrou-se extraordinariamente arredia em relação a detalhes de sua vida pessoal, ao contrário de centenas de outras autobiografias reveladas em Moscou. Em momento algum, nesse texto (ou em qualquer outro, mesmo as cartas), ela se refere com nomes ao longo romance com Otto Braun, por exemplo. Mas involuntariamente deixou registrado o momento do rompimento. Obrigada a preencher uma *anketa* (questionário), em 5 de março de 1930, às vésperas de partir para Londres, Olga definiu-se como ‘datilógrafa, funcionária política do Komintern, de origem pequeno-burguesa e casada’. Ao voltar da França, ano e meio depois, apresentou-se em outra *anketa* como ‘tradutora e datilógrafa’, além de instrutora do Konsomol. Assinalou então que não era mais casada. Os periódicos *spravkas* (informes) do Departamento de Quadros sobre Olga sempre mencionavam o nome do marido russo” (WAACK, 2004, p. 100).

3.15) Excerto 15.

___ “Os informes do Departamento de Quadros sobre Olga sugerem que o treinamento que recebeu na Academia da Força Aérea estava associado ao seu trabalho no setor de espionagem militar, sem que fosse especificado para que tipo de missão estava sendo preparada. Olga aprendeu a pilotar e, como parte do curso, saltava de pára-quedas. Talvez fosse cotada para trabalho ilegal na Alemanha nazista, apesar do risco, o máximo a que podia aspirar um agente. De qualquer maneira, Olga insistiu, em 1935, pouco depois de chegar ao Brasil, em regressar a Moscou ‘e meus estudos’, conforme veremos adiante, o que sugere outras ambições do que permanecer na América do Sul. Parte de sua preparação envolvia uma extraordinária disciplina e a obrigação de manter sigilo absoluto sobre sua atividade no IV Departamento. Permanece assim a dúvida sobre se ela contou a Prestes para quem, na verdade, trabalhava. Alguns agentes, como Ruth Werner, esconderam até de seus companheiros a atividade de espionagem” (WAACK, 2004, p. 101).

3.16) Excerto 16.

___ “De qualquer maneira, Mishka tinha a impressão de que discussões políticas não eram o assunto predileto de Olga Benario. ‘Olga era sobretudo uma aventureira, contava com enorme entusiasmo como aprendera a pilotar aviões e o tempo que passara na Academia de Força Aérea. Não se interessava muito por leituras ou discussões teóricas. Era sobretudo uma pessoa voluntariosa, decidida e com grande coragem física, ansiosa para participar de ações.’ Mishka era excelente em algo que Olga se esforçava em atingir, sem alcançar muita perfeição: dançar charleston. ‘Olga não era muito charmosa’, conta Mishka. ‘Como posso dizer? Ela era bem alemã’. Mishka, ao contrário, dançava muito bem, e tentava ensinar Olga” (WAACK, 2004, p. 103).

3.17) Excerto 17.

___ “[...]A atividade de Olga nas seções militares secretas do aparato ilegal do KPD e, mais tarde, na espionagem militar soviética, não era ‘normal’ para a grande massa de militantes daquele período. Mas era isso o que a distinguia e a enchia de orgulho: a idéia de fazer parte de uma elite de

combatentes comprometidos com a causa da humanidade. [...] Com apenas duas exceções, os enviados à operação brasileira assumiram a fachada de casais bem situados em viagens de prazer e negócios, daí a necessidade de fazer Prestes ser acompanhado de uma mulher. Era obrigatório encontrar alguém com suficiente experiência de trabalho no setor militar e que pudesse entender-se com Prestes em francês, dois requisitos que Olga preenchia. A função era sobretudo ‘técnica’ (proteção e organização da infra-estrutura durante a viagem). Ela não foi ao Brasil por estar apaixonada por Prestes, o que parece ter ocorrido apenas na segunda metade de 1935, e sim para cumprir uma missão profissional que, a julgar pelos relatos do próprio líder da insurreição de novembro, Olga aceitou por princípio de obediência à hierarquia. Em princípio, a missão deveria durar cerca de seis meses, seu final coincidindo com a eclosão do movimento no Nordeste” (WAACK, 2004, p. 104).

3.18) Excerto 18.

___ “Olga levava rigorosamente à risca as instruções para proteger Prestes, deixando-o exposto o menos possível. Da mesma maneira que em outras cidades, quando o casal chegou a Buenos Aires, foi ela a encarregada de estabelecer os contatos iniciais com a rede local. Encontrou-se várias vezes com o cônsul brasileiro, conhecido de Prestes de sua permanência anterior na Argentina, com o qual conseguiu os vistos de entrada para o Brasil. Olga só não podia proteger Prestes de si mesmo. Na derradeira etapa, em Montevidéu, Prestes encontrou-se com o comerciante brasileiro Fernando Garagori, ali radicado. Esse nome não era estranho em Moscou. Fizera parte da rede de Prestes no Uruguai cerca de cinco anos antes. Garigori trabalhava com um jornalista brasileiro conhecido por ‘Tito’, e era considerado ‘agente oficioso’ de Flores da Cunha, o impetuoso interventor do Rio Grande do Sul. A respeito de Garagori e do jornalista existe a observação, numa pasta pessoal em Moscou, feita por um agente do Komintern em Montevidéu (provavelmente o austríaco Fritz Glaubauf, pois o texto está em alemão), de quem eram ‘gente na qual não se podia confiar, mas tinham em mãos ligações fundamentais (de Prestes com o Brasil), inclusive Ilvo Meirelles’ (irmão de Silo, e o último contato de Prestes com o mundo exterior antes de ser preso, em 1936)” (WAACK, 2004, p. 111).

3.19) Excerto 19.

___ “Jonny de Graaf, o especialista em assuntos militares, achava péssimo o aparelho de Prestes: ‘Em frente tem uma garagem de onde se pode controlar tudo’, insistia junto a Olga, a maior responsável pela segurança de Prestes. Jonny também desaprovava enfaticamente o hábito dos encontros quase diários entre os principais responsáveis pela insurreição, um fato que Prestes procurou justificar, décadas depois, com a esfarrapada desculpa de que isto servia para salvar as aparências” (WAACK, 2004, p. 176).

3.20) Excerto 20.

___ “[...] Ao mesmo tempo, tinha a intenção de ser uma operação comandada por um político que, embora mantendo sua ‘fachada’, em segredo despachava emissários para conspirar, negociar, confundir, investigar, organizar, tramar. Olga acompanhava Prestes em seus contatos com oficiais, e encontrava-se regularmente com Pavel Stuchevski a fim de discutir a segurança de Prestes. Para o Komintern, porém, era impossível manter sob vigilância essa rede de conhecimentos e entendimentos de Prestes” (WAACK, 2004, p. 180-181).

3.21) Excerto 21.

___ “A polícia Especial o surpreendeu de pijama, por volta das sete da manhã do dia 5 de março de 1936, no quarto dos fundos da casinha no Méier. Cumprindo sua última missão de zelar pela segurança de Prestes, no momento da invasão Olga Benario colocou-se diante do comandante da revolução brasileira, provavelmente salvando-lhe a vida. Stuchevski relatou o fato a Moscou, em meio a grandes elogios a Olga. Fazia poucos dias que estava grávida” (WAACK, 2004, p. 300).

Anexo D - “Olga Benário Prestes, minha mãe”, de Anita Leocádia Prestes (1995)

4.1) Excerto 1.

___ “Olga, grávida de sete meses, foi deportada para a Alemanha nazista pelo governo Getúlio Vargas, em setembro de 1936. Companheira dedicada de Luiz Carlos Prestes, meu pai, a quem salvara a vida quando ambos foram presos, pela polícia de Filinto Muller, em 5 de março daquele ano, no subúrbio carioca do Méier. Na ocasião, ela se interpusera corajosamente entre policiais e o marido, impedindo o seu assassinato” (PRESTES, 1995, p. 13).

4.2) Excerto 2.

___ “Da mesma forma, minha mãe, nas poucas cartas que conseguiu mandar do cativeiro, expressava o desejo de que eu fosse uma criança feliz e alegre, orgulhosa de meus pais se terem empenhado na luta por um mundo melhor, sem queixas nem arrependimentos. Seu sacrifício não era maior do que o de milhões de outros seres humanos que, naquele momento, enfrentavam os horrores da noite fascista que se abatera sobre a nossa civilização” (PRESTES, 1995, p. 14).

4.3) Excerto 3.

___ “Havia, contudo, uma diferença importante. Meus pais, distintamente de milhões de inocentes que, como Anne Frank, sofriam e morriam sem conhecer as causas de tamanha desgraça, tinham consciência do fenômeno fascista e do seu perigo para a humanidade. Por isso, haviam lutado contra ele com todas as suas energias. Derrotados, arcavam com as conseqüências de seu gesto. Mantinham-se, porém, confiantes de que o fascismo e sua variante alemã ___ o nazismo ___ seriam vencidos, como de fato se verificou, com a derrota dos países do Eixo, no final da Segunda Guerra Mundial.

Sua confiança decorria da profunda convicção científica que ambos haviam adquirido ao estudar o marxismo e ao travar conhecimento com a experiência pioneira de construção de uma sociedade socialista na União Soviética. A teoria marxista do socialismo científico lhes permitira compreender que o fascismo não podia ser explicado apenas pela loucura de um homem ou pelas tradições autoritárias ou militaristas de algumas sociedades. O fenômeno fascista expressava basicamente a crise que o sistema capitalista atravessava nos anos 30, representava a resposta do grande capital ao avanço do movimento operário em países como a Itália e a Alemanha” (PRESTES, 1995, p. 15).

4.4) Excerto 4.

___ “Naqueles anos terríveis, quando o fascismo tomava conta da Europa e a guerra revelava toda sua crueldade, poucos acreditavam na possibilidade de sua derrota. Posso orgulhar-me de que minha família ___ meus pais, minha avó Leocádia, minhas tias ___, conhecedora da fibra do povo soviético, jamais tenha duvidado de sua vitória final no grande conflito que sacudiu o mundo. Essa confiança aliada à compreensão do caráter profundamente retrógrado do fascismo, que o condenava, portanto, ao desaparecimento, permitiram aos meus pais resistir, com firmeza e sem perder as esperanças, às terríveis provações a que foram submetidos durante aqueles anos tormentosos. Segundo os testemunhos de companheiras do campo de concentração, Olga jamais se entregou ao desespero nem ao conformismo, lutou até o último momento de sua curta vida, infundindo coragem e confiança no futuro em todos aqueles que a rodeavam” (PRESTES, 1995, p. 15).

Anexo E - “Olga: revolucionária sem perder a ternura”, de Anita Leocádia Prestes (2004).

5.1 Excerto 1.

___ “[...] Olga lembraria mais tarde que iniciou seu aprendizado dos problemas sociais no escritório paterno, folheando os processos dos trabalhadores defendidos **por Leo Benario**. Quem não podia pagar era atendido de graça, pois o pai de Olga era um homem generoso, que não vacilava em partilhar o dinheiro de que dispunha com os seus clientes desempregados e que passavam dificuldades” (PRESTES, 2004).

5.2 Excerto 2.

___ “Aos 15 anos de idade, Olga já possui uma sólida base cultural, pois sempre gostara de ler. Na biblioteca do pai travara contato com os grandes escritores e poetas alemães. Começara a trabalhar numa livraria. Ao mesmo tempo, sensibilizada pelos problemas sociais que abalavam a Alemanha nos anos 1930, aproximou-se da Juventude Comunista, organização política na qual passaria a militar ativamente. Nesse período, conheceu o jovem dirigente comunista Otto Braun. Com a ajuda dele, passou a estudar as obras dos clássicos do marxismo, consolidando suas convicções revolucionárias” (PRESTES, 2004).

5.3 Excerto 3.

___ “Aos 16 anos, apaixonada por Otto, Olga sai da casa paterna e, junto com o companheiro, viaja a Berlim, onde ambos, militando na Juventude Comunista, desenvolverão intensa atividade política no bairro operário de Neukölln. Ela se torna então uma militante revolucionária, decidida a dedicar sua vida à luta por uma sociedade mais justa e igualitária. O modelo, para os comunistas da época, era a União Soviética, único país em que a revolução proletária fora vitoriosa e que a construção do socialismo vinha alcançando inegáveis êxitos” (PRESTES, 2004).

5.4 Excerto 4.

___ “Em Berlim, os dias de Olga eram divididos entre o trabalho, na Representação Comercial da URSS, e sua atividade revolucionária, organizando manifestações, greves, pichações e cursos políticos para trabalhadores e jovens comunistas. Com o agravamento dos conflitos sociais na Alemanha, cresce a repressão policial aos militantes comunistas. Embora vivendo com nomes falsos, na clandestinidade, o casal corre o risco permanente de ser preso, o que acabaria acontecendo em outubro de 1926. Olga ficou na prisão de Moabit apenas dois meses, mas Otto permaneceu lá, acusado de “alta traição à pátria”. Em abril de 1928, a jovem revolucionária, à frente de um grupo de militantes, lidera um assalto à prisão para libertar o companheiro. A ação teve êxito total, pois, além de o prisioneiro ter escapado daquela prisão de “segurança máxima”, Olga e seus camaradas também conseguiram fugir incólumes” (PRESTES, 2004).

5.5 Excerto 5.

___ “Essa ação armada teve enorme repercussão, desencadeando uma grande caçada policial. A cabeça de Olga foi posta a prêmio pelas autoridades alemãs. Por decisão do Partido Comunista, o casal viajou clandestinamente para Moscou, onde Olga, com apenas 20 anos, se tornou dirigente da Internacional Comunista da Juventude. Na capital soviética, ela aprende russo, estuda inglês e francês - para poder viajar pela Europa Ocidental em missões delegadas pela Internacional juvenil - e aprofunda seus conhecimentos de marxismo. Faz também um curso de pára-quedismo e pilotagem de aviões, na Academia Zhukovski, da Força Aérea, mas não chega a concluí-lo, pois teve de viajar para o Brasil” (PRESTES, 2004).

5.6 Excerto 6.

___ “Olga, que a essa altura já se separara de Otto Braun, era então uma destacada combatente da revolução mundial - uma internacionalista, segundo a concepção dos comunistas da época, para os quais a vitória do socialismo em escala mundial estava posta na ordem do dia. No final de 1934, ela recebeu da Internacional Comunista a tarefa de acompanhar Luiz Carlos Prestes, que estivera trabalhando na URSS entre 1931 e 1934, em sua viagem de volta ao Brasil. Sua missão era zelar pela segurança do líder político, uma vez que o governo Vargas decretara sua prisão. Olga já conhecia de nome o “Cavaleiro da Esperança”, cujos feitos à frente da Coluna Prestes, que percorrera 25 mil quilômetros Brasil adentro, sem sofrer nenhuma derrota das forças legalistas, tinham repercutido no continente europeu. Mas pela primeira vez encontrava-se pessoalmente com o ex-líder tenentista, que havia aderido ao comunismo, tendo sido aceito no Partido Comunista do Brasil (PCB) em agosto daquele ano. Sua viagem com Prestes foi para ela mais uma tarefa a cumprir em prol da revolução mundial, de acordo com o célebre apelo do Manifesto Comunista de Marx e Engels: ‘Proletários de todos os países, uni-vos!’” (PRESTES, 2004).

5.7 Excerto 7.

___ “Durante a longa e acidentada viagem rumo ao Brasil, os dois se apaixonaram, tornando-se efetivamente marido e mulher. Tinha início um grande amor, que contribuiria para intensificar ainda mais, por parte de ambos, o ardor revolucionário e a dedicação à causa abraçada, de libertação da humanidade da exploração do homem pelo homem” (PRESTES, 2004).

5.8 Excerto 8.

___ “Olga era a responsável pela segurança do marido, servindo também de elemento de ligação entre ele e os companheiros, tanto do PCB quanto da ANL. O “Cavaleiro da Esperança” torna-se a principal liderança do movimento antifascista no Brasil. Assessorado o tempo todo pela mulher, ele participa dos preparativos de uma insurreição armada contra o governo Vargas, que deveria estabelecer no país um Governo Popular Nacional Revolucionário, representativo das forças sociais e políticas agrupadas na ANL” (PRESTES, 2004).

5.9 Excerto 9.

___ “Em 5 de março de 1936, Prestes e Olga são presos por agentes do famigerado capitão Filinto Muller, então chefe da polícia de Vargas, no subúrbio carioca do Méier. A ordem expedida aos agentes policiais era clara - a liquidação física de Luiz Carlos Prestes. Mas, no momento da prisão, Olga salvou-lhe a vida. Interpondo-se entre o marido e os policiais, ela impediu seu assassinato. Prestes e Olga foram violentamente separados. Ele, conduzido para o antigo quartel da Polícia Especial, no Morro de Santo Antonio, no centro do Rio de Janeiro. Ela, após uma breve passagem pela Polícia Central, levada para a Casa de Detenção, situada então à Rua Frei Caneca, onde ficou detida junto às demais companheiras que participaram do movimento da ANL” (PRESTES, 2004).

5.10 Excerto 10.

___ “Numa exígua cela dessa prisão, submetida a regime de rigoroso isolamento, conseguiu criar a filha até os 14 meses, graças à ajuda, em alimentos, roupas e dinheiro, que recebeu da mãe e da irmã de Prestes. Ambas se encontravam em Paris, dirigindo a campanha internacional de solidariedade aos presos políticos no Brasil. Com a deportação de Olga, a campanha se ampliou em defesa da esposa de Prestes e de sua filha. Várias delegações estrangeiras foram à Alemanha pressionar a Gestapo, a polícia de Hitler, obtendo afinal a entrega da criança à avó paterna - Leocádia Prestes, mulher valente e decidida, a quem o grande poeta chileno Pablo Neruda dedicou o poema Dura elegia, que se inicia com o verso: ‘Señora, hiciste grande, más grande, a nuestra América’ (‘Senhora, fizeste grande, maior ainda, a nossa América’)” (PRESTES, 2004).

5.11 Excerto 11.

___ “A situação de Olga seria particularmente penosa, pois carregava consigo duas pechas consideradas fatais – a de comunista e a de judia” (PRESTES, 2004).

5.12 Excerto 12.

___ “As cartas que Olga conseguiu escrever para a família e o testemunho de suas companheiras de infortúnio, tanto no Brasil quanto na Alemanha, revelam sua firmeza inabalável de caráter - a convicção profunda na justeza dos ideais revolucionários que abraçara e, em particular, seu espírito de solidariedade e justiça. Olga conquistou a amizade, e a admiração, das companheiras com quem conviveu nas trágicas condições das prisões e dos campos de concentração nazistas por onde passou” (PRESTES, 2004).

5.13 Excerto 13.

___ “Segundo testemunhos de companheiras do campo de concentração, Olga jamais se entregou ao desespero nem ao conformismo, lutou até o último momento de sua curta vida, infundindo coragem e confiança no futuro em todos aqueles que a rondavam. Prestes saiu da prisão para a luta; seu objetivo jamais foi a vingança, mas a conquista de um futuro melhor para o povo brasileiro e para a humanidade. Foi a esta causa generosa que ele dedicou o restante de sua vida” (PRESTES, 2004).